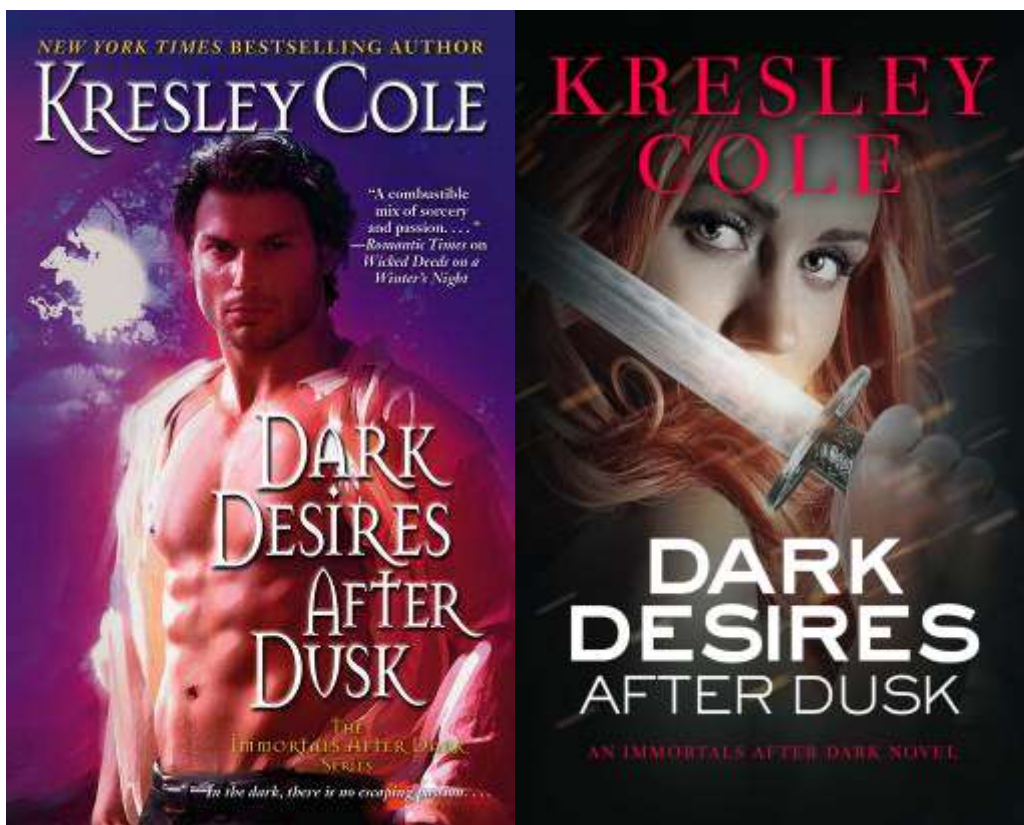




Kresley Cole

The Immortals After Dark 06

Desejos Sombrios depois do Anoitecer

Uma bela sedutora que ele nunca poderá ter, ainda que não possa resistir....

Cadeon Woede não parou para consertar o engano que ira atormentá-lo para sempre. Mas uma vez que ele assegure a chave para sua redenção, Holly Ashwin, Cade descobre que a mulher que pensava usar para seus próprios fins e então esquecer, o assombra tanto quanto seu passado.

Um atormentado guerreiro que ela deveria temer, mas que não pode rejeitar...

Criada como humana, Holly nunca soube que algumas lendas assustadoras são reais, até que ela encontra um demônio brutal que inexplicavelmente a guarda como um tesouro. Empurrada em um sensual novo mundo de mitos e poderes, com ele como seu protetor, ela começa a ansiar o pecaminoso toque do demônio.

Render-se a desejos sombrios...

Ainda quando ele ganha a confiança de Holly, Cade ira ser forçado a trair a única mulher com quem consegue saciar seus mais selvagens desejos e reivindicar seu coração?







A premiada autora Kresley Cole continua sua série Immortal After Dark com este eletrificante conto do rude demônio mercenário e sua adorável metade que o encanta.

Comentário da Revisora Rosilene: Em comparação com as outras histórias este livro é muito parado. Falta um pouco mais de emoção nas cenashots (quero dizer, uma narrativa mais detalhada das emoções de ambos), pois do jeito que foi descrito ficou um pouco água com açúcar. As cenas de luta também ficaram devendo... Ah, e faltou também a Holly lamber os chifres de Cadeon... fiquei curiosa para saber qual seria a reação dele, pois pelo que dá a entender os chifres são como uma zona erógena em um demônio... daí a curiosidade... KKKKKK Apesar disso vale a pena ler o livro, pelo menos para entender o próximo, já que contém várias dicas dos próximos personagens.

Comentário da Revisora Danielle: Adorei o livro, gostoso de ler e com uma história bacana, prometendo uma guerra para os próximos..... O Cadeon é maravilhoso e a Holly é muito divertida..... o livro tem muitos diálogos engraçados, o que eu, particularmente, adoro..... enfim muito bom..... Agora estou ansiosa pelo demônio número dois..... Rydstrom.....



Glossário de termos de: O Livro Vivo do Lore

O Lore

“... e essas criaturas sensíveis que não são humanas serão unidas em um estrato, coexistindo, contudo em segredo, do homem.”

As Valquírias

"Quando uma guerreira grita por coragem enquanto morre em batalha, Wóden e Freya atendem a seu chamado. Os dois deuses mandam raios para golpeá-la, a resgatando para a galeria deles, preservando sua coragem para sempre na forma da filha imortal Valquíria".

Alimenta-se da energia elétrica da terra, compartilhando isto em um poder coletivo, e devolve com as emoções delas na forma de raio.

Possuem força e velocidade sobrenatural.

Sem treino, elas podem ser hipnotizadas por objetos e jóias brilhantes.

Toda a primeira geração de valquírias são meio-irmãs.

Demonarchies

"Os demônios são tão variados quanto as raças de homens...."

Uma coleção de dinastias de demônio. Alguns reinos se aliam com a Horda.

A maioria das raças de demônios podem se riscar como os vampiros. Algumas raças são ligadas para obedecer convocações.

Os que podem emitir veneno das presas, chifres, ou garras são mais vulneráveis a outros venenos.

Um demônio tem que ter relações com a companheira em potencial para averiguar se ela é a verdadeira - processo conhecido como 'tentando'.

Os Demônios de Raiva:

"O que controla Tornin controla o reino...."

Uma demonarchy localizada no plano de Rothkalina. Castelo Tornin é a capital deles. Rei Rydstrom III é seu o monarca deposto.

Demônios de raiva eram os guardiões do Bem das Almas, uma fonte mística de poder localizada dentro de Tornin.

O feiticeiro Omort, imortal apreendeu Tornin e assim o trono de Rydstrom.

O recipiente

"Por ser escolhido será condenado..."

À cúspide de cada Acessão, uma fêmea escolhida procriará uma criança que se tornará guerreira do último mal ou do último bem - depende do pai.

Dos últimos sete Recipientes, seis geraram mal.

Algumas facções buscam assassinar o Recipiente para prevenir qualquer nascimento. Outras batalham para possuir e controlar a descendência dela.



Os Vampiros

Duas facções em guerra, a Horda e o Exército de Forbearer.

Riscar é o teletransporte, os meios preferidos dos vampiros de viagem. Um vampiro só pode riscar a destinos que ele previamente tenha ido ou onde ele pode ver.

Os Caídos são vampiros que matam bebendo uma vítima até a morte. Distinguidos pelos olhos vermelhos.

A Casa de Bruxas

"... possuidoras imortais de talentos de mágicas, praticantes do bem e do mal".

Mercenárias místicas que vendem seus feitiços.

Estritamente proibido criar riqueza pessoal ou conceder imortalidade.

Revenants

"A morte roubada pelo resto da eternidade, forçado a servir um mestre obscuro..."

Um cadáver levantado da sepultura e reanimado, freqüentemente por feiticeiros ou Necromanticos que os controlam.

Não podem ser mortos até que seus controladores sejam mortos.

O Talismã Hie

"Uma traiçoeira, carniceira e esgotante caça a talismãs e amuletos mágicos, e outras riquezas místicas pelo mundo inteiro."

As regras proíbem matança – até o round final. Qualquer outro artifício ou violência é encorajada. Ocorre a cada duzentos e cinquenta anos.

Wendigo

"... comedores de cadáveres insaciáveis por carne, vorazes por sangue. Eles se alimentam e se alimentam, mas nunca estão saciados."

Achados nas florestas boreais do frio e terras do norte.

Distinguidos por suas garras de pontas afiadas, e corpos que sempre são emagrecidos.

Desenterram sepulturas por carne.

A Ascensão

"E um tempo deverá passar onde todos os seres imortais no Lore, das valquírias, vampiros, Lykaes, e facções de demônios até os fantasmas, shifters, feys, e sereias... deverão lutar e destruir uns aos outros."

Um tipo de balança de equilíbrio mística para uma população já crescente de imortais. Acontece a cada quinhentos anos. Ou agora mesmo...



"Muitas pessoas temem mudanças. E viagens. E desordem. Evitar buracos nas calçadas é mais comum do que as pessoas suspeitam."

— Holly Ashwin, instrutora de matemática de Tulane, candidata a PhD com ênfase em criptografia formal e computacional.

"A primeira regra de ser um mercenário? Descubra o que o cliente quer, então o convença que: a) você pode adquirir isto para ele, e, b) você é o único que pode adquirir isto para ele. Segunda regra? Mentir. Frequentemente. A verdade raramente o serve bem neste negócio."

—Cadeon Woede, mercenário, segundo na linha para o trono dos demônios de raiva, a.k.a. Cade o fazedor de reis.

Prólogo

Rothkalina, o Reino dos Demônios da Ira em épocas passadas.

Cadeon Woede encontrou acidentalmente os corpos sem cabeça de seu pai adotivo e dos primeiros irmãos, os três mortos em uma defesa desesperada de sua casa. Seus restos cobriam o solo perto de uma seção demolida das barricadas ao redor de sua granja. Cadeon reconheceu o massacre sem piedade como o labor de aparecidos, criaturas cadáveres enviadas por Omort o Imortal, o inimigo mais temido de seu reino. Estremeceu com incredulidade, aturdido, sua mente se negando a aceitar isto...

As garotas.

Como um tiro, se deslocou até um montículo na concha ardente da casa da família. Suas irmãs mais novas poderiam ter escapado para o bosque. Com o coração trovejando, procurou as ruínas, rezando para não encontrar nada dentro. O suor corria por seu rosto e em seus olhos, se misturando com a sujeira de cinza e fuligem. Na área onde deveria estar o forno, encontrou o que restava de suas irmãs mais jovens. Tinham sido queimadas, enquanto ainda estavam vivas. Seus músculos tinham se contraído por causa do calor, seus pequenos corpos aconchegados no chão.

Cambaleou para fora, dando arcadas até que sua garganta estava ardendo. Ninguém tinha sobrevivido. Passou o antebraço no rosto, ele cambaleou para um velho carvalho, se afundando abaixo dele. No espaço de um dia, tudo o que tinha amado no mundo estava morto. A ameaça de Ormot tinha rondado sobre a terra durante décadas, contudo, o mago escuro tinha escolhido este



momento para atacar. Cadeon temia que soubesse o porquê. *Culpa minha.* Cobriu a cabeça com as mãos. *Tudo isso é obra minha.*

Para a maioria dos que o conheceram, Cadeon era um simples camponês, com poucas preocupações. Contudo, tinha nascido um príncipe e era o único herdeiro de seu trono. Tinha recebido a ordem de retornar ao Castelo de Torin para defender a capital. Cadeon tinha desobedecido. *O que controla Torin controla ao reino...*

Aço fresco de repente se apertou contra o pescoço de Cadeon. Olhou para cima sem interesse. Um demônio tinha se escondido atrás da árvore, e agora tinha baixado até ele. Um demônio da Ira.

— Meu mestre disse que você retornaria. - o espadachim disse. Pelo olhar de sua arma e túnica, ele era um assassino despachado por Omort. Um traidor para sua própria espécie.

—Acabe logo com isso. - sussurrou Cadeon enquanto um fio de sangue emanava da ponta da espada. Nada tinha importância agora. - O que está esperando?

Sem prévio aviso, uma flecha se incrustou no pescoço do assassino, ele deixou cair sua espada e se agarrou inutilmente a esta, na tentativa de arrancá-la de sua pele, enquanto Cadeon o olhava desapaixonadamente. Quando o demônio caiu de joelhos, seguia puxando sua flecha, uma tropa da cavalaria se aproximava. O dirigente, vestido com uma armadura leve, levava um capacete negro notoriamente temível. Era o rei Rydstrom, líder de todos os demônios da raiva. Irmão de sangue e verdadeiro de Cadeon. Rydstrom tirou o capacete, revelando seu rosto com cicatrizes de batalha. A maioria que via esta visão se enfraquecia com o medo.

O ressentimento transbordou nas veias de Cadeon. Sua mente voltou a última vez que tinha visto Rydstrom, quando Cadeon tinha só sete anos. Como herdeiro de seu irmão, que tinha sido separado da família real, há doze anos, para viver escondido no anonimato longe da tão específica Tornin. Ele recordou do desterro precipitado sobre ele... Quando o carro de Cadeon tinha se distanciado, Rydstrom, que tinha sido mais que um pai para ele, tinha estado com os ombros eretos, seu rosto inexpressivo. Cadeon recordou se perguntando se seu irmão tinha se preocupado alguma vez por ele ir. E o rei não perdeu o fôlego para saudar ao seu irmão mais novo, nem se incomodou em desmontar.

—Eu demandei sua presença em Tornin.

Para que atuasse como regente, enquanto Rydstrom tinha viajado fora em defesa contra a agressiva Horda de vampiros.

—Contudo, se negou a voltar com minha guarda? - Rydstrom disse com dureza. — E logo se evadiu deles como um covarde?

Cadeon não tinha evadido aos guardas por covardia. Sua família adotiva tinha sua lealdade em primeiro lugar, e tinha necessitado sua ajuda. Porque sabia ler e escrever e podia se teletransportar, Cadeon era a escolha natural para ir buscar ajuda longe e disseminar a praga nos cultivos da zona. E ninguém tinha suspeitado que verdadeiramente Omort atacasse.

—Veio me matar por isto? — Cadeon perguntou com tom indiferente.

—Deveria. — disse Rydstrom. — Fui informado sobre isso.



O olhar de Cadeon oscilava entre os funcionários de confiança de Rydstrom, olhando para ele com hostilidade mal disfarçada.

—Você foi taxado como covarde. E não só por nossos inimigos.

—Não sou um covarde. Não era minha vida, eu dificilmente o reconheço como minha família.

—Nada disso importa. Era seu dever estar ali. - disse Rydstrom. - O castelo estava sem um líder. Omort se aproveitou e lançou sua rebelião, ele enviou este flagelo por todo o país. Ele tomou o controle de Tornin. Possui minha coroa.

—Eu não perdi sua coroa por causa de uma decisão. Não é uma coisa tão simples. - disse Cadeon, embora suspeitasse o contrário.

—Assim é. As marés da guerra podem ser influenciadas por uma palavra, um ato, inclusive a ausência de um líder na fortaleza de um reino.

Se fosse verdade, então as pessoas queridas para Cadeon ainda estariam vivas.

—Me permita explicar isto a você. - Rydstrom ladrou. - Um rei sem filhos, sai para se defender de um ataque surpresa, e seu único herdeiro, o último descendente varão de sua linha, repudia suas responsabilidades. Não poderíamos ter apontado mais claramente nossa vulnerabilidade.

Cadeon secou o sangue na garganta.

—Não era minha coroa, nem minha preocupação.

Com seus dentes afiados pela agressão, Rydstrom desmontou. Ele puxou sua espada enquanto avançava para Cadeon, o levantou e se mostrou surpreso quando Cadeon se negou a revidar. Porém seu irmão não entendia, Cadeon deveria estar morto aqui. Não tinha nada a perder.

Cadeon não se moveu, nem piscou, quando a espada desceu. Um brilho de interesse surgiu nos olhos de Rydstrom quando ele decapitou o assassino atrás de Cadeon.

—Quer vingar a morte destas pessoas, irmão?

A ira encheu o peito de Cadeon ante a idéia, a determinação brotou em seu interior. Ele falou: - Sim. Quero matar Omort.

—Como espera fazer isso sem treinamento?

A existência pacífica de Cadeon o tinha deixado mal preparado para a guerra.

—Se me treinar, eu não me deterei até que tenha a cabeça dele. - prometeu. - E uma vez que o faça, vou arrancar a coroa dela e devolver a você.

Depois de um longo silêncio, Rydstrom disse:

—Uma vida conduzida pela vingança é melhor que uma vida conduzida por nada. - Voltou para seu cavalo, dizendo por cima do ombro. - Nós acamparemos na floresta esta véspera. Cuide de seus mortos, e então me encontre lá.

Cadeon o faria, porque ele queria destruir Omort. Porém também queria se redimir de seu fracasso.

Devido a sua decisão de dar as costas a seus parentes de sangue, Omort controlava Rothkalina e a família adotiva de Cadeon estava morta. A vingança e a redenção. Cadeon não



podia fazer uma coisa sem a outra. Contudo, quando Rydstrom em seu cavalo, seus soldados olharam para Cadeon com uma expressão de ódio, misturado com desgosto. Eles claramente pensavam que Cadeon devia morrer. Seria melhor se acostumar com esse olhar, pensou. Inclusive com sua pouca idade, sabia que a estaria vendo pelo resto de sua vida.

Ou até que conseguisse a coroa...

Capítulo 1

Nova Orleans, Dias Presentes.

—*Trava de segurança estúpida.* - Holly Ashwin murmurou enquanto ela brincava com a tampa do spray de pimenta em sua bolsa. Com sua mão livre, ela empurrou para cima seus óculos, lançando outro olhar nervoso acima de seu ombro. Ela pensou que tinha ouvido passos atrás dela na noite. Ela estava sendo seguida ou paranóica?

Durante meses, ela teve a sensação que alguém a estava espionando. Contudo, estranhamente isso não a aborreceu antes. Ela não podia explicar isto, mas existiu uma qualidade quase calmante para a presença que ela sentiu.

Hoje à noite, tudo isso tinha mudado.

Ela sentiu a ameaça crua, e desejou que ela não tivesse feito o passeio desde o estacionamento até Gibson Hall sozinha. Normalmente seu namorado a escoltava para a classe, mas Tim estava em um simpósio apresentando seu jornal mais recente, só, porque sua condição a impossibilitava de viajar.

Os jardins bem cuidados no caminho de sua sala de aula estavam raramente vazios. Sem dúvida, estavam tendo festas difundidas hoje à noite celebrando a lua cheia, que pendurava pesada e amarela no céu preto.

Existia suficiente luz para que ela pudesse ver os arbustos tremendo atrás dela. Em um pânico crescente, ela abriu bruscamente a tampa do spray.

—Merda. - Ela abandonou apressadamente sua única arma, tentada a conseguir uma das pílulas guardadas no bolso ao lado dele para uma dose de alívio. Ao invés disso, ela aumentou seu passo em direção ao seu destino, o edifício de matemática, brilhantemente iluminado como um farol.

Quase lá. Os saltos de seus sapatos clicaram adiante na calçada, entretanto eles nunca caíram sobre uma rachadura, mesmo em sua pressa. Aparentemente, o transtorno obsessivo-compulsivo era a prova de pânico....

Ela verificou seu relógio. Ela estava na hora certa, claro, mas ela estava suficientemente atrasada que os 101 estudantes de sua sala de Matemática já estivessem na sala de aula.

Alguns poucos metros a esquerda. *Quase na segurança....*

Uma vez que ela ultrapassou os seis degraus de pedra para as portas, ela exalou em alívio.



Do lado de dentro, a sala estava inundada de luz fluorescente. Feito.

Sua classe estava na segunda sala à direita e estava cheia com trinta e três, muito grandes, jogadores do futebol de Tulane. Qualquer pessoa que pensasse em assustá-la logo aprenderia como um bobo se sentia no final da temporada.

Os colegas de Holly acreditaram que ela tinha tirado o palito menor para ter que ensinar Dígitos para Idjits, como alguns dos instrutores chamaram a eles. Mas Holly foi realmente voluntária para o serviço de jockey.

Se ela ia ensinar matemática, então por que não ensinar as pessoas que tinham mais potencial para aprender?

E na verdade, eles estavam em seu melhor comportamento noventa e nove por cento do tempo. Entretanto toda terça-feira e quinta-feira à noite, alguns dos jogadores sempre chegavam lá cedo para rabiscar preguiçosas mensagens para ela no quadro-negro. Um instrutor de relacionamentos se referia a Holly que os meninos, que eram todos cinco ou seis anos mais jovens que ela, apreciavam observar ela apagar coisas naquelas saias.

Holly vestia saias de listras antiquadas com a bainha abaixo de seus joelhos. Ela nunca descansava?

Ela se perguntou o que ela estaria apagando hoje à noite. Algumas das ofertas anteriores incluíam:

– Eu sou mal, muito mal, eu sou quente para o professor, - Eu tenho sido um menino malcriado, Sra. Ashwin e – Professor + Gengibre = Holly Ashwin. - Eles cruzaram os L para fazer deles um T.

Até agora ela não acreditava que nenhum deles tinha se dado conta de sua necessidade de apagar cada milímetro dos escritos no quadro, ou dispor o giz na bandeja em trios perfeitos, inclusive quebrar uma vara para alcançar um múltiplo de três...

Fora da porta de sua sala, ela tomou respiração curta para se acalmar e alisou seu coque apertado. Depois de averiguar que o fecho de seu colar de pérolas estava diretamente no centro da parte de trás de seu pescoço, ela arrastou cada manga de seu suéter de lã até que atingir a perfeição que golpeou os ossos de seu pulso. Ela verificou as partes de trás de seus brincos, então abriu a porta.

Vazia. Todas as cadeiras estavam vazias.

A AULA FOI CANCELADA estava rabiscado no quadro. Eles foram muito longes desta vez.

Ou talvez não fossem eles? Ela trágou, girando ao redor.

Um trapo áspero cobriu seu rosto, emitindo um cheiro forte de fumo, suprimindo seu grito.

À medida que suas pálpebras deslizaram fechadas, seu corpo foi ficando inerte, ela ouviu o rugido profano de um homem ao longe.

Os demônios desonestos têm minha fêmea.

Quando o velho caminhão Ford de Cade rasgou o tráfego para outra toca de demônio, ele lutou para controlar a ira pela qual sua raça de demônio era conhecida.

Eles pegaram Holly....



Quase um ano atrás, Cade cruzou caminhos com Holly Ashwin e reconheceu a humana como sua própria fêmea predestinada. Incapaz de reivindicar um mortal, ele teve que se contentar em protegê-la.

Que era a única razão pela qual ele tinha estado lá quando um grupo de demônios a localizou, teletransportando para deuses sabiam onde. Mas eles caçaram no campus, seguramente sua toca seria próxima. Por que eles a quereriam? Porque ela era um inocente? Então eles escolheram a virgem errada. Cade os penduraria por suas próprias entranhas e os assistiria dançarem se tocassem em um fio de cabelo de sua cabeça.

Seu telefone tocou no mesmo instante em que ele ultrapassava um, visivelmente bêbado, motorista. Quando bêbados dirigiam devagar, exatamente como um sussurro.

—O que? - Ele ladrou em resposta. Hoje à noite ele deveria receber os detalhes de seu trabalho mais recente. Seria o mais importante que ele teve após se tornar mercenário uns séculos atrás.

—Eu acabei de deixar a reunião. - seu irmão Rydstrom disse. - Eu tenho as informações que nós precisamos. - Olhando o pára-choque na frente dele, ficou tentado a dar um toque nisto, Cade perguntou distraidamente:

—Então quem fará o pagamento?

—O cliente é Groot o Metalúrgico.

Normalmente isto teria feito Cadê levantar as sobrancelhas. Groot era o meio irmão de Omort o Imortal.

—Ele pretende nos ajudar contra Omort?- A caminhão de Cade ultrapassou outro carro, quase arranhando a pintura com isto.

—Groot desenhou uma espada que pode matá-lo. - Então seria o único em existência que podia. Omort o Imortal não veio por seu nome sem razão.

—O que é o trabalho?

—Ele quer que nós achemos o Recipiente e a entreguemos para ele antes da próxima lua cheia.

O Recipiente. A cada Ascensão, uma fêmea do Lore entraria em maturidade sexual. Sua criança seria um guerreiro do bem ou do mal supremo - dependendo de que modo o pai se inclinou. Um carro passou na frente de Cade.

—Filho de p...

—O que você está fazendo? - Rydstrom exigiu.

—Tráfego. - Ele não quis que seu irmão soubesse qualquer coisa sobre isso. Cade disse a ele que ele pararia de seguir Holly. Entretanto eles dois suspeitavam ela eram sua fêmea, um futuro com ela era impossível. Os humanos eram proibidos para demônios. Porque eles nunca sobreviveram ao ritual de reclamação.

Mas Cade não podia parar a si mesmo de segui-la de longe, estudando-a e ficando mais fascinado com a jovem mortal. Ficando mais seguro que ela era sua. Ele soube que era ridículo. Ele era um antigo imortal, um mercenário brutal, cabeça de um bando de soldados mercenários. Contudo Cade não esperava nada, exceto vê-la.



Holly passou sua vida não tendo nenhuma idéia que ela era o ponto culminante da existência decepcionante de um velho demônio... Este novo trabalho deveria ser a última chance para ele e Rydstrom retomarem a coroa. Se Rydstrom descobrisse que Cade não estava 'ligado', os dois iriam rumo a outras de suas infames rixas de pelejas e assassinato. Cade costumava apreciar se livrar de sua raiva. Agora a idéia o cansou.

—Como se supõe que vamos achar o Recipiente? - Cade perguntou.

—Eu fui informado de que é uma Valquíria desta vez.

—Entregar uma Valquíria para o uso de um feiticeiro do mal. Você não está preocupado sobre nossa aliança com eles?

—Eu vou pegar uma página de seu livro e digo a eles que o que não sabem não os machucará.

—Eles saberão. Nix poderá ver isto. - Nix, a Valquíria adivinha meio louca, ajudou Rydstrom e Cade no passado. De fato, ela os pôs junto a este negócio, entretanto ela não deu a eles nenhuma indicação de para quem eles estariam trabalhando.

Cade tinha falado com ela menos de uma semana atrás sobre Holly. Nix não revelou nada acerca de hoje à noite. -Se Nix não viu que o Recipiente seria um dos seus antes, ela não poderia agora. Além disso, não poderia ser ajudado. - Rydstrom disse. -Nada é mais importante que este trabalho. A própria Nix jurou que esta era nossa última chance de derrotar Omort.

—Você tem um local ou objetivo?

—Os oráculos do Groot têm procurado por ela. Como se esperava, ela está aqui nesta cidade. - A Ascensão próxima já estava empurrando e puxando todas as facções juntas para uma cidade mística como Nova Orleans. -E nós não somos os únicos que a querem. - Rydstrom adicionou. -Oráculos, bruxas, e feiticeiros estão todos se estendendo para ela.

Cade podia imaginar.

—Você conseguiu um nome?

—Nenhum nome nela. Mas nós temos seu último paradeiro conhecido, um lugar chamado o Salão do Filho de Gib. Sei que isto soa como típico Depósito de consolação, mas é uma vantagem.

Um frio escorregou pela coluna de Cade. Não. Nenhum modo. O Salão do Filho de Gib. Ou Salão de Gibson, o edifício de matemática no campus de Tulane. Holly não era uma Valquíria. Talvez aqueles demônios pudessem tê-la visto no local predito e a confundido com uma. Ela tinha as características de uma. Era delicada e de constituição leve. Eles poderiam ter assumido que ela era o Depósito. Só uma facção de demônio local teria tido os recursos para determinar o local do Depósito antes de Cade e Rydstrom, a Ordem de Demonaeus.

—Nós vamos atrás da Valquíria hoje à noite. - Rydstrom disse. -Eu estarei na casa em duas horas. Encontre-me então.

Duas horas. Ainda que Cade estivesse tentado a pedir ajuda a seu irmão para tratar com o Demonaeus, não tinha tempo para esperar por ele.

—Sim, farei. - Clique. As rodas largas de sua caminhão gritaram quando Cade atravessou três pistas de tráfego, dando a meia-volta para acelerar de volta na outra direção.

Ele sabia onde a Ordem de Demonaeus estava localizada, tinha sido forçado a se reunir com



seu tipo em mais de uma ocasião. Cade até viu seu altar ritual. Estaria a doce e inocente Holly, impossivelmente desnuda sobre isto até agora? O volante se curvou sob seu aperto.

Capítulo 2

Ela despertou.

Suas pálpebras estavam muito pesadas para abri-las, e ela não sabia se queria ver de qualquer maneira. Uma rápida pesquisa mental de seu corpo revelou coisas apavorantes. Ela estava deitada em algo que sentiu como uma laje, desnuda com exceção de sua jóia, e com seu longo cabelo caindo abaixo de seu corpo, tampando as extremidades ásperas. A pedra transmitiu um frio fundo em seu corpo, tão frio que seus dentes estavam tiritando.

Eles tomaram seus óculos de seu rosto, assegurando que tudo dentro três metros fosse um borrão. Um som musical soou ao redor dela, em um idioma estranho que nunca ouvira. Holly finalmente entreabriu seus olhos. Nenhum homem a tinha visto, completamente, despida antes. Agora, uma dúzia de figuras confusas, olhavam de soslaio para ela.

Seus braços estavam presos, assim como suas pernas. Com um grito, ela lutou contra seu aperto.

—Me deixe ir! - Isto é um sonho. Um pesadelo. - Me solte! Oh, Deus, o que você está fazendo? - O medo se enredou em seu cérebro. Seguramente estava alucinando. Quando eles não responderam, só continuado seus cântico, ela pleiteou: - Não faça isto, - mas ela não sabia exatamente o que “isto” podia ser. Entretanto nenhuma luz elétrica estava nesta câmara úmida, velas pretas colocadas ao redor dela e o luar brilhando por uma clarabóia de algum tipo. Ela lançou um olhar ao redor e pode ver que os homens estavam vestindo batas e... chifres de fantasia? Em seu canto, uma palavra pareceu ser repetida: Demonaeus. Isto deve ser algum tipo de nauseante culto, adoradores de demônios.

Embora eles não estivessem usando máscaras para esconder suas identidades. Ela estava certa que significava uma coisa, que eles não planejavam deixá-la sair viva deste lugar.

—Minha família estará procurando por mim. - ela mentiu. Seus pais estavam mortos. Ela não tinha nenhum irmão. -Eu não sou o que vocês querem para este... este sacrifício. - Lágrimas se empoçaram, e então se derramaram sob suas bochechas. -Eu não sou especial de qualquer forma. - Um par deles riram, severamente, dela. -Isto não está acontecendo, - ela sussurrou para si mesma, tentando amenizar seu pânico. - Isto não está acontecendo. - Ela olhou na cúpula de vidro acima dela. A lua subiu quase diretamente acima de uma gravura incomum no centro do vidro, pintando o que pareceu com o rosto de um demônio cornudo.

A sombra da gravura deslizava diretamente acima do altar, acima dela, quando a lua bateu nisto. Era um gnomo, um fabricante de sombra, como um relógio de sol. Os homens pareceram aguardar o advento da sombra, olhando para cima de vez em quando. Aguardando o que? Quando a lua continuou a ascender, seu cântico cresceu mais alto. Ela lutou com mais força, chutando suas



pernas e puxando seus braços.

Um relâmpago estalou no céu. Ela vagamente notou que quanto mais ela puxava para ficar livre, mais freqüentemente as cabeças dos parafusos se apertavam. O maior dos homens deslizou entre suas pernas espalhadas. Quando ele removeu sua bata, a compreensão se abateu sobre ela.

Ela não podia ver abaixo de sua cintura, mas soube que ele estava desnudo.

—Não, não, não... não faz isto!

Os brancos de seus olhos estavam... inundados com preto? Ele segurou suas coxas, as arrastando acima da pedra áspera para a extremidade do altar. Ela gritou. Todo inferno se libertou. Os homens cobriram suas orelhas, o vidro acima deles se partiu em pedaços ominosos pelo rosto do demônio cauterizado, então se quebrou de todo, chovendo fragmentos pesados ao redor do altar intacto. Uma risca de raio dentado desceu pela abertura para lancear justamente no tórax dela, lançando os homens para longe.

Ela gritou de choque, arqueando com seus punhos cerrados. O raio era uma força física continuando sem parar. Calor inimaginável chiou por suas veias. Seus dois anéis derreteram fora de seus dedos, seus brincos de suas orelhas. Seu colar e relógio eram secos líquidos, gotejando de seu corpo.

Ela estava incólume, porque sua pele era de alguma maneira mais quente que o metal fervente.

O peso urgente da eletricidade a encheu com o poder, com... conforto. Quando ele acabou, Holly estava mudando. Ela não se sentiu só neste lugar. Castigue a eles, uma voz pareceu sussurrar em sua mente. Eles ousaram machucar você....

Seu terror antigo foi estrangulado por uma ira fresca. As pontas de seus dedos de repente eram como garras afiadas.

Sua vista era mais aguda do que já tinha estado até na escuridão. Os dentes cresceram em sua boca. Entretanto ela não sentiu nenhum efeito doente do raio, os demônios pareceram ofuscados, cegos. Eles estavam sangrando do vidro quebrado.

Mas eles depressa se reagruparam. Ela era a rosa, abaixando no altar, esperando que eles se aproximassem. Ela tinha um clube, seus olhos se fixaram nisto.

Um clube. Para bater seu inconsciente assim eles podiam continuar sua cerimônia doentia. Sua vista se cobriu de vermelho. Quando um arremeteu para ela, ela o pegou pelos chifres. Eles eram... presos a seu crânio. Não uma fantasia. Significava que esses demônios eram reais?

Que significou alucinação. Isto verdadeiramente não podia estar acontecendo. Ela riu quando torceu a cabeça do demônio, com certeza isto era algum tipo de pesadelo. E em seu pesadelo, a vontade instintiva para matar com sua nova força e fúria a subjugaram.

Quando os outros a atacaram, Holly estava destemida. Ela soube como os matar, como se os tivesse caçado e sacrificado por milhares de anos. Ela soube torcer suas cabeças de seus pescoços, cortar fora com garras que rasgariam pele e artérias como se fossem papel de seda.

Castigue...

Quando o sangue começou a pulverizar, o raio marcou o céu acima dela como se em encorajando.



—Eu entendo. - ela murmurou quando ela apontou para sua jugular e dividiu isto. - Entendo.
- Sim, sua última visão na Terra devia ser meu rosto rindo.

—Calma, fêmea. - Cade acalmou quando ele rastejou mais próximo para onde Holly se amontoou desnuda em um canto. Ela estava coberta de sangue. Mas vinha dela ou dos doze demônios que ela aparentemente matou? Seus olhos eram...prata, ardendo nas sombras. Que significava Valquíria. De alguma maneira ela não era mais uma mera humana.

A Valquíria no Salão de Gibson. Holly era realmente o Depósito. Ela puxou seus joelhos para seu tórax e estava tentando cobrir seus seios, enquanto mostrava suas pequenas garras para o repelir. Ela estava tremendo, com medo e choque, lágrimas desciam por seu rosto e seu sangue espirrava. O estava matando.

—Calma. - ele murmurou. - Eu não quero machucar você. - Seus olhos se desviaram de seus chifres até aqueles em uma das cabeças que se refestelavam no chão de pedra. - Sim, eu sou um demônio, também. - ele disse. - Mas não gosto deles. Meu nome é Cadeon Woede. - A que distância eles chegaram dela antes dela girar e atacar? Apesar da matança, ter se dado há algum tempo, Holly ainda tinha cortes em seu braço das garras de um destes demônios.

Ela poderia ter se tornado uma Valquíria, mas a ela ainda não tinha sido concedido a cura acelerada e a imortalidade de uma. O que significava que ela ainda estava incrivelmente vulnerável para se machucar. Como um humano. Os humanos morrem muito facilmente.

—Eles feriram mais que seu braço? - Ela finalmente agitou sua cabeça. - A machucaram em qualquer lugar? Eu preciso levar você para um hospital? - Ele perguntou, embora soubesse que não o faria. Outras facções estavam procurando por ela. Ele ficaria surpreso se eles já não tivessem seguido o raio.

Ele viu de longe.

Poder quieto chiou dela e ao longo da câmara. Novo poder era facilmente provável. Ela sussurrou:

—Eles n-não me machucaram.

—Bom. Eu quero ajudar você, Holly.

Ela fez uma carranca ante o uso de seu nome, estudando seu rosto.

—Nós nos encontramos antes. - Cade disse, mas ela não se acalmou de nenhuma maneira, os raios continuaram a atingi-la em fluxos constantes. O raio dava força a Valquíria, mas ele também refletia suas emoções.

Quando ele começou a desabotoar sua camisa para cobri-la, ela deu um grito e garras sangrentas aparecem em seus dedos. Então ela olhou fixamente com horror as pontas dos seus dedos.

Justamente horas atrás, ela tinha vivido como uma humana normal ou próxima ao normal com algumas excentricidades. Agora ela se tornou algo que ele nunca podia ter predito. Uma Valquíria. Ou metade de uma. Ele não sabia que ela possuía este potencial oculto. O choque da cerimônia deve ter ativado a transformação.

Se não fosse este poder, ela teria sido brutalizada, seu útero oferecido ao deus escuro desta



ordem de demônios adoradores.

Quando ele removeu sua camisa, ela trancou suas pequenas presas e silvou e então pareceu espantada em sua reação.

—Certo, agora, um bom silvo nunca machuca ninguém. - Ele abaixou ao lado dela, lutando contra o desejo de apertá-la em seu peito. -Eu vou pôr isto em você. Calma...

Ela olhou para ele com olhos que oscilavam entre prata e violeta intensa, ele reconheceu. - O-o que está acontecendo comigo?-

—Você sabe todas aquelas criaturas que você pensou que eram mitos?- Quando ela concordou movimentando a cabeça, ele disse: -Bem, eles não são. E você está mudando de um humano para um imortal.

Que significava que era possível para Cade a reivindicar para si próprio.

E você acabou de se tornar meu objetivo, o Depósito. O meio para pagar por uma espada para matar nosso inimigo.

Ela se equiparava a coroa que ele trabalhou por novecentos anos para retomar, a perseguição inflexível que deu a ele uma razão para continuar a viver. Nunca tinha estado tão próximo. Tudo que ele tinha que fazer era usar e trair a mulher que ele esperou da mesma longa maneira para possuir.

Capítulo 3

Holly girou e se curvou para abotoar a camisa, perscrutando acima de seu ombro para manter Cadeon à vista.

Ela se lembrou de encontrá-lo antes. Como se ela pudesse esquecer aqueles olhos verdes atordoantes. Ela recordou seu acento também, que soou como o britânico tipo colonial e falava com uma entonação incomum.

Meses atrás, ele a abordou no campus. Inicialmente ele tinha sido arrogante, então ficou com a língua travada, gaguejando, quando ele corajosamente estudou sua figura. Ela o achou misterioso. E isso foi antes dela saber o que estava escondido embaixo do chapéu que ele usava.

Agora ela podia ver o que tinha sido coberto por sua camisa também. Seu tórax desnudo estava ondulando com músculos, e ele tinha um anel de ouro largo acima de seu inchando bíceps. Ele era tão volumoso quanto os outros, sem dúvida um deles. Ela estremeceu, tentando bloquear a visão dos cadáveres ao redor dela.

Mas ele parecia diferente também, suas características faciais parecendo mais humanas. Seus chifres corriam junto a sua cabeça por seu cabelo avermelhado, em vez de sobressaírem na frente. Como eu posso ver isto bem sem meus óculos?

—Por que eu devia ter confiança em você?

—Porque é meu trabalho proteger você. Virão mais atrás de você, eu explicarei tudo mais tarde. - Quando ela ainda hesitou, ele disse: - Estes doze eram apenas a primeira rodada



pretendidos para você.

—Primeira rodada? - Ela chorou. O rangido de uma porta soou em algum lugar no teto acima deles. Ele a puxou pelos pés. - Venha comigo se você quiser sair daqui viva.

—O-onde nós estamos indo?

—Nós vamos correr disto. Eu mantereí você segura, mas você terá que confiar em mim. - Ele estendeu sua grande mão para ela. Não vendo nenhuma outra escolha, ela a tomou e ele a puxou para cima. Suas pernas estavam surpreendentemente estáveis considerando as coisas que ela tinha passado. Nunca soltando sua mão, ele a levou fora da câmara, então sob uma pedra escura no corredor. Quando cruzaram a passagem com uma alcova, viram um grupo de três machos vestidos como aqueles de antes, falando aquele mesmo idioma estranho. Cadeon puxou suas costas contra a parede, então sussurrou diretamente em sua orelha. - Não faça o menor som. Você fica aqui até que eu retorne. Certo?

Ela movimentou a cabeça, e ele voltou. Quando ele se preparou para atacar, os músculos largos em suas costas cresceram ante seus olhos. Seus chifres se endireitaram e enegreceram.

Seus lábios se separaram quando ele avançou para os outros. Sua velocidade era alucinante e seu rugido agitou o quarto, fazendo doer suas orelhas sensíveis. Ele pegou os chifres de um demônio e torceu sua cabeça até que um audível estalo soou.

Quando ele investiu contra os outros dois, a parte inferior de suas presas superiores, estavam mais longas. Ele as usou como um animal mordendo e arranhando.

Ela tinha se surpreendido com a própria ira quando ela matou? Sua antiga intrepidez desapareceu. Quando seus olhos se inundaram com preto como o do outro demônio, ela estremeceu e se apoiou longe.

Ela pensou que ele era diferente? Eu só quero ir para casa. Esqueça do que aconteceu. Por que ela devia confiar nele? Eu posso achar minha própria saída.

No intervalo da luta, ela se apressou na direção que eles tinham viajado, eventualmente tropeçou em uma galeria aberta.

Os símbolos mais estranhos estavam estampados nas cadeiras e no chão de pedra e madeira. Tapeçarias antigas se agarraram as paredes. Em uma estante estavam exibidos crânios que pareceram humanos, mas eles tinham chifres e presas superiores e mais baixas.

Então ela viu o que pareceu serem portas duplas que davam para fora. Se ela pudesse chegar do lado de fora, ela podia achar um carro ou um esconderijo. Os tiros rápidos explodiram os pés de gesso justo à sua direita. Ela tomou ar e ousou um olhar quando correu para sua esquerda. Metralhadoras de homens apontavam para ela com intenção mortal.

Um segundo homem começou a atirar na outra direção. As balas ricochetearam na parede, a cada lado dela. Ela correu para a direita, então saiu mais uma vez, bloqueado em cada sentido. O zumbido cresceu mais próximo...mais próximo.

Um pé longe em cada lado. Ela congelou com terror.

Um berro soou acima do fogo de artilharia. Cadeon cruzou a linha de fogo para chegar até ela. Colocando-a em cima de seus braços, ele a dobrou contra seu tórax. Justo quando os tiros os alcançaram, ele a apertou contra a parede até que seu corpo cobriu toda polegada do seu.



Ele friccionou seus dentes quando a primeira bala o atingiu, incapaz de girar e correr sem a arriscar. Ela repentinamente ficou em lágrimas. Duas balas, três, quatro...

Ele olhou fixamente para ela, aqueles olhos de jato parecendo consumi-la, e falou:

—Não mais...correrá de mim. Sim?

—S-sim. - ela sussurrou entrecortadamente, chorando mais duro toda vez seu grande corpo era empurrado pelo choque.

Acima de seu ombro, ele rugiu para eles, uma advertência, furiosa, rosnada e ela choramingou. Sua voz era como uma lima severa, ele disse para ela: -Não, não, fêmea. Shh. - Ele acariciou suas lágrimas com dedos enormes pinçados com garras pretas pequenas.

Os tiros abruptamente pararam. Holly perscrutou acima de ombro de Cadeon. Os demônios roubados estavam atacando os pistoleiros.

Quando os outros se reuniram, Cadeon correu em direção das portas duplas com ela em seus braços. Ele girou na metade do caminho, abrindo as portas com seus ombros crivados de balas, tirando-as de suas dobradiças.

Correndo fora na noite, ele chegou a um caminhão velho estacionado ao lado do solar. Depois de abrir a porta com gemidos, ele a lançou dentro, no banco de vinil rachada e em seguida entrou. Ele girou a chave e girou. Nada.

—A bateria está morta? - Ela perguntou, sacudindo alguns golpes do choque e da névoa. - Esta coisa ainda funciona? - Envoltórios e latas amarradas cobriam o solo.

—Eh, eh, não desrespeite o Caminhão. Ele me manteve fora de muitas confusões. - Ele mexeu a alavanca para frente e para trás. - Eu só preciso ter certeza que...ela sabe que nós estamos em ponto neutro. - Holly pensou ter ouvido um clic. -Ok.

O motor rugiu para a vida. Ele lhe lançou um olhar condescendente assim que eles estiveram deixando o lugar.

Ela perscrutou de volta no solar. Do lado de fora, a residência era imponente, de motivos imaculados. Ela nunca teria imaginado o tipo de seres que espreitavam no interior daquele lugar.

E agora ela estava com outro de seu tipo. Ela girou para ele, estudando este ser, este...demônio.

Ele tinha uma barba avermelhada em seu rosto bronzeado, e seu cabelo era grosso e liso, ultrapassando a mandíbula masculina. Mechas desiguais pareciam iluminadas por uma vida no sol.

A faixa de ouro que ele levava em seu braço direito e que parecia ser permanente, talvez ele tivesse que cortá-la para passar pelo bíceps que estava inchando. E aqueles chifres...

Quando eles se endireitaram mais cedo, se tornaram muito maiores e mais escuros. Agora eles estavam lisos, da cor de uma concha, ficando perto de sua cabeça. Com seu cabelo amarrotado acima deles, eles provavelmente não seriam fáceis de discernir.

—Como eu estou de medida? - Ele perguntou, sua voz profunda e ressoante.

Ela ruborizou.

—Eu só nunca vi...chifres antes de hoje à noite.

—Imaginei que você estaria em choque.

—Onde nós estamos indo agora?-



—Eu preciso te tirar da cidade. - ele disse. - Este lugar é muito quente para nós ficarmos.

Ela notou sangue atrás de sua cadeira. - Como você ainda está se movendo com todas aquelas balas?

—Com uma puta dor, Holly.

Ela ofegou, seu linguajar soou sujo para ela como unhas sujas de barro.

—Oh, vamos, gatinha! Meu linguajar só vai deteriorar daqui.

—Eu...é só um hábito. Você vai estar bem?

—Eu devia ser capaz de me desprender deles. - Quando ela franziu o cenho, ele explicou: - Minha pele deve os empurrar para fora quando eu me curar.

Holly mal podia centrar sua mente ao redor disto.

—O que aqueles homens queriam comigo? Quem eram aqueles atiradores?

—Os homens armados eram sanguessugas. Vampiros.

—Vampiros. - ela disse suavemente, porém sua mente estava gritando: Isto é loucura!

—Eles devem saber que você ainda não é completamente imortal. Nossos tipos nunca usam armas de fogo, como se comprova por sua pontaria de merda.

Ela estremeceu pela vulgaridade, mas conseguiu não ofegar desta vez.

—Novamente, por que?

—Porque você acabou de se tornar a menina mais popular na cidade.

—O que isso quer dizer? - No tom duro que era normalmente reservado para seus alunos, ela adicionou: - Isto não é tempo para respostas secretas, Cadeon.

—Isto não é tempo para qualquer pergunta, Holly. - Faróis se uniram a eles na rua. Um SUV bloqueou a saída, fechando-a. — Fodam-se. - ele estalou, girando ao redor, cantando os pneus. - Mais vampiros.

Ela apertou o cinto do painel. -Onde nós estamos indo agora?

—Procurar outro modo de sair fora desta propriedade. No pântano.

—Como você sabe?

—Tenho estado aqui há muito tempo. — Olhando para ela, ele disse: - Eu me encontrei com os demônios aqui em uma ocasião. Como um representante de minha raça.

—Você...você confraternizou com aqueles animais? Sua 'raça' seqüestra mulheres também?

—Seqüestra mulheres? Mal posso manter as crianças fora desse jogo, gatinha.

Com os olhos arregalados, ela disse: - Crianças? Gatinha? Você é do século dezenove ou só tenta ser misógino¹?

—Eu sou de tempos medievais, e eu nunca tenho que tentar ser misógino.

Ele pisou nos freios, e girou o equipamento de tração nas 4 rodas, a olhando duramente.

—Só vem para mim natural, como um presente.

Pisando no acelerador mais uma vez, ele a mandou voando de volta na cadeira, já que tinha se lançado para frente, fazendo correr em cima da grama verde.

—Por que eles quiseram me machucar? Eu nunca fiz qualquer coisa para merecer isto!

¹ Aquele que tem desprezo ou aversão às mulheres.



—Não é o que você fez, é o que você é.

—Uma monitora de matemática? - Ela disse em um tom estrangulado.

—Você é uma Valquíria agora. E uma especial. Sua mãe deve ter sido.

—Valquíria! Minha mãe era uma vencedora de competição de torta! E ela era humana. Ela morreu dois anos atrás.

—Então sua mãe biológica deve ter sido.

Ela estava chocada em silêncio por um momento. Como este demônio sabia que ela era adotada?

—Eu nem sequer a conheço. - Holly sempre a imaginou como uma adolescente assustada que teve o incrível bom senso, de deixar seu bebê, na mais maravilhosa porta, imaginável. Agora este demônio estava dizendo que sua mãe era uma Valquíria? - O que exatamente é uma Valquíria? E como você soube que eu era adotada?

—Perguntas mais tarde. Agora mesmo nós precisamos conseguir passar pelo pântano.

A linha escura de arbustos apareceu.

—Eu não vejo uma estrada!

—Existe uma trilha de escape. - ele disse e então adicionando em um tom casual, - Poderia ser uma sombra crescida.

—Uma sombra! Você está certo que não existe nenhum outro caminho para sair?

Ele movimentou a cabeça.

—A propriedade é cercada por bayou² e pântano.

—Quais são as chances de nós passarmos por isto?

—Eu dou a nós um em quinze.

Seus olhos se alargaram.

—Eu não pegaria essas chances!

—Você iria se existe zero chance em caso contrário.

—Oh, Deus. - ela murmurou, se agarrando na cadeira. - Onde está o cinto de segurança?

—Quebrou há alguns anos atrás.

—E você não arrumou? - Ela estalou.

—Normalmente eu não faço travessias mortais! - Ele trovejou de volta.

Lutando para se tranquilizar, ela disse:

—Cadeon, eu não vejo nem uma sugestão de uma trilha.

—Sentidos de demônio. Eu posso achar. - Mas ele apertou seu braço sobre o tórax dela, quando eles se aproximaram.

—V-você realmente não está entrando ali?

—Confie em mim.

Ele salvou sua vida, até tomou balas por ela, e ainda existia algo muito notadamente indigno de confiança sobre ele....

² **Bayou** é um corpo de água tipicamente encontrados nos apartamentos de áreas baixas, e pode tanto se referir a um extremamente lento córrego ou rio (muitas vezes com um litoral mal definidos) , ou a um lago pantanoso ou pantanal.



Ele mostrou um sorriso com presas apenas notáveis.

—Entretanto se você for do tipo que reza, agora poderia ser um bom momento.

Capítulo 4

Holly catapultou para frente contra seu braço quando o caminhão entrou repentinamente no mato.

Folhas e galhos golpearam o pára-brisa quando o caminhão saltou. Eles estalaram em algo, que deixou penas e gritou com raiva. Ela girou, apertando o respaldo do banco para esquadrihar a área atrás deles.

—Eles vão nos seguir, nos prenderam de novo aqui!

—Seus agradáveis SUVs de luxo são mais baixos para o terreno do que caminhões mais velhos como o meu. Com um pouco sorte, eles irão ficar com a parte inferior fora. Pelo menos antes que nós fiquemos. - Acima do som de total destruição da flora e da fauna nativas, ela perguntou: - Por que você está me ajudando?

—Eu sou um mercenário, meu atual trabalho é para manter você viva.

—Um mercenário? Quem está pagando a você? Quem saberia contratar um demônio para me proteger de uma ameaça de demônio?

—Existiam também as sanguessugas.

—Como eu podia esquecer? - Ela comprimiu sua testa. - Quem pagou a você?

—Nós conversaremos sobre ele mais tarde.

—Pelo menos me diga por que aqueles demônios me escolheram. Eu sou a pessoa mais chata que você já encontrou! - Ele encontrou o olhar dela.

—Não mais, gatinha.

—Ela olhou atrás deles novamente e viu faróis. - Eles estão vindo.

Ele falou palavras em um idioma ela nunca ouvira, e acelerou mais.

—Cadeon, aqui é seguro para ir a esta vel... — Tiros ecoaram, se estampando na lateral do caminhão e no espelho retrovisor. Sua grande mão estava no topo de sua cabeça e a empurrou para baixo, a fazendo abaixar no banco. Quando fragmentos do espelho lancearam em sua janela, ela gritou. Ao redor deles, os vidros quebraram, Ele deu um rugido de dor. As rachaduras bifurcadas do pára-brisa dianteiro explodiram também, chovendo pedaços de vidro contra eles.

—Pare de gritar gatinha!

—Como eu faço isto? - Ela exclamou, limpando os pedaços de vidro sobre ela.

—Natureza da besta. - ele falou. - Valquírias gritam e vidros se quebram. Lição aprendida, sim?

Quando ela viu o sangue gotejando de sua orelha, ela mordeu seu lábio e limpou os vidro nele também. Ele pareceu chocado por ela se importar. -Agora, há um lugar gatinha. Um pouco mais abaixo e à direita iria ser doce.



—Tome cuidado! - A trilha tinha sumido. Água preta escura cobria por pelo menos um três metros o pântano.

—Espere! - Ele apertou o pé, seu braço cruzou acima dela novamente. - Por que nós estamos indo mais rápido em direção a isto?

—Só assim nós não atolaremos! - Ele disse antes deles baterem. Ela voou contra seu braço mais uma vez. Com o pára-brisa quebrado, a água pulverizava acima do capô, batendo contra seus rostos.

A parte dianteira do caminhão afundou. A água inundou a cabine. De lama, folhas de lírio e vários caranguejos de rio foram recolhidos como em uma rede de pesca. O motor arrancou com esforço quando eles avançaram para o outro lado. De volta ao chão semi-sólido, Cadeon sacudiu o cabelo como um animal.

—Eu não posso foddidamente acreditar que nós acabamos de fazer isto!

Holly arrastou o cabelo molhado de seus olhos, então secou o rosto molhado com o punho da camisa, passando sem tocar o respingar de sangue de mais cedo.

Ele sorriu para ela. Ela estava boquiaberta. Faróis apareceram em sua trilha novamente. Aqueles vampiros eram obstinados. Eles devem pensar que os demônios já tiveram sua vez com ela. Eles não podiam arriscar que todo bom ou todo mal seria na forma de um demônio.

—Droga de mim.

Ela gritou novamente.

—O idioma? É isto? Porque ... - Ao ouvir um tiro, Holly se lançou em seu colo, choramingando. Ele tragou, intensamente ciente que ela estendeu seus joelhos acima de sua virilha e não vestia nada debaixo da camisa. Em qualquer outro tempo, ele estaria amando sua posição, poderia ter fabricado um argumento para conseguir algo como isto. Mas ele mal podia ver sua cabeça flutuando abaixo. —São apenas caranguejos!

—N-não, não só. - O caminhão mergulhou bruscamente em uma quebrada antes de empinar. Então abaixou em outra e outra. Cade agarrou cintura dela, mantendo-a ao seu lado. — Pense nisso como os goolies³, gatinha.

A tinha segurado entre suas coxas. Quando ele sentiu sua carne suave, em contato novamente com sua palma, rosnou baixo. O motor estava pedindo a gritos o caminhão de reboque, e eles ainda se olhavam aos olhos. Os dela se dilataram quando empurrou sua mão longe. Mas ela ainda não saiu de cima dele.

—Não são apenas caranguejos! - Ela chorou.

—Então o que é? - Ela estalou. - I-isto! - Ela apontou para a lama e o charco da água cobrindo o piso. Um mocassim pequeno cheio de água se arrastava no piso, nadando aturdidamente entre as latas de Red Bull, enquanto olhava para ela com cara de assustado.

Cade tentou agarrar aquilo rapidamente, mas ele escorregou para debaixo da cadeira. Ele nunca pensaria que ele diria isto, mas... - Saia de cima de mim, Holly. Se afaste para seu banco. Só mantenha suas pernas para cima.

³ Seriado de TV com nome de Família Monstro ou Frankstein.



Ela agitou sua cabeça.

—Não até que tenha ido!

—Então você vai ter que dirigir.

—Certo. - ela disse com voz trêmula, pegando a direção enquanto ele se situava sob ela.

Passou a mão por baixo do banco. - Venha aqui, seu pequeno fodido.

—Cadeon!

—Ah, vamos, gatinha!- O caminhão começou a diminuir a velocidade. Ele apertou o pedal, olhando para trás, e foi cegado pela proximidade dos faróis. - O que no inferno sangrento você está fazendo?- Ele gritou para ela.

—Algo se moveu na água ali abaixo!

—Holly, você aperte este pedal abaixo ou você morre! Fui claro?- Com um tremor visível, ela estirou sua perna longe, apenas alcançando o pedal, socando-o para baixo com seus dedos do pé. Todo tempo ela se recostava na cadeira, fazendo o acelerador sair, porém se mantinha obstinadamente naquele pedal. Ele pegou o mocassim. Sabendo que sua fêmea teria que vê-lo para acreditar, Cade levantou a serpente alegremente já que envenenou a ele. - Aqui, olhe. Confirmação visual. - Ele lançou isto fora pelo buraco da janela. -Agora, mova seu pequeno traseiro aqui, e vamos perder estas picadas miseráveis, sim?

—Sim?- Quando ela dançou acima de seu colo, ele resistiu ao desejo de plantá-la lá, então pegou a direção. Quando eles pegaram uma subida pequena e começou de volta para baixo, ele viu outro solapamento. Ele acelerou, aproveitando que ela estava ao seu lado.

—Segure em mim. - Ela embrulhou seus braços esbeltos ao redor de seu torso, enterrando seu rosto contra ele. A tensão se disparou por ele, o desejo por ela o comendo, até agora.

Ele a estava segurando. Sessenta e cinco quilômetros por hora. Sua fêmea. Setenta. Ele apertou seu braço ao redor do dela quando a armação do caminhão vibrou, soando como estertores quebrados em uma lata, só que multiplicado por mil.

O caminhão golpeou o caminho de cerca de oitenta quilômetros por hora, arando a água. No meio do caminho o motor cansado, estalou. Água no escape. Ele pisou fundo no acelerador.

—Vamos, bebê. - ele murmurou. Ele cheirou fumaça incongruente. Batendo, batendo, e então... A menina velha saiu ao outro lado. Quando ele olhou atrás e viu o SUV arrastar a parte inferior, ele não podia resistir um bater levemente no painel rachado.

—Nós os perdemos. O caminhão não é tão ruim, então, é?- Ele disse. -Holly? - Ele olhou para baixo, para ela, confuso. Ela ainda segurava seu torso como se ele fosse uma árvore em uma tempestade. Como se ela precisasse dele para seu conforto. Cade não podia se lembrar da última vez em que sentiu qualquer coisa tão boa.

Capítulo 5

Estou um pouco ocupado aqui, Rydstrom. - Cade estalou quando seu irmão ligou



novamente.

—O que está errado com seu telefone?

—Se molhou.

—Você voltará para casa?

—A caminho. - Cade respondeu. - Eu estou há quinze minutos. Onde está você?

—Uma hora da cidade. - Ele pausou. - Você soa excitado. Você não soa... miserável. - Rydstrom perspicaz, o soube bem. Por tanto tempo, Cade quis Holly de longe, e agora ele estava com ela, conversando com ela, tocá-la.... -Nada, Rydstrom.

—Algo está em cima com você. O que quer que seja se livre disto. Nós temos trabalho a fazer.

Cade olhou para baixo, para Holly, ainda agarrada a ele, então para trás na estrada. Então trocando para a linguagem de demônio, ele disse: -Não penso que você quer que eu perca isto. Eu tenho a Valquíria.

—Como no inferno isso é possível? Nós não sabemos quem ela era...

—Ela é minha fêmea. Sabia que ela era uma e o mesmo que o objetivo?

—Isto é impossível. Holly Ashwin é humana.

—Não mais.

—Você está certo? E você está certo que ela é o Depósito?

—O lugar que você descreveu é onde ela ensina matemática. E ela já tinha sido tomada pela Ordem de Demonaeus. Nós acabamos de ficar livre deles. Existiam vampiros em jogo também. Eles estão tentando matá-la.

Rydstrom exalou.

—Eu não sabia que o Depósito seria seu. Mas o fato é, isto não muda nada. Nós estamos sem opções. - Quando Cade não respondeu imediatamente, Rydstrom disse: - Na semana passada, Nix perguntou se você desistiria de sua fêmea para ter o reino de volta. Você disse que sim. Você mentiu?

—Eu farei o que eu tenho que fazer.

—Se nós não pudermos matar Omort, nós perdemos Rothkalina para sempre.

—Ainda posso me lembrar disso! - Cade estalou. -Eu tive nove séculos para conseguir que isso entrasse em meu crânio espesso. -Bom. Agora, os aeroportos estão visados. Nós teremos que dirigir-la fora da cidade.

—Para onde?

—Complexo Groot.

—Onde inferno é isto?

—Nós não temos o destino final. - Rydstrom disse. -Existem três postos de fiscalização em partes diferentes do país. Cada um prestará informações sobre os próximos até que nós tenhamos as direções finais para o Complexo. Eu só tenho o primeiro posto de fiscalização.

—Por que o incômodo?

—Groot quer o Depósito, mas ele não quer sua fortaleza descoberta. Ele está tomando precauções extras para ter certeza que ninguém nos seguirá.



—Você não tem nenhuma idéia de onde poderia ser?

—Em algum lugar obscuro, difícil de chegar, com um montão de terra. Tenho escutado contos de Yukon. Talvez até o Alasca.

—Eu me pergunto se ele não confia em nós com isto em absoluto.

—Embora seus meios sejam questionáveis, você completa os trabalhos. Duros. E ele sabe o quanto nós queremos aquela espada.

—Por que ele não nos encontra?

—Ele nunca sai de seu esconderijo. Omort o destruiria. Groot é o único que tem os meios para matá-lo. Pelo menos é o que nós sabemos.

—O que isto deveria querer dizer? - Cade perguntou, mas ele sabia o que seu irmão estava aludindo. Eles tinham tido uma vantagem, um vampiro quem conhecia um caminho para matar o feiticeiro. Contudo, para salvar o sanguessuga de uma morte certa, Cade acidentalmente tomou a vida da Noiva do vampiro. Uma humana jovem chamada Néomi. De forma espontânea, a memória surgiu de sua espada deslizando no corpo de Néomi.... Ele bloqueou isto. Cade era o mestre de bloquear as realidades não desejadas.

Ainda que eles capturassem o vampiro e o torturassem por informações, não existia nada que eles podiam infligir pior que perder uma Noiva. Aquela vantagem tinha sido extinta. Culpa de Cade, novamente.

—Omort provavelmente já sabe de nossas intenções. - Rydstrom disse. -Ele não ficará quieto, ele irá enviar tudo que ele tem para nos impedir de levar o Depósito para Groot.

—Grande ironia que quando descubro que minha fêmea não é mais um humano proibido, eu tenho que entregá-la.

—Você não pode estar certo que ela é sua. E ainda que ela fosse, você tem que pensar sobre suas responsabilidades. Da última vez o reino dependia de você... - Ele foi se apagando. - Agora você tem que fazer o que é certo.

Na lembrança de seus fracassos, a culpabilidade emergiu novamente e Cade empurrou Holly para longe dele. Ela se endireitou, parecendo envergonhada de ainda estar agarrada a ele.

—Não há necessidade de que conduza para casa, então. - Rydstrom disse. - Só me encontre no norte do posto de gasolina do lago às onze horas, nós começaremos de lá.

—Eu estarei lá às onze.

Depois de terminar com Rydstrom, Cade chamou Rök, seu segundo no comando e companheiro de cela. Em Demonish, Cade disse a ele:

—Tentei chamar você por auxílio mais cedo. Logo antes de eu irromper na toca de Demonaeus tudo por mim mesmo.

—E você?- Rök perguntou em um tom chateado. -Eu estava recuperando uma perna.

—Quando você não está? Necessito você de volta para a casa.

—O que você está fazendo? - Rök perguntou e então fez calar uma fêmea murmurante: - Volte para a cama.

Cade depressa relatou os desenvolvimentos, concluindo:

—Só esteja lá em dez minutos.



Uma vez que desligou, Cade olhou para Holly, olhando fixamente o marco da janela. Seu cabelo começou a secar em cachos loiros avermelhados incontrolláveis. Ele tinha esperado mais de um ano para ver seu cabelo livre daquele coque apertado que ela sempre usava e o tinha imaginado mil vezes solto.

Ele não pensou que seria ondulado. Ela devia odiar, vendo isto como outro aspecto de sua vida que ela não pudesse controlar.

Estava tão perdida, e sua mão se moveu para tocá-la novamente. Mas ele teve que resistir. Não serviria de nada para Cade estar mais preso a ela.

Todos estes meses a observando, ele tinha ficado crescentemente fascinado por ela. Enquanto estava sentando sobre o telhado do edifício vizinho ao dela, ele observou seu dia estritamente arregimentado para as atividades do dia. Entre eles: Uma hora para aulas de natação em seu s t o particular, três horas por dia para seu trabalho de doutorado, uma hora de manhã e outro de noite para limpar seu s t o já imaculado.

No princípio, Cade esquentou sua cabeça na estranha pequena mortal e no seu comportamento repetitivo de limpeza obsessiva. Agora só deu de ombros. Era parte do que fazia Holly sem igual.

No campus ele a viu sentada, perdida em pensamentos, correndo, seu colar de pérolas contra seus lábios ou teclando em seu laptop em um estouro de inspira o furiosa.

E Cade a observou com seu namorado, sentindo uma excita o selvagem toda vez que ela negou seus lábios para aquele aproveitador, ao invés, girando para dar uma bochecha. Aquele macho nunca tinha passado a noite, e ela nunca ficaria com ele.

Que era por que o humano permaneceu vivo.

Cade pensou que tinha aprendido muito sobre ela, mas ele n  soube que ela seria tão valente. Nem todas as fêmeas podiam cegamente pegar um p  em um charco da água quando existiam serpentes sobre isso e muito menos derrotavam uma dúzia de demônios.

Mas este silêncio dela o deixava intranqu lo. Apesar de suas peculiaridades, ela não era tímida, nem hesitante para trabalhar sua mente.

— Você, uh, tem mais perguntas?

Sem vacila o, ela perguntou:

—Esta mudança em mim pode ser desfeita?

Ele franziu o cenho.

—O que você gostaria? Você   rápida em desistir da imortalidade. - Certamente, sua introdu o para o Lore tinha sido severa, no entanto...

—Eu não quero ser como isto. Eu quero voltar a ser como eu era.

Como um mercenário, seu trabalho primário era identificar o que alguém desejava. Então ele tinha que convencer o cliente de duas coisas. Que ele podia pegar isto para eles. E que ele era o único que podia pegar isto para eles.

Holly acabou de dar a ele a chave para ela. O que era bom, porque ele tinha que dizer a ela algo que asseguraria sua coopera o, algo diferente da verdade: Para conseguir uma arma, eu tenho que dar você para um feiticeiro do mal que muito provavelmente force você a dormir com



ele. Uma vez que você entregue a última criança do mal para ele, ele pode deixar você ir.

—Poderia haver um caminho para inverter a mudança. - Claro, não existia absolutamente nenhum modo para inverter a mudança. Ela olhou para ele com esperança em seus olhos. Se ele fosse menos do que um bastardo, aquele olhar realmente o aborreceria. Como era, ele dificilmente notou isto. Dificilmente mesmo.

—Como? Como é possível?

—Escute, eu não quero falar fora do turno e fazer falsas promessas. - ele disse. -Agora mesmo eu estou voltando para a minha casa para levantar material antes de deixarmos a cidade. Então nós vamos encontrar meu irmão, que saberá mais sobre tudo isso. Só me tolere até então, e nós acharemos um caminho para fazer todo mundo feliz. - Extensivamente, ela movimentou a cabeça.

—Eu tenho que ir a meu apartamento e pegar algumas roupas e coisas.

—De nenhum modo. Eles estarão observando seu lugar.

—Mas eu preciso de meus...meus medicamentos. Eles estavam em minha bolsa.

—Que tipo de medicamentos?- Ele perguntou, entretanto ele sabia sobre seu transtorno, tinha estudado isto. Ele queria ver se ela admitiria. Ela levantou seu queixo.

—Eles são para TOC.

—Transtorno obsessivo compulsivo. Eu ouvi falar disto. - Ela iria adorar sua casa.

—Então você entende por que eu tenho que pegá-los.

—Você morrerá sem aquelas pílulas? Porque seguro como a merda, você morrerá para consegui-las. Seu edifício estará fervilhando de assassinos.

Suas sobancelhas se juntaram.

—Você disse edifício. Como você soube que eu não viva em uma casa? E como você soube onde me achar hoje à noite?

—Nós estivemos colhendo informações sobre você. Eu estava atrás de você hoje à noite e os vi a pegarem.

—Me diga, quem contratou você para me proteger?- Isto iria ficar pegajoso se ela pressionasse.

—Não sei exatamente. Eu acabei de conseguir os detalhes do trabalho me instruindo para manter você segura e a escala de pagamento. Qualquer outra coisa não importa para mim.

Ela esteve quieta por um momento.

—Colhendo informações sobre mim? - Ela finalmente perguntou. - Você quer dizer espionando.

—Eu não me desculparei por isso, não quando o resultado foi o que salvou sua vida.

—E o que você descobriu sobre mim?

Como responder a ela? Toda vez que ele pensou que tinha compreendido Holly, ela o surpreendia. Ao longo dos últimos meses, ele a julgou uma fanática por matemática, uma feminista de campus, uma zombadora, uma amante das árvores e um armário Sexpot.

Ele eventualmente compreendeu por que ele nunca podia conseguir entender como ela era, porque ela não tinha, qualquer tipo, de entendimento sobre si mesma. Até ela não sabia quem



era.

—Você tem vinte e seis anos, filha única, adotada. - ele finalmente disse. - Seus pais adotivos estão ambos mortos de causas naturais nos últimos dois anos. Eles deixaram uma fortuna para você- Ele lançou um olhar para ela. Seu rosto não mostrava nenhuma reação.

—Continue.

—Você tem dois mestrados e está para completar seu PhD em Matemática. - Você tem a confiança de uma mulher que sabe que é inteligente, e isto é excitante como o inferno. - Você gosta de nadar. - Seu corpo em traje de banho, mesmo modesto, põe este demônio de joelhos. - Você tem um namorado fixo, também no programa de PhD. - Tim Ponce é um perdedor e hipocondríaco. - Você ensina aos jogadores de futebol diversão com números ou algo assim. - Com todos os comentários sexuais, que aqueles jogadores fazem sobre você, eles habitualmente tentam a morte pela mordedura de um demônio.... - Você gosta que as coisas estejam limpas... - Você gosta de blues, rock e comidas enlatadas.

—Tudo verdade. - ela disse. - E ainda eu não conheço nada sobre você a não ser que você é um demônio mercenário que tem pelo menos um irmão. - Ele abafou uma risada dura. Isto é tudo que existe para saber sobre mim, ele pensou amargamente, mas ele disse: - Isto provavelmente é bom. Quanto menos você souber, melhor.

Capítulo 6

Longos momentos depois que terminou a chamada com Cade, Rydstrom ainda estava intranquilo.

Isto é ruim.

O emissário de Groot insistiu em se encontrar a quase quilômetros da cidade, e Rydstrom estava ainda a mais de meia hora do posto de gasolina onde ele se encontraria com Cade.

Ele acelerou mais, seu Mercedes voava ao longo de uma faixa antiga da estrada, construída ao estilo dique pelo bayou. Ele estava facilmente cruzando duzentos e vinte quilômetros por hora, com tanta discrição que o carro pareceu aborrecido e mal humorado no silêncio.

Rydstrom tinha que chegar a seu irmão antes dele fazer algo impulsivo. Ele não acreditava que Cade sequer compreendesse o quanto ele queria a fêmea.

Isto é muito ruim. Porque ele não estava certo que Cade não só fugiria com Holly agora que ele podia tê-la.

Rydstrom suspeitou que a fêmea fosse companheira de Cade? Sim. Mas claramente, não era para ser. Antes, ela não era atingível por causa de sua mortalidade. Agora ela seria a diferença entre Rydstrom retomando seu reino ou não. Retomando Rothkalina... A batida de seu coração se fez mais rápida na idéia de liberar seu país, trabalhando para ver sua gente prosperar pela primeira vez em um milênio. Omort tinha sido brutal para eles, quaisquer rebeliões esmagadas, os ofensores sadicamente castigados. Mas agora mesmo, sua liberdade estava descansando nas



mãos de... Cade. O que era uma posição tênue para estar com Cade frustrado como o inferno fora dele. Rydstrom era um homem que adorava a razão, um demônio da ira raro que nunca perdeu seu temperamento. Exceto com Cade, que soube como empurrar seus limites como ninguém mais. E em retorno, Rydstrom era severo com ele. Alguns diziam, muito duro. Ainda atrás de todas as suas infames brigas, justo quando Rydstrom estava pronto para se separar de modo permanente, ele se lembrava de seu irmão como um filhote de cachorro ruivo de sete anos, ainda com os chifres de bebê, sempre ao seu redor, o adorando como um herói. Rydstrom sentia algumas chispas de esperança que Cade pudesse ainda retroceder da borda e fazer algo significativo de sua vida.

Mas se ele não fizesse a coisa certa agora, aquela esperança estaria para sempre terminada. Recordando o primeiro dia que Cade viu Holly, Rydstrom aumentou sua velocidade.... um pouco menos que um ano atrás, Cade empreendeu um trabalho para recuperar o filho do demônio nobre de Tulane

No campus. O filho meramente não estava experimentando passar como um humano. O macho jovem tinha realmente vivido o estilo de vida, cortando seus chifres, arquivando suas presas, recusando a se teletransportar. Os pais horrorizados quiseram que ele voltasse para casa, sem o, vergonhoso, segredo saindo para seus amigos e sócios de negócios.

Cade não concordou com a visão dos pais, visto que um de seus lemas era: para cada um o seu próprio. Porém, seu ponto de vista predominante era mais ao longo das linhas de: outro dia, outro dólar. O trabalho tinha ganhado. Rydstrom o acompanhou para o campus para ter certeza de que a extração fosse suave. A caminho do dormitório do filho, eles passaram por um auditório com um sinal anunciando Premiação de Matemática Hoje!

Cade tinha sido divertido, pronto para ridicularizar. - Nerds em patrulha, hein?

Embora ele tenha sido educado nos fundamentos da escrita, matemática e idiomas, Cade ainda tinha um chip em seu ombro por que ele nunca foi educado como os outros da realeza, pois foi criado fora. Para ele, não existe nenhum saber mais alto em assuntos como filosofia, astronomia ou literatura. E até o final destes séculos, ele se sentiu carente.

Ao longo dos anos, Rydstrom freqüentemente achou livros em assuntos como aqueles no meio das possessões de Cade. Seu irmão, o mercenário cruel, estava secretamente educando a si mesmo....

Então Cade viu Holly Ashwin no palanque recebendo um prêmio de primeiro lugar em matemática.

—Agora, isto é um pedaço bom de murmura e grunhe, não é? - Rydstrom podia jurar que Cade fez seu acento de classe mais baixo justo para atarraxar com ele.

No momento, ele não entendeu a atração de Cade. A menina era bonita, nenhuma dúvida disto, mas ela estava abotoada até em cima, com óculos, nenhuma maquiagem, e seu cabelo puxado atrás em um coque apertado. Ela estava cheia até a borda com uma confiança quieta e era obviamente esperta, definitivamente, não era o gosto típico de Cade, bronzeadas e cabeça oca.

—Vamos, Cade, não é como se nos misturássemos. - Rydstrom disse. Eles dois estavam a mais de seis metros e meio de altura e usavam chapéus.



Mas Cade esperou até a multidão sair. Quando ela saiu do auditório, ele a chamou: -Venha aqui, pequena. Tem uma pergunta sobre o concurso de beleza que você acabou de dominar?

Ela girou para ele com seus olhos estreitados, empurrando em cima seus óculos com a ponta de seu dedo indicador.

Rydstrom se debruçou contra o canto do edifício, assistindo em fascinação horrenda, como um espectador que viu o trem vindo e soube que o caminho ia estourar adiante.

O sorriso fácil de Cade encantou fêmea, atrás de fêmea e ele sem nenhuma dúvida esperou ganhar a atenção desta. Ao invés, ela permaneceu firme e olhou abaixo de seu nariz. -Eu posso ajudá-lo?

Desconcertado, Cade cruzou impotentemente a distância até ela.

—Ah, sim. O que é uh, que está fazendo lá?

Ela repetiu:

—O que está fazendo?

Pego de surpresa porque ela não era receptiva a sua paquera. Cade a olhou fixamente, se ruborizando em suas próprias tentativas gagas para conversar com ela. Num momento que, evidentemente tinha olhado ao redor para comprovar sua figura novamente como se ele não pudesse evitar.

Assim como ele, Cade tinha andado para frente, como se tivesse a intenção de desfazer o cabelo, e ela olhou como se ele tivesse dado uma profunda bofetada nela, Rydstrom quebrou a interação.

Sem uma palavra, a menina deu a volta em seus calcanhares e se afastou.

Quando Rydstrom o arrastou na outra direção, Cade olhou de volta por cima de seu ombro. Em um tom esmagado, ele disse:

— Ela não olhou de volta para mim. Nenhuma vez. - Nos meses por vir, Cade descobriu tudo o que podia saber sobre ela. Só na semana passada, Rydstrom o pegou em um telhado no centro da cidade com um frasco de bebida fermentada de demônio, olhando-a nadar. Até em um tempo crítico como este. Sim, ela era provavelmente a única fêmea que ele já podia ter ser inteirado, que tinha descendência, sangue real, mas Rydstrom ainda não podia entender isto. O reino sempre veio em primeiro lugar.

Ele morreria por seu reino. Por que olhos e não Cade o olhavam fixamente de volta nos faróis. Não um animal, uma mulher. Ele pisou nos freios e desviou, o Mercedes deslizou fora de controle. Justo quando estava a ponto de controlar o veículo, um limite de ponte pareceu aparecer de nenhuma parte, ele se inclinou. Quando finalmente parou de se mover, ele balançou sua cabeça, sacudindo a vertigem. Cambaleando fora para inspecionar o dano, ele pisou em cima de cimento misturado com vidro, pedaços quebrados de vidro e até pedaços da armação. Na visão, ele assobiou em uma respiração. Perda total. O lado direito de seu carro estava completamente cortado. Então onde estava a mulher?

Flashes dela surgiram em sua mente, os olhos alargados com medo, cabelo vermelho longo como os chicotes que ele tinha. Ele inspecionou atrás na direção que veio. - Alguém está aqui?- Ele chamou. -Você está machucada? - Nenhuma resposta. O posto de gasolina mais próximo era pelo



menos quarenta quilômetros. Ele tirou seu telefone celular de sua jaqueta. Fora de área, se lia na tela.

—Mas que droga. - Quando olhou para trás mais acima, ele a viu em um ponto mais distante junto da deserta extensão de estrada, permanecendo só.

Que diabo ela está fazendo aqui fora, nesta distância toda, sozinha?

Seus olhos se encontraram. Naquele momento, ele pegou seu odor abafador, feminino. A noite começou a parecer como em sonho, surrealista. Ele andou em direção a ela, sem se preocupar em recuperar seu chapéu, com sua beleza de outro mundo, ele podia dizer que ela era definitivamente um do Lore. Brilhante cabelo vermelho enrolado até sua cintura. Ao se aproximar, ele viu que seus olhos eram escuros como a noite. Um vestido de seda azul claro, agarrado as suas curvas luxuriantes. Quando ele distinguiu o esboço de seus mamilos endurecidos, ele sentiu água em sua boca. Ele tinha cento e quinze anos de idade. Ele já tinha sido imediata e ferozmente atraído por uma fêmea? Ela começou a andar ao longo da estrada para longe dele.

—Não, espere! Você está bem? - Ela girou para ele, embora continuasse a andar de costas. - Eu não machucarei você. - ele chamou em seguida. - Você tem um carro fora daqui?

—Eu preciso de sua ajuda. - ela disse, com voz gutural.

—Claro. - O que ela pensaria sobre seu rosto cicatrizado das batalhas que travara? Ele não se importou muito no passado, mas com ela... a idéia de ver seu desgosto o fez hesitar. Até que ela girou e saltou abaixo um dique mais longe dele. Ele se apressou atrás dela. - Você vive aqui perto?

—Preciso de sua ajuda. - ela disse mais uma vez, se agachando atrás de um salgueiro pela extremidade da água. Ele se juntou a ela em baixo da árvore.

—Eu tenho que voltar para a cidade, entretanto eu posso voltar para ajudar você. - E conseguir todas as informações para que assim eu possa retornar para você uma vez que meus encargos aduaneiros estejam feitos.

Quando ele olhou abaixo em seu rosto, ele começou a parecer atordoado mais uma vez, no limite até. Sua reação para ela parecia muito poderosa, ela parecia muito atraente para ser real. Ela tinha maçãs do rosto altas e a pele pálida, mais sem defeitos, que ele já vira. Seus lábios, rosa, eram rechonchudos e brilhantes.

Só quando ele começou a recuar, ela disse:

— Ajude-me agora. - Agarrou sua mão com seus dedos pequenos, ela beijou sua palma com aqueles lábios sorridentes, então a colocou em um de seus seios cheios.

Cada músculo em seu corpo se apertou com necessidade. Incapaz de parar a si mesmo, ele amassou sua carne com um gemido baixo. A promessa de prazer nos olhos dela o hipnotizava, e ele se achou abaixando suas defesas.

—Isto é o que eu preciso. - ela murmurou em voz de sereia, arqueando para sua mão.

—E os deuses sabem que eu quero dar isto para você, logo depois de eu resolver tudo.

—Eu o necessito. - ela pegou sua outra mão e a colocou em sua coxa interna. - agora. - Rydstrom tentou se sacudir. Ele tinha responsabilidades. Mas estava há tanto tempo sem uma mulher. Ele silvou fora uma respiração quando ela levantou corajosamente suas mãos para seus chifres ávidos, o arrastando até ela. -Beije-me, demônio. - Quando uma fêmea guiava um macho



de demônio como esta... Rydstrom estremeceu da excitação selvagem, curvando sua cabeça quando ela falou com seu apeto sexual. Seus lábios se encontraram, e a luxúria o balançou. Ele sentiu uma conexão com ela. Talvez até a conexão. Com esse pensamento em mente, começou a beijá-la duramente. Ela era experimentada, persuadindo a ele, encontrando toda punhalada de sua língua, brincando com ele até que suas mãos caíram sobre seu traseiro, suavidade contra rocha.

Ainda, ele de alguma maneira se separou dela. -Eu... não posso fazer isto agora. Eu tenho que encontrar alguém. Muitos quilômetros ainda.

—Faça amor comigo. - ela sussurrou, agora movendo para o lado mais próximo a ele. -Aqui. Debaixo desta árvore, no luar. Eu estou ardendo por você.

Seus chifres estavam se endireitando, seu pênis pulsando. Ele podia escassamente resistir a necessidade para entrar em seu corpo delicioso. Mas ele devia. As necessidades do reino sempre vêm antes da do rei. - Não. Eu tenho obrigações. - ele disse, odiando aquelas obrigações pela primeira vez. Se ressentindo delas. Quando ele se retirou, suas sobranceiras se juntaram.

—Então você não me deixa nenhuma escolha, Rydstrom.

Só quando ele se perguntou como ela soube seu nome, a estrada começou a desaparecer, como se a Terra tivesse sido drapejada, disfarçada. Ele olhou ao redor. Uma ilusão ao redor dele. Atrás dele, ele ouviu um tinido como a porta de uma cela de prisão se fechando. Quando a quimera desapareceu, a realidade o abateu.

Era Omort e a irmã de Groot. Sabine, a Rainha das Ilusões. - Ela abriu um portal em um calabouço, então disfarçou isto como uma continuação da estrada.

—Muito bom Rydstrom. - Ele tinha advertido Cade de que seu inimigo não se deteria ante nada para impedir que sua busca pela espada tivesse êxito.

Rydstrom não sabia que a irmã do feiticeiro tinha associação com Omort, ou que ela fosse tão poderosa em seu próprio direito. E se os rumores fossem verdade...

Então ela era até mais traiçoeira que qualquer um de seus irmãos. A mulher mais bonita que Rydstrom já viu era o pior do mal. Ou talvez isto não fosse sua verdadeira face. Ela provavelmente deu a ele exatamente o que ele precisou ver para ficar encantado.

Mostre a mim sua forma real.

—Aqui está. - Ela alisou suas palmas acima de seus seios e mais abaixo. -Eu estou tão contente por quanto desperta em você.

Até agora o fez, e ele a menosprezou por isto.

—Por que você fez isto comigo, Sabine?

—Não é óbvio? - Com um estalido de sua mão pálida, ela dirigiu seu olhar para uma cama no centro da cela. Estava descoberta e sem adornos, mas com correntes para a cabeça e pé.

Capítulo 7



—Você é um... vagabundo. - Holly murmurou com um estremecimento, horrorizada com a visão do quarto de Cadeon.

—Me diga como você realmente se sente Holly. Nenhuma necessidade para se conter.

Camisas penduradas acima de abajures. O chão estava pontilhado com caixas de pizza velha e latas de cerveja amassadas. Os DVDs estavam espalhados em todos os lugares, alguns com títulos que a deixaram embaraçada.

O lustre que pendurava do teto tinha dezessete bulbos iluminados e dez bulbos fora. Ela teve vontade de quebrar dois mais para fazer ambos os números divisíveis por três.

—Isto é... como você vive com isto? - Quando tinha parado pela primeira vez nesta propriedade, ela ficou impressionada pela luxuosa residência do Garden District, uma não muito longe de sua casa de infância. Que a tinham conduzido através de portas de madeira, além da mansão a esta casa da piscina, que também era notável, duas vezes maior e mais espaçosa que o seu loft.

Mas do lado de dentro, o caos reinava.

—Não sabia que eu teria companhia.

—Você teria limpado se você soubesse? - Ela perguntou.

Com um sorriso sem vergonha, ele disse:

—Não. - Levando-a pelo cotovelo, ele a guiou para seu quarto, e então para um banheiro que afortunadamente não era o risco biológico que ela tinha esperado. -Você tem cinco minutos. Está claro?

Holly caladamente movimentou a cabeça, ainda atordoada pela desordem, se agitando pela necessidade de consertar isto.

—Isto não é o tempo para estar perscrutando em suas novas orelhas no espelho ou examinando suas garras. - Ele ligou a água, ajustando a temperatura. - Só tire o sangue e a água de pântano de cima de você.

Ele levantou uma garrafa de xampu, e deve ter achado ele vazio, porque ele a lançou fora.

—Eu voltarei. - Ele saiu. Quando retornou, tinha uma toalha e uma toalhinha acima de seu ombro e suas mãos cheias de Xampu e garrafas de condicionador. - Meu companheiro de quarto não pode se privar de qualquer coisa livre. Deve existir algum que você gostará. - Ele abriu a caixa de vidro e negligentemente os soltou na tina, onde se dispersaram fortuitamente.

Fortuito. Holly odiou fortuito. Lançando a toalha e a toalhinha no contador, ele disse: - Eu examinarei a área, verei se posso achar algo para você vestir, isso não trará você. Me chame se você precisar de qualquer outra coisa.

Quando ele fechou a porta atrás dele, ela a trancou. Depois de arrastar a camisa imunda acima de sua cabeça, ela a dobrou e a toalha também. Ela agarrou a toalhinha, então andou debaixo da cascata que emitia fumaça. Ao redor de seus pés, garrafas rolavam sem ordem, nenhum projeto. Elas zombavam dela. Ela soube que ela não tinha tempo para organizá-las em grupos de três, mas mal podia resistir ao desejo. Simplesmente não olhe para baixo.

Contudo ela teve que, enfim, agarrar o xampu. Tomando uma respiração, ela pegou uma garrafa de cima.



Então ela fechou seus olhos quando ensaboou seu cabelo, tentando ignorar suas orelhas pontudas sensíveis, afiadas e suas garras, mais longas e mais fortes.

Depois de ensaboar seu cabelo duas vezes e enxaguar com condicionador, ela esfregou sua pele até que queimou.

Cadeon não queria que ela olhasse suas novas características, mas ela não tinha nenhuma inclinação. Ela acabava de sair fora deste pesadelo, quis voltar para sua vida ordenada, seu apartamento ordenado, para seu trabalho.

—Oh, Deus, Tim!

Seu namorado de dois anos estava até agora na Califórnia apresentando sua pesquisa em uma conferência, trabalhando para seu futuro. Eles planejaram para ele conseguir um trabalho em uma firma de segurança de software local e continuar sua pesquisa, enquanto ela ensinaria.

Como ela o enfrentaria depois disto? Como ela podia explicar? Bem, eu fui atingida por este raio, e, *voilà*, eu podia matar uma dúzia de demônios. O raio machucou? Não, foi algo bom. Como um abraço de alguém que você realmente sentia falta.

Ela tinha que conseguir inverter esta condição, estaria disposta a fazer, quase, qualquer coisa para não ser mais como isto.

Eu confiaria Cadeon para me ajudar? A presença confortante que ela pressentiu por tanto tempo, podia ter possivelmente sido ele?

Ela se lembrou do dia que ela ganhou o prêmio para aluno de equações diferenciais do ano. Ele gaguejou e avermelhou, se comportando muito diferentemente de hoje à noite, quando ele tinha sido confiante e forte. E convencido. Ele não podia ter sido mais convencido. Era como se ele tivesse uma personalidade separada ou até um gêmeo mais corajoso.

Seus olhos se alargaram quando ela o recordou no caminhão, tocando nela... reservadamente. Em todo o caos, ela se lembrou daquela mão em chamas a cobrindo entre suas coxas, sua palma áspera a segurando seu... seu grunhido baixo que a fez segurar a respiração.

Quando ela girou debaixo da água, o jato bateu em seus seios, e lhe pareceu delicioso. Picadas de prazer irradiaram por ela....

Como ela podia ser despertada depois do que tinha passado hoje à noite? E depois do que quase teria passado?

Aquele homem, aquele demônio, estava para a estuprar em um altar de pedra. Eles todos estavam. Lembrou de todos eles olhando de soslaio para ela, pensando que eles estariam dentro dela, ela estremeceu com desgosto, qualquer calor se dissipando.

Contudo eles não a machucaram, porque ela se protegeu. Ela matou hoje à noite. Viciosamente.

E eu fiz isto com júbilo em meu coração.

Com esse pensamento, ela deu um grito, seus olhos relampejando abertos, as mãos mergulharam até colecionar as garrafas. O impulso para sistematizar o fortuito não podia ser resistido. Ela curvou abaixo, colecionando as onze amostras. Nenhum múltiplo de três, mas teria que fazer.

Na extremidade da tina, ela repartiu três grupos de três com os espaços entre eles, todas as



etiquetas fora, de curso. Ela se debruçou de volta e olhou os espaços, ajustando eles para uma mesma distância. Ela fixou as duas garrafas restantes no outro lado da tina, em seus topos. Se eles estivessem de cabeça para baixo e separados, então eles não eram parte do mesmo conjunto como os outros. Eles não teriam que ser incluídos. Ela os invalidou.

Ela levantou, e seus olhos imediatamente começaram a esquadrinhar para qualquer outra coisa que organizar. Uma mão entrou na água, pegando seu braço e a arrancando fora do chuveiro. O lado de seu rosto colidiu com um tórax desnudo, muscular. Da mesma maneira que ela estava para gritar, Cadeon cobriu sua boca com a palma calosa.

—Eles estão vindo... - se calou, os olhos verdes imergindo para seu corpo quando ela tentou inutilmente proteger sua nudez. Parecendo dar a si mesmo uma sacudida, ele pegou uma camiseta. - Aqui. Braços para cima!

—Pare de olhar para mim! Eu preciso secar o...

—Holly, ponha seus malditos braços para cima! - Surpreendidos pelo tom, ela fez, e ele arrastou a camiseta de homem acima de seu corpo molhado. Ele puxou a camisa para baixo, corajosamente, familiarmente.

—Eu não estou olhando, gatinha. - ele disse, mas sua voz era mais cascuda, e ela podia sentir seus olhos em seus seios. Ela baixou sua cabeça em mortificação, só para perceber que o botão da calça jeans dele não estava todo abotoado, como se ele se apressasse aqui antes de se vestir totalmente.

Uma linha de cabelo dourado se arrastava de seu umbigo até abaixo de seu estômago plano onde só três botões estavam abotoados. Ele não estava vestindo roupa íntima. Pare de pensar sobre isto. Pare de pensar sobre isto! Ela tragou, evitando seus olhos uma vez mais. Seu olhar caiu sobre a mesa ao lado de sua cama desfeita, visível pela porta de banheiro. Sobre ela estava um livro de psiquiatria, de todas as coisas...

Cade arrastou uma Holly ainda estalando, do banheiro até a guarida, então se curvou abaixo entre todos os pertences dispersos ao longo do quarto. -Dois SUVs pretos acabaram de parar do lado de fora.

Ela não gostava de seu monstro, mas Cade achava que alguns vampiros já tinham arrombado a casa principal. -Aqui, tome esta bolsa. - Ele lançou uma bolsa de lona pré-ensugada para ela. Dentro estavam suas roupas, seu chapéu de jardinagem, dinheiro e equipamento.

—Como você possivelmente pode achar qualquer coisa? - Ela inspecionou o caos, novamente, horrorizada. - É meu sistema. - ele disse distraidamente, olhando sua camiseta molhada. Ela seguiu seu olhar, corando violentamente, arrancando o tecido longe de seus mamilos endurecidos. Mas ele já a tinha visto no banheiro. Deuses, como a viu. Antes, Cade não sabia que ela era uma verdadeira ruiva. Ele não percebeu o quão rosa e apertados seus pequenos mamilos eram. E seus seios eram muito maiores do que tinha visto no passado, até quando ele a viu em seu traje de banho. Eles seriam um punhado perfeito para ele. Ele agitou sua cabeça, precisando se concentrar em conseguir tirá-los fora daqui. - Cadeon, isto não é um sistema. Isto é a ausência estudada de um.

—Sim, não tão bom quanto o que você esteve usando para as amostras de xampu.



Concordou. - Ele não tinha perdido como ela os organizou muito justamente. Ela tinha uma ordem que fazia sua desordem um tipo especial de inferno para ela. Eles iriam ter que conversar sobre ela relaxar um pouco.

Fixando a atenção em sua tarefa, ele vestiu uma camiseta preta, então pegou uma jaqueta de couro de uma cadeira. Viu seu frasco de bebida fermentada de demônio. - Pegue. - Ele lançou isto para ela sem olhar, mas não ouviu sua queda. - Levante a cabeça, - ele disse quando lançou um telefone via satélite em sua direção. Novamente ela pegou isto. A Valquíria. Os reflexos vinham em linha muito bem. Agarrando sua espada e um saco de dormir, ele girou para ela.

Ela olhou para ele piscando, então abaixo no frasco.

—Estes são o material que nós iremos precisar para chegar aqui? Vinte por cento de nosso material é álcool?

—Bom ponto. Vinte por cento é seriamente material de provisionamento. - Sentindo uma mudança no ar, ele lançou a ela o saco de dormir também, e desembainhou sua espada. Em uma nuvem de fumaça, Rök apareceu, com a espada ensanguentada levantada. Holly saltou para trás, mas Rök não se mexeu, abaixando sua arma e ajuntando seu olhar acima dela. Ainda olhando fixamente, ele tratou Cade: - Você a veste com uma camiseta molhada e a faz levar as bolsas? Maldição Cade, eu como, você luta. - Em Demonish, Cade disse:

—Ela não sabe que é minha. Ela terá uma idéia quando eu rasgar fora sua garganta por cobiçá-la assim.

—Advertência recebida. - Rök disse suavemente na mesma língua, girando para Cade. —Há um monte de sanguessugas na rua, esperando você sair. E dois mortos na casa principal.

Cade embainhou sua espada.

— Por sorte existe uma saída nos fundos.

—Você se reunirá com Rydstrom? - A um sinal de Cade, ele disse: - Boa sorte com isto. Aprecie-a enquanto você pode.

—Você fornecerá uma distração? Ou talvez só seja chamado para longe quando eu mais precisar de você?

Rök era um de seus melhores homens, porém o demônio foi chamado mais que ninguém que Cade já conheceu. - É um swimbos. - Rök disse com um entristecido encolher de ombros. No swimbos de Rök ela Deve Ser Obedecida. - Eu posso ajudar nisto?

—Sim, você pode Rök. - Os demônios de fumaça formaram pactos temporários toda vez que eles tiveram intercuro. Os pactos permitiam chamar um demônio à vontade. -Dê ao celibato uma chance.

—Qualquer outra coisa que você gostaria que eu fizesse? Talvez algo possível.

—Captura um destes vampiros para informações. Siga a trilha e pegue quem ordenou. Também, consiga nossa tripulação para erradicar o resto da Ordem de Démonaeus.

—Suficiente fácil. - Cade pegou a mão de Holly e a arrastou em direção à garagem, mas não antes de Rök alargar um olhar em todo seu traseiro muito visível. Em Inglês, Rök disse: - Parece que você está conseguindo um swimbo por você mesmo. - Cade arrancou sua jaqueta fora a colocando em cima dos ombros de Holly. Ele mostrou suas presas a Rök, que meramente deu uma



risada profunda.

—Quem é isto?— Holly sussurrou, com as bochechas incendiando.

—Rök, um demônio de fumaça. Ele é um mercenário em minha tripulação. Um fugitivo. Vive sob a rescisão de uma ordem em duas dimensões. - Cade pegou as bolsas de Holly. - Como você pode ver, ele está dividido sobre isto.

Dentro da garagem existia só uma escolha de veículo. Rydstrom estava dirigindo seu carro normal, um Mercedes raro. E Cade acabou de quebrar seu caminhão velho. Tudo que restava era o orgulho e alegria de Rydstrom, que Cade e Rök estavam estritamente proibidos de dirigir.

Tempos desesperados, Rydstrom...

Capítulo 8

Cadeon abriu o porta-malas do veículo mais incrível que Holly já viu, então apressadamente alojou seu equipamento dentro.

—Que tipo de carro é este?— Ela perguntou, enfiando seus braços na jaqueta. A traguei. Entretanto a parte inferior que provavelmente bateria na cintura dele, quase alcançou seus joelhos.

—É chamado um Veyron. É do meu irmão. - Ele destrancou as portas. - Rápido, entre.

Ela sentou no banco de passageiro, ele afundou no seu próprio, tendo que pegar sua perna e a arrastar para o lado de dentro. Olhando para ela disse:

—A maldição do homem alto em carro esporte pequeno. - Ela levantou suas sobrancelhas no interior de couro. A direção era de metal polido. A chave pareceu com uma unidade USB minúscula.

O pai de Holly tinha sido uma entusiasta de carros esportes. Ela aprendeu a dirigir em seu Porsche Carrera e Masseratti, e em um sábado, ele a levou aos leilões e os mostrou. Mas Holly nunca viu um carro como este.

Cadeon empurrou um botão que dizia começo e abriu as portas da garagem ao mesmo tempo. - Afivele o cinto. - O cinto de segurança era um equipamento de quatro pontos, um cinto de corrida. Quando ela às pressas afivelou acima de seu colo, ele acelerou e se retirou.

A calçada da garagem se dividia em duas direções. Ele virou à esquerda, e o cimento terminou brevemente, se transformando em uma pista coberta de árvores. Deslizando daquela ruela para outra rua atrás, ele disse:

— Eu penso que nós os despistamos.

Ela olhou no espelho lateral de visão. Nada além de ruas desertas. Então ela girou para ele com uma careta.

—Você não vai colocar um cinto de segurança?

—Por que um imortal ia necessitar de um?

—A lei diz que você tem que usar um.



—As leis humanas não se aplicam aos do meu tipo. - ele disse.

—Elas deviam, especialmente desde que você está dirigindo em estradas humanas, operando um veículo que foi construído por humanos.

—Que você saiba. Você realmente está tentando conseguir sua calcinha em um giro disto? Oh, esqueci que você não está vestindo nenhuma.

Ela cruzou seus braços acima de seu peito.

—Você não vai me distrair.

—Você não vai conseguir que eu coloque um cinto de segurança. – Olhando para ela, ele disse: - Imagine o mais velho, mais teimoso, mais irritante cachorro que já viveu. Ele aprenderia novos truques melhor que eu.

Vendo o conjunto teimoso de sua mandíbula, ela decidiu deixar isto, no momento.

—Quem invadiu a casa?

—Vampiros. Eles estão quentes em nossa trilha, por alguma razão. Eles entrarão na casa da piscina, acharão isto cheio de fumaça, e então perderão suas cabeças para a espada de Rök.

—Entendo. O que ele quis dizer sobre um 'swimbo'? Eu provavelmente não quereria ser chamado um, não é?

—Alguns demônios podem ser chamados, mais freqüentemente pelo sexo oposto. Swimbo é um jogo de Quem Deve Ser Obedecido.

—Mas por que ele me chamaria um?

—É tipo de conversão em um termo sexual para uma fêmea que você não se importaria de ser chamada.

—Oh.

—É um elogio, - ele adicionou.

—Claro. Desde que ele também é um jogo em bimbo⁴.

—Eh, eu não faço as palavras, eu só as uso. - Quando o tráfego abriu, ele pôde colocar o carro para andar, acelerando velozmente. A viagem foi suave com uma seda, quando o motor ronronou mais alto, ela levantou as pesadas pestanas.

—Esse som nunca envelhece. - Ela não dirigiu um carro rápido desde que seu pai morreu, seu próprio veículo era um híbrido e ela não tinha se dado conta disto até agora.

—Eu nunca vi um destes.

—Isto é porque só existem trezentos deles. É o carro mais rápido e mais caro do mundo.

—A que velocidade vai?- Ela perguntou.

—Mais de duzentos e cinqüenta. Zero a sessenta em menos de dois segundos e meio.

—Ela tentou imaginar isto. A aceleração total seria como montar um foguete. - Tem mil HP⁵(medida de potência), ele adicionou.

—Duas vezes o de um Porsche. - Ele pareceu surpreso.

—Como você soube isto?

—Meu pai era um fã de carro e eu costumava ir para leilões com ele. Você não acha que isto

⁴ Mulher jovem, bonita e pouco inteligente.



será diferente para nossos propósitos?

—Nós pegaremos o outro carro de meu irmão quando nós o encontrarmos.

—O que ele está dirigindo?

—Um McLaren. - ele respondeu. - É um merce...

—Eu sei o que é. - Ela deu uma risada. -Não exatamente a escolha favorável para encobrimento de veículo. - Cadeon a olhou com uma expressão surpreendida.

—Eu estava pensando a mesma coisa.

A pequena entendia de carros. Demônios amavam carros. E Valquírias. Ele estava condenado. Ela escolheu aquele momento para descruzar suas pernas lisas, chamando sua atenção, lembrando a ele que ela não vestia nenhuma calcinha....

—Cadeon, olhos acima! - Ela puxou sua jaqueta, mas ele subiu até o meio das coxas. - Claramente, eu não posso ficar vestida com isto.

—Eu disse a você que nós não podemos voltar para seu apartamento.

—Então me deixe conseguir um amigo para nos encontrar. - Holly disse. -Eu preciso chamar meu amigo de qualquer maneira para conseguir um substituo para minhas aulas.

—Ele é um bom amigo? - Quando Holly movimentou a cabeça, ele disse: -Aqueles demônios souberam suficiente sobre seu horário de ensino para prender você facilmente. Estaria, além deles, manter um homem na casa do seu amigo?

—Mas meus óculos! Ele pode trazer meu par sobressalente. Eu não posso ler qualquer coisa sem eles. - Seus óculos. Aqueles pequenos pretos que ficam tão sexies em seu nariz. Tinham uma sutil inclinação nos cantos, como os olhos dos gatos, o suficiente para lembrar os anos cinqüenta. As bombas dos anos cinqüenta. Ele perdeu essa década.

—Nós conseguiremos novos óculos para você. E nós compraremos roupas e sapatos na estrada.

—E nós precisamos conseguir meu remédio.

—O que acontece se nós não o fazemos?

Ela fechou suas mãos em punhos.

—Isto não é uma opção.

—Algumas destas facções poderiam pensar em verificar seus registros de farmácia. Isto é uma situação de vida-ou-morte, Holly.

—Entretanto eu entendo muito pouco do que aconteceu hoje à noite, aquele fato me afundou completamente. Mas eu não estou exagerando a importância daquelas pílulas.

—Nós veremos. Isto é o melhor que eu posso prometer.

—Onde nós vamos encontrar seu irmão? - Ela perguntou, deixando o assunto de lado. Ele sabia que ela voltaria a ele eventualmente.

—Norte do lago.

—Então nós temos mais ou menos trinta minutos. Cadeon, você quer amavelmente explicar por que eu sou a menina mais popular na Cidade?

—Você é uma Valquíria agora, de forma que faz de você um membro do Lore, que é uma coleção de seres míticos, exceto que não somos míticos. Quase qualquer coisa você já imaginou



ou leu sobre existir de alguma maneira.

—Como vampiros e Valquírias. - Ele movimentou a cabeça. - E homens lobos, sereias e fantasmas.

—Do que as Valquírias gostam?

—Do estranho, excêntrico. - Bonita para uma guerreira. Holly ajustaria direitinho. -Elas são fortes como o inferno. Rápidas, também, com bons sentidos. - Ele não podia parar a si mesmo de dizer, -Mas elas são muito dóceis e felizes para fazer a vontade de um homem. - Ela fez uma careta nisto, mas antes dela poder perguntar, ele continuou: - Agora, acerca de cada quinhentos anos, uma Ascensão vem, e...

—O que é uma Ascensão?

—É uma força que afeta o reino do Lore por colocar uma espécie contra a outra. Alguns pensam que começou como um mecanismo para aniquilar imortais, ou nós nunca morreríamos, continuando a desovar, e infestariamos a Terra. Então a cada cinco séculos, coisas sem iguais acontecem. E você é uma delas.

—O que você quer dizer?

—Com cada Ascensão, uma fêmea do reino do Lore chamada de Depósito alcança a maturidade sexual. Seu primogênito será o último guerreiro para o bem ou o mal, dependendo da inclinação do pai.

—É por isso que aqueles demônios queriam... a...

—Procriar com você? Sim. E as sanguessugas queriam matar você porque eles não sabiam se os demônios já tinham completado sua cerimônia. - Suas sobranceiras se juntaram.

—Espere. Me chamam de um Depósito? Pode existir um termo mais depreciativo? Por sua definição, um Depósito é de nenhuma importância, comparado ao seu conteúdo. Os Depósitos são disponíveis. Este Reino do Lore não podia ter ido com fabricante de bebê ou forno de pão?

—Me pressionaram por bodega de carga, mas apenas perdeu. - Novamente, ela cruzou suas pernas. Eram torneadas, firmes, tudo o que a natação fez seu direito. Ele se perguntou o que ela faria se ele colocasse sua mão em seu joelho, correndo para cima em sua coxa. Não existiria nenhuma calcinha para o impedir de....

Como se ela soubesse de suas reflexões, puxou a jaqueta para baixo. Inferno, ele poderia ter que entregar ela a Rydstrom completamente. Não. Assim que o pensamento surgiu, Cade esmagou isto. O chame de egoísta, mas ele iria tomar todo segundo com ela que podia conseguir.

—Todos os tipos de facções, ambos do bem e do mal, estarão procurando por você, - ele continuou - sejam eles de raça ou mortos. Até alguns dos bons sujeitos buscarão matar você.

—Por que?

—Porque nas últimas sete Ascensões, só uma boa descendência foi nascida. O resto, são do mal.

—Então as chances são que o meu seria, também.

—Exatamente. Eles agiriam para o bem maior, ou assegurar seu próprio domínio.

—E se eu for estéril ou algo?

—Eles matarão você para ter certeza. - E provavelmente não tomaria de qualquer maneira.



Ela entrou muito tarde na transição para Valquíria. Se ela tivesse problemas, seu corpo simplesmente curaria isto. Ela ficou quieta por longos momentos.

— Isto soa realmente perigoso, me protegendo. Você está fazendo isto só pelo pagamento?

Eu tenho protegido você por meses. Porque você me deixa louco e eu quero você mais do que é certo.

— Sim, só pelo pagamento. Eu tenho uma história de empreender trabalhos duros.

— Quanto você está conseguindo?

— Algo inestimável para minha família.

— Seja mais específico, por favor. - ela disse em uma voz que ela provavelmente usou com desportistas indisciplinados. Segunda regra de ser um mercenário: Esteja por seus dentes, mas saia de perto da verdade sempre que possível, mantenha isto convincente e menos complicado. - Meu irmão Rydstrom, o que nós estamos indo encontrar, é o rei de nossa espécie, os demônios de ira. Mas seu reino foi usurpado por um feiticeiro escuro chamado Omort, o Imortal. Como o nome indica, ele não pode ser morto nos modos habituais.

— Modos habituais?

— A maioria dos imortais pode ser morto só por um fogo sobrenatural ou decapitado. Omort é imune até esses meios. Como você pode imaginar, ele é duro como o inferno para derrotar. Mas agora, se eu fizer este trabalho com você, eu conseguirei uma espada que foi especificamente forjada para matá-lo.

— Um feiticeiro escuro. - Ela comprimiu sua testa. - Só continua melhorando. Eu me pergunto que ele não quer 'O Recipiente' por ele mesmo, desde que todos os demais parecem. - Esta suposição estava um pouco fechada para conforto. Um feiticeiro mau a queria, só não o que ela era consciente.

Então Cade disse a ela a verdade: - Omort não buscará você. Ele não pode procriar com um Recipiente. Porque ele nasceu de um. - Mas seu meio irmão Groot não foi.

— Então se Rydstrom fosse um rei, você é um príncipe?

— De uma coroa perdida.

— Ele é a pessoa que arrastou você para longe aquele dia na frente do campus?

— Você se lembra disto? - Na ocasião ele teve que falar com ela e pela primeira vez em sua vida, tinha estado fora de seu jogo. Infelizmente, Rydstrom estava lá para ver isto. - Sim é ele. Ele é o bom irmão do Woede. Eu sou o ruim. Você verá isto assim que estivermos juntos.

— O que é o Woede?

— É disso que eles nos chamam, porque raramente nos separamos. - Não importa quanto eles pudessem querer.

— O que estava errado com você naquele dia? - Ela perguntou. - Por que você não podia conversar?

— Não podia conversar? Não era assim.

— Você estava murmurando incoerências. - *Engraçado, Rydstrom descreveu isto como tontices.*

— Eu nunca murmúrio.



—Por que você estava no campus de qualquer maneira? Você já estava me vigiando sobre isto?

—Não, era uma coincidência. - Ele exalou. Um predestinado...

Na menção do irmão de Cade, ela notou a mudança instantânea nele. Claramente, ele tinha assuntos com este Rydstrom.

Relembrou do irmão daquele dia dos Prêmios. Ele pareceu mais razoável. Talvez ele fosse mais propenso para responder suas perguntas com respostas diretas, completas. Toda vez que Cadeon explicava algo, ela tinha a sensação que ele estava só andando na superfície do assunto.

E ainda novamente, Cadeon olhava para suas pernas nuas. Ela odiou este sentimento vulnerável, indo sem roupa íntima, sem calcinha, nem sutiã.

Tudo o que tinha aprendido sobre esconder suas emoções ela usou agora. Ela agarrou suas pérolas para se tranquilizar, mas elas não estavam lá. Nada era como devia ser, e ela quis bater algo em frustração.

Esta noite estava toda errada. Um pesadelo para alguém como ela. Ela não precisava de um macho como Cadeon lançando seus olhares luxuriosos, não agora e certamente não quando ela estava desnuda mais cedo. A maior parte do tempo ela tratou de esquecer que tinha um corpo, muito menos um que podia ser sensual. Ou podia parecer sensual.

Nenhum homem a tinha visto, completamente, desnuda antes de hoje à noite. Agora treze demônios tinham visto. Mas não viveram para falar sobre isto.

Oh, Deus, isto é demais, demais para ela.

—Certo, boneca, você precisa parar esse cruzamento de pernas, agora.

—Eu estou desconfortável! - Ela nunca iria tão longe sem roupas de baixo. -Eu não tenho minhas roupas, minha jóia. Meu laptop. Nem mesmo meus sapatos!

—E agora você me tem desconfortável, também. - Ela podia ter jurado que ele ajustou a si mesmo.

—Você...você acabou de tocar a si mesmo.

—Eu sou um demônio. Eu não sou exatamente tímido sobre coisas como esta. - Ela estava intimidada.

—Mas você, você não devia...não pode só...

—O que eu devia fazer? Você é uma fêmea atraente em meu carro que não está vestindo calcinha. Então para fazer você mais confortável, eu devia cortar a circulação em meu c...

—Não o diga! Faço uma idéia. - Suas unhas se cravaram em suas palmas. Não unhas, garras. E por um pouco de razão elas estavam agora enrolando, sua mente bloqueou a memória de seu torso duro, bronzeado levando até aquela desabotoada calça jeans.

—Eu vou reagir. - ele disse. -Ainda que você não seja meu tipo habitual.

—Tipo habitual? Oh, me deixe ver. Swimpos com mais seios que cérebro? - Ele balançou seus ombros largos. -Meu tipo prefere tortas com um pouco mais de carne em seus ossos para que possam ter luxúrias de demônio.

—Tortas? - Sua mandíbula afrouxou. -Meu Deus, você é o mais misógino homem que eu já encontrei. Eu aposto que prefere também suas tortas descalças e grávidas.



—Nah, eu gosto delas descalços, com controle de natalidade e sempre disponível em minha cama.

—Ela balbuciou. E então a verdade de sua situação a abateu. Meu destino está nas mãos de um demônio chauvinista, que parece estar tentando exacerbar minha condição. Ela nunca precisara do medicamento mais que agora, quando pegá-lo pareceu impossível. Sua mente estava cheia com idéias e imagens que não deviam estar lá. Ela era incapaz de parar de ver aquele cabelo dourado levando abaixo de seu umbigo. Quanto mais ela se esforçava para não pensar sobre isto, mais o retrato relampejava em sua cabeça. Como seria aninhar aquela trilha? Para embrear seus quadris quando ela abaixou seu rosto para ele...? Seu coração trovejou com medo do que ela poderia fazer se perdesse o controle. A última vez tinha sido oito anos atrás. Ela apavorou um homem jovem, até que... o machucou. E ele não tinha sido o primeiro.

Capítulo 9

Rydstrom não está aqui. Ele sempre está onde ele diz que estará.

Eles subiram ao lado do estacionamento do posto de gasolina vinte minutos atrás. Cade chamou o telefone celular de Rydstrom novamente, mas conseguiu um fora-de-mensagem ou de área.

—Talvez ele ficou preso no tráfego. - Holly ofereceu.

—De nenhum modo. - Cade esfregou uma palma em de um de seus chifres, então começou a caminhar na frente dos faróis. Mais dez minutos passaram. Algo está definitivamente errado.

Seu irmão tinha dito hoje à noite que Omort estaria despachando tudo que ele tinha sobre eles. Rydstrom de alguma maneira caiu vítima dos poderes do bastardo?

Cade não podia continuar este trabalho sem Rydstrom, ele não sabia onde o primeiro posto de fiscalização estava e não tinha estado em contato com Groot ele mesmo. Eu preciso de Rydstrom para as direções.

Eu preciso dele para me manter na linha com o objetivo.

Meia hora tinha se arrastado quando um Bentley vermelho parou atrás deles, pulando o meio-fio em um alinhamento-destruidor.

—Bem, se não é a louca Nix. - ele murmurou para si mesmo enquanto ela estacionou o carro ofegante. Cade nunca tinha visto um Bentley tão acabado.

Tinha amassaduras na lataria, lama por toda parte dos pneus, nuvens de fumaça que saía do capô e pelo menos dois buracos de bala. Um boneco Garfield estava preso na janela traseira.

Seguramente Rydstrom mandou que ela dissesse a Cade sobre uma mudança de planos. Mas isto era um problema. Cade não podia deixar Nix próxima de Holly sem a chance de ser pego em sua mentira sobre inverter sua transição.

Ele se apressou para o carro e achou a advinha fechando o motor e a vociferar música. - Onde está o fodido de meu irmão?- Cade exigiu assim que ela abriu a porta. A areia despejou do



assoalho.

Nix graciosamente ficou em pé, imediatamente uma robusta espada apareceu atrás dela. Ela vestia uma camiseta em que se lia: Mantenha-me Longe.

—Rydstrom está um pouco preso no momento.

—Que diabo isso quer dizer? - Ele perguntou, estudando os olhos exóticos de Nix em busca de lucidez. Ele os viu ficarem em branco, com confusão, muitas vezes e não podiam dispor disto agora. -Nix, ele mandou você para me encontrar?

—Não. Eu pensei em fazer uma visita para ver minha sobrinha. - Ela respondeu passando por ele em direção a Holly, e ele entrou na frente dela.

—Nada é mais importante que isto para Rydstrom. Se você souber onde ele está, então você deve dizer a mim.

Em tom casual, Nix disse:

—Sabine, a Rainha das Ilusões, o enganou e o capturou.

O medo caiu como um tijolo no estômago de Cade.

—Ela é meia irmã de Omort e Groot. - E se espalha que é cem vezes mais do mal. - O que ela quer com Rydstrom?

—Eu estou achando que ela quer ser engravidada por ele. - ela disse alegremente, enquanto a mandíbula de Cade se afrouxava. - O último reduto de rebeldes em seu reino, seriam forçados a reconhecer o herdeiro de Rydstrom, de forma alguma.

—Mas Rydstrom não pode engravidá-la. Não a menos que ela seja sua fêmea.

—Eu estou certo que com os poderes de Sabine, ela podia trabalhar algo.

—Ela está associada com Omort? Rydstrom está sendo seguro em Tornin? - Ninguém escapa dos calabouços de Tornin.

—Eu não sei se Sabine trabalha com Omort ou se ela tem seu próprio programa de trabalho. E eu não posso ver exatamente onde Rydstrom está encarcerado. Tudo que eu sei é que é uma cela obscura.

—Eu preciso da espada até mais agora. - Ele correu seus dedos por seu cabelo. - Eu não sei como contatar Groot ou até onde o primeiro posto de fiscalização está.

—Eu sei onde está, mas eu não vejo nada, além disso.

—O que? Isto é tudo que eu preciso! Me diga.

—Você só assume que eu vou permitir que você entregue minha sobrinha para um feiticeiro do mal?

—Você foi a pessoa que estabeleceu este acordo! - Ele estalou.

—Mas eu não vi que o Recipiente seria um dos nossos.

—Você sabe o que está em jogo.

—O que está em jogo para você. - ela disse. -Isto é minha família.

—Então por que nós estamos discutindo?

Ela piscou.

—Porque eu sou brincalhona?

Nix caminhou em direção a Holly e sem violência, não existia uma maldita coisa que ele



podia fazer para pará-la. Cade era um mercenário sem escrúpulos, mas ele hesitava em machucar fêmeas. Imediatamente, ele pensou sobre aquela Noiva do vampiro que ele matou. Ou melhor, Cade não as machucava de propósito.

Bloqueie-a....

No carro, Nix disse:

—Venha, criança.

Holly abriu a porta, puxando a jaqueta de Cade mais apertada à medida que ela saía. Ela encontrou Nix olho no olho, quase exatamente a mesma altura que a Valquíria advinha.

—Bem-vinda a família. - Nix beijou ambas as bochechas de Holly com altos sons de estalo, parecendo para não notar a expressão surpreendida de Holly. - Eu sou sua tia Nix, a Que Sempre Sabe. Eu também sou a Probo-Valquíria e advinha sem igual.

—Você é uma Valquíria? - Holly perguntou, ela olhou em uma das orelhas descobertas de Nix.

—Só a mais velha e maior. - Nix respondeu.

Cade disse:

—Ela é um poderoso oráculo.

Os olhos de Nix cresceram prateados com emoção. - E você é a viva imagem de sua mãe. Cabelo ruivo cacheado e olhos violeta.

—Você era relacionada a minha mãe?

—Greta era minha meio irmã.

—Greta. - Holly disse devagar, como se atordoada por finalmente conhecer o nome da sua mãe. -Ela era uma guerreira famosa. Ela morreu duas décadas atrás, uma morte gloriosa na batalha.

—Guerreira? Batalha? Eu pensei que Valquírias eram dóceis. - Nix riu.

—O demônio disse isso a você? - Ela fez um som de tski. - Cadeon Woede! Que vergonha.

—Simplesmente me divertia com isto.

—Quem era Greta? - Holly perguntou.

—Ela era Fúria parcial. - Cade fez um som estrangulado mas o cobriu com uma tosse. - De forma alguma. - A mais feroz das fêmeas corredoras que já existiu. Era uma Valquíria violenta. As fúrias eram...incompreensíveis. Inferno, se Cade a colocasse em cima de Groot, Holly poderia dar cabo do feiticeiro. - Olhou para os olhos violeta de Holly, com o anel escuro em torno da íris. Olhos de Fúria.

—Por que ela me deu para adoção?- Holly perguntou. -Sei que deve ter tido uma boa razão.

E existia confiança nas palavras de Holly. Ela não expressou nenhuma amargura ou dúvida própria acima do fato de que ela foi dada em adoção. - Eu preparei um pacote de boas-vindas junto com uma carta que explicará mais. Mas no momento, você precisa partir. É perigoso para você aqui.

—Para onde eu vou? - Holly exigiu.

Nix balançou a cabeça em resposta.

—Hum, essa não era uma pergunta de sim ou não.



—Realmente. - Eu pensei que nós deveríamos encontrar o irmão de Cadeon.

—Você deveria. -, Nix disse. - Mas ele não está aqui.

Exalando impacientemente, Holly disse:

—Oh, me fale, como eu me transformei nisso.

—Você faz isto parecer uma tragédia.

—Eu... não, eu não tinha a intenção, mas eu só quero voltar para minha velha vida. Eu estou a uma única disciplina de distância de conseguir meu doutorado e eu tenho turmas para ensinar...

—Sim, bem, se eu tivesse estudantes como os seus deliciosos jogadores de futebol americano, eu estaria ansiosa para retornar, também. Ghrrr

Cade incitou Nix:

— De novo, como ela se transformou?

Nix parecia confusa como se ela não entendesse a pergunta, então finalmente respondeu:

— A semente sempre esteve lá, mas foi dado água e sol com o raio. - Ela virou para Holly. - E agora você crescerá como a Valquíria que você nasceu para ser.

—Cade me falou que isso é reversível. - ela disse em um tom tingido com descrença.

—Ele disse, então?

Ele beliscou a ponta do nariz, preparado para ser admoestado.

-Ele tem razão. - Nix disse, o chocando, seguindo com sua mentira. - Só um homem pode reverter isto. O nome dele é Groot o Metalúrgico. Ele é um feiticeiro poderoso. Se você chegar a ele antes de ficar completamente imortal, ele pode te reverter - ela disse, entretanto Cade sabia que ela sabia que isso não era verdade.

Sem uma palavra, Nix passeou de volta ao carro dela, não deixando nenhuma escolha a não ser segui-la. - Agora, eu tomei a liberdade de visitar seu edifício infestado de vampiros e arrumar uma mala para você. Eu sei que você quer se trocar.

Nix abriu o porta-malas, exibindo uma mala grande sobre outra pilha de areia. Ela ergueu a bolsa que parecia pesada com um dedo, colocando-a no chão.

—Oh, e aqui estão seus óculos extras. - Ela puxou um par do bolso de sua jaqueta, dando-os para Holly. - Estilo gatinho do amor, adorei isso!

Enunciando cada sílaba, Cade repetiu: - Gatinho do amor?

Lançando para ele um olhar desvairado, Holly os colocou.

Nix continuou:

—Claro que os óculos ficarão redundantes, desde que sua visão deverá continuar melhorando cada dia. E aqui estão suas pérolas. - Ela entregou um cordão que parecia precisamente com os que Holly normalmente usava. Naturalmente, ela teria auxílios. - Estes artigos são seus talismãs.

—Talismãs?

—Você se sente mais forte quando você os usa?

Holly mordeu o lábio e assentiu.

—Então, sim, talismãs. Agora, essas pérolas foram encantadas. Quando você as usar, você estará protegida de olhos videntes.



Holly virou para Cade, como se pedisse por tradução.

—Significa não os tire. - Ele pegou o colar de Holly e a virou pelos ombros. - Levante seu cabelo. - Quando ela levantou todo aquele cabelo vermelho-dourado cacheado, ele mal se impediu de beijar a esbelta nuca dela...

Ele se balançou e terminou.

—Você precisa se secar. - Nix lhe falou. - Você ainda é uma pequena mortal vulnerável. - Oops, eu esqueci, você quer ficar desse modo. - Ela riu atrás das pontas do dedo dela como se aquela inclinação fosse tão errada que chegava a ser bonitinha.

Parecendo atordoada, Holly pegou a bolsa e se dirigiu em direção ao banheiro do posto.

—O que você acha que está fazendo? - Cade estalou.

Ele caçou na bolsa e arrebatou o primeiro par de sapatos que ele pode achar, os empurrando nos pés dela. Então ele pegou a bolsa e a escoltou para o banheiro das mulheres.

Ela gemeu quando ele a seguiu dentro e conferiu as baías. Antes de sair, ele beliscou o queixo dela. - Um pouquinho, se qualquer pessoa te perturbar aqui, você lhes mostra um pouquinho do que você deu para os demônios. Entendido?

Toda vez que alguém perguntava para Holly o que ela tinha feito na noite anterior, ela respondia: - Estudei, fui para a biblioteca, nadei.

Ocasionalmente ela variava os dois primeiros os fazendo com Tim.

As atividades desta noite? - Matar demônios em um banho de sangue horroroso, receber tiros de vampiros com metralhadoras, ter uma perseguição de carro furiosa por um pântano. Descobrir, quem e o que, minha mãe de nascimento era. Aprender sobre um mundo secreto que existe lado a lado com nosso próprio...

Muito para se aguentar. Ela não respondia bem a mudanças até mesmo nas circunstâncias mais ideais. Agora, ela estava simplesmente... entorpecida, enfraquecida pelos choques que continuavam vindo.

Pelo menos, ela esperava que estivesse entorpecida. Caso contrário isso significaria que ela particularmente não se sentia mal sobre seu assassinato em massa de hoje à noite.

Sim, aqueles homens eram monstros e sim, Holly acreditava que eles tinham tido o que eles mereceram, mas ela não deveria sentir uma punção de algo que ela tinha feito? Repulsão? Medo?

Ela parou em frente ao espelho e encarou os próprios olhos. Os anéis que sempre tinham circulado as íris dela estavam muito mais notáveis. Porque, caso você não saiba, eu sou parte fúrie.

Seja lá o que fosse isso.

Os olhos de Nix também eram misteriosos, mas a cor dourada deles era empolgante, enquanto a violeta de Holly era meramente estranha.

Holly afastou o cabelo, incapaz de ignorar suas orelhas agudamente pontudas por mais tempo. Novamente, orelhas como aquelas pareciam ótimas em Nix, exóticas e interessantes, enquanto pareciam deslocadas e estranhas em Holly. Um dos sintomas de TOC mais clássicos era um medo infundado de perder a si mesmo. Mas o medo de Holly não era infundado. Ela estava se perdendo verdadeiramente, uma característica de cada vez. Se eu somente tivesse meus... - os



olhos dela alargaram. Se Nix tinha apanhado coisas para ela, seguramente ela teria notado todas as garrafas de comprimidos que Holly deixou, enfileiradas no canto.

Buscando sua mala, ela escancarou o zíper. Dentro, ela achou os conteúdos da bolsa de ombro que ela tinha derrubado quando tinha sido seqüestrada. O laptop sem fio e a capinha, o telefone celular, até mesmo seus lenços antibacterianos estavam lá.

Mas nenhum comprimido...

Nix tinha achado aquela bolsa de alguma maneira, então deliberadamente removeu os dois vidros. Por que Nix? Holly apoiou contra a parede, tentada a correr para longe, escapar de tudo isso.

Mas Cadeon e Nix eram os únicos que ela conhecia que poderiam lhe ajudar a voltar ao normal. Holly não tinha escolha a não ser seguir com os planos deles para ela.

Planos que envolviam deixar a cidade.

Ela não tinha cruzado as fronteiras da Paróquia de Orleans em quinze anos. Na verdade, ela raramente ia a qualquer lugar exceto seu apartamento e o campus dez minutos de distância.

O campus era realmente seu mundo inteiro, um microcosmo arregimentado e orquestrado onde as coisas faziam sentido. Dias eram divididos em horários de aulas, semanas em dias escolares, e anos em semestres.

Ainda agora ela sentia como se ela tivesse sido exilada temporariamente.

Mandando aquele pensamento para longe, ela pegou o telefone e discou para sua amiga, Mei. Quando não houve nenhuma resposta, ela deixou uma mensagem.

—Ei, Mei, aqui é a Holly. Eu estava querendo saber se você pode assumir minhas aulas por mágica? Não mágica de verdade. Ha-ha. Um, eu tive uma emergência familiar surgindo e talvez possa não estar de volta por... — quanto tempo iria levar? —uma semana?

Holly se sentia distante enquanto ela falava, aturdida por quão normal ela soava quando estava à beira da destruição. — Ligue para mim se surgir alguma coisa. Eu te devo há muito tempo.

Depois que ela desligou, exalou instável. *Precisa se vestir, se mexa.* Abaixando ao lado da bolsa, Holly conferiu o compartimento lateral por roupa íntima, fechando a cara ao que ela achou. Dentro tinha meias calças 7/8, ligas e sutiãs tomara-que-caia, cada um ainda embalados ou com as etiquetas presas. Todos eles eram do tamanho dela, e eles eram... provocantes. Por que na terra Nix trocava as perfeitamente boas calcinhas de cintura alta e sutiãs diminuidores de Holly por estes?

Deixada com pouca escolha, Holly alisou uma sedosa meia 7/8, e pela primeira vez na vida dela, vestiu uma liga.

Uma vez que estava completamente vestida com as pérolas e os óculos no lugar, ela se fixou em ajeitar o cabelo. Com golpes bravos, ela escovou os cachos atrás, lutando como sempre em submissão, mas agora ela se assegurou de que as orelhas estivessem cobertas.

Com o último grampo no lugar, ela estudou o próprio reflexo. Como poderia parecer tanto a mesma coisa quando por dentro ela estava em destruição? Os olhos dela começaram a molhar, e ela apertou a pia por equilíbrio.



Depois de todas as loucuras da noite, ela só sabia de duas coisas com certeza. *Eu tenho que conseguir reverter essa situação. E Cadeon Woede é perigoso para eu ficar próxima.*

A pia rachou sob o aperto dela.

Capítulo 10

—Cade, você está mal nisso. - Nix disse enquanto pulou sobre o capô do Veyron.

—O que tem de novo nisso?

—Você sabe que Holly não confia em você?

—Ela não deveria! E aparentemente, nem em você. Assim, não me deixe esperando. Por que você mentiu para ela?

—Eu quis ver onde você estava indo com isto.

—Eu estou seguindo com o plano. - Ele abriu o carro e pegou a bolsa dele. Buscando pelo frasco, ele o pegou, então bebeu profundamente da bebida fermentada de demônio. Infelizmente tinha um efeito demorado, mas ele semearia os zumbidos para o futuro.

—Você acredita que você poderia entregar Holly para um feiticeiro mau, justamente quando ela pode ser reivindicada por você? Você esperou nove séculos por ela.

—Eu tenho que fazer isto. Eu não quero. Deuses, eu não quero. Mas agora aquela puta da Sabine tem meu irmão e eu já devo muito a ele. Este é o único jeito que eu posso compensar o que eu fiz. O reino e sua gente estão dependendo de mim agora, e somente de mim.

A verdade daquela declaração o abateu como um soco perdido. *Foda-me.* O destino de todos os Rothkalinians descansava nos ombros da ovelha negra, ele nunca o faz bem.

Falando nisso...

—Você falou para Rydstrom que Néomi a mortal morreu. Você tem certeza?

—Absoluta.

Cade não tinha percebido que ele tinha gastado muita esperança de que ela tivesse sobrevivido. *Bloqueie isso...*

Nix o estudou.

—Eu estou considerando me juntar a você enganando Holly. Principalmente porque eu não acho que você poderá entregá-la. E, não, eu não vi isso acontecendo. É um palpite. E secundariamente, porque eu acredito que você tem que ser cruel para ser amável. Holly precisa ser educada sobre o mundo, abrupta e rapidamente, ninguém seria melhor nesse esse trabalho que você.

—O que você quer dizer com educada? Ela é tão educada quanto ela pode ser.

—Eu quero que Holly vivencie a vida. Para afastar a blindagem que ela tem confiado tão assiduamente. Eu acho que você é exatamente o tipo de pessoa para lhe mostrar o que ela não sabe e não quer saber. Minha sobrinha é inocente de tantos modos e chega um tempo na vida de uma mulher quando inocência é somente um eufemismo para ignorância.



—Quão inocente ela poderia estar neste dia e idade?

—Ela evita qualquer coisa que poderia despertar sua tendência de Valquíria, qualquer coisa que desperte sua fúria. Ela se contenta com o computador, e não tem nem TV a cabo. Vive uma vida programada. Ela sublinhou estas tendências tão persistentemente que se deixa doente todo o tempo.

—É sobre isso que as contagens dizem respeito?

Nix acenou com a cabeça.

—E qualquer coisa que ela não possa ajeitar, ela se medica.

—Ela quer as pílulas dela agora.

—Bem, como sua titia, eu digo que ela não as pode ter. Agora, outra Valquíria deve ter sentido a energia emergindo dela. Elas estarão procurando por ela logo.

—Então você precisa impedi-las.

Depois de um longo momento, Nix disse:

—Eu farei isto. Se você jurar não pular nenhum passo da viagem.

—Você só quer isso porque me dará mais tempo para ficar junto dela, aumentando as chances de eu mandar todos se ferrarem e ficar com ela.

—Sim.

—Maldição, a viagem levará muito tempo, possivelmente semanas. O complexo de Groot poderia estar tão longe quanto o Alasca. - Cade se inclinou para o frasco dele. - E Rydstrom disse que o prazo final era a lua cheia. E se nós não o fizermos até lá?

—Essa é minha condição.

—Ela estará em mais perigo. Pense nisto, assim que ela estiver com Groot, ela será escondida.

—Pegue ou deixe. Mas você não irá muito longe sem o primeiro posto de checagem.

—Ok. - ele grunhiu. - Eu aceito sua condição. - Mais tempo com Holly. Mais tempo para se prender a Holly.

Ela emergiu do banheiro naquele momento.

Com o cabelo recolhido naquele coque perfeito, ela usava os talismãs dela, um suéter indescritível e uma dessas saias que abraçavam seu carnudo traseiro e fazia machos como ele desejarem que pudessem ser o que liberaria toda a paixão que fervia dentro dessa fêmea exteriormente afetada.

Os ombros dela estavam para trás, o queixo elevado. Sua marca de confiança tinha voltado com força completa.

Aquela confiança de mulher sensualmente inteligente. Cade queria beijá-la até seus joelhos enfraquecessem.

—Onde nos metemos? - ele perguntou ausentemente para Nix. Naquele momento, mais tempo para se prender a Holly parecia a melhor coisa.

Nix respondeu: - Mississippi Mile marker 775. Você vai para o norte de Memphis para encontrar um demônio nomeado Imatra. Existem instruções mais detalhadas na bolsa de boas vindas que eu arrumei para Holly.



—Uh-huh. - Ele se lançou para frente para pegar a mala de Holly, jurando ficar calado até que ele recuperasse o equilíbrio ao seu redor ou até o conteúdo do seu frasco finalmente entrar em vigor.

—Eu quero falar com minha tia sozinha.

Holly tinha esperado que Cadeon discutisse. Ao invés, ele tinha vestido um chapéu de couro batido, murmurou algo sobre pegar comida para a estrada e atualizar Rök, então se enfiou dentro do posto.

—Olhe para ele naquele chapéu. - Nix disse. - Um apelo sexual tão potente que deveria ser ilegal. - Ela o olhou todo o caminho até entrar, fazendo um baixo som rosnando e ajustando a espada amarrada em cima das costas em movimentos espasmódicos.

Sim, Cadeon poderia estar bonito, mas o fato que permanecia era que ele era um demônio com chifres.

—Eles não fazem mais como esses. - Nix suspirou, na frente dela.

Holly foi golpeada novamente por quão sobrenaturalmente adorável e peculiar, sua nova tia era.

—Eu quero te agradecer por trazer minhas coisas. Mas por que havia, estas lingerie novas e meia-calças?

—Porque eu sabia que você teria roupas de baixo úteis. - Ela deu um falso tremor. - Valquírias gostam de coisas sensuais, bonitas, e coisas úteis raramente se encaixam em um dos dois. Assim eu juntei um grande valor de lingerie para você.

Holly tinha precisado da lingerie, nada sexy, para fazê-la se sentir, bem, muito não-sexy.

—Aconteceu de você apanhar quaisquer dos frascos de pílulas no canto?

—Ah, aquelas garrafas organizadas naquela perfeita linha reta, divididas em três. Tudo em sua casa era perfeitamente linear. Ou em três. Ou em ângulos certos. - Nix disse, seus olhos dourados parecendo ver através da alma de Holly por um minuto, mas ficando vazios em seguida. - Eu me encantei rompendo cada um e todos os padrões.

O estômago de Holly agitou. A imagem da casa sacrossanta dela, perfeita como ela tinha deixado, tinha lhe estado ajudando a passar pela noite. Ela tinha pensado que uma vez que ela voltasse lá, poderia deslizar direto para sua antiga vida.

—Rompendo?

Exatamente quando Holly estava certa de que vomitaria, um raio iluminou o céu atrás dela.

Nix sorriu ao relâmpago, parecendo contente com isto.

—Você não precisa mais das pílulas. Você as usou para abafar suas características de Valquíria porque você não as entendia. Mas agora você já não precisa.

—Não, eu quero reverter isto. Eu preciso. Eu odeio mudanças, eu não posso aguentar isto. - Holly disse, apertando a testa. - Quanto tempo levará para chegar a este feiticeiro?

—Em qualquer momento de uma semana a um mês.

—Quanto tempo eu tenho até que não tenha tempo para reversão?

—Você tem asperamente o mesmo prazo antes de ser uma genuína Valquíria.



—Se as pílulas abafavam minhas características de Valquíria antes, então elas reduziram a velocidade desta transição? Elas poderiam me dar mais tempo para chegar a este feiticeiro?

—É possível. - Nïx encolheu os ombros, jogando para trás seus longos cabelos pretos, os mais sedosos que Holly alguma vez tinha visto. - Embora eu não possa dizer com certeza. Eu não vejo nada predeterminado saiba que farmacologia humana está abaixo de minhas notificação.

—Nïx, por favor, eu posso não parecer, mas eu estou caminhando na ponta da navalha agora mesmo.

Ela acenou com a cabeça gravemente. - Eu sei. No sanitário público, você teve o desejo de gritar ao teto e arrancar seu cabelo. E realmente, querida, eles têm alguém para limpar aquela área.

Como ela viu. Assim foi como soube tudo.

—Então me fale, toda essa coisa de recipiente é verdade?- Holly perguntou.

—Sim, infelizmente é. Melhor escolher o pai do seu bebê cuidadosamente.

—Por que eu?

Nïx disse:

—Um golpe de azar.

A face de Holly apresentou uma expressão de desgosto. Azar era somente uma ocorrência fortuita que não entrava a favor das pessoas. - Mas se eu conseguir reverter a mudança de Valquíria, eu continuarei sendo o recipiente?

—Eu não vejo como você poderia ser. O Recipiente deve ser do Lore.

—Assim se eu puder voltar ao normal, as pessoas deixarão de tentar me matar? - Holly não poderia perder essa chance. Ela poderia entrar em ação para combater a bagunça.

—Teoricamente, isso seguiria.

Assim faça a trilha de raciocínio: Consiga reverter a mudança de Valquíria, perca o status de Recipiente. Deixe de ter assassinos imortais que tentam me matar ou demônios me atacando. Fique livre do jogo de finita solução de morra ou viva. Volte a ficar a um código de distância do PhD e a vida prévia. Eventualmente, tenha uma criança normal. Nenhum último mal.

Nïx disse:

—Mas eu acho que quando a escolha chegar, você terá aprendido a gostar de seu novo jeito. Afinal de contas você terá um ego.

—O que significa isso?

Ela puxou um cacho livre do apertado coque de Holly, a irritando.

—Quem é você, sobrinha? Você não tem nenhuma idéia. Entretanto, logo vai ter. - Nïx lhe deu um sorriso, como se Holly estivesse por fora de uma piada particular. - Bem, eu devo ir. Proto-Valkyrie e vidente sem Igual está esgotada, ingrato trabalho, mas Nïxie tem que fazer isto.

—Espera! - Holly a seguiu para seu maltratado Bentley. -Eu tenho tantas outras perguntas. Minha mãe morreu jovem? E quem era meu pai? Como eu entrarei em contato com você? Há mais de nosso tipo andando por aí? Como eu posso reconhecê-las?

—Todas as suas perguntas serão respondidas no devido tempo.

Este ser já tinha todas as respostas.



—Por favor, me leve com você! Você disse que eu era família. - E Holly sentia que algumas horas mais com Cadeon poderiam enviá-la para o limite.

—Se você quiser continuar uma Valquíria, então pule dentro. Nós temos caos em torneira para esta noite. - Nix disse, apontando para o banco traseiro dela. Holly olhou dentro, então fitou horrorizada. O espaço estava empilhado com xícaras de Pat O'Brien, balões vazios, pacotes de amendoim cheios, e caixas que diziam: Perigo! C-4 plástico.

Ela deu um involuntário passo para trás.

Nix continuou alegremente:

— Mas se você se fixar na reversão, eu não posso te levar ao Groot. A fortaleza dele é escondida, e você terá que passar por uma série de postos de checagem para localizá-lo. Levará uma semana pelo menos, uma semana que eu não tenho desde que eu estou lutando um apocalipse. Somente pense Holly - ela passou um braço ao redor dos ombros de Holly, e balançou a outra mão em um arco em frente a elas - um apocalipse, o ultimato em desordem.

Holly estremeceu.

—Você gostaria de me afastar de prevenir isso? - Nix perguntou, a libertando.

—Bem, claro que não, mas...

—Se você for inflexível sobre ter seu dom destruído, então eu arranjarei isto de forma que Cade tem que te levar seguramente ao feiticeiro para ganhar a espada dele. É o que você quer?

—Eu quero ir, mas não sozinha com ele! Eu não suponho que você poderia contratar alguém menos...

—Inacreditavelmente gostoso? Com chifres menos lambíveis e um sotaque sul africano menos sensual? - Ela balançou a cabeça, abrindo a porta de carro dela. - Não, Cade pode te manter segura. Ele é forte, e ele é cruel. - Os lábios de Holly separaram sem palavras. Chifres lambíveis?

—Oh, eu quase esqueci. - Nix foi buscar uma bolsa pesada do assento de passageiro. - Aqui esta seu kit de boas vindas. Tenho que ir agora. *Ciao!*

Enquanto Nix ligou o carro, Holly disse: - Uma última pergunta.

—Muito bem, querida.

—Eu posso confiar em Cadeon?

Nix lhe deu um sorriso ensolarado com os olhos dourados em branco. - Tanto quanto você pode lançá-lo.

Capítulo 11

—Eu acho que nós vamos manter o ilustre carro? - Holly perguntou quando Cade entrou na rodovia, indo para o norte.

—Por hora. Nós temos que sair da cidade, rápido. Coincidentemente, este carro arrebenta.

—Aonde nós vamos primeiro?



—Memphis. Nix disse que ela pôs as direções em sua bolsa.

Holly alcançou no banco de trás, agarrando a bolsa pesada que a tia dela deu. Dentro, ela achou seu passaporte, uma carta manuscrita, um mapa com um X bem em cima de Memphis, e dois tomos pesados. Um era chamado O Livro Vivo do Lore, o outro O Livro dos Guerreiros.

Enquanto ela pegava a carta, Holly perguntou:

—Por que Nix parecia ausente algumas vezes?

Cade tomou um gole de red bull, nunca olhando na direção dela.

—Ela está tão ocupada vendo o futuro que ela se distrai no presente. Você se acostuma a isto. E mais, ela tem mais de três mil anos.

Isso era de explodir a mente. Nix parecia ter a mesma idade que Holly.

—Quantos anos você tem? -

—Quase um milênio. - Cade aparentava não mais que trinta e quatro ou trinta e cinco anos.

—Você não estava brincando sobre ser medieval. Por que seu acento não é?

—O Reino do Lore se adapta a idiomas evoluindo e dialetos. É inconsciente.

Quando Holly arrebentou o selo de cera preta da carta, Cade se inclinou para esquadrihar os conteúdos.

Ela dobrou o canto da carta até que ele encolheu os ombros e olhou adiante novamente. Então ela leu o manuscrito florescente, ou tentou os óculos dela na verdade pareciam fazer aquilo difícil...

*Mais Querida Sobrinha,
Bem-vinda à família afinal!*

Esta carta explicará mais sobre o que eu não tive tempo. Dentro do seu pacote de boas vindas você achará dois livros. Um é a história de nossa origem e um registro das valquírias guerreiras mais nobres. A história de sua mãe está entre elas.

Seu pai era um engenheiro civil humano, o grande amor da vida de Greta. Ele foi morto com um golpe de vingança para uma das invasões de vampiro dela antes mesmo que Greta soubesse de você.

Golpe de vingança? Invasão de vampiros?

—O reino do Lore é mais violento que o dos humanos? - ela perguntou para Cadeon.

Sem virar para ela, ele disse:

—Muito mais. Nós temos guerras constantes acontecendo.

—Guerras constantes. - ela repetiu. Por que alguém como Holly alguma vez iria querer descender nesse novo, ainda mais tumultuado mundo...?

Greta estava com o coração partido por te deixar, mas é o jeito das valquírias renunciar a descendência humana. E todos nós pensamos que você era mortal. Ela fez isto com amor no coração por você. Nunca duvide disso.

Holly não duvidava. Ela agora sabia que sua adoção pelos adoráveis Ashwins não tinha sido um acidente.

O segundo livro explicará alguns dos aspectos deste mundo novo em que você se encontrou empurrada.



Leia ambos os tomos. Haverá um Quiz.

Agora, eu sei que você expressou algumas dúvidas sobre continuar uma Valkyrie...

Como ela poderia saber disso? A menos que...

—Ela realmente é uma vidente. - Holly murmurou.

Parecendo relaxar um pouco, Cade disse:

— Oh, sim.

Mas eu peço que você dê ao valquirismo pelo menos uma prova esportiva. Todas as crianças legais estão fazendo isto. E tudo que você tem que fazer é abraçar tudo que você alguma vez temeu e evitou durante os últimos vinte anos. Simples o bastante!

Lamba os chifres de Cade por mim, e, sim, você pode tratá-lo como um mercenário se você deseja, porque isso é certamente o que ele é e o que ele costumava fazer.

Lamber os chifres dele? Holly tentava agir como se eles não estivessem lá absolutamente, muito menos lambê-los!

Duas dicas: Se você precisar ter certeza de que seu guardião está lhe contando a verdade sobre qualquer coisa, o faça 'jurar pelo Lore'. E se você não quiser se pôr grávida, não coma. Valquírias são estéreis se elas não consumirem os frutos da terra.

Calorosamente,

Nix, Proto-Valkyrie, Vidente sem Igual, Semideusa, sua amorosa titia.

Dobrando a carta, Holly ficou atordoada. Muita coisa para se pensar. Tanta informação e estava, só, na carta de introdução. Simplesmente aprender a ocupação do pai dela era tormentoso para ela. Com um suspiro, ela tirou O Livro de Guerreiras e pulou para seção - Origem das Valquírias - e se encontrou escravizada pelo conto.

O Lore dizia que milênios atrás, os deuses Wóden e Freya foram despertados de uma década de sono pelo grito de uma guerreira enquanto ela morria na batalha. Freya tinha se maravilhado da coragem da moça e quis preservar isto, assim ela e Wóden golpearam a humana com o raio deles. A moça despertou no grande corredor, curada, mas inalterada, ainda mortal, e grávida com uma filha Valquíria imortal.

Nas eras que passaram, os raios deles golpeariam as mulheres guerreiras agonizantes de todas as espécies do Lore, de Fúrias a metamorfos e Lykaes. Freya e Wóden deram as suas filhas a beleza de Freya e astúcia dele, então combinaram estas características com a coragem da mãe e ascendência individual. As filhas eram todas meio-irmãs, cada uma única, mas de acordo com o Lore, alguém sempre poderia reconhecer uma Valquíria se os olhos dela incendiassem prata com fortes emoções.

Holly olhou para cima.

—Meus olhos ficaram prateados esta noite?

Cadeon acenou com a cabeça, lhe dando finalmente uma olhada.

—Foi como eu soube que você tinha virado Valquíria, ou tinha começado. - Ele esfregou as palmas na calça jeans, guiando brevemente com os joelhos. -Todos no Reino do Lore têm olhos que viram uma cor específica. - Os de Cadeon ficavam pretos.



Correndo as pérolas dela ao longo dos lábios, ela ponderou esta nova informação. Se Holly acreditasse nesta lenda, então isso significaria que ela era a neta de deuses escandinavos.

Uma coisa era um adotado descobrir que ele ou ela vinha de uma família rica ou famosa. Mas isto era ridículo.

E ainda, estas informações explicavam tanto sobre ela que nunca tinha entendido, coisas que um psiquiatra pomposo tinha estado completamente pronto para medicar.

Sua obsessão com jóias brilhantes? Toda Valquíria tinha isto, porque elas tinham herdado a cobiça de Freya.

A fascinação de Holly com raios e seus, desejos incontrolláveis, de correr para tempestades de trovão? Uma Valquíria tirava nutrição da eletricidade, levando energia da terra. Raios eram como as espécies tinham sido criadas primeiramente e como Holly foi transformada.

Ela se perguntava se seus avós a tinham golpeado com aquele raio confortante, ou se o raio tinha sido atraído a ela durante seu tumulto emocional.

E a força esquisita de Holly que ela tinha lutado tão duro para disfarçar? Valquírias eram sobrenaturalmente fortes, ferozes, e bélicas.

Como também amorosas...

Ela se lembrou da primeira vez que ela tinha estado na cama com um macho, um colega de escola chamado Bobby Thibodeaux. Eles tinham dezesseis anos, e alguns dos beijos sem prática de Bobby a tinham deixado louca. Ela tinha saltado nele, o dominando.

Holly tinha estado tão apegada ao momento, que não tinha percebido quão aflito ele se tornara. Ela tinha registrado eventualmente que ele tinha deixado de beijá-la de volta e que as unhas dela tinham estado cavando nos braços dele, o segurando enquanto ele tentava sair de debaixo dela desesperadamente. Quando ele tinha aberto a boca para ela com medo, ela tinha piscado para ele. Como se outra pessoa tivesse habitado o corpo dela, ela murmurou: - acho que nós devíamos nos separar aqui? - Quando ela o libertou, ele tinha fugido.

Uma vez que os contos de Bobby tinham circulado na escola, nenhum menino lhe convidara para sair, assim ela tinha se enterrado até mais nos estudos.

Na realidade, ela não tinha tentado estar íntima com outro homem até seu primeiro ano na faculdade.

A única coisa diferente sobre aquele encontro era que ela tinha ficado mais agressiva e até mais forte.

Sacudindo aquela memória para fora, Holly virou para página de Greta em O Livro dos Guerreiros. Greta foi uma mestre estrategista e tinha conduzido tropas de Valquírias, bruxas e Fúrias na grande Batalha das Planícies de Destruição.

Se as datas daquela batalha estivessem corretas, então Greta tinha ido para a guerra quando tinha estado grávida de Holly. Seis anos depois, Greta tinha perdido a vida na linha dianteira do infame. Décimo oitavo cerco noturno.

Holly foi golpeada pelo fato de que se um mundo novo existisse, então ela teria uma história completamente nova para aprender. Sentindo-se exausta de repente, ela arrastou o pesado Livro Vivo do Lore sobre o colo sem entusiasmo. Esquadrinhando as páginas, ela achou entradas



enciclopédicas para cada uma das ‘espécies conhecidas’. Depois de uma breve introdução, seguiria uma história mais detalhada. Folheando, ela achou tudo de fantasmas e sereias, até Wendigos⁵ e demonarchies...

—Você quer algo para comer ou beber? - Cadeon perguntou.

Ela não tinha fome de qualquer forma.

—Você tem qualquer coisa para beber diferente de Red bull?

Ele puxou uma garrafa de água do espaço atrás do assento dela, dando a ela.

Minha marca favorita.

—Obrigada. - Ela torceu cuidadosamente a tampa, determinada a não tocar...

Merda! Ela tinha tocado a beira da garrafa. Com um suspiro, ela repôs a tampa e colocou a garrafa aos pés dela.

—Algo errado com a água?

Ela debateu em não responder, mas imaginando que ele descobriria todas suas manias dentro do próximo par de semanas de qualquer maneira, as dificuldades para comer, a fobia com germes, a organização infinita.

—Eu toquei a beirada. - Ela levantou o queixo. - Teve uma transferência. Eu não posso beber disto agora. - Em vez de rir dela, ele alcançou atrás do assento dela para agarrar outra garrafa. Ele abriu sem contaminar a beirada, então deu para ela. - Estas tampinhas devem ser uma pedra no sapato.

Os lábios dela separaram. Ela tinha se queixado com Mei das tampinhas modernas exatamente na semana passada.

—Então, ainda se sente subjugada? - ele perguntou.

—Um bocado. - Tomou um gole. Ela continuava se sentindo como se estivesse lendo ficções, como se tudo isto fosse de longe muito fantástico para ser verdade.

Até mesmo quando um demônio de mil anos sentava a trinta centímetros de distância dela.

—Leia o livro para mim e eu adicionarei detalhes ou explicarei coisas.

—Como eu posso confiar em você? Você disse que Valquírias eram dóceis. No O Livro de Guerreiros, eu li sobre Kaderin a coração frio, uma assassina que amarra as presas colecionadas das cabeças de vampiros que ela decapita. E então há Emmaline a Improvável, que matou o próprio pai dela. O picou em três pedaços. - *Três. Eu já gosto de Emmaline.* -Claramente, eles são o quadro da docilidade.

⁵ **Wendigo** (também *Windigo*, *Windago*, *Windiga*, *Witiko*, *Wihtikow* e outras variações) é um criatura sobrenatural que faz parte da mitologia do povo indígena da América do Norte Ojibwas. De acordo com a mitologia, o Wendigo é formado a partir de um humano qualquer, que passou muita fome durante um inverno rigoroso, e para se alimentar, comeu seus próprios companheiros. Após perpetuar atos canibais por muito tempo, acaba se tornando este monstro e ganha muitos atributos para caçar e se alimentar mais como, por exemplo, poder imitar a voz humana, escalar árvores, suportar cargas muito pesadas, e além disso tem uma inteligência sobrehumana. O Wendigo também tem a capacidade de hibernar por anos, e para suportar os invernos, estoca suas vítimas em cavernas subterrâneas onde as devora lentamente.



—Como eu dissesse, eu só estava tendo um pouco de diversão. Seria como dizer que sereias não gostam de cantar. - Ela inclinou a cabeça para ele.

—Assim, se eu tivesse perguntas, você as responderia verdadeiramente?

—Sim, se você responder perguntas sobre você.

Ela não via problema.

—Muito bem. Eu começarei. Quantas demonarchies existem? Onde eles estão?

—Há centenas. Quase toda raça de demônio, dos demônios de fumaça como Rök para os demônios phatos, tem um tipo de reino, normalmente em um plano separado.

—Plano separado? Existem tais coisas?

Ele acenou com a cabeça.

—Existem mais dimensões do que podem ser traçadas.

—Como é chamado seu reino?

—Rothkalina. - Quando ele disse isto, o acento dele se tornou mais pronunciado, como se até mesmo a menção de sua casa provocasse nele um sentimento agudo.

—Como se chega lá? - ela perguntou.

—O portal mais acessível está na África do Sul.

E isso explicou o sotaque.

—Assim se parece um universo alternado? Tem céus roxos e um sol verde?

—Nah. Rothkalina se parece muito à costa ocidental da América do Norte.

—Oh. - ela disse, se sentindo um pouco tola. Então fechou a cara. - Mas se Omort é um feiticeiro, por que ele quereria assumir um reino de demônios?

Capítulo 12

Menina inteligente, Cade pensou. Poucos haviam lhe perguntado isso, embora essa parecesse uma das coisas mais materiais na mente dele.

—A terra é rica. - ele respondeu. - E o reino fica estrategicamente situado.

Mas na verdade, Omort não tinha nenhum uso para o reino, e só o mantinha porque ele podia. Quem controla Tornin controla o reino.

Omort desejava o que estava dentro do castelo.

Antes da história escrita, Tornin tinha sido construído ao redor do lendário 'bem das almas', para proteger aquela fonte mística de poder de feiticeiros como Omort. E os demônios da raiva tinham sido despachados a Tornin para guardar o lugar seguro.

Mesmo que eles nunca tinham sido avisados exatamente o que o 'Bem das almas'... fazia.

—Por que vocês são chamados demônios da raiva?

—Nós ficamos... enfurecidos em nossas formas demoníacas. Fúria descuidada e tudo aquilo.

—Forma demoníaca? Como quando você lutou hoje à noite.



—Sim, bem, isso foi somente um exemplo. - Na forma completamente endiabrada dele, sua pele escureceria, avermelhando, enquanto o corpo dele cresceria mais alto e maior. As presas se prolongariam, e os chifres se afiariam, alcançando o tamanho cheio deles. Naquele estado, ele poderia emitir uma toxina das pontas que poderiam paralisar temporariamente até mesmo um imortal.

Ela engoliu.

—E com que frequência você fica enfurecido?

—É extremamente raro virar completamente. Só acontece quando a vida de um demônio ou a vida de um da família dele estiver em risco.

—Ou quando ele reivindicar a fêmea dele pela primeira vez.

—Por que o Reino do Lore é escondido de humanos?

—Historicamente, toda vez que alguma facção sai do armário, eles são mortos.

—Como quem?

—Durante milênios, as bruxas se mantiveram saindo, até o último festival de fogueiras. E todas essas pessoas no passado que foram mortas porque supostamente estavam possuídos por demônios? Eles eram demônios.

—Mas como todos estes seres mantêm segredo dos humanos?

—É mais fácil que você pensa. Nós assentamos principalmente em cidades loucas, cidades de festas. A maioria dos humanos assume que qualquer coisa é uma fantasia ou, nestes dias, parte de uma brincadeira da MTV. - Ele ficou mais sério. - Mas todo mito é um exemplo de quando alguma criatura do Lore desossou, resolveu aparecer.

—O que faria você se você fosse pego agora mesmo? E se você colocasse seu chapéu e um policial quisesse que você tirasse?

—Muitos demônios correriam, colecionando um par de balas, então sairia de visão para se riscar.

—Riscar? Eu li sobre isso. Significa teleportar?

Ele acenou com a cabeça.

—Mas não todas as raças de demônio podem fazer isto, e desses que têm o potencial, eles têm que trabalhar para dominar isto.

—Eu assumo que você não pode, uma vez que você não nos riscou em vez de passar pelo pântano.

—Eu era capaz. Durante séculos eu desfrutei daquele poder. Mas Omort tirou minha habilidade de riscar. Do meu irmão também.

—Você nunca conseguirá de volta?

Ele encontrou os olhos dela.

—Assim que aquela espada corte a cabeça fora do pescoço dele, nós estaremos livres.

A expressão de Cadeon cresceu sinistra, como se ele estivesse imaginando decapitar Omort bem naquele momento. Então o olhar dele deslizou para ela, e ele parecia tremer.

—Então perguntas sobre você agora...

—O que você quer saber?



—Como você descobriu que era adotada?

—Minha adoção nunca foi um segredo. Minha mãe me contava a história do dia que alguém me deixou no degrau da porta deles. Ela sempre me chamava de ‘achado dela’. Holly sorriu suavemente. - Eles tinham tentado durante anos engravidar. Quando eles não puderam e buscaram uma adoção, a paróquia disse que meu pai era muito velho. E mais vivido que ela.

Embora não por muito. Ele tinha estado tão totalmente apaixonado pela esposa dele de quarenta e cinco anos que quando eles a tinham perdido para o câncer, ele só tinha querido segui-la onde quer que ela tivesse ido. Os pais dela tinham tido um tipo extraordinário de amor, do tipo que você lê a respeito, mas raramente vê.

Os pais biológicos dela tinham experimentado isto, também?

—Eu aposto que você nunca imaginou que sua mãe de verdade fosse uma guerreira Valquíria. - ele disse, tomando um profundo gole de red bull.

—Não, nós sempre tínhamos suposto que ela era uma adolescente solteira. - Um cheiro pouco conhecido a atingiu, e ela cheirou o ar. - Você está... bebendo? Você colocou álcool na sua bebida?

—Talvez.

—Você está bebendo e dirigindo!

—Se eu estivesse tonto, meus reflexos ainda seriam mil vezes melhor que um humano.

—Você amaldiçoa como um marinheiro e denigre as mulheres, e agora eu descubro que você dirige sob a influência do álcool.

Ela investigou em cima do velocímetro.

—E você faz isto muito rápido.

—Verdade, verdade, verdade. E você não vive um pouquinho, não libera as energias e nunca se diverte.

—Eu me divirto!

—Você não conheceria a diversão nem se ela a mordesse no traseiro. - O queixo dela se elevou.

—Você pensa que eu sou um par de sapatos velhos, uma imaculada.

—Eu ia dizer um traseiro- apertado. Mas imaculada poderia servir. Especialmente depois do que Nix me contou hoje à noite sobre você.

—O que ela disse? - Holly exigiu.

—Ela disse que você é inocente e não só em corpo. Eu tinha percebido que você definitivamente era uma virgem, mas...

—Como? - ela interrompeu. Ela não era reservada sobre a virgindade dela, mas não tinha pensado que seria tão óbvio para os outros.

—Você tem isso escrito por toda parte em você. É como uma placa chamejando para machos como eu.

—Por favor. Me fale. O que tenho de inscrito chamejante em cima de mim?

—Faminta por isto.



Ela olhou ao teto do carro, buscando paciência. Porque que o céu a ajudasse, ele poderia ter razão.

—Assim, eu saquei que você era inocente de corpo, mas a parte de inocente na mente me surpreendeu. Como isso é até mesmo possível?

—Por que não poderia ser? - ela perguntou.

—Com mídia e tal hoje em dia. Sexo é penetrante.

Era. Mas Holly tinha se treinado diligentemente para dar as costas. De alguma maneira, ela infalivelmente se forçou a evitar qualquer coisa que pudesse fazê-la perder o controle, qualquer coisa erótica, apaixonada, comovente, enfurecida....

Um casal se beijando no campus? Se vire. Uma cena vaporosa na TV? Se vire. - Você pode aceitar que um alcoólatra evita a loja de bebidas? Ou que uma pessoa de dieta evita a padaria?

—Uma pessoa de dieta ainda tem que ir ao supermercado.

—A menos que ele tenha os mantimentos entregues. - ela se opôs.

—Ele?

—Por que uma pessoa de dieta teria que ser uma mulher?

Os cantos dos lábios dele curvaram.

—Quase esqueci a pequena feminista que você é.

—Eu acho que todo o mundo seria considerado assim, comparado a um enorme chauvinista como você.

—Voltando ao assunto. Você estava me falando que nunca, nem mesmo, viu pessoas fazendo sexo em um filme?

—Lamentavelmente, minha coleção de vídeos adultos não é tão grande quanto a sua.

Ele encolheu os ombros.

—Não vou me desculpar por isso. Eu estou atualmente entre fêmeas. Filmes ajudam a... passar o tempo.

Embora ela mal pudesse acreditar que ela estava discutindo pornô com um imortal em um carro de um milhão de dólares, aí estava ela.

—Responda a pergunta. - ele disse.

—Não, eu não vi mais que um rápido olhar.

—Antes da viagem terminar eu vou conseguir que você assista a um filme.

—Nunca. Eu simplesmente não sou interessada em ver coisas como essas. - Ela estava morrendo por ver coisas como aquelas. Se vire...

—Mentirosa.

Agora ela encolheu os ombros.

—Você pelo menos conhece as logísticas? - ele perguntou.

—Claro que sim. Eu estive no ginásio.

—E como seu namorado se sente sobre tudo isso?

—Tim e eu decidimos esperar para ter sexo depois de nos casarmos.

—Ele está de acordo com isso? - Cadeon encontrou o olhar dela. - Se você fosse minha, eu lhe daria uma boa amostra pelo menos cinco vezes por dia.



Era por isso que ela evitava falar e ler sobre assuntos como sexo. Agora tudo que ela poderia fazer era pressentir como seria um dia interrompido por turnos regulares de sexo.

Um macho igual a Cadeon simplesmente a acharia onde ele estivesse para tomá-la? Ela abafou um calafrio.

Ele inclinou para ela um sorriso de parar o coração.

—Te deixei pensando sobre isso, não deixei?

—Me deixou pensando como seria com Tim cinco vezes por dia. - ela mentiu.

As juntas de Cadeon ficaram brancas no volante. Quase como se ele tivesse ciúmes. Mas por quê?

Talvez demônios se sentissem possessivos com as fêmeas que estavam sobre os cuidados deles?

—Então me fale sobre Tim. - ele grunhiu.

—Nós estamos namorando há dois anos, e ainda assim, diariamente eu sou golpeada por quão perfeito ele é para mim. Ele é preocupado e engraçado, e vai ser um grande marido e pai. Meus pais, ambos conseguiram conhecê-lo antes de morrerem, e eles gostaram dele também.

—Planejando se casar com este homem?

—Nós vamos noivar assim que adquiramos nossos títulos.

Em um tom rude, ele perguntou:

—Você não é um pouquinho jovem para ser amarrada?

—Talvez, mas quando você acha o certo...

—E ele é?

Ela suspirou.

—Sim. Ele é brilhante. Único. - Quando Cadeon bufou, ela disse: - Quantos homens podem discutir combinatórias extremas ou como usar distância de Mahalanobis em análise de agrupamento? Quantos sabem o que é um permutohedron ou gráfico bipartido?

—Combinando extremo? - Ele a lançou um olhar lascivo. - Eu discutiria isso a qualquer dia.

—É combinatórias... oh, não importa. Você não entenderia. Tim e eu compreendemos um ao outro em um nível diferente.

—Quão inteligente ele pode ser se não descobriu um modo de dormir com você em dois anos? Eu já teria tido essa trava apertada.

Holly não pôde nem mesmo administrar uma resposta. Este macho não podia ser mais rude ou dominante.

Ele continuou:

—Como você vai saber se você e Tim são compatíveis na cama se não faz a ação antes de se casar? Por favor, gatinha, você tem que chutar os pneus antes de comprar o carro.

—Eu acho que isso é um ridículo - válido - argumento. Sexo pode ser ensinado como qualquer outra habilidade. Se houver algo que um de nós precise, eu estou certa de que o outro entenderá.

—Você não pode ensinar intensidade. E quem sabe você poderia descobrir algumas dobras em seu armário que o velho Tim pode não estar de acordo.



Eu sei disso.

—Tim faria tudo que pudesse para me fazer feliz. - ela insistiu. Mas uma relação completa, permanente entre eles só funcionaria se ela fosse sexualmente normal. Caso contrário, como ele poderia sobreviver a força dela? E como eles poderiam lidar com as necessidades contraditórias, estranhas dela?

Imediatamente, ela teve a instintiva vontade de dominar, e a necessidade instintiva de ser dominada.

—O que acontece quando as coisas ficam um pouco fora de mão entre você e Tim? Como vocês crianças põe a pressão no lugar?

Tim tomava tantas ervas e extratos que ela suspeitava que a libido dele estivesse quimicamente diminuída. - Nós somos estritamente platônicos agora mesmo. - Ainda até mesmo sem suas coisas, o namorado dela não era uma pessoa muito sexual, o que estava perfeito para ela. - Nós somos mais cérebro que físico.

—Seu cérebro não pode ter um orgasmo.

—Nós não acreditamos que a vida tem que ser cheia de orgasmos para ser significativa.

Ele tossiu com um gole de red bull, então olhou para ela como se ela tivesse falado a mais vil blasfêmia.. - Você está me matando, mestiça.

—Eu realmente não quero falar mais com você sobre qualquer coisa desta natureza. Não é um assunto apropriado entre nós.

—Uma pena. Porque acontece de ser meu favorito. - Vendo que ela estava envergonhada sobre isto, ele disse: - Então me pergunte mais sobre o Lore.

—Muito bem. Os seres se casam? Ou formam unidades familiares?

—Alguns se casam. Especialmente as espécies que são mais humanizadas.

—O seu tipo se casa?

—Muitos casam. Mais agora que no passado. Mas não como uma regra.

—Oh. - ela disse, soando como se a resposta dele a desagradasse.

Ele acrescentou apressadamente: - Entretanto podemos não nos casar, mas nós temos algo mais duradouro entre nós. Um macho demônio tem uma fêmea predestinada que ele deseja e precisa acima de todas as outras. Ele passa a vida inteira procurando-a. Um demônio ficaria louco vagueando quando ele queria nada além de dar prazer e proteger a mulher dele. Matrimônio é um pouco redundante.

—Você achou a sua? - ela perguntou, parecendo fascinada com a idéia.

—Eu...não tenho a minha ainda.

—Como você a reconhece?

—Você simplesmente sabe. Um sentimento. Uma conexão. Mas, para meu tipo, nós não podemos dizer com certeza se ela é nossa ou não sem ter sexo com ela. Como eles dizem, na agonia, você sabe.

—Que conveniente.

—É verdade. Coisas acontecem quando você está tendo sexo com ela. Coisas das que você precisa para reivindicá-la. Para a primeira vez, o modo seria aberto, as barreiras arrebentadas.



—Como o que? - ela perguntou, então imediatamente acrescentou: - Sua resposta será graficamente sexual?

Explicar como um demônio da raiva macho poderia ter orgasmo, mas nunca ejacular até depois da reivindicação inicial da fêmea dele...? - São vantagens.

—Então, por favor, não responda.

Ela contemplou fora da janela, investigando fixamente à noite, como se ela o quisesse bloquear desesperadamente. -Talvez eu simplesmente descanse um pouco.

Minutos depois que ela tinha fechado os olhos, tinha adormecido. Ele continuou olhando para ela, desejando saber sobre o que ela estava sonhando com as sobancelhas puxadas.

Enquanto dirigia, ele decidiu duas coisas. Se eles iriam estar juntos na estrada potencialmente por semanas, então ele começaria a lhe ensinar como se defender.

Se eu a entregar para Groot, ela vai ter uma chance esportiva.

E segundo, ele estaria sexualmente com ela. Ele nunca poderia tomá-la completamente, ela poderia não estar o bastante longe na transição para imortalidade para sobreviver a isto. E se ela estivesse, uma vez que ele experimentasse como era estar dentro dela, ele poderia nunca deixá-la ir.

Não, ele não podia reivindicá-la, mas antes que ele a entregasse, ele iria lhe dar prazer. Cade pensou que ela poderia ser seduzida, ele tinha visto uma faísca de interesse nos olhos dela. Ela não era imune a ele. O que significava que agora tinha que persuadi-la a confiar nele. O que significava que ele deveria estar no seu melhor comportamento.

Exceto que tinha que admitir que ele meio que se divertia a provocando daquele jeito. Quando as bochechas dela ficavam rosadas e ela ficava agitada...

E Nix disse que queria a sobrinha dela educada.

Cade desejou saber o que seu robusto irmão pensaria dos planos dele para Holly. Apostaria um bom dinheiro que ele desaprovava. Rydstrom era razoavelmente um sujeito para cima, com só alguns esqueletos no armário.

Ah, mas eles eram grandes.

Cade acalmou. E se a Rainha das Ilusões descobrisse o segredo da fraqueza de Rydstrom? O que faria ela a ele então?

Ele também desejou saber se Rydstrom mesmo agora acreditava que a causa deles estava perdida porque descansava nos ombros de Cade.

Cade não enfatizaria aquele pensamento. Ele estava entrando em ação, perto da meta deles.

Considerando que Holly foi infestada com pensamentos mal recebidos, Cade estava mentalmente ágil, marginando realizações desagradáveis com facilidade.

Era o que lhe permitiria estar mais atado a ela a cada hora, até mesmo cada segundo o levava mais perto para o momento que ele seria forçado a traí-la.

Capítulo 13



Holly estava em uma bola, se salientando em um terraço com Cadeon a assistindo das sombras. Ele queria que ela se unisse a ele lá, mas ela tinha medo de entrar na escuridão.

Ela continuou olhando por cima do ombro para trás, incapaz de deixar para trás tudo que ela alguma vez tinha conhecido.

Ainda por cima os olhos verdes dele ardiam das sombras, e ele ofereceu a mão dele, acenando para ela, prometendo prazeres malignos que ela nunca tinha imaginado...

—Bom dia, linda!

Holly despertou de uma vez, se achando nos braços de Cadeon em um quarto vagamente iluminado. Ele estava olhando para baixo, para ela, com olhos que ardiam.

—Não tinha percebido que você tinha sardas. - ele disse, com a voz estrondosa.

—Me largue. - Ela se torceu para se pôr livre. Ela não precisava ser lembrada de sua voz profunda, não quando ela tinha acabado de sonhar com ele, o subconsciente dela falava as coisas com toda a sutileza de um golpe de um martelo.

—Onde nós estamos? O que você está fazendo me segurando desse jeito?

Ele a colocou na beira da cama com uma suavidade confortante.

—Nós estamos em um hotel durante o dia no Mississippi do norte, e eu ia ver se podia te preparar para cama sem te acordar.

—Preparar para a cama? - Ela esfregou os olhos e inspecionou o quarto. Parecia que eles estavam em um hotel requintado, não que ela tivesse estado dentro de muitos, ou quaisquer hotéis na última década. O lugar poderia ser agradável, mas imediatamente ela podia ver algumas coisas que precisavam ser rearranjadas para fazer sentido. Primeiro, as cadeiras da mesa de jantar...

—Sim, preparar para a cama. - ele disse, tirando os óculos dela e os colocando na mesa ao lado da cama.

Então se ajoelhou para tirar os saltos dela.

—Eu estou segura que posso administrar o resto. - Ela franziu o cenho para a atenção súbita dele. - Eu posso fazer isso. - ela insistiu, mas ele não estava escutando.

Ele estudou o sapato dela, com os lábios curvados como se achasse isto adorável. - Você tem os menores pezinhos, pequena. - Uma vez que ele tinha removido os sapatos dela, disse: - E agora seu top.

Antes que ela pudesse pará-lo, ele pegou a ponta do suéter dela e começou a arrastar.

—Você está louco? - Ela esbofeteou as mãos dele para fora do suéter, passando por baixo do braço dele para fugir para o outro lado do quarto.

—Não é nada que eu não tenha visto antes.

Com os braços atravessados no tórax, ela disse:

—Somente me acorde aproximadamente trinta minutos antes de você estar pronto para partir hoje a noite.

—Eu ficarei aqui com você.



Holly enrijeceu. Compartilhar um quarto com um demônio de voz grave sobre o qual ela tinha estado sonhando no carro? Isto não iria funcionar absolutamente. - Como exatamente eu explicaria isto para meu namorado?

—Como exatamente você vai explicar qualquer uma dessas coisas?

Realmente.

—Eu não vou contar para ele. Se eu puder conseguir a reversão, ele nunca terá que saber.

—Boa resposta. É contra as regras do Lore, falar para os humanos sobre nosso mundo.

—Mas por que nós temos que compartilhar um quarto?

—Porque nós ainda estamos muito perto de seu último paradeiro conhecido. Poderia haver mais vampiros.

—Eu posso cuidar de mim.

—Isso você pode. - ele disse facilmente. Ela estava alternando entre desconfiança e agrado pela confiança dele nas habilidades dela. - Mas você terá momentos difíceis se defendendo enquanto dorme. Então é aí que eu entro.

O estômago dela escolheu aquele momento de silêncio para rosnar ruidosamente.

Ele sorriu. - Se você ficar acordada por aproximadamente mais vinte minutos, eu poderia ir buscar um pouco de comida. É muito cedo para serviço de quarto, mas tem um lugar de café da manhã do outro lado da rua.

Ela acenou com a cabeça. - Você pode simplesmente me trazer uma garrafa de suco de laranja? Eu não gosto de comida preparada por outros. - Ou por mim.

—Nós veremos. Se você quer tomar uma ducha, agora é a hora. - Através da porta, ele disse: -E Holly, não tire essas pérolas. Ou nós estaremos em profunda merda.

Ela ainda estava no banho quando ele voltou o que significou que ela estava jogando justo. Ele agarrou a maçaneta do banheiro, deu um golpe para quebrar a fechadura facilmente, então balançou a porta abrindo amplamente.

—O macho está de volta da caça. - ele chamou, e sorrindo ao enfurecido guincho dela.

—Sai fora! Feche a porta!

Considerando que ele podia distinguir só uma vaga forma atrás do boxe nublado do chuveiro, ele decidiu obedecer aos pedidos dela.

Cruzando à mesa de jantar, ele botou a sacola plástica de comida. Achar algo para ela comer de fato tinha virado uma caçada, porque ela tinha critérios muito restritivos. Ele tinha assistido o bastante para aprender sobre os excêntricos hábitos alimentares dela.

Cade tinha desejado saber por que ela não tinha se apressado no chuveiro e estado vestida quando ele voltasse, mas agora que o olhar dele varria pelo quarto, ele percebeu que ela não tinha podido se impedir de ajeitar tudo fora dos padrões no quarto.

Três das quatro cadeiras foram nitidamente empurradas para dentro. Com a quarta, ela tinha colocado a cadeira de costas para a mesa, deixando apoiada em duas pernas. Ela tinha claramente refeito a cama e tinha ajustado os travesseiros do pequeno sofá do quarto o qual ela também tinha movido alguns centímetros.



O despertador na mesa ao lado da cama estava colado contra a parede sem o metal poder ser visto, e o controle remoto estava num ângulo exato no centro do relógio. A lata de lixo foi apertada diretamente contra um lado da cômoda, a mala dela contra o outro lado. O laptop e celular dela estavam perfeitamente paralelos na escrivaninha, carregando.

Cade precisava conferir os e-mails dele e o placar dos esportes e traçar a rota deles para o dia, assim ele abriu o computador dela, e se registrou como um convidado. Depois de coisas rotineiras na Web, ele buscou no Google um par de coisas, sem se surpreender de descobrir que ela estava usando um filtro de segurança. Ele apoiou atrás da cadeira dele, tentando imaginar uma vida filtrada de qualquer coisa sexual.

Não valia viver.

Infernos, quem era ele para falar. Ele não tinha estado com outra mulher desde o dia que tinha conhecido Holly, a extensão mais longa de celibato desde que ele tinha tido sexo pela primeira vez. Alguns meses atrás, quando ele finalmente se convenceu de que nunca poderia ter Holly, Cade tinha feito uma indiferente tentativa com uma bruxa, mas ela tinha querido a outro.

Agora ele estava agradecido por isso.

Ele botou o laptop de novo na mesa, a atenção dele vagou à mala dela. Cade estava se coçando para dar uma olhada na carta de Nix. Pensando que era uma boa hora para bisbilhotar, ele abaixou ao lado da bolsa, arrastando para longe da parede para que pudesse abrir amplamente.

Depois de passar pelas saias dobradas e suéteres, ele abriu o compartimento lateral, elevando as sobancelhas para os conteúdos. -Oláaaaa, lingerie. - ele murmurou.

Cade se considerava um macho de gostos simples. Ele não precisava de lingerie ultrajantes para se acender. Mas o pensamento da reservada Holly nessas malvadas coisas de seda enviou sangue rapidamente para virilha dele...

Ela apareceu então, usando um roupão de banho fechado até o pescoço.

—O que você está fazendo? - ela choramingou.

—Procurando a carta de Nix.

—Você não pode simplesmente mexer nos meus pertences!

—Eu nunca teria suspeitado de roupas de baixo tão malcriadas da reservada Senhorita Ashwin. - Ele enganchou o dedo indicador debaixo do cós de uma liga, então girou isto ao redor.

—Ponha isso de volta. - Ela jogou longe. - Nix fez isto! Ela trocou toda minha roupa íntima e meias.

Ele não duvidava disto, mas mesmo assim disse:

—Sim, certo. Por que ela faria isso?

—Eu não sei, como eu possivelmente poderia explicar as ações dela?

Ele pegou outra calcinha minúscula, a sustentando com as mãos.

—Então eu aposto que uma liga como essa se sentiria... incomum.

—Ooh, me dê isso!

Antes que ela pudesse se lançar para isto, ele levantou, lançando de volta na bolsa como se ele tivesse ficado entediado com isto.



—Agora eu tenho que me perguntar o que está debaixo de todo aquele pano.

Ele puxou uma das cadeiras, então se afundou nela.

Ela levantou o queixo.

—Pijamas normais.

—Coisa nenhuma. Então me deixe ver.

—Eu não tenho que provar nada a você.

Ele apoiou as costas com as mãos atrás da cabeça.

—Eu vi todos os bens, Holly. Nem tem um dia atrás, assim a memória ainda está fresca. Não tem necessidade de se sufocar com tanto pano. - ele disse, mas ela não estava escutando, o olhar triste nos olhos dela de volta na pilha de roupas agora desdobradas.

—Eu terei que refazer tudo. - Ela parecia tão desesperada que ele decidiu dar uma pausa na implicância.

—O que aconteceria se você não fizesse?

—Eu seria um caso basket, incapaz de pensar em qualquer outra coisa. - Quando ela se ajoelhou para reempacotar, o roupão se abriu na bunda dela, puxando os olhos dele como um imã.

Ela tremeu, então franziu o cenho por cima do ombro.

—Você pode sentir meus olhos em você. - ele explicou. -Imortais sentem as coisas mais intensamente. Sons, visões, até mesmo percepção tátil. Nós chamamos isto hipersensibilidade. Você se acostumará com isso com o tempo.

Uma vez que ela tinha acabado com a bolsa, ficou de pé, sem dúvida buscando por mais desordem. Se os olhos dela tinham ficado arregalados diante à vista dele futucando pela bolsa dela, então vendo o laptop dela aberto e fora do lugar a fez balançar nos pés.

—Não... você... meu... computador?

Holly lançou o mesmo olhar que ele daria para uma criatura infernal que tivesse comido seus ingressos do Super bowl. Ela verificou o laptop, avaliando, virando de um lado para o outro.

—Suas mãos estavam grudentas! Oh, Deus!

Ele poderia ter tido um donut ou dois enquanto tinha estado esperando pelo pedido dele. Ela buscou os lenços antibactericidas. Sentando na cama, ela virou as costas para ele, se curvando em cima do computador, o esfregando.

Ele poderia somente assistir suas ações com severa fascinação, notando seus ombros subirem e descenderem enquanto ela tomava profundas e calmantes respirações.

Aparentemente reassegurada de que nada tinha sido estragado, ela repôs o computador na escrivaninha, organizando pelo celular, então alisou o colchão onde ela tinha sentado.

—Olha Cadeon... - ela começou, mas o olhar dela vagou de novo ao computador. Ela se apressou de volta até lá, ajustando menos que um milímetro para um lado, então começou novamente. - Ontem à noite eu estava muito aturdida para reagir a metade das coisas que você fez. Agora eu não estou. Você não poderá me tratar como estava tratando.

—Oh? Como salvar sua vida e então dirigir a noite toda enquanto você dormia?



—Como t-tocar meu computador. Aquilo foi... ruim. Eu não estou dizendo que você não pode usar, eu não me importo em compartilhar. Mas eu preciso te registrar e ter certeza de que você saiba tratá-lo corretamente.

—Eu não estava baixando pornô ou nada disso. - Não me ocorreu na ocasião. - Só buscando algumas coisas no Google e conferindo nossa rota para esta noite.

—Bem, essa não é a única área com você que tem que mudar. Não pode haver mais nenhum plano de me despir enquanto durmo ou interromper dentro do meu banho e me cobiçar. Ou até mesmo me chamar daqueles apelidos machistas.

—Você quer dizer minhas estimas? O que está errado com elas?

—Eles depreciam as mulheres.

Ele balançou a cabeça firmemente.

—Não fazem isso. É só hábito. Esse é o jeito que os machos costumam falar com as fêmeas. E as estimas são especificamente femininas.

—Tipo como?

—Tipo gatinha ou pequena? Eu só chamo as fêmeas que eu gosto por esses nomes. - Só fêmeas que ele realmente gostava. Gatinha significava posse e pequena indicava afeto. Em outras palavras, ele nunca tinha usado esses termos antes. - Se eu não estiver interessado em uma fêmea, eu a chamarei de doçura, coração, querida.

—Eu deveria me sentir tocada por esta revelação? Honrada por ser julgada pequena?

—Eu ia ficar encantado. Mas você é difícil, gatinha.

—Eu estaria mais inclinada a ficar encantada se você tivesse algum respeito por minha privacidade.

—Nós vamos ficar grudados por durante pelo menos um par de semanas. Manter privacidade levaria muito esforço, e seria fútil de qualquer maneira.

Ela apertou os lábios, como se não pudesse discutir com isso.

—Bem, e sobre você praguejar? Você precisa ser tão boca suja assim perto de mim?

—Eu tenho usado essas palavras desde antes de os humanos decidirem que elas eram sujas.

Ele começou a tirar comida da bolsa.

—Esses tipos de termos realmente chacoalham as pessoas que foram criadas para evitá-los...

- Ela andou. - Essas são panquecas de mingau de aveia?

—Elas são.

—Com mel?

—É claro.

Ele sabia que a boca dela estava salivando.

—Não tinha nenhum suco de laranja?

—Oh, tinha sim. - Ele mexeu em outra bolsa e pegou cereais individualmente empacotados, uma colher de plástico ainda em sua envoltura, uma caixa de papelão lacrada de leite e uma de suco de laranja.

Ela estreitou os olhos.

—Tudo industrializado. Exatamente quanto tempo você tem me espionado, Cadeon?



—Tempo o bastante para saber o que você gosta de comer, e o que você comerá...

Capítulo 14

—Acho que eu não estava com tanta fome de qualquer jeito. - Holly repeliu o prato dela após terminar só a metade do café da manhã.

—É a mudança. - Cadeon disse. - Valquírias não comem.

—Como isso é mesmo possível?

—Sei lá. Como é possível metamorfos mudarem de forma, ou bruxas moverem coisas com as mentes delas?

Depois que ela jogou fora o lixo do café da manhã, a fadiga começou. Não ajudou quando ele abaixou a luz do abajur e fechou a pesada camada de cortinas. Ela afundou na beirada da cama. O corpo dela estava exausto, mas os sentidos estavam vivos, zumbindo. Hipersensibilidade? Ela acreditava que sim. E agora ela estava em um quarto de hotel escurecido, sozinha com um demônio sobre quem ela tinha tido sonhos não tão sutis.

Embora ela tivesse pensado que os chifres dele seriam desestimulantes, sem mencionar o rude comportamento dele, ela na verdade estava sentindo uma atração inexplicável pelo demônio. E ela já tinha tido problemas em controlar os desejos dela.

Holly tinha experimentado uma variedade de medos e idiossincrasias e tinha sido medicada por causa deles.

Agora sem os medicamentos... o que ela iria fazer?

De algum jeito, ela tinha que conseguir os refis dela, não só para abafar estas compulsões, mas também para reduzir a velocidade desta progressão.

Progressão? Como ela possivelmente poderia ficar pior?

Ela recordou seus pais a levando ao pomposo psiquiatra, o melhor do estado. Ele tinha falado sem parar sobre a frágil saúde mental dela para os pais... - Este é um caso clássico de transtorno obsessivo compulsivo. Um paciente com TOC vivencia um constante medo de transformação. - ele tinha dito. - Ela vai temer perder o 'eu interior', experimentando freqüentemente impulsos para agir fora do costume. Como estes impulsos podem causar muita ansiedade, o paciente começará a executar atos compulsivos para suprimi-los. Quanto mais forte o desejo, mais compulsivo o comportamento.

Oh, e existiam desequilíbrios químicos, também. - Provavelmente herdado de seus misteriosos pais. - ele tinha dito com um suspiro resignado, como se ele tivesse visto isto tudo antes. - E exacerbou pelas inseguranças de Holly por ser adotada.

Ela nunca tinha tido insegurança sobre isso. Os pais dela tinham sido incrivelmente pacientes, encorajando e amando. Mas eles tinham começado a se culpar pelo comportamento incomum dela, procurando alguma falha na educação dela, algo que eles tinham precisado prover para ela, mas não tinham tido.



A mãe dela tinha se desculpado com Holly antes de morrer...

Com aquela memória, ela derrubou a cabeça nas mãos.

—Whoa, mestiça! - Cade sentou depressa ao lado dela. - Qual é o problema? - Quando ela não respondeu, ele disse: - Eu não sou o tipo de macho que é bom nesse tipo de coisa, isso de... reconfortar. Mas talvez... você, uhm, queira falar comigo sobre o que está passando nessa sua cabeça?

Com o tempo, ela disse:

—É tudo tão desnorteante. Eu quero dizer, somente ontem à noite, eu fui drogada e seqüestrada, e então... - Ela se arrastou.

—E então o que? Conte-me o que aconteceu a você.

A voz dela tinha virado um sussurro.

—Foi aterrorizante. Eu acordei, e eu estava... nua, despida para algum tipo de ritual. Havia todos aqueles homens me assistindo. Eu tentei argumentar com eles, implorei para me deixarem ir, mas eles somente riram e me ignoraram. Então, quando estavam a ponto de começar, eu gritei.

—Valquírias gritam.

Ela acenou com a cabeça.

—Mais alto que qualquer coisa que eu já ouvi. E a cúpula de vidro em cima de mim quebrou. Então um raio me golpeou diretamente no tórax, e continuou e continuou. Eu não me lembro de muito depois disso. Eu só me lembro de sentir uma raiva, uma necessidade incontável de fazer violência.

Quando a mão dele tinha descansado nas costas dela? Era grande e quente, e ele gentilmente estava esfregando para baixo e para cima.

—Você tem passado por muito. É normal reagir desse jeito.

—Normal para uma Valquíria ou para uma humana? - ela perguntou, fungando. - Eu não tenho exatamente experiência em nenhum dos dois, já que eu nunca fui exatamente nem um nem outro.

A verdade disso penetrava naquele momento. Isto significava que Holly tinha que reavaliar tudo. Como a personalidade dela realmente era? Ela não se reconhecia.

Exatamente como Nix tinha dito.

E Holly sabia que na ausência de uma constante para comparar, a introdução de novas variáveis era uma receita para o caos.

—Eu não gosto de interromper minha rotina. Eu não gosto de surpresas. No melhor dos dias, e-eu não as controlo bem.

—Talvez você não as controle bem porque você não teve nenhuma prática com elas.

—Não, eu tenho uma condição...

—E daí que você gosta de organizar coisas. Qual é o perigo?

Ela franziu o cenho. Holly tinha ouvido o pai dizer a mesma coisa quando ele tinha falado com a mãe sobre as drogas que o pomposo psiquiatra tinha querido jogar pra cima dela. Holly negou com a cabeça. -Você faz isto soar tão negligente. Mas tiveram vezes quando eu não podia deixar minha casa por medo de que eu corresse para uma tempestade ou me hipnotizasse por



uma jóia brilhante. E agora eu não tenho nenhuma idéia de como eu reagirei. Cadeon, o que é normal para uma Valquíria não pode ser normal para mim.

Ela sabia que ela estava sendo superficial, mas ela não pôde evitar adicionar:

—E eu não quero presas e orelhas pontudas!

—Não que isto vá mudar como você se sente, mas acontece que eu amo orelhas pontudas.

Ela lhe deu uma expressão duvidosa.

—Não, honestamente. Para um macho do Lore, elas significam fey ou Valquíria, e ambas as espécies são renomadas por suas fêmeas atordoantes.

—Até mesmo se elas não parecessem esquisitas em mim, elas poderiam me impedir de andar entre humanos.

—De maneira alguma. Você simplesmente as cobrirá com todo esse seu maravilhoso cabelo. Eu vi Valquírias com tranças em cima das orelhas ou usando faixas de cabelo. Eu as vi irem com elas até mesmo descoberta e se proclamando extras de um filme ainda usando maquilagem.

Nix não tinha parecido preocupada sobre suas orelhas absolutamente.

—E as presas?

—Elas são tão pequenas, Holly. - Ele sorriu e riu e linhas apareceram nas extremidades dos olhos dele.

—Os humanos não notariam qualquer coisa.

—Mas eu seria consciente, me comportando diferente.

—Não, você aprenderia a deixar isso para lá. Evadir descobertas só depende de atitude. - A voz dele tinha ficado mais áspera?

—Se eu chegar nesse feiticeiro rápido o bastante, então... - Ela se arrastou, franzindo o cenho. - Cadeon, você está cheirando meu cabelo?

Sem saída agora que ele foi pego, ele pegou um punhado de cabelo e empurrou a face nisto, inalando profundamente.

—O que tem de errado com você? - ela exigiu, pulando para ficar de pé.

—O que? Eu só prec..., quis cheirar seu cabelo.

—Você se oferece para falar comigo, mas não dá a mínima para o que eu estou sentindo.

—Isso não é verdade, gatinha.

Ela praguejou para o celular dela, desplugando do carregador.

—Quem está te ligando?

—Aquele para quem eu devia estar confidenciando, em vez do demônio mercenário que se preocupa mais com o cheiro do meu cabelo que meus sentimentos!

Capítulo 15

—Visitando família? - Tim disse incrédulo. - Em Memphis?

—Mas você não gosta de viajar.



Ela moveu o celular para outra orelha.

—Uma pequena emergência apareceu. Tudo está bem, mas eu achei que eu deveria estar lá.

- Em uma tentativa para mudar o assunto, ela disse: - Então, me fale como vai a conferência? A Califórnia é agradável?

Cadeon rondou o quarto. Certo, não tem nada ao redor disso agora. O demônio tinha estado fazendo insinuações para ela e agora parecia ciumento. Mas por quê?

Holly era exponencialmente mais jovem que ele, e ela não era uma beleza de parar o trânsito como Nix.

Holly a nerd bonitinha. Não a imortal fêmea fatal.

Ela e Cadeon simplesmente não ajustavam. Ela não era do mundo dele e não fazia nenhuma questão de esconder que ela não tinha nenhum interesse em se unir neste mundo...

—Nossos documentos foram bem recebidos. - Tim disse. - Muito mesmo. Eu só queria que você pudesse estar aqui.

Holly sentiu uma chama de aborrecimento porque ele tinha desfrutado de todos os créditos. Ela era a matemática mais forte, e ambos sabiam disso.

Ela se acalmou. De onde isso tinha vindo? Ela nunca tinha se sentido assim com ele antes. Ali estava outro exemplo da transição dela em uma coisa que ela não queria ser.

—Eu estou com saudades de você. - ele disse, fazendo ela se sentir ainda mais culpada por se sentir irritada.

—Eu também estou com saudades de você. - Com as palavras dela, Cadeon sentou, então imediatamente levantou, andando novamente.

—Você ainda está trabalhando em seu código? - Tim perguntou. - Eu não vi nada postado. - Eles compartilhavam uma conta on-line para salvar o trabalho deles e religiosamente atualizavam todas as noites.

—Voltarei com isso como primeira coisa amanhã.

—Quanto mais cedo você terminar...

—Eu sei, eu sei. Mais rápido serei doutora. - Ele sempre era tão inacreditavelmente encorajador, a empurrando para alcançar os sonhos dela.

Em uma voz mais baixa, ele disse:

—Eu não posso esperar para te ver novamente, coração.

Por que ela nunca tinha notado antes que Tim freqüentemente a chamava com aquela estima?

—Eu sei. Eu também não.

Cade bateu a porta entrando no banheiro, saindo momentos depois parecendo ter jogado água na cara dele.

—Desligue. - ele grunhiu antes que ela pudesse emudecer o telefone.

—Quem foi esse. - Tim disse.

—Um... primo meu.

—Eu não sabia que você tinha qualquer primo.



—Nem eu, não até recentemente. Descobri parentes da minha família que eu nem tinha idéia. - Quando Cadeon começou andar em direção a ela, ela disse apressadamente. - Mas eu tenho que ir agora. Te ligo depois?

—Sim, claro. Se cuide.

Cadeon arrebatou o telefone dela, ignorando os tapas enfiados. - Holly está beijando o primo aqui. - ele disse. - Desculpe Todd, a garota vai ter que te ligar de volta em uma semana ou duas.

Quando ele desligou na cara de Tim, ela estalou:

— Como você ousa! Tudo que você deveria fazer é me manter segura, é para isso que você está sendo pago. Explique para mim que tipo de perigo havia falando com ele!

—Nenhum perigo. - ele disse, assomando em cima dela até que eles estavam cara a cara.

Ambos estavam respirando pesadamente. Ele estava imponente daquele jeito, parecendo levar o mesmo ar que ela precisava, fazendo difícil se concentrar.

—Então por quê?

—Talvez, eu tenha assistido vocês juntos, o bastante, para saber que você tem estado desperdiçando toda sua paixão nele.

—Isso não é da sua conta! Nix me falou que você foi contratado para me transportar ao feiticeiro, nada mais e nada menos.

Ele laçou o braço dele ao redor da cintura dela, segurando-a até mesmo quando ela bateu os punhos contra seu tórax duro como pedra. - Isso pode ser verdade, mas não significa que eu não posso te deixar saber quando você estiver cometendo um erro.

—Ótimo. Sua opinião é notável. - ela disse, mantendo os esforços infrutíferos para escapar. - Agora me deixe ir!

—Eu acho que você não está entendendo a situação. Talvez eu precise demonstrar como supostamente deveria ser com um macho.

Antes que ela pudesse reagir, ele encaixou a face dela nas mãos e se curvou para baixo, inclinando a boca dele em cima da dela. O calor de seus lábios, enviaram calafrios radiando por ela, a aturdingo. Ela estava muito chocada para se mexer, para respirar...

A língua dele provocou entre os lábios dela, persuadindo a abrir a boca e aceitar o beijo dele. As sensações eram desconhecidas, agradáveis.

Depois de um momento, ela... aceitou.

Ele usou a língua dele para acariciar a dela sensualmente, suprimindo sua necessidade de se liberar. Ela encontrou os punhos se afrouxando, as palmas dela descansando docilmente no tórax dele.

Holly nunca teria suspeitado que o beijo do áspero mercenário fosse tão erótico, tão lânguido e quente. Ela não pôde se impedir de tentar beijar de volta. Ele gemeu contra a boca dela, assim ela fez novamente, se atualizando.

Quando ela apertou os músculos do tórax dele em fascinação, ele pressionou as costas dela contra a parede com o próprio corpo. Aprofundando o beijo, ele sem esforço elevou a estimulação dela como uma febre.



Ele se afastou, mas somente para arrastar os lábios ao longo do pescoço dela.

—É isso, gatinha. - ele raspou com uma lambida contra a pele dela. -Me deixe te beijar. Eu vou fazê-lo até curvar seus dedos dos pés.

Eles já estavam curvados. E os mamilos dela pulsavam. Ela se sentia crescendo molhada entre as pernas, doendo por ser tocado lá.

Sem avisar, ele arreganhou o topo do roupão dela, abertamente pela cintura dela, revelando o conjunto preto que ela usava. Quando ele descaradamente beliscou os mamilos dela através da seda, ela quase saiu da própria pele, empurrando com um grito que virou outro gemido.

—Seda é a única coisa que deveria alguma vez cobrir seios tão bonitos assim. - As palmas dele rodearam ao redor dos seios dela, os polegares preguiçosamente roçando uma e outra vez em cima dos endurecidos mamilos até que ela estava se arqueando ao toque dele. Ela mordeu a base do lábio fortemente, lutando para se privar de gemer.

—Mestiça sensível. Eu poderia fazê-la gozar tão rápido. Você quer que eu faça? - ele perguntou, se situando de volta no beijo. Quando ele lambeu a língua dela tão envolvidamente, ela percebeu que ela queria. Muito. Muito rápido... perdendo controle. Ela não podia parar de beijá-lo. Oh, Deus, eu estou perdendo o controle. Por que ela não podia parar de beijar?

Agora, ela batalhava impulsos opressivos de afundar as garras no corpo dele, o forçar mais perto assim ele não poderia se afastar dela.

Ela estava a ponto de lhe falar que ele podia fazer qualquer coisa que quisesse quando ele apertou a ereção dele contra ela, empurrando lentamente.

Até mesmo enquanto o lado racional do cérebro dela estava argumentando que o tamanho dele simplesmente não era certo, o outro lado da mente dela estava cheio com perturbadoras imagens.

Ela se viu rasgando as calças jeans dele para chegar ao inchado membro que ele balançava contra ela. Então, enquanto ele estava deitado de costas na cama, ela guiaria a ereção dele dentro do corpo dela, se empalando com ele enquanto ela apertava os músculos ondulando do tórax dele...

Quando as mãos dela caíram, garras apareceram para arrancar as calças dele, o medo passou por ela. Estes desejos não eram dela. Os olhos dela se arregalaram e ela se separou, empurrando os ombros dele.

—Pare... não!

Ele se retirou, a respiração pesada, o chifres dele ficando eretos. Ele parecia perigoso, mau e tentador.

—Eu imaginei que você me pararia. - Os lábios dele curvaram em um sorriso que roubou a respiração dela. - Mas eu cheguei mais longe do que eu pensei que iria.

Se arremessando longe dele, ela exigiu:

—O que é isto? - Os pensamentos dela estavam agitados, o corpo dela gritando por liberação. - Por que você quereria chegar longe comigo absolutamente? Qual é o propósito?

—Eu fiz uma corrida a você.



Ela puxou seu roupão fechado até o pescoço. - Uma corrida? Por quê? Porque você queria me ensinar uma lição, ou porque está atraído por mim?

—Talvez um pouco dos dois.

—Por que você estaria atraído por mim? Não é lógico.

—Você não é só uma nerd de sonhos molhados, saiba.

—O que isso significa?

—Significa que eu te acho sexy. Eu não vou mentir para você sobre isto.

—Sexy? - ela disse em um tom estrangulado. - Mas... mas você gosta de fartas. Com mais carne nos ossos delas. Isso foi o que você disse! E eu não fiz nada para tentar atrair essa atenção de você! Eu não uso maquiagem ou tops decotados...

—Você acha que só porque você não tenta você não é atraente?

—Bem... Sim.

—Encare isso, Holly, você é natural.

Isto ela não faria. Ela apontou o indicador para ele.

—Sem mais me beijar, Cadeon. Isso não faz parte desta transação. Eu tenho um namorado.

—Não, você não tem. Você tem um amigo. Os dois não dormem juntos, ou fazem qualquer coisa que casais deveriam fazer. E isso é porque você não sabe mais. Você não tem nenhuma idéia do que está perdendo.

Ela não teve o coração para negar as palavras dele.

—No curto tempo que nós vamos estar juntos, eu pretendo continuar tentando a te seduzir. - ele disse. - Por que não me usa para aliviar sua curiosidade enquanto nós estivermos colados? Você pode tirar umas férias de sua vida enfadonha, libere toda essa loucura do seu sistema, então volte para a normalidade.

Ela hesitou, inclinando a cabeça... então se abraçou. Ela estava mesmo considerando se enfiar no mundo sensual dele? O lado escuro. Simplesmente como o sonho dela.

Quando ela separou os lábios para falar, ele disse:

—Você não tem que responder agora. Somente mantenha a oferta em mente. E uma coisa eu posso lhe prometer: O que acontece com o demônio, fica com o demônio.

—Que considerada oferta.

—Esse sou eu. Sempre pensando nos outros.

Ela piscou para ele suspeitosamente, tendo a sensação de que estava entusiasmado, até mesmo... Feliz com ela.

—Eu vou dormir. - Com o roupão ainda firmemente no lugar, ela rastejou debaixo das cobertas.

—Ah, por favor, mestiza, você não tem que manter seu roupão como uma capa para proteção.

—Eu farei, enquanto ainda houver tubarões na água.

—Você pode confiar em mim para não fazer nada a você. Eu lhe dou minha palavra como um mercenário.

Ela pensou nisso.



—Onde você vai dormir?

Ele cruzou para o sofá e se afundou, estirando os longos braços ao longo das costas.

—Aqui, a menos que você esteja querendo compartilhar sua cama comigo.

—Ha! - Ela apagou o abajur. - Em seus sonhos, demônio.

—Admitidamente, mestiça. - ele estrondou na escuridão.

Capítulo 16

Quando ela despertou perto do pôr-do-sol, Cadeon estava saindo do banheiro usando só uma toalha, exibindo muito de longe aquele corpo musculoso. Os lábios dela se separaram com apreciação. A pele bronzeada era esticada e lisa em cima dos rígidos músculos dele, não mostrando nenhum sinal de ter levado tiros simplesmente na noite anterior. O tórax largo e as costas dele estavam úmidos pelo banho.

Agindo como se ainda dormisse, ela o assistiu se mexendo no quarto. Ela há pouco, tinha sonhado com ele, o mesmo sonho vívido que ela tinha tido antes. Ela engoliu, os olhos revoaram àquela protuberância intrigante atrás da toalha que balançou quando ele se dobrou para a bolsa dele. Ele virou abruptamente, pegando-a encarando aquela parte da anatomia dele, antes que ela pudesse levantar o olhar. Ele lhe deu um sorriso, e os pêlos loiros na forte mandíbula dele refletiram na baixa luz.

Até mesmo com os chifres, ele era muito deslumbrante para o próprio bem. Pior, ele sabia disso.

Ela resolveu então que ele nunca saberia que ela o achava espetacular.

—Bom, você está acordada. Eu estou precisando dos seus serviços.

—Perdão?

—Eu preciso que você extraia uma bala de mim. Eu não fui capaz de expeli-la.

Ela sentou, esfregando os olhos.

—Como eu faria isso?

—Cave com suas garras.

Com todas as suas fobias, ela não tinha medo de sangue. Mas ajudá-lo iria requerer tocá-lo. De jeito nenhum. Estava muito recente depois do beijo deles naquela manhã.

Enquanto ela tinha se virado e revirado, tentando conseguir dormir, ela tinha decidido que ficaria tão longe dele quanto possível, esperando o tempo dela até que eles parassem de compartilhar quartos.

—Isto é somente uma de suas estratégias para me seduzir, não é?

—Olhe, eu não pediria, mas é no alto da parte de trás da minha coxa e eu não consigo alcançar facilmente. Machuca como o inferno.

Ele segurou o olhar dela enquanto disse:

—E, gatinha, eu ganhei isso salvando sua vida.



A culpa chamejou. Ele estava com dor e precisava da ajuda dela.

—Você tem razão. - Ela alcançou os óculos, então apertou o roupão. - Claro, eu verei se eu posso ajudar. - Ela acrescentou apressadamente - Mas você tem que manter sua toalha posta.

—Eu vou. - ele disse, acrescentando em um murmúrio, - Mas não fará bem nenhum.

Ela franziu o cenho. Claro que iria. Ele estaria coberto.

Quando ele estirou o volumoso corpo na cama, ela sentou ao lado dele, tentando não encarar a expansão de músculos das costas dele.

Com uma mão trêmula, ela empurrou a toalha para cima, roçando em cima do pêlo loiro que cobria as pernas dele. - Onde está? - ela perguntou a voz inexplicavelmente gutural.

—Mais para cima.

Tragando, ela arrastou a toalha mais para cima. Ela olhou para baixo para achar suas garras já se curvando.

Aqueles pensamentos começaram a emergir na mente dela. Ela queria lambar cada gotinha da úmida da pele dele, imergir a língua até a base de sua coluna...

Ela sacudiu a cabeça duramente, tentando chocalhar as imagens não bem vindas.

—Mais alto. - ele disse.

—Sim, sim.

Quando ela descobriu a ferida, ofegou. Mas não ao dano. O pênis dele pendia abaixo entre as pernas. Vire as costas. Vire - as - costas. Vire as costas!

A face queimando, ela finalmente fez.

—Te falei não faria nenhum bem.

Ela estava furiosa, tanto com as ações dele, como com a própria reação dela, a mera localização das partes íntimas dele a fez se sentir quente e agitada.

—Você poderia ter se colocado de outra forma!

—Você teria visto algo ou tudo. Qual é a diferença?

—Eu... tem diferença!

Incapaz de se impedir, ela deixou o olhar contemplá-lo de novo. Isso tinha crescido? Os lábios dela separaram.

—Você... você está ficando excitado!

Ele olhou para ela.

—E? - Com o que pareceu um gemido abafado, ele se ajustou até que se deitou em cima disso. - Machos fazem isso. - Parecendo incômodo também naquela posição, ele se virou de costas.

Ele tinha se posto ainda maior! - O que você pretende fazer sobre... com... você simplesmente vai andar ao redor assim? - Ela se perguntou o que ele tinha feito com a prévia ereção dele também.

—Eu sorrirei e agüentarei isto até meu próximo banho.

—Próximo banho?

Ele lhe deu um olhar lascivo.



—Oh! - A face dela corou. Ele era totalmente sem vergonha para divulgar que tinha se masturbado, e que estaria fazendo isto novamente na próxima parada de hotel deles.

Ele tinha feito isto mais cedo enquanto ela dormia? Não imagine Holly!

—Você admite isso?

—Você não faz? - ele perguntou.

—Não, eu não faço... - Ela se afastou, aquela neblina começando a surgir na mente dela.

Quando o encarou, as respirações dele cresceram severas, e o pênis dele se estendeu ainda mais debaixo da toalha.

—Continue me olhando desse jeito e minha perna não vai ser a única coisa doendo. - Os olhos deles se encontraram. - Você nunca viu um macho excitado, viu? - ele perguntou suavemente, com o que parecia ternura no seu tom. Como se ela o tivesse encantado.

Holly tinha pegado talvez uma ou duas rápidas olhadas roubadas, mas ela nunca tinha sustentado a visão. Ela não podia, mais que isso ela arriscava perder o controle. Então por que ela não conseguia se virar agora?

Ela tinha feito isso por tanto tempo antes...

Com a mão na beirada da toalha, ele disse:

—Você quer isto fora de mim?

Ela estava tremendo e queria muito isso.

—Porque eu iria querer? - Impulsos estavam montando fortemente sobre ela.

—Assim você pode ver. Você tem que estar curiosa.

Ele pegou a mão dela. No princípio ela pensou que ele ia colocar na ereção dele, e não sabia como se sentia sobre isso. Ao invés disso, ele pôs na extremidade da toalha.

—Puxe fora, Holly. Dê uma olhada. Você não tem que fazer nada mais.

Uma olhada. O que machucaria? A curiosidade a acertou. Engolindo, ela arrastou a toalha soltando.

—Isso aí. - A voz dele estava rouca, hipnotizando.

Uma vez que ela tinha descoberto a ereção dele, seu pênis pulsou como se estivesse entusiasmado por ter os olhos dela ali.

Ela encarou, fascinada.

—Olhe o quanto quiser. - Ele levantou os joelhos para lhe dar uma melhor visão. - Ou você quer tocar isto?

Ela queria! Tanto. Os dedos dela coçavam por explorar o comprimento dele.

Como se sentiria aquela pele lisa? Mais cedo, ela tinha imaginado deslizar abaixo o pênis dele, mas não tinha sabido como fazer isto verdadeiramente.

Agora ela sabia.

Eu me pergunto qual seria o gosto dele? Ela corou com os próprios pensamentos.

Enquanto a mão trêmula alcançava adiante, os músculos do estômago dele apertaram em cumes afiados.

Quando a ereção dele pulsou novamente, uma gota de umidade surgiu na larga cabeça. Ele deu um baixo gemido, como se aquilo se fosse incrível.



Que fascinante...

Ela esfregaria a ponta do dedo indicador dela lá e veria quanto ele gostaria disso. Polegadas de distância... prestes a sentir isso.

No canto de sua visão, ela espiou a mão dele deslizando, oh, tão sutilmente para ela.

A compreensão a golpeou.

Demônio tinha armado uma armadilha para ela, usando a ereção dele como uma isca para uma fêmea crédula.

Ela arrebatou a mão de volta como se estivesse tirando de uma chama, quebrando a fixação do olhar dela para encontrar o olhar dele. Os olhos dele estavam crescendo pretos, contudo ardendo de alguma maneira. Os chifres estavam maiores e mais foscos que o normal. As presas estavam mais longas.

Oh, sim, isto era claramente tudo a respeito dela, sua curiosidade. Como ela podia ser tão ingênua? O demônio estava demolindo suas barreiras sistematicamente. O lado escuro, a acalmando, a afastando. Tudo estava conspirando contra os esforços dela.

Me acalme do que eu sei, de onde eu quero estar...

Agora ela entendeu as palavras dele de mais cedo. Ele tinha ido mais longe com ela do que tinha esperado e acreditava que ia chegar até mais longe da próxima vez.

O que estava muito mal, ele provavelmente iria. E isso a deixou com medo. Se somente ela não fosse tão atraída por ele, então estaria segura. Ela nunca entraria nas sombras com ele.

Organizando a sequência: Nenhum demônio, nenhuma tentação, nenhum pensamento sobre ir para o lado escuro.

Ele planejou usá-la?

—Cadeon, eu acredito que você quer serviços que não estão incluídos.- Ela estacou, rumando para o banheiro. Por cima do ombro dela, disse: - Melhor sorte com aquela bala.

Capítulo 17

Quando Holly emergiu do banheiro, vestida e pronta para a estrada, ele ainda estava batalhando com sua ereção, escassamente capaz de puxar o jeans pelo seu membro.

Provavelmente era uma boa coisa que ela não tinha colocado a mão nisso antes, porque naquele ponto, uma brisa fraca o teria acendido instantaneamente.

Ele tinha estado tão perto que até tinha liberado uma gota de sêmen, o que nunca tinha acontecido antes, uma rápida visão de como se sentiria derramar sua semente.

Mesmo resolvendo o problema sozinho, ela não tinha diminuído a necessidade dele. O tipo dele exigia múltiplas liberações por dia, ou ficavam mais propensos a entrar em um estado de raiva. Pela segurança dela, ele logo teria que cuidar de assuntos com a mão.

Agora, ao vê-la com as bochechas rosadas, vestida em suas roupas de inteligente... ele arrastou o olhar sobre ela, como sempre a achando facilmente sensual.



Os sapatos de salto dela não eram salto agulha, mas o modo que as finas correias abraçavam seus tornozelos o estava excitando. A mera visão das pérolas dela poderia fazê-lo doer, porque sempre que as corria contra os lábios, uma das fantasias favoritas dele sempre o assaltava, a dela usando nada mais que pérolas e ele a montando tão duro que a corrente saltava sobre seu pescoço.

E a saia dela... Quando ele a observava no passado, não tinha entendido por que ela usaria blusas tão conservadoras, e então saias tão provocantes. Sim, elas passavam dos joelhos, mas elas também esticavam muito justamente no traseiro dela.

Ele finalmente tinha entendido isto. Holly não tinha se dado conta de como esses caros materiais se moldavam em cima de suas curvas generosas.

Cade conhecia fêmeas que gostavam de perguntar: - Meu traseiro parece grande nisto? - Mas considerando Holly como um exemplo, ele tinha começado a suspeitar que as mulheres, realmente, não podiam determinar como os traseiros delas se pareciam.

Oh, bem. Uma pergunta para as idades.

—Pronta? - ele perguntou.

Ela acenou com a cabeça, se comportando como se nada fora do comum tivesse acontecido entre eles, enquanto suas bolas estavam tão azuis que ele desejou saber se elas voltariam ao normal.

Se ela queria agir como se não tivesse lambido os lábios lentamente enquanto seus olhos prateados foram fechando no pau dele, ele poderia jogar.

Então, nós fingiremos...

Depois que ele levou as bolsas para o carro, as colocando no porta-malas, se lembrou de abrir a porta para ela. Um ponto para o demônio, mas exatamente quando estava a ponto de deslizar para dentro do carro, ela saiu.

—Oh, não, não... - ela disse, encarando o chão do carro ao lado dele, o qual estava cheio de latas esmagadas de red bull. - Nós não podemos pegar a estrada desse jeito.

—Está bem, Holly. Eu esvaziarei o lixo no próximo posto de gasolina.

Mas ela já tinha recobrado seus lenços antibacterianos e cruzado para o lado dele, o espantando fora.

Esfregando o lenço por toda parte, ela se agachou bem na frente dele para esvaziar o fundo do carro.

E ele teve que arrastar os pés abertamente para se privar de cair em cima dela.

A saia estava tão apertada, que ele podia discernir que ela, definitivamente, estava usando uma daquelas ligas. Nota mental: Sempre deixe lixo no fundo do carro.

Quando ela tinha estado se arrumando mais cedo, ele só tinha tido tempo o bastante para fazer uma de duas coisas com privacidade: se contorcer nu, cavando pela bala ou resolver assuntos com as próprias mãos sobre a ereção. Enquanto ele se engasgava com a saia dela moldando seu traseiro de coração, concluiu que tinha escolhido erradamente a bala.

Ele abafou um gemido, começando a andar de um lado para outro.



Um macho humano passeou por ali, então deu uma dupla olhada nela. As sobrancelhas do bastardo se juntaram com desejo.

Cade mostrou os dentes. *Não mutile o mortal!* O humano pegou a visão dele e sabiamente correu.

Uma vez que Holly tinha depositado tudo na caixa de lixo do hotel, ela usou seus lenços para erradicar inocentes microorganismos.

—Nós estamos prontos, gatinha? - A voz dele estava tão rouca que a fez franzir o cenho.

—O que está errado com sua voz? Você está adoecendo?

Ele a ouviu fazendo a pergunta, mas a atenção dele já estava distraída. A noite estava fria, e os mamilos dela estavam duros debaixo do suéter bege que ela usava. Ele ausentemente respondeu:

—Imortais nunca adoecem.

Ela pegou a direção do olhar fixo dele e os lábios dela afinaram.

—Você se importa?

Eu me importo.

—Primeiro dia no sutiã novo, sim?

Como se chamando em algum interior bem reservado, ela disse em um tom de longo sofrimento. - Sim, Cadeon, é...

Quando eles tinham pegado a estrada, ela perguntou:

—Então me fale sobre o posto de checagem. Quem é esta mulher Imatra? Você a conhece?

—Não pessoalmente. É suposto que ela tenha nascido de um feiticeiro e uma demoness, obtendo as forças de ambos. Há rumores de ser uma grande beleza. - ele acrescentou com sinceridade, medindo a reação dela. Não havia uma discernível. - Ela possui uma taverna no Lore no Rio Mississippi chamada Sandbar⁶.

—Que fofo. - Tinha o tom dela sido cortante? Cade seria forçado a levar Holly lá com ele. A idéia de deixá-la vulnerável e sozinha num quarto de hotel era pior do que o que ele esperava deste bar. Além disso, os seguidores de Groot patrocinavam o lugar.

Seguramente eles não fariam nada para se aventurar com o que o feiticeiro queria tanto...

—E então no Sandbar, nós conseguiremos direções para outro posto de checagem?

Quando ele acenou com a cabeça, ela disse:

—Qualquer idéia de onde Groot poderia estar?

—Alguns dizem que está no norte.

—Como ele é? Eu sinto como se eu estivesse indo ver um mago.

—Ele é um ferreiro como também feiticeiro, supostamente pode encantar metal.

—Por que tanta dificuldade para chegar a ele?

Se atenha à verdade.

—Meu inimigo Omort o quer morto. Assim Groot vive constantemente se escondendo.

—Porque Groot pode forjar uma espada que pode matar Omort.

⁶ Bar de areia.



—Precisamente.

—Então, Groot deve ser um dos sujeitos bons se ele e Omort são inimigos.

Vagueie isso.

—Bom ou ruim você precisa lembrar que todos os feiticeiros têm que ser lidados com cautela.

—Como ele inverterá a transição? Haverá um feitiço?

—Eu não sei. Eu suponho que sim.

—Mas só se nós chegamos lá a tempo. Por que nós simplesmente não voamos para Memphis?

—Nix me fez jurar não voar em qualquer etapa desta viagem. Ela deve ter previsto algo ruim.

—Você sempre acredita nas previsões dela?

—Ela nunca adquire visões erradas, ele disse. - Mas se ela lhe conta a verdade sobre elas é outra questão.

—Você parece conhecê-la bastante bem. Vocês dois alguma vez... se envolveram?

—Se envolver com a maluca de pedra da Nix? Não é provável. No caso se você não percebeu, Nix é - ele girou o dedo indicador ao lado da cabeça dele - confusa.

—Ela também é bonita.

—Nunca vi uma Valquíria que não fosse. - Ele a investigou duramente, fazendo-a corar e olhar distante. - Falando de Nix, o que você fez com a carta dela?

—Eu memorizei e destruí enquanto você estava fora comprando comida.

—Então você sabia que eu bisbilhotaria suas coisas?

—Do que eu conhecia de você até agora, era uma probabilidade estatística.

Durante as últimas três horas, eles tinham passado em silêncio, com Holly trabalhando no laptop dela, perdida em pensamentos e ele tentando não olhar para ela mais que duas vezes por minuto.

Ela tinha o microfone do computador atrás da orelha, os óculos postos e estava agora preguiçosamente esfregando aquelas pérolas.

Não faça isso... não faça.

E lá foi ela, correndo-as contra os lábios.

Mulher enlouquecedora, até mesmo com modos mais enlouquecedores sobre ela! E ela não tinha idéia dos homens que ela deixava duros ao seu redor.

Aqui estava ele, preso em um carro toda a noite com a fêmea dele, sabendo que ela precisava ser agradada. Ele tinha um instinto guia de agradar sua fêmea e não podia.

Cade estava a ponto de explodir.

Então as sobrelhas dela se reuniram e ela digitou como uma correnteza de fogo. Ela pausou, mordendo o lábio inferior. Quando ela digitou enter, fez uma carranca à resposta.

Ele desejou saber que provas, teoremas ou funções ela estava considerando e então rejeitando.

O que estava acontecendo naquele incrível cérebro dela?



Mas ela não só tinha estado concentrada em matemática durante as últimas horas. Ele sabia que ela ocasionalmente tinha estado pensando sobre mais cedo. A face dela ficava corada e corria as pérolas contra os lábios, porém mais rapidamente.

Ela tinha gostado do que ele tinha lhe mostrado? Ele tinha estado orgulhoso por ela o ver duro, amando a sensação do olhar dela na longitude dele, esperando tentar as mãos dela para isso.

E ela tinha estado tão perto de tocá-lo.

Ele sabia que não tinha estado em seu melhor comportamento no hotel. Mas quando ela tinha falado com aquele tolo, Cade tinha sido superado pelo ciúme.

Ele tentou se lembrar da última vez que tinha sido tão invejoso. Provavelmente quando o Lykae Bowen MacRieve tinha achado a companheira dele. Intensos rivais, Bowen e Cade tinham ido séculos sem achar as fêmeas deles. Então o Lykae tinha encontrado a dele em uma bonita e engraçada bruxa, a que Cadê tinha feito uma tentativa sem brilho.

Agora Cade tinha achado a própria fêmea em uma Valquíria brilhante, atordoante, que era tão confiante que às vezes o deixava estupefato.

Mas ela era uma que ele não podia manter.

Outro turno rápido de digitação veio, com outro clarão na tela de computador dela.

—Alguém alguma vez lhe falou que você é sensual como o inferno quando está ‘matematicando’?

Ela suspirou, fechando o laptop e removendo os óculos. - Sexo é tudo em que você pensa?

—É, quando eu estou com uma necessidade dolorida por isso. Meu tipo precisa disso três ou quatro vezes em um dia regular. E então depois do que aconteceu mais cedo entre nós...? Você tem que estar sentindo os efeitos posteriores, também.

—Quase não.

—Admita. Nós tivemos um momento. - Embora eles não tivessem nem mesmo se tocado, ele não pôde se lembrar da última vez tinha experimentado qualquer coisa tão quente.

—Não importaria se nós tivéssemos. Eu posso controlar meus desejos mais básicos.

—Você disse que não resolve essas coisas, sozinha. O que eu sei que é uma mentira.

—Não é!

—Tem que ser. - ele disse. - Caso contrário a luxúria somente aumentaria e aumentaria.

—Você vai persistir nisto até que eu responda.

—Você está começando a me entender.

—Não, eu me recuso a isso. - ela disse, negando com a cabeça. - Nós simplesmente não estamos falando sobre isto.

—Então fale sobre qualquer outra coisa. Você precisa de uma pausa em seu trabalho, e eu preciso de uma distração para tirar minha mente de minha dolorida coxa. Alguma Valquíria se recusou a me ajudar em minha angústia.

—Você mereceu isso.

—Provavelmente. - ele permitiu.

—Muito bem. O que você faz como um mercenário?



—Eu me especializei em usurpar tronos. Eles me chamam o fazedor de reinos.

Se vangloriando agora?

—Então você é um rebelde.

—Você está assumindo que eu tomo tronos dos donos legítimos.

Ela deu um aceno na direção dele, como se concedendo o ponto dele.

—Mas principalmente, eu luto guerras. O Lore é um lugar violento, bom para o negócio. - ele disse, então estalou os dedos. - Oh, espere, eu quase esqueci... você é uma pacifista.

—Essa não é uma palavra ruim.

—É quando você está na indústria de guerra.

Ela elevou uma sobrancelha. Então parecendo curiosa contra vontade sobre o trabalho dele, ela perguntou:

—Como você se tornou um mercenário?

—Eu tinha treinado como um soldado para lutar contra Omort. - Com dezenove, Cade tinha sido lançado em um regime de treinamento brutal entre os soldados de Rydstrom, no qual todos o menosprezavam. Por meses, Cade tinha tido o traseiro nas mãos deles. Finalmente ele tinha aprendido que tinha que ficar mais rápido, mais forte e melhor que qualquer demônio no exército.

No final das contas, ele tinha sido e as pessoas tinham tomado conhecimento.

—Em tempos inativos entre campanhas, me foram oferecidos alguns trabalhos. - Como Omort crescia mais poderoso, esmagando revolta atrás de revolta, havia mais tempos inativos do que campanhas. - Eu tive um pouco de sucesso, e isto se acumulou. Eu tenho um exército de quarenta e cinco sob meu comando.

—Todos são demônios?

—Principalmente, - ele disse.

—Você discrimina não-demônios? - ela perguntou.

—Nós não discriminamos. Contanto que o candidato seja vicioso, tenha matado antes e esteja disposto a fazer novamente, ele é contratável.

—E quantas mulheres estão atualmente em seu exército? - ela perguntou agradada.

—Eu caminhei diretamente para isso, não caminhei? - ele disse, mas ela somente elevou as sobrancelhas, esperando a resposta dele. - Nenhuma fêmea se aplica nisso. Muito. Quase absolutamente. Ei, se você ficar Valquíria, eu a contratarei. A mercenária PhD.

—Isso seria um desperdício de estudo.

Ele ficou imóvel.

—O que isso deveria significar?

—Só parece que sua ocupação utilizaria mais força muscular que cérebro.

—Então, quanto maior forem seus bíceps, melhor será sua estratégia militar e as táticas de batalha? É o que você pensa?

Ela estudou a face dele.

—Você é sensível sobre isto.



—O que? Eu não sou porcaria nenhuma de sensível. - ele disse, mas o tom dele era áspero. - De volta a você. Você disse para Nix que estava a um código de distância de adquirir seu PhD. Que tipo de código?

—É complicado.

Ela pensava que ele nem mesmo poderia acompanhar o raciocínio? Isso fez o protesto dele levantar.

—O grande, bobo demônio é conhecido por entender algumas coisas durante os mil anos de vida dele. - Ela lhe deu outro olhar estudado, como se ele tivesse acabado de provar a teoria dela.

—Você realmente quer ouvir falar do meu projeto? - Quando ele acenou com a cabeça, ela disse: - Eu chamo código barbed⁷. Eu tenho a intenção de usar no setor privado em aplicações de computador para proteger propriedades de dados. Oitenta e cinco por cento de todas as companhias informaram perda de dados devido a cortes ou acessos sem autorização.

—Você está me falando que muitas companhias usam códigos?

—Todo mundo usa códigos. Ou pelo menos, qualquer um com um computador faz. Quando você recebe um e-mail, é codificado, até que seu programa de e-mail decodifique isto. Uma transação bancária on-line, até mesmo pagar um ingresso de corrida on-line são aplicações código pesadas. - Ela virou, ajeitando o corpo para estar mais de frente para ele, amando este assunto obviamente. O que o desconcertou.

Se ela fosse tão aguda nesta matéria, então ela queria um parceiro que pudesse discutir isto com ela. O irritou que ela tivesse aquele bobão que falava a linguagem que ele nunca poderia saber.

De novo: - você não pode infernos tê-la de qualquer maneira!

—O que? Sim, eu só estava pensando... como http sempre vira https quando eu faço uma transação.

—Exatamente!

Boa saída.

—Https provêm de um nível adicional de códigos. - Ela olhou para ele com novo interesse. *Malditamente boa saída.* - Mas todo código computadorizado ainda é quebrável. Cada um deles pode ser decifrado através de computação de força bruta.

—O que é isso?

—Imagine mil computadores que trabalham vinte e quatro horas por dia em quebrar um único código. Isso é CFB. Assim a idéia geral é fazer um código tão enrolado e complexo que ninguém teria bastante CFB disponível para quebrar. Mas teoricamente, ainda é raqueável.

—Assim o que faria seu código? Por que chama barbed?

—Eu quero que ele se proteja sozinho, por qualquer meio necessário.

—Como isso seria possível? - ele perguntou.

—Se sente que está sendo decifrado, então cyber-atacaria o decodificador.

Ele deu uma risada.

⁷ Esmurrante.



—Imagine uma Valquíria que desenvolve um código combativo.

Os olhos dela flamejaram prateados.

—Isto é muito sério.

Ele já sabia, quão devotada ela era ao trabalho, mas nunca a tinha visto tão apaixonada sobre isto.

—CFB não funcionará se meu código tirar esses mil computadores simultaneamente. E imagina as implicações para outros usos.

—Como o que?

—Por exemplo, seu software antivírus. Ele não vai mais somente proteger seu computador contra vírus, poderia rastrear o vírus de volta a sua origem, então enviar uma versão transformada para incapacitar o próprio sistema do culpado. Até mesmo seriam afetadas aplicações de e-mail. Se você recebesse spam, seu computador despacharia dez mil mensagens de spam diretamente atrás ao real endereço do remetente, fechando o sistema dele.

—Eu acredito que isto é sério. Isso soa como se pudesse varrer spans e vírus completamente em um instante.

—Poderia totalmente! As pessoas atrás deles roubam tempo de nossas vidas, nos forçando a nos defender contra eles ou lidar com as desavenças deles. E eu me ressinto com isto.

—Então qual é o impasse?

Ela olhou distante enquanto disse:

—Meu código ataca... tudo. Até mesmo sistemas amigáveis.

—O código guerreiro vai na empolgação.

Ela suspirou.

—Isso mesmo.

—E você tem que entender como fazer um código reconhecer um amigo de um inimigo.

Com um aceno, ela disse:

— Imagine enviar seu pré-trabalho em cima de uma contabilidade de milhões de vírus. Os resultados seriam catastróficos para ter chance de amizade.

—Então o que você está fazendo agora?

—Tentando me comunicar com o código como um amigo para estudar exatamente como ele chuta meu traseiro a cada momento.

—Até conhecer, eu sempre pensei que códigos eram palavras e enigmas.

—Criptologia era o reino de lingüistas. Agora é dominado pelos nerds. - Ela disse isto orgulhosamente, como se ela fosse a pessoa entre eles. - Nós vamos reger o mundo, sabia?

O que Holly não entendia era que quando ela dizia coisas assim, não soava como uma nerd, ela soava como Valquíria.

Capítulo 18



—Eu me recuso! - ela disse para Cadeon enquanto eles esperavam o tanque encher. - Eu não farei isto!

—Você não sabe o que está perdendo. Somente uma mordida. - ele disse, enviando o cachorro quente dele na direção da boca dela.

Do seu assento em cima do capô do carro, onde ele tinha teimado em subi-la, ela olhou a oferta com desgosto e levantou a mão.

—Esqueça. Comida de posto de gasolina está suja. Cachorros quentes de posto de gasolina estão além de sujos. Você sabe quanto tempo isso fica nesses rolos gordurosos?

—Tempo o bastante para ser gostoso. - Ele deu uma mordida enorme.

—Você poderia também estar comendo pés de porco em conserva, pescados de um jarro.

Os olhos dele se arregalaram.

—Eles tinham alguns? E você não me falou? - Com um sorriso da horrorizada expressão dela, ele disse: - Certo, certo. Eu tinha que dar uma chance a isso. - Ele colocou o jantar dele ao lado dela, então rebuscou uma sacola plástica nos pés dele. - Aqui. - ele disse, tirando uma garrafa de suco de laranja.

Depois de tranquilamente abrir o topo sem tocar na borda, ele deu isto a ela. Ele também pegou várias barras de granola empacotadas.

Cadeon poderia ser inesperadamente agradável. Para um demônio. Ela pegou uma bebida.

—Por que você não tirou sarro de mim pelas minhas... esquisitices?

Ele encolheu os ombros.

—Todo mundo tem alguma coisa incomum.

Holly inclinou a cabeça. Ele estava usando aquele maleável, chapéu de couro. Nix tinha tido razão. Ele era sensual como o diabo nisto. Ela tremeu intimamente. - Então qual quantidade de combustível um veyron gasta?

—Em velocidade máxima, pode queimar um tanque em doze minutos.

Ela acenou com a cabeça lentamente.

—Então basicamente este é o carro solução para estragar a camada de ozônio.

—Sim. Mas vai rapidamente. Ao contrário daquele cortador de grama sem lâminas que você chama de carro.

—É um híbrido! Eu o dirijo pelo meio ambiente.

—Mas não vai rápido.

Ela rodou os olhos dela.

—Você disse que este era o carro mais caro. Quanto é?

—Um ponto dois.

—Milhões? - ela choramingou. Ela começou a sair do capô, mas ele a segurou com as grandes mãos nos quadris dela.

—Você não tem que descer. Sempre se lembre de uma coisa.

—O que é?

—Este não é nosso carro.

O telefone dele tocou então.



—É Rök. Preciso atender. - Ele cruzou o estacionamento para ter privacidade. Como se ela pudesse entender o que quer que fosse daquela língua estrangeira.

Ela tinha aprendido que o telefone de Cade tinha acesso de satélite o que significava que funcionaria praticamente em qualquer lugar da terra. Que significava que ela podia conectar o laptop wireless dela nisto e ter acesso a internet em qualquer lugar da terra.

Quando ele voltou, ela perguntou:

— Como é chamado esse idioma?

—Demonish. - ele respondeu. - Você estará contente de saber que o resto da Ordem de Demonaeus foi abatida. E Rök e meu bando estão no rastro dos vampiros até mesmo enquanto nós falamos. Você terá duas facções a menos atrás você.

—Oh. Obrigado. E agradeça a Rök. - Como uma pessoa expressa gratidão por demônios e vampiros nocauteados? Não é como se existisse um cartão para isso. - Como você o conheceu? - ela perguntou, imaginando o demônio que ela tinha se encontrado brevemente. Ele era tão alto quanto Cadeon com chifres semelhantes, entretanto os de Rök eram mais prateados. Ele tinha cabelos pretos amarrados atrás em um rabo de cavalo, e pesados olhos azuis. Tire os chifres, e as mulheres o achariam deslumbrante.

—Nós éramos adversários, cada um com diferentes forças, ele gosta de intrigas espíãs, enquanto eu gosto de golpear coisas com espadas. Nós seguimos sendo contratado por facções diferentes para perseguir os mesmos objetivos ou para nossos exércitos lutarem. Nós eventualmente determinamos que mataríamos um ao outro e então ninguém conseguiria o pagamento.

—E tudo é sobre o pagamento?

—Conseqüentemente o termo mercenário. - Ele segurou debaixo do queixo. - Tente se manter de boca fechada mestiça.

Mississippi Mile Marker 775

—Eu pensei que Sandbar fosse só um jogo de palavras. - Holly observou, puxando sua leve jaqueta mais apertada. O ar que vinha do rio a esfriou até os ossos.

—Não. É realmente uma ilha de bar de areia. - Cadeon disse. Depois de amarrar a espada dele em cima das costas, começou a conduzir o caminho até o lugar onde eles estacionaram perto da água.

Ela o seguiu ao longo do perigoso caminho, escolhendo o caminho dela por raízes e limbos, esperando cair ou pelo menos ser agarrada pelas meias a cada turno.

—Eu ainda não vejo uma balsa.

—Então tire seus óculos. Vê a praia? Exatamente lá. Balsa.

Ela piscou, então tropeçou, e um nanosegundo depois ela estava em seus braços, seus grandes e quentes braços.

Assustada por quanto ela gostou daquilo, ela disse:

—Eu posso fazer isto sozinha.

—Em sapatos de salto?



—Eu estarei comprando calçados mais satisfatórios o mais cedo possível.

A voz dele estava baixa e rouca quando disse:

—Eu gosto de você nos seus saltos.

Por que ela respondeu tão prontamente à mera voz dele, o corpo dela ficando macio contra o dele? Ela nunca tinha pensado em vozes como, estimulantes, nunca tinha pensado muito nelas, absolutamente, até que ele tinha rangido.

Tim era agradável. Cadeon era... excitante.

Na orelha dela, ele falou:

—Eu gostaria deles mais ainda afundando em minhas costas.

É claro, a mente dela foi diretamente para essa visão.

—Te deixei pensando nisto, não deixei? - Lançando para ela um olhar que dizia: Meu trabalho aqui está terminado, ele continuou descendo o caminho.

—Me põe no chão, Cadeon. Agora!

Ele não fez e não havia nada que ela poderia fazer sobre isto porque o demônio era exponencialmente mais forte do que ela. Ela não tinha nenhuma esperança de dominá-lo...

Antes, ela nunca tinha tido sexo por medo de se perder e machucar a outro. Não havia nenhum jeito dela machucar Cadeon.

O que significava que tecnicamente, este demônio vigoroso era um potencial parceiro de sexo para ela.

Holly tentou parar esses pensamentos. Até mesmo se ele fosse possível de um ponto de vista físico, ele ainda não faria. Cadeon era, rude, dominante e um chauvinista imperturbável.

Guarde o ponto, ele se recusou a baixá-la mesmo quando eles alcançaram a corpulenta areia amarela para encontrar o barqueiro.

O homem era um tipo arrepiante, com chifres bulbosos que apontavam para frente como um agouro. O de Cadeon era muito melhor. Pelo menos ela sabia que não perderia um olho se eles se perdessem beijando.

Não que eles estariam se beijando alguma vez novamente!

—Só os do Reino do Lore são permitidos. - o barqueiro disse.

Contra os protestos dela, Cadeon levantou o cabelo da orelha dela.

—Valquíria. - ele disse simplesmente.

Quando ela se torceu contra ele, precisando ajeitar o cabelo, o barqueiro disse:

—Ela está aqui para lutar?

Ele esperava mais que ela lutasse do que ele esperava do demônio mercenário?

—A Valquíria só está aqui comigo. - Cadeon disse, e o homem os permitiu embarcar.

Na balsa, Cadeon finalmente a deixou deslizar abaixo do corpo dele assim ela pode prender o cabelo. Minutos depois, eles ancoraram em um cais de integridade estrutural questionável que parecia uma passarela de casamento desequilibrada pelo pântano.

Uma cabana estava iluminada ao longe e música soava de dentro.

—Fique perto de mim. - ele disse. - Nós entramos, pegamos as direções e damos o fora, sim?



—Sim. - Ela ouviu algo nos bosques ao lado deles. - Ei, o que está se movendo lá fora? - Ela se esticou para ver.

Ele arrancou os óculos dela, e ela imediatamente enquadrando uma família de cervos. Certo, não havia ninguém ao redor dos bosques, sua visão estava mudando.

—Me devolva os óculos!

—As pessoas vão desejar saber por que você usa óculos. Imortais não precisam deles.

Ela arrebatou os óculos de volta, os colocando.

—Então os deixe desejar saber. - Na porta, ela conferiu as pérolas dela, mangas e cabelo. Ela sempre fazia isto antes de entrar em um edifício, um de seus rituais mais rígidos.

—Se prepare. Agora, isto vai ser uma sombra de choque para você. Somente não encare nenhum dos protetores. Entendido?

—Eu posso me cuidar.

—Agora, que eu estou atento, mestiça. E não fale com ninguém sobre nosso negócio. Simplesmente assuma que todo mundo está aqui para te prejudicar.

—Não deverá ser um problema. Eu faço isso com você o tempo todo.

Ele lhe deu um sorriso apertado.

—E Holly, se lembre do que você é capaz. Se as coisas forem ruins, não se esqueça que você pode distribuir doses de dor de verdade. Não hesite.

Se ele continuasse lhe falando quão forte e poderosa ela era, Holly ia ter que reavaliar o estado dele como chauvinista.

Ele abriu a porta e a realidade veio em hiato.

Com a melodia de um jukebox: - Porque nós não ficamos bêbedos e fodemos -, seres que ela nunca tinha imaginado estavam socializando. O lugar era como um bar regular, exceto que habitado por criaturas de mito.

Dois homens faziam queda de braço e uma imagem de uma besta chamejava em cima de cada um deles. Os olhos deles oscilaram de uma cor âmbar ao mais claro azul.

Lykae: lobisomens. Ela se lembrou da leitura sobre eles.

Quatro machos altos com orelhas pontudas jogavam dardo através da multidão, de uma distância que tinha que ser de doze metros. O nobre fey. Gnomos pequenos e querubins, dançavam alegremente. Mas por alguma razão, ela sentia perigo neles. Devem ser kobolds⁸.

Espiando ao longo de todos os demônios de todas as formas e tamanhos e tipos de chifres. Ela enfurecidamente notou que Cadeon era sem dúvida o melhor de todos eles.

De repente todo mundo parou e a encarou. Ela levantou o queixo. Cadeon a puxou mais perto.

⁸ Duende do folclore alemão. Embora normalmente seja invisível, um kobold pode se materializar na forma de um animal, o fogo, um ser humano, e um objeto mundano. As representações mais comuns de kobolds mostram cifras parecidas às humanas como o tamanho das crianças.



—Cobrando bem, sem dificuldade, mestiça. - ele murmurou no ouvido dela - Mas não se esqueça que muitos daqueles seres ainda podem dizer que seu coração está trovejando. O tranqüilize.

Nesse momento, a multidão separou para revelar uma fêmea alta, bem formada que passeava para eles.

—Então este é o infame Cade fazedor de reinos. - ela disse em uma voz de uísque, o olhando com óbvio interesse. - Os rumores não mentem. Você é a parte deslumbrante dos Woede.

—E você deve ser Imatra. - ele disse, com tom inescrutável.

Simplesmente como Cadeon tinha ouvido, Imatra era uma grande beleza. E a mulher obviamente sabia disso. Ela usava um roupão de seda carmesim em cima de uma minissaia de couro e um bustiê preto que empurraram seus consideráveis seios precariamente.

Holly estava usando um twinset⁹ e uma saia Burberry¹⁰.

Imatra passeou ao redor dele, preguiçosamente arrastando um dedo ao longo dos seus ombros.

—Que macho atordoante que você é.

Ela mal gastou um olhar com Holly e voltou a atenção para ele.

—Você precisa vir comigo para os fundos.

Quando Holly os seguiu, Imatra se virou e disse: - só Cade. Nós temos negócio para discutir.

Ela piscou a Holly.

Cadeon olhava como se protestasse, Holly queria que ele protestasse. Mas Imatra sussurrou algo na orelha dele, e ele disse:

—Você fica no bar, Holly. Não interaja com ninguém. Somente se sente e fique quieta, ou grite por mim se você precisar. Eu estarei de volta em quinze minutos.

Então eles tinham ido. E ela não sabia como se sentia sobre aquela demoness atordoante flertando com Cadeon tão agressivamente.

Exalando uma respiração, ela se moveu para o lado do bar tamborilando. Este lugar a fez se lembrar do bar Tatooine da cena de Guerras nas Estrelas. Qual era o nome daquele lugar? Oh, sim. A Cantina Mos Eisley. Eu sou tão nerd por saber disso.

—O que você tomará? - o garçom do bar lhe perguntou. Um dos três olhos dele estava perdido. Três não completos ou dois não anulados. Qualquer um era ruim. Ela tentou não fitar, mas o potencial para três deveria ser três!

Ela limpou a garganta delicadamente.

—Á-água estaria bem, obrigado.

Enquanto ela organizava os guardanapos empilhados perto em quadrados perfeitos, ao redor dela os machos se aproximavam.

Oh, sim, Cadeon. Não interaja e eu serei deselegante.

⁹ Casaco de mangas compridas.

¹⁰ Saia xadrez.



—Que negócios você tem aqui, Valquíria? - o aparente líder perguntou.

Ela sentia uma vaga ameaça destes machos. Eles a estavam testando. Ela se lembrou da última vez que tinha se sentido deste modo, seu primeiro dia de aula com trinta e três jogadores de futebol americano de Tulane. Ela tinha vestido uma fachada de confiança absoluta, tolerando zero desrespeito.

O que eram demônios comparados com calouros engraçadinhos?

—Eu estou aqui desfrutando da região. - ela disse alegremente. - Me fale, você mora ao longo da água?

Todos eles arregalaram os olhos.

—Por que você quer saber onde eu vivo? - o líder perguntou. - Para levar minha cabeça enquanto eu durmo?

—Sim, Deshazior, - outro interferiu - esse é o jeito das Valquírias. Rastejam para dentro quando você não espera, então, bam - ele bateu o fundo do punho no balcão - você é decapitado.

Fique calma. Reduza a velocidade do coração.

—Embora esse pudesse ser o caso, cavalheiros, na verdade eu estava pensando que inundação do piso deve ser um pesadelo para vocês meninos.

—Ela fala como um humano. - o Deshazior disse. O demônio, que falava como um pirata principal de um elenco se virou para o garçom do bar, e um copo apareceu em frente a ela. - Bebe Valquíria.

—Eu não bebo.

—É rude recusar bebida fermentada de demônio quando um está oferecendo a você.

—No entanto, eu nunca bebo.

—E azar para as botas.

—Azar? - A mão dela se abateu no copo. Uma ocorrência imprevista não vai se afastar. - O que uma bebida pode machucar, sim? - Grande, agora ela estava falando até mesmo como o tolo.

Com a mão livre, ela pegou um guardanapo, lhes dando um sorriso aflito enquanto ela polia uma área na beira do copo. Com o acompanhamento de Jimmy Bufê sussurrando:

—Eles dizem que você é rainha de rapé, docinho, eu não acho que seja verdade... - ela colocou a bebida nos lábios, então virou para cima.

O líquido queimou como nada que ela alguma vez tinha ingerido, e ela tossiu, com os olhos molhando. Ela colocou o copo no balcão de boca para baixo, assim eles não tentariam reencher.

—O que achou? - Deshazior perguntou.

Ela ainda não podia falar, assim deu o único gesto cortês que era aplicável: um dedão positivo.

Todo mundo se alegrou, enquanto alguém a esbofeteou nas costas, muito, muito forte.

—Ela tomará outro!

Eles alinharam um segundo copo.

Oh, não. Um para baixo, e um para cima. Ela teria que beber este e então mais um para adquirir a três...



Com seis, ela se sentia surpreendentemente sóbria e não estava tão miserável quanto tinha pensado que estaria, levando turnos tomando doses com demônios em um balcão de um bar de areia. Realmente, ela estava bastante relaxada.

E Deshazior estava se mostrando um escandaloso. O demônio de tempestade tinha sido um pirata nato e contudo ele teclava mensagem no seu sidekick mais rápido até mesmo que ela. Ele era bonito de um modo grisalho e também tinha um interesse em matemática desde que tinha sido um navegante.

Ele tinha lhe falado que as doses bateriam mais duras nela com cada hora da noite. Holly estava estranhamente esperando por isso.

Ela piscou ao relógio de parede da Budweiser. Quarenta minutos tinham se passado. Entrar e sair, Cade tinha dito.

—O que está demorando tanto? - ela murmurou ausentemente.

Alguns demônios sorriram maliciosamente, e um disse:

—Imatra é exigente.

Exigente? Nós estamos aqui por direções. O que ser exigente tinha a ver com quanto tempo Cade estava levando com a demoness deslumbrante?

Ela arranhou a cabeça, se incomodando com o coque, o arrancou.

Os olhos dela alargaram. Holly, você é uma idiota. Dois demônios em um quarto de fundos, com suas necessidades de três vezes por dia...

—E não é como se Cadeon o fazedor de reinos não fosse apto para o desafio. - disse outro.

Cadeon estava lá atrás tendo sexo com Imatra.

Subitamente, Holly entendeu por que as pessoas amaldiçoavam. Às vezes a emoção de dentro não podia ser desabafada com qualquer combinação conhecida de palavras dóceis.

Pelo menos ele tinha razão sobre uma coisa. Ela era uma traseiro-apertado e uma hipócrita, porque, enquanto ela sentou aqui se embebedando, tudo que ela queria fazer era os juramentos mais vis que ela podia pensar.

Ele era um demônio indigno de confiança. Ela sabia disso. O que ela tinha estado pensando até mesmo em imaginar mais com ele?

Mais cedo, logo antes que Imatra e Cadeon tivessem voltado para o quarto dela, Imatra tinha lançado a Holly aquele olhar superior, como se ela tivesse levado algo dela. Na realidade, Imatra tinha lhe dado algo.

Perspectiva do que Cadeon estava preocupado.

Holly gostava de coisas ordenadas. Cadeon na cama com a sexy demoness na mesma noite que ele tinha feito um jogo por Holly o removeu para sempre da consideração dela. Por este ato, ele tinha sido anulado.

Sim. Ela tinha querido não ser tentada. Para estar segura de que não iria abandonar a velha vida dela.

Nenhum demônio, nenhuma tentação, nenhum lado escuro.

Colando um sorriso na face, ela perguntou ao grupo:

—De quem é próximo turno?



Capítulo 19

—Eu estou aqui somente por negócios, querida. - Cade disse quando Imatra verteu bebidas para eles.

—Você sabe que dá azar recusar bebida fermentada de demônio. E é rude manter sua espada, como se nós fôssemos inimigos.

Ele levou o copo, não muito sutilmente olhando para o relógio dela. Dez minutos já tinham se arrastado passando enquanto ela tinha feito perguntas pelas outras facções buscando por Holly.

—Somente preciso de minhas direções e eu irei.

Cade não podia imaginar como Holly estava se saindo lá fora. Mas ele também tinha confiança nela, seguro que ela usaria aquela cabeça para ficar fora de problemas. Ele tinha ficado impressionado com o bom trabalho que ela tinha feito mascarando o assombro da face de tantos seres novos do Reino do Lore.

Havia feys, demônios e Lykaes, mas felizmente, não havia nenhuma Valquíria. Ele sabia que todos os seus planos poderiam ruir, no minuto que ela descobrisse que não tinha volta para humana.

—Por que a pressa, Cade? Seria tão terrível ter uma bebida ou duas comigo? - Imatra deixou seu roupão escorregar pelo ombro.

Cade acreditou que a maioria acharia que Imatra era bonita, mas ele a achava exagerada e vazia comparada com a mestiça dele.

—Meu recurso está lá fora em uma sala cheia de demônios. Ela era humana há menos de dois dias atrás. Há um elemento de tempo aqui.

—Ninguém ousaria machucá-la.

Não, mas eles poderiam a amedrontar.

—Então eu estou ansioso para chegar ao próximo posto de checagem, o que deveria agradar seu mestre.

—Ele deseja indagar sobre a saúde do Recipiente.

Cade odiou ouvir falar de Holly daquele jeito, assim impessoal. Groot nunca veria passar o que ela poderia prover para descobrir como ela era.

—Holly está bem.

—Nós não esperávamos que você estivesse viajando sozinho com ela.

—Não estaria. Exceto pelo fato de que a irmã de Groot e Omort, Sabine, aquela pequena cadela capturou meu irmão.

—Nós não sabíamos se você estaria avisado disso.

A idéia de Rydstrom aprisionado ferveu dentro de Cade, mas ele se esforçou para impedir isto, percebendo que negociar neste posto de checagem poderia não ser tão simples quanto ele



tinha se antecipado. Imatra parecia caprichosa. Ela poderia criar dificuldades. Ele não queria estragar esta transação porque ele se pôs impaciente com ela.

Imatra disse:

—Eu suponho todo o mundo saberá rápido o bastante com o modo que Sabine tem se vangloriado sobre o novo brinquedo dela.

Cade moeu os dentes.

—Onde Rydstrom está?

—Você espera que eu lhe fale quando você nem mesmo vai tirar sua espada ou compartilhar um drink de cortesia?

Ele encolheu os ombros em submissão da envoltura de espada dele, pondo isto em uma cadeira, então ergueu o copo.

Com um sorriso contente, ela sentou na extremidade da escrivaninha dela, tendo certeza que o corte na saia subisse até o quadril. Esta fêmea estava tentando ser sensual, isto estava nela inteira, mas não era natural.

Ela tinha que trabalhar nisto.

E ela ainda não podia segurar uma vela com Holly, quem não poderia se preocupar menos, se machos a achavam atraente.

—Onde está meu irmão, Imatra?

—Provavelmente em Tornin, mas nós não podemos dizer com certeza. Eu estou seguro que mais informações virão para nós. Informação que nós poderíamos compartilhar se esta transação for suave.

—Por que não seria?

—Como nós podemos saber que você não dormirá com o Recipiente? - Imatra perguntou.

Boa pergunta.

—Do mesmo modo que meus clientes souberam que eu nunca fodi com qualquer recurso que eles confiaram a mim. Ruim para negócios no futuro. Além disso, a garota não é de longe meu tipo. - Meu tipo padrão era merda comparado com Holly.

A demoness o estudou, como se determinando se ele estava mentindo. Eles suspeitavam? Nesse caso, como? Ninguém, exceto, Rydstrom, Nix e Rök, sabiam que Holly era dele.

—Se você decidir dar uma de esperto e tentar ter a espada e a menina, você falhará. - Imatra disse. - Em primeiro lugar, Groot é um leitor de mente inacreditavelmente forte. Você poderia ser capaz de bloquear as sondas dele, mas ela não teria nenhuma chance. Segundo, a troca será feita dentro da fortaleza de Groot que é misticamente protegida, equipada com armadilhas e vigiada por revenants. Uma floresta de Wendigo a cerca. Você a terá morta se fugir com você.

Cade não tinha se dado conta até aquele exato momento que tentar a espada e Holly tinha sido uma opção escondida na mente dele.

Uma favorecida.

Agora ele sentia as esperanças afundando.

—Muitos obstáculos. - Cade concordou. - Como eu posso estar seguro que eu até mesmo sairei vivo?



—Groot jurou ao Lore que você terá passagem segura. Se você jurar também que você nunca revelará o local dele.

Jurar pelo Lore era o voto mais permanente que um imortal poderia fazer. Até mesmo um feiticeiro do mau se sentiria compelido a manter isto. - Eu juro.

—Também, meu mestre quer o Recipiente fértil para procriação imediata. Você tem que se assegurar que ela continue comendo. - Imatra disse, o testando, analisando a reação dele.

Cade somente se impediu de friccionar os dentes.

—Não estou aqui para brincar de babá.

—Se ela não estiver na condição que ele a quer, então talvez sua espada não seja como você preferiria.

Foda-se tudo.

—O Recipiente tem uma mente própria, mas eu darei uma ajuda com a comida.

—Mais uma coisa, se ela não estiver lá antes da meia-noite na próxima lua cheia, a espada será lançada de volta na forja, perdida para sempre.

Cade tinha ouvido que Groot possuía uma forja de calor sobrenatural na fortaleza escondida dele.

—Ele não iria querer dar isto a outra pessoa que poderia matar o irmão dele para ele?

—A arma foi forjada para um dos Woede. - ela respondeu. -Seria inútil a outro.

—Entendido. Agora, se você não se importa, eu gostaria da segunda rodada de direções.

—Eu te contarei... mas só depois que você me beijar.

Ele estreitou os olhos, chiando de raiva.

—Groot não gostaria de você impondo condições que me atrapalham.

—Ele também não gostaria de pensar que você e o Recipiente estão ficando envolvidos. - Ela tirou o roupão completamente para derrubar no chão. - Seria uma tarefa me beijar, Cadeon?

Na verdade, sim. Antes de ele conhecer Holly, este tipo de fêmea explosiva o teria atraído. Ele a teria beijado e terminado uma boa transação melhor ainda.

Agora ele só a beijaria se ele tivesse que fazer.

Tivesse que fazer? Não havia nenhum futuro com Holly e quanto antes ele tivesse isso na cabeça, melhor.

—Tudo bem, querida. - ele rangeu. - Um beijo pelas minhas direções.

—Somente se junte a mim aqui. - ela disse, se esquivando para a cama, lançando a coberta longe com um praticado, sorriso sensual.

—Nada feito, Imatra. - Ele agarrou a mão dela, puxando-a de volta.

—Tão agressivo. - ela ronronou. - Nós teremos que fazer isso de pé, então.

—Tanto faz. - Ele se ajoelhou e a beijou.

E isso o deixou frio.

Melhor eu me acostumar com isso, ele pensou enquanto passava pelos movimentos. Frio era tudo que ele iria sentir de novo sem sua fêmea.

—Com licença. - Holly disse da entrada. Ele se afastou de Imatra. Mas Holly tinha visto.



O coração dele trovejou quando o olhar dela chamejou em cima da cama desfeita, então em cima do roupão de Imatra no chão e a espada dele deitada na cadeira.

Ah, foda. Agora eu fiz isto. A fêmea predestinada dele o tinha visto beijando outra. Ele nunca tinha ouvido falar deste acontecimento a um macho do tipo dele. Porque ninguém era tão estúpido.

Mas eu não posso tê-la de qualquer maneira!

—Eu realmente gostaria de voltar para o hotel, mas eu não desejo interromper os dois. - Holly disse suavemente. Ela não estava abalada, chateada ou qualquer coisa. A fácil confiança estava em vigor.

Até mesmo Imatra parecia surpresa.

—Cadeon, eu simplesmente pegarei uma carona. - Ela se virou para a porta.

—Pegar uma carona? - ele disse em descrença, percorrendo a distância entre eles para agarrar o pulso dela.

—Quem infernos vai lhe dar uma carona?

Nesse momento um coro de machos chamou que era a vez da Valquíria de fazer outra rodada.

O cabelo dela estava solto e enrolando sobre os ombros, os óculos no bolso dela. As bochechas estavam rosadas do álcool. Debaixo da respiração, ele disse:

—Por que seu cabelo está solto?

—Porque eu estou em um bar?

—Você está bêbada.

—Você é astuto. Agora, realmente, eu não queria te perturbar. Somente te deixar saber que eu estou partindo.

Imatra vestiu o roupão, endireitando as roupas de uma maneira exagerada. A cadela estava tentando fazer parecer que eles tinham dormido juntos e ele não podia negar isto sem parecer ter uma maldita preocupação com Holly.

—Você vai comigo. - ele falou para Holly, carranqueando quando ela não se preocupou absolutamente com o que ela tinha visto.

Ele tinha pensado que ela estava atraída por ele. Talvez até mesmo um pouco possessiva depois que eles tinham se beijado.

—Tudo bem. Eu estarei esperando lá fora. - Com seus pequenos saltos fazendo tique-taque no chão áspero, ela saiu, o deixando inconformado.

—Eu me perguntava sobre você dois. - Imatra disse. - Agora eu posso ver claramente que Groot não tem nada com que se preocupar. Você não poderia ser mais despercebido por ela.

De alguma maneira a demoness tinha sabido que Cade sentia algo por Holly e tinha suspeitado o contrário também.

Então ela tinha provado que estava errada com a indiferença de Holly.

—As direções?- ele incitou.

—Você estará indo para Michigan.

—As direções exatas?



—No tempo, demônio... mais uma bebida, primeiro.

Cadeon ouviu alegrias masculinas quando Holly entrou no bar novamente. Era tudo que ele podia fazer para não chegar lá e começar uma guerra.

Quando Holly voltou, Deshazior puxou o assento próximo a ele para ela. Com as sobranceiras elevadas em dúvida, ele fez um sinal de certo e correu seu outro dedo indicador pela cadeira.

—Oh, sim. - ela disse ainda instável. Da mesma maneira que ela tinha esperado, Cadeon tinha estado lá atrás na cama com Imatra, que apreciou ser pega, lhe dando novamente aquele olhar superior.

Não, este mundo não era para Holly.

Mas beber poderia ser. Assegurada pelo conhecimento de que ela não seria desviada novamente, ela decidiu desfrutar destas férias muito temporárias. Ela teria a velha vida dela de volta logo, ela poderia tomar doses com demônios nesta nova vida um pouquinho.

—Você viu alguma coisa boa? - Deshazior perguntou em um tom esperançoso.

—Não, eu acredito que eles somente estavam acabando.

—Você acha que eles estariam só pausando para um par de rounds? Eu ouvi que Cadeon é um mulherengo.

—Oh, sério? - ela perguntou o tom dela enfadado.

—Eu estou surpreso que ele não tenha cheirado ao seu redor. - ele disse. - Demônios amam Valquírias.

—Ah, mas Valquírias amam demônios?

—Sim. Porque nós somos os únicos que vocês não matariam na cama esportivamente.

Sons de pífaros foram lançados ao redor dela. Ela forçou um sorriso. Engraçado que eles mencionassem um fato que ela simplesmente tinha se dado conta aquela noite.

Amedrontada de que Deshazior visse algo na expressão dela que seguramente não estava lá de qualquer jeito, ela perguntou:

— Você tem um dólar para música?

Ele lhe deu alguma moeda corrente, que nunca tinha visto, e ela se dirigiu ao jukebox. O humor dela melhorou exponencialmente quando achou um álbum do Stevie Ray Vaughan.

Dessa vez quando ela voltou, Deshazior bateu levemente no colo dele para ela sentar. Ele não estava mal de se olhar, mesmo com seus enormes chifres. Ela considerou o que a velha Holly faria.

Determinada a desfrutar esta bizarra noite, ela fez o oposto, deleitando o grande demônio...

Quando Cadeon finalmente emergiu dos aposentos de Imatra, ela estava empoleirada no joelho de Deshazior, sussurrando na orelha dele, balançando ao som de Orgulho e Alegria.

Os óculos dela estavam no nariz de Deshazior, ela acreditou que estava usando o cinto de espada do pirata e ela tinha uma funda suspeita que um dos menores demônios macho estava sentando no chão ao lado dela, esfregando a face dele amorosamente contra a mão livre dela. A mandíbula de Cadeon abriu selvagemmente, e os olhos dele inundaram com preto.



No fundo, Stevie cantava: - se você aprontar com ela, você vai ver um homem se dar mal.

Capítulo 20

Minha fêmea está no colo de outro macho, os lábios dela na orelha dele...

Deshazor o notou e balançou o queixo o cumprimentando.

E eu não posso matá-lo. O demônio de tempestade não tinha feito nenhum movimento de agressão. As raças deles não estavam em guerra. Inferno, Cade lembrou que ele tinha se embebedado com ele antes.

Se Cade fizesse qualquer coisa, todo mundo saberia que isso era sobre uma fêmea. Por entre dentes friccionados, ele lhe falou:

— Levante. Agora. - Ela tinha o visto beijando outra e tinha quase parecido divertida. Cade tinha, meramente, a visto flertando com outro e ele queria matar algo.

—Problema, Cadeon? - Deshazor perguntou, estudando a face de Cade.

—Essa é minha encarregada, e nós estamos partindo.

—Estou indo, estou indo. - Holly ficou de pé instavelmente, removendo um cinto de espada da cintura dela. Uma vez que ela tinha pegado os óculos dela de Deshazor, ela bateu leve e brevemente nos chifres dele.

Mais de um macho gemeu, enquanto ela era inconsciente, não tendo nenhuma idéia que para um demônio, era como se ela estivesse afagando seu membro.

—Talvez eu precise de um para a estrada.

Cade a puxou por cima do ombro dele.

—A festa acabou gatinha.

Os outros o encaravam como se ele estivesse louco por maltratar uma Valquíria, contudo, em vez de ficar furiosa, Holly soprou sua companhia de altos beijos com ambas as mãos para todos os lados. - Mwah! Me mande notícias, Desh!

—Cadeon onde nós estamos indo? - ela perguntou uma vez que eles estavam de volta na estrada, viajando por uma escura, rodovia isolada.

Ele tinha estado calado por quilômetros. Como se ele estivesse furioso com ela. Sem uma palavra, ele lhe deu um pedaço de papel que dizia: A Ponte Laughing Lady, no Rio Bloodwater, na Península Superior de Michigan. Um contato estará na ponte à meia-noite por três noites consecutivas começando sexta-feira.

—O que infernos você estava fazendo lá? - Cadeon disse finalmente.

—Eu estava simplesmente me divertindo enquanto você estava na parte de trás, fazendo com Imatra.

—Eu não tenho que me explicar para você.



—Certamente não. - Apoiando a cabeça dela contra a janela, Holly contemplou o céu. Estrelas. Iluminando mais que qualquer uma que ela tinha visto na Paróquia de Orleans em décadas. Limpo.

Cadeon disse:

—Não é como se nós tivéssemos alguma coisa entre nós.

—Não, realmente.

—O que é isto? - ele exigiu. - Algum tipo de psicologia reversa?

Ela suspirou.

—Cadeon, é tão incompreensível que eu não estou chateada sobre isto, porque eu não estou interessado em você desse jeito?

—Isso é besteira. Você sabe que há uma atração entre nós.

—Atração? Você está brincando, certo? Eu tenho sensibilidade hiperativa. Você diagnosticou isso. Parece que eu não estou discernindo como sempre. Até mesmo você pode começar a parecer uma opção.

—Até mesmo eu? O que infernos isso quer dizer? Mulheres não me acham difícil de olhar.

—Nem convencido. - As palavras dele levaram a mente dela para o que os outros tinham falado de Cadeon. Mulherengo. - Essas são mulheres que provavelmente têm uma queda por chifres e presas. Eu não tenho.

Com as sobranceiras dele unidas, ele esfregou uma palma sobre um de seus chifres, parecendo ser pego fazendo isto, então arrancou a mão dele abaixo. - Não gosta de chifres, huh? Você estava afagando o de Desh como se não houvesse amanhã. Para referência futura, era a mesma coisa que se você estivesse lhe dando um shandy com a mão.

Shandy de mão. Ela não sabia o que aquele termo significava, mas soou ruim.

—Como eu deveria saber disso? Não é como se essa pequena pepita de informação estivesse em O Livro do Lore. E você é a última pessoa para criticar meu comportamento na taverna, Cadeon.

—Maldição, Holly, não era o que parecia lá trás com Imatra.

—Eu realmente não quero ouvir sua defesa quando não houve uma ofensa. Eu realmente não estou interessada sobre com o que parecia. Não é da minha conta.

—Até mesmo depois que nós simplesmente nos beijamos na última...

—O beijo que eu não queria e te falei que nós nunca repetiríamos? - Ela franziu o cenho enquanto uma onda de vertigem subia por ela.

—Você não deseja saber por que eu te beijaria na última noite e então a ela essa noite? - Como se isso fosse tudo o que ele tinha feito.

—Porque você é um macho? - Ela encolheu os ombros. - Talvez você seja como um leão em um prado, querendo qualquer fêmea disponível que você vê.

—Ela me falou que ela não me daria a porcária das direções até que eu fizesse isto!

—E isso levou uma hora? - Holly disse com mais sentimento. Mas então Cade percebeu que ela estava rindo dele.



—Uma hora? Você está bêbada... - Ele arrastou enquanto olhou ao relógio do painel. As sobranças dele juntaram. - Aquela bruxa! Ela deve ter reduzido a velocidade do tempo no quarto dela.

Agora Holly riu completamente. - Reduzido a velocidade do tempo. No quarto dela. - Ela zumbiu a melodia de Twilight Zone. - Só deixa pra lá. Eu não me importo.

—Eu esperava que você sentisse uma sombra de possessão depois do nosso beijo ontem à noite.

—Eu não me sentiria possessiva, não da mesma maneira que você quando eu estava flertando com Deth.

—Deth. - Ele ferveu por longos momentos. - Seu namorado está numa conferência, você estava me beijando ontem à noite e malditamente perto de me manipular somente algumas horas atrás e então você estava se embebedando e toda pendurada em outro macho. Muita lealdade aqui.

—Você me descobriu. A virgem desleal. Jogando rápido e solto.

—Por que você está sorrindo?

—Porque eu estou desfrutando minha primeira vez como nunca estando alegre.

—É disso que isso se trata. - ele disse, relaxando um pouco. - Quando você ficar sóbria, você vai ficar irritada comigo.

Ela beliscou a testa e murmurou: - Agora eu, tolamente, compreendo o termo zumbido mortal. Eu nunca entendi antes.

—Você está me chamando de.... oh, agora eu ouvi tudo! A garotinha escolar está chamando o demônio de zumbido mortal...

—Garotinha escolar? Ha! Você simplesmente saiu novamente com a sua!

Cade se sentia compelido para fazer algo para balançar Holly. Ele poderia agüentar qualquer coisa exceto essa indiferença.

Ele estacionou o carro ao lado da estrada, então a alcançado, encaixando a face dela na mão dele e a atraindo para ele. Mas ela o empurrou. Forte.

Força de Valquíria, definitivamente, crescendo.

—Não ouse. - ela grunhiu, os olhos brilhando prata. - Se eu quisesse provar os lábios de Imatra, então eu a teria beijado.

—Ótimo. - Ele se retirou. - Eu não dou a mínima se você acredita em mim ou não. - Empurrando o carro na engrenagem, ele acelerou saindo mais uma vez...

Depois de uma hora de silêncio, ela murmurou:

—Reduza a velocidade.

—Não. Nós temos um tempo para fazer isso.

—Cadeon, reduza a velocidade. Eu não me sinto bem.

—Quantas malditas doses você tomou? Duas? Três?

Ela deu uma risada trêmula.

—Um pouquinho mais.

—Eles te falaram que demora um tempo para bater?



—Eles falaram, de fato.

—Holly, quanto?

—Eu posso dizer... com certeza absoluta que o número era um inteiro, um múltiplo de três e maior ou igual a nove - a cabeça dela caiu para frente.

Cadê tinha levado duas horas intranquílias para achar um hotel um pouco decente para ficar. Holly tinha desmaiado, rolando no lado dela do assento, o tempo inteiro.

Exatamente quando ele a estava levando para o quarto novo deles, ela piscou abrindo os olhos, o encarando.

Tão bonita. A raiva dele já tinha vazado e agora aquele mero olhar fez o coração esmurrar o tórax dele. Ele suspirou. - Bebê, depois de nove doses você vai ficar completamente sem pernas.

Ela deu um gemido.

—Eu vou... perder minhas pernas?

Ele não pode fazer mais que rir do triste tom dela.

—Você vai estar bêbada, chapada.

Quando ele a colocou na cama, ela deitou de costas, mas imediatamente choramingou:

—Oh, Deus, está girando!

Ele rapidamente arrastou a perna dela para o lado para que pudesse tocar o dedo do pé no tapete. - Melhor?

Depois de alguns momentos, ela murmurou:

—Melhor.

—Ah, as coisas que eu poderia lhe ensinar. Agora eu vou te despir para dormir.

—Eu posso fazer isto. - ela pronunciou inarticuladamente, parecendo se dirigir ao botão do topo do suéter dela, ao invés disso empurrando o dedo no olho dela. -Yow! Isso dói.

—Deixe-me fazer isso, eu não olharei.

Em um tom solene, ela disse:

—Sim, você vai.

—Sim, você provavelmente tem razão. - Ele tirou fora o suéter dela. - Mas não é nada que eu não vi antes...

Oh, mas era, ele se deu conta quando ele começava com sua meia-calça e sua lingerie preta rendada. Ele nunca tinha visto qualquer coisa assim em toda sua vida. Ele exalou uma respiração atordoada, murmurando:

—Ah, deuses, mestiça, eu poderia gozar, somente olhando para você.

—Hmm? O que você disse?

Ela estava primorosa, na sedosa lingerie e meias sete oitavos. Toda aquela natação tinha feito o corpo dela tão condenadamente bom.

Os braços e as pernas eram tonificados, mas ela mantinha a suavidade dela. Os quadris dela chamejavam da cintura minúscula. Seios cremosos transbordavam daquele, malvado, sutiã meia-taça.



Ela tem uma imagem sexual e vai ter pelo resto da vida imortal dela, ele quis uivar com prazer só de estar ali. Ele alcançou os seios dela, as mãos dele coçando para amassá-los.

—Você disse algo, Cadeon? - ela perguntou suavemente.

Ele retirou as mãos dele, apertando os punhos. Mais uma vez, buscou na direção dela, se retirando novamente. Ele passeou, lutando para cegar a fome dele. A mulher de sua fantasia estava posta na cama como uma oferenda dentro de seda e ele não podia tocá-la.

Então ele estreitou os olhos. Se ele não ia tirar vantagem dela, ele conseguiria pelo menos algumas respostas.

—Sim, gatinha, tenho uma pergunta para você...

Capítulo 21

—Bom dia, luz do sol! - Cadeon sussurrou na orelha dela.

Holly levantou, imediatamente apertando a cabeça dela com um gemido.

—OH! Boa noite é melhor. - ele disse. - Eu te deixei dormir o máximo que eu pude, mas nós temos um calendário, você entende. E alguns de nós gostamos de manter um calendário regimentado.

—Oh, Deus. Eu estou no inferno.

—Eu tenho a noite toda planejada. Você vai tomar banho, porque você cheira como um barril de centenário e então nós vamos treinar. Uma vez na estrada, você vai observar nosso destino. Se você não estiver muito mal. Aqui, beba isso. - Ele abriu uma garrafa de Gatorade, obviamente tomando cuidado de não tocar a beirada.

Ela piscou para a garrafa, então para as mãos dela, onde ambas estavam alcançando para a bebida. Logo tinha detonado isso.

—Coma isto. - ele disse, lhe dando uma caixa sem abrir de bolachas de Sal regulares, as quais ela rasgou.

Por alguma razão naquele momento Gatorade e Saltines eram sublimes.

Ela começou a se sentir bem em minutos.

—Obrigada.

—Eu vivo uma vida de serviço. Falando nisso, você precisa de alguma ajuda se vestindo? Como você precisou para se despir?

Com as palavras dele, todos os eventos da noite anterior flamejaram na mente dela e os olhos ficaram largos.

Não somente Cadeon tinha estado com Imatra ontem à noite, ele também tinha tirado proveito do primeiro turno de Holly de embriaguez.

Através da neblina do álcool, ela se lembrou dele questionando-a, persuadindo respostas dela sobre todos os tipos de coisas, coisas privadas. A voz dele tinha estado tão calma, o comportamento dele relaxado.



Agora ela percebeu que ela tinha sido ludibriada.

A face dela ardeu enquanto recordava as revelações dela: Ela não se tocava nunca, porque se descontrolava quando a necessidade ficava muito forte ou então ela tinha sonhos vívidos e acordaria bem no meio de... ela achou que ele de fato tinha usado a palavra gozar.

Vergonhoso, mas verdade. Ela tinha frequentemente sonhado com sexo vigoroso ao ponto de reação física...

As mãos dela apertaram, a raiva em guerra com o miserável embaraço dela. E então, ela tinha admitido a ele que ela era curiosa sobre sexo, mas que qualquer situação íntima que tinha estado sempre terminava com ela ferindo alguém.

Ela balançou a cabeça fortemente. O comportamento dele estava além de baixo. Ele não tinha tirado proveito do corpo dela, mas da mente dela.

Ele começou a tirar a coberta dela.

—Certo, mestiça, eu ajudarei.

Ela arrancou a colcha, irritadamente a embrulhando ao redor de si enquanto tropeçava para ficar de pé.

—Certo, agora você, realmente, não precisa mais ter esse rubor virgem, eu consegui cobiçar seu corpo por horas ao meu prazer. Na verdade, eu tive tanto tempo, que eu poderia ter te pintado, em vez de somente tirar fotos com meu telefone. - Ele segurou o telefone dele com uma piscadela.

—Eu te detesto. - ela disse, precariamente, se dobrando para pegar os artigos de banho e roupas. Enquanto ia para o banheiro, ela lhe deu o olhar mais maligno que poderia reunir...

Um longo banho quente clareou muito das teias de aranha da cabeça dela. E o estômago tinha acalmado. Uma vez que emergiu do banheiro, vestida para o dia, se sentia novamente como um ser humano.

Ela suspirou. Ou não. Verdadeiramente não podia dizer.

—Como você está? - ele perguntou.

—Eu estou perfeitamente bem. - Eu acho que estou começando a te odiar. O que é bom. Eu deveria estar contente sobre isso. Me ajudará a manter meu olho no prêmio.

—Você está irritada sobre ontem a noite.

—Eu não deveria estar? Você tirou vantagem de mim.

—Eu não te toquei!

—Você sabe que não é disso que eu estou falando. - ela estalou. - Você me interrogou.

—Você está brava porque aconteceu de eu te fazer algumas perguntas quando aconteceu de você estar bêbada? Eu não posso entender. Mas isso não importa. Pelo menos você esta disposta para a hora do treino.

—O que é este treinamento que você continua falando?

—Eu preciso lhe ensinar como lutar. Socando, autodefesa. - Quando ela não fez nenhum movimento para cooperar, ele disse, - Venha, será divertido.

Ela elevou as sobrancelhas. -Eu acredito que eu derrubei uma dúzia de demônios sozinha.



—Você mesma disse que você estava com raiva. E se você não entra novamente naquele estado? Ou se você quiser lutar com alguém sem o matar? Contanto que sua vida está em perigo, você precisa estar preparada.

Às vezes ela se achava esquecendo que assassinos queriam matá-la.

—Isto envolveria te bater?

—Talvez.

Nada poderia ser mais compulsivo para ela agora.

—Então eu estou dentro. O que você quer que eu faça?

—Tire seus saltos.

Uma vez que ela tinha removido os sapatos, ele se moveu para ela para ficar cara a cara.

—Se você não aprender nada do que eu estou a ponto de te ensinar, se lembre de duas coisas: Nunca hesite. Se o instinto de golpear estiver lá, então faça. E segundo, não fique envergonhada por correr se você estiver excedida em número, mas só se você achar que pode escapar. Caso contrário você estará somente desperdiçando tempo de todo mundo e se desgastando a toa.

Ela encolheu os ombros.

—OK.

—Agora, como você me arrebataria se nós estivéssemos nos enfrentando? Digo você tem que passar por mim ou você morre.

—Eu tentaria te bater?

—A menos que você esteja lutando com outra fêmea, — *o que eu não me importaria em ver se lama estivesse envolvida* - você não deveria socar.

Ela enrugou os lábios.

—Eu assisto TV. O que seria uma briga sem socos?

—Certo, manda um gancho em mim. - Com a carranca dela, ele disse: - Você assiste TV mas nunca boxe? Esqueça. Um gancho é botar para fora toda força no golpe.

A idéia de bater na face arrogante dele, a tinha apertando a mão em punho.

—Faça agora! Bata agora...

Ela fez, apontando para a face dele, ele virou de forma que o golpe pousou contra o chifre dele.

—Ow! Isso não é justo!

—Nunca golpeie um demônio acima da garganta. Ele vai usar os chifres dele para combater. E alguns deles podem emitir um veneno das pontas.

—Você pode?

—Sim, mas só quando eu estou em forma de raiva completa.

—Assim o que você está dizendo é que você é tóxico e você pode até mesmo ser venenoso, também?

Ele lhe deu um olhar sem graça, então continuou:

—Até mesmo com outras espécies, você nunca deveria ir pela cabeça. Pense nisso, a maioria delas está coberta com osso duro. As vantagens de bater em áreas vulneráveis como a boca ou



nariz não são boas. E se você acertar um golpe em qualquer outro lugar, a não ser esses dois, você provavelmente ferirá mais a sua mão que o seu oponente. Mas isso não significa que você não pode atacar a face. Você pode arrancar os olhos fora e limpar suas garras bochecha abaixo de um inimigo. Ou você pode dar nele um 'beijo Glasgow'.

—O que é isso?

—Uma cabeçada. Digamos que eu tenha seus braços presos apertados a seus lados, e você não pode se livrar. Apenas lance sua cabeça para frente, apontando sua testa para a ponte do nariz de seu inimigo.

—E sobre o velho golpe auxiliador de chutar um sujeito na virilha...

—Tente.

Adoraria... Sem avisar, ela lançou um chute. Ele pegou o pé dela, forçando-a a pular por equilíbrio.

—Cadeon! - ela choramingou e ele finalmente a libertou.

—Eu poderia ter te jogado para trás. Se você for pela virilha, use suas mãos. Só leva um pouco de força para fazer um grande dano lá. E a maioria dos machos não esperará que uma fêmea pequena vá por um agarramento. Agora tente bater no meu torso. Acerte-me! Agora! Faça!

Ela fez, mas ele arrebatou a mão dela. Usando o impulso dela, ele a girou, rodeando o braço dele ao redor do pescoço dela. -Isso é tudo que levaria Holly. Seu adversário poderia quebrar seu pescoço.

Ambos estavam respirando pesado, o antebraço dele descansando nos seios dela. Ela estreitou os olhos. Ele tinha feito todo esse cenário lutando somente para deixá-la em uma posição dessas.

Naquele momento, algo estalou. Holly tinha oficialmente aprendido o bastante dos truques de Cadeon. Ela lançaria alguns próprios dela. E...

Ela relaxou nos braços dele, agindo receptiva. Como se estivesse contente com ela, ele apertou a boca dele no pescoço dela. Ele já estava crescente duro atrás dela.

Somente ontem à noite, ele tinha estado com outra.

Não pense, somente deixe o instinto assumir? Ela rodou nos braços dele. Contemplando à boca dele, ela sussurrou:

—Eu quero te beijar.

Os olhos dele alargaram, então estreitaram.

—Holly... - ele disse em uma voz rouca, se abaixando.

Logo antes dos lábios dele alcançarem os dela, ela empurrou a cabeça dela de volta para chicotear adiante no nariz dele. Um beijo Glasgow. Distintos sons de rachadura soaram.

Com o nariz vertendo sangue, ele apertou os braços dela:

—Holly, que merda.

Usando toda sua força, ela encaminhou o joelho para cima entre as pernas dele.

As mãos dele voaram se encaixando na virilha enquanto o joelho dele encontrava o chão.

—Você tem razão, Cadeon. - Ela tirou o pé das mãos. - Isso foi realmente divertido.



Capítulo 22

—Você quebrou meu nariz e minhas bolas e você é a que está agindo irritada?

Cade disse enquanto ele dirigiu estrada abaixo, notando quão anasalada a voz dele soou.

Sem olhar para cima do computador, ela disse:

—Você quem quis lutar. - O tom dela era indiferente, distintamente desinteressado.

—Eu não sabia que eu estava cortejando sua ira feminina. E eu lhe disse para não ir pela virilha. Duvido que eu poderei reproduzir depois de sua joelhada.

—Como estará o mundo sem pequenos Cadeons para povoá-lo?

—Se você estava brava porque eu te fiz algumas perguntas, então você me deu o troco.

Naquela voz desinteressada, ela disse:

—A vingança é doce. - Ele nunca tinha visto este lado dela.

Mesmo considerando esta animosidade, ele ainda faria a mesma coisa novamente. Ele tinha arrancado ouro com sua interrogação, tendo finalmente descoberto por que a fêmea dele tinha permanecido virgem. Ela tinha tido demasiado medo de ferir outro com a força dela e a agressão.

Ele também tinha aprendido como ela tinha controlado a própria libido. Com castigadas natações e sonhos molhados.

Pensar sobre o segundo tinha até sua abusada masculinidade abalada.

—É assim que vai ser a viagem inteira?- ele lhe perguntou.

—Eu simplesmente não tenho nada para dizer a você.

—Bem, então eu simplesmente vou falar. E falar. E dizer minha parte. Primeiro de tudo, eu não dormi com Imatra.

Com um suspiro, ela perguntou:

—Por que você se preocupa se eu acredito ou não em você?

—Porque se você pensa que eu tive uma perna ao redor daquela escória, então a chance de qualquer coisa sexual com você será drasticamente reduzida.

Sem olhar para cima, ela disse:

—Cadeon, uma chance não pode ser reduzida de zero.

—Deuses, eu amo quando você fala matematicamente comigo.

Ele não ia encantá-la dessa vez. Ela encarou com uma expressão em branco.

—Certo, então, não pense que isto é uma zombaria. - ele disse. - Eu entendo isso. Mas o fato que fica é que eu não a peguei.

Por incrível que pareça, Holly tinha começado a ter minuciosas dúvidas. Sim, ela os tinha visto se beijar, o que era ruim o bastante, desde que ele tinha estado avançando para Holly na mesma noite. Mas tinham eles de fato dormido juntos? E se Imatra tivesse de verdade retido as direções? Holly disse:

—Você poderia estar contando a verdade sobre isto e eu poderia vir a acreditar. Mas você está mentindo sobre alguma coisa. Então cuidado com o que você pode me convencer.



Algo tinha flamejado nos olhos dele?

Qualquer coisa que pudesse ter estado lá, ele mascarou rápido o bastante.

—Eu não acho que eu possa te convencer. De qualquer coisa.

Interessante. Ele está recuando...

—Você acredita que eu sou tão mau? Eu poderia ter tirado vantagem ontem à noite de você, e eu não fiz.

Isto fez os lábios dela separarem. - Você honestamente quer crédito porque você não fez nada com uma fêmea desamparada?

—Não! Sim. Não, maldição.

—E você fez algo a mim! Você teve seu interrogatório insignificante, cavando pelos meus segredos.

Lutando para adquirir uma rédea em seu temperamento, ela disse:

—Olhe, nós estamos presos juntos por quem sabe quanto tempo. Então vamos somente tentar minimizar o desagrado e passar por isso.

—Então use seu laptop para ficar on-line, e procure nosso próximo posto de checagem.

—Certo. - Ela mapeou o local, salvou os resultados, então procurou no Google.

—Bem, o que diz sobre a ponte?

—Oficialmente, é chamada de Ponte do rio Bloodwater. É uma ponte coberta que foi desativada trinta anos atrás por mal estado. Só os habitantes a chamam de Ponte Laughing Lady (senhora risonha), porque supostamente é assombrada.

—Então provavelmente é.

—Você está dizendo que fantasmas são reais, também?

—Sim. Eles não são do Lore, entretanto. Nós temos phantoms, um tipo do Lore equivalente aos fantasmas.

—Qual é a diferença?

—Phantoms podem encarnar à vontade e podem viajar o mundo. Não aderidos em um sócio balançando correntes e tal.

—Já conheceu um fantasma?

—Nunca vi um. Nem um phantom. Eles são meio que raros. Então onde está o abrigo que é suposto estar aqui?

O que não estava lá? - A primeira morte aconteceu durante a construção da ponte em 1899. Um trabalhador entrou em um dos moldes de madeira usado para fixar a ponte ao cais. Infelizmente, já estava meio cheio com cimento líquido. Antes que outros o pudessem pescar para fora, ele tinha afundado profundamente. Endureceu depressa, assim o capataz decidiu deixar o corpo dentro em lugar de explodir o cais. Depois disso, disseram os habitantes, o rio se pôs faminto pela morte.

—Você quer dizer que a cidade não era nomeada Rio Bloodwater (rio águas-sangrentas) até então?

—Não, já era, lá tem um raro barro que deixa a água avermelhada.

—Assim o que aconteceu então?



—No começo de 1900, um serial killer dispôs de corpos lá. Ele assassinou treze mulheres e as lançou fora da ponte, supostamente porque ele queria alimentar o rio. Ele foi baleado antes de fatalmente ferir a décima quarta vítima.

—Como ele as matou?

Aí era onde ficava realmente arrepiante. - Ele escolheu vítimas que eram abrigadas, tendo tratado com pouca ou nenhuma adversidade na vida. Ele as seqüestrava à noite das camas delas, as levava até a ponte, então as apunhalava no lado do tórax ou outro lugar que não as mataria. Então ele lhes falava que as deixaria ir se elas pudessem rir da situação delas. Se elas pudessem deixar de chorar e pudessem rir, então ele não cortaria suas gargantas. Claro, nenhuma pôde. Isso é por que eles chamam de Ponte da Senhora Risonha.

—E ele foi baleado? Isso foi muito fácil para ele.

—Por que nós teríamos que encontrar alguém lá especificamente? - ela perguntou.

—Não sei. Mas você não deveria ficar com medo. Eu não deixarei nada acontecer a você.

—Eu não estou com medo. Eu estou mais entusiasmada. Eu sempre estive interessada no sobrenatural.

—O sobrenatural é agora o natural, mestiça.

—Não para mim. Não por muito tempo, não é? Agora, se você não se importa, eu tenho trabalho a fazer.

E com trabalho ela queria dizer espiar, Cadeon tinha usado o computador dela, não tendo nenhuma idéia de que ela tinha um programa instalado no teclado que lhe mostrava o que qualquer um tivesse digitado ali. Duh.

E o programa tinha terminado de colher os dados, lhe permitindo, seguir todos os seus cyber-rastros.

Depois que ele tinha observado placares de jogos esportivos, ele tinha mandado e-mail para alguém com a mensagem, - Pago, sugador -. Ele tinha transferido cem mil dólares a uma conta corrente. Mas com a seguinte entrada, ela sentiu uma inesperada pulsada. O demônio mercenário tinha buscado... análise de cluster e combinatórias extremas.

Holly acreditava que ele tinha tido sexo com Imatra e Cade não sabia se ele deveria tentar convencer a fêmea dele do contrário. Holly tinha sido uma pancada, com isso de - Você está mentindo sobre algo... - crak.

Eles passaram por outro acidente de carro, rastejando a passo de tartaruga. A estrada de Memphis para o norte de Michigan tinha oitocentas milhas - eles tinham feito dezesseis quilômetros na última hora.

A tensão palpável continuou crescendo entre eles. Ela não estava fria com ele, meramente indiferente enquanto trabalhava no código guerreiro dela.

Ela estava somente o deixando saber quão inconseqüente ele era para ela. Tipo como a primeira vez que eles tinham se encontrado. Ele poderia jogar aquele jogo. Ele a ignoraria de volta.

Ele chamou Rök e checkou.

—O que está passando? - ele perguntou em Demonish.



—Nós tomamos a dianteira dos vampiros. - Rök disse. - Hoje à noite, nós golpeamos.

—Boas notícias. - Holly estaria muito mais segura. - Ei, quanto tempo leva para ensinar a alguém como bloquear leitura de mente? Holly poderia aprender em um par de semanas? - Demônios tinham a habilidade naturalmente. Outros do Lore poderiam ser ensinados.

Rök deu uma risada ridicularizando.

—Tente um par de anos.

Uma vez que eles desligaram, Cade foi deixado aos pensamentos dele. Eu a estou ignorando. Aquela posição durou até que ela beliscou a testa, parecendo miserável.

—Você está bem?

Ela encolheu os ombros.

—Me deixe adivinhar? Enjoada, com dor de cabeça?

Ela lançou a ele um olhar surpreso.

—Você esta enjoada porque você está lendo enquanto nós estamos parando e andando. E sua cabeça dói porque você ainda está tentando usar seus óculos quando sua visão mudou.

—Eu não posso me concentrar sem meus óculos.

—Olha, vamos parar cedo essa noite. Eu vi uma placa de um motel chamado mamãe e papai em uma pequena cidade não distante.

—Mas nós chegaremos fora da data.

—Não chegaremos. Neste ritmo, nós chegaremos à ponte logo depois da meia-noite e seremos forçados a esperar ao redor de qualquer maneira. Além disso, nós estamos perto de Chicago, e eu tenho alguns apetrechos que eu preciso apanhar amanhã.

—Que tipo de apetrechos?

—Você verá...

Capítulo 23

Você é um masoquista, não é? - Holly perguntou quando ele sugeriu mais treinamento.

—Nós podemos trabalhar com a espada hoje à noite. - ele disse. Embora Cadeon tivesse pedido dois quartos adjacentes no motel, ele teimou em deitar na cama dela. Com as costas contra a cabeceira e as pernas esticadas, ele surfou pelos canais, enquanto ela reconfigurava tudo que não estivesse aparafusado.

—Você acha que eu precisarei saber usar uma espada antes de ser transformada de volta? - Ela poderia jurar que ele estava a assistindo em lugar do pay-per-view que ele tinha estado deleitado por encontrar aqui.

—Muitas facções no Lore as carregam.

—Ok. Certo, vamos lutar de espada.



—Bom. Já volto. Ele levantou e saiu do quarto, voltando alguns minutos depois com a espada dele e uma vassoura. Depois de quebrar e arrancar o final da vassoura, ele lançou a alça sobre a cama, presumivelmente para lutar depois.

Então, com séria formalidade, ele desembainhou a espada dele.

—Quantos anos essa coisa tem? Você teve isso datado em carbono?

Ele parecia espantado, como se ela tivesse insultado a avó dele. - Ei, não desrespeite a espada. Além disso, só tem três ou quatro séculos.

—Só? Eu pensava que a tecnologia tinha melhorado desde então. Por que você não adquiriria uma nova?

—Eu estou a caminho disso, se lembra? Tente se manter, mestiça.

Ela luziu.

—Eu quis dizer nos últimos cem anos.

—Se essa não quebrar... essa arma salvou minha vida muitas vezes.

—Quantos, você matou com isto?

Uma sombra atravessou a face dele.

—Muitos. - Parecendo estremecer, ele sustentou a espada. - Agora, esta é uma espada longa de duplo corte. É feita para cortar por armaduras e partir um homem em dois.

—Você realmente usa uma dessas?

—Armas são bem inúteis em nós, como você viu quando eu estava salvando sua vida duas noites atrás. - Ele deu isto a ela. - É bastante maior que a maioria das espadas. Assim pode ser difícil para você manobrar...

Ela ergueu facilmente com uma mão, levando no nível dos olhos para conferir suas linhas, então fez um golpe circular sem esforço.

—Ah, não muito pesada, então. Mas preste atenção com a empunhadura, foi feito para segurar com as duas mãos, como o aperto de um batedor. - Ele se moveu atrás dela, embrulhando os braços ao redor dela para posicionar suas mãos. -Assim.

—Você vai cheirar meu cabelo novamente?- ela disse nitidamente, irritada que ainda reagisse à proximidade dele.

—Eu tenho culpa que seu cabelo atrai machos? E ainda assim você age como se fosse minha culpa. Agora levante um pouco seu agarre. É isto. Tenha um tato por isto. Nós vamos balançar isto lentamente para direita, então esquerda. - ele disse, guiando os movimentos dela.

Com cada segundo ela ficou mais confortável segurando a intimidante arma.

—Uma pequena história enquanto você se acostuma. - ele disse, a boca dele bem na orelha dela. - A palavra sword (espada) vem do antigo inglês sweord, que vem de root swer, significando apunhalar ou picar. - A voz dele estava baixa e estrondosa como sempre. - Gladius, a palavra em latim para espada, também significa pênis.

—Não. - Ela soou ofegante inexplicavelmente.

—Você quer apostar comigo? - O queixo dele esfregou em cima do ponto da orelha dela, o restolho de barba roçando a sensível ponta, e ela teve que abafar um calafrio.



Contra a vontade, ela se achou ficando excitada pelo calor do volumoso corpo dele ao longo das costas dela. Ela poderia sentir os rígidos músculos do torso dele dobrando e relaxando enquanto ele se movia com ela.

—Desde que a primeira espada foi forjada, tem sido um símbolo de masculinidade e virilidade. Você pode ver porque quando esta na vertical. Me fale Holly, enquanto você agarra o cabo, isso te lembra alguma coisa que você viu recentemente?

—Cadeon. - ela disse advertindo.

Ele continuou destemido:

—E se a palavra em latim para espada significa pênis, então você pode imaginar que o termo para bainha é sua contraparte. Está certo, mestiça, uma bainha é chamada de va...

—Pára! Você está inventado isso.

—Eu não estou. Se você ler Julius César De Bello Gallico no latim original, você estará rindo, porque os soldados estão sempre soltando suas bainhas ou mesmo usando suas bainhas para atingir seus inimigos sobre a cabeça.

Outro roçar do queixo dele em cima da orelha dela. Ele sabia que a estava deixando doida? Oh, é claro que ele sabia!

—Eles dizem que toda espada tem sua perfeita bainha.

Ela se recusava a lhe permitir fazer até mesmo luta de espada ser sexual.

—Eu vou conferir duplamente tudo o que você está dizendo.

—Seja minha convidada.

—Então você leu Julius Cesar?

—No latim original, Holly. Você gosta mais de mim agora que sabe que eu posso ler idiomas antigos?

—Eu teria ficado impressionada com provas de que você pode ler qualquer coisa.

—Língua afiada, Valquíria. Agora, aqui está sua posição de lutadora. Pés separados na largura do ombro. - Ele bateu no tornozelo dela com o dele próprio para conseguir que ela pisasse mais para fora com o pé.

—Eu deveria ficar em meus dedos do pé?

—Pergunta boa. Normalmente, não. Para resistir golpes, você tem que manter seu equilíbrio, o qual é feito mais facilmente em pés planos. Você seria pasmada por quão duro uma espada pode vir atacando, isso te jogara. E para dar golpes fortes, novamente, você precisa de ambos os pés firmemente no chão. Dizem, que o estilo de luta das valquírias é diferente da maioria.

—Como?

—Elas confiam em velocidade. Elas podem chegar atrás de você antes que você tenha tempo até mesmo para virar sua cabeça. As espadas delas são normalmente menores, como floretes, fazendo mais por espetar e furar que por golpear. Se uma fosse lutar comigo, ela tentaria impedir que minha espada batesse na dela absolutamente. Elas freqüentemente matam com um golpe pelas costas.



—Isso não parece muito esportivo. - Isso ia contra tudo que ela tinha sido ensinada ou, pelo menos, que ela tinha aprendido de faroestes e filmes com sistemas de honra galácticos.

—Luta de espada Lore não é esportiva. É sobre manter sua cabeça em seus ombros. Certo, agora tórax para cima. - Ele colocou a palma dele no ombro dela e retirou. - Eleve a espada em frente a seu nariz e deixe a ponta cair aproximadamente quarenta e cinco graus da sua face. Isto é chamado de posição mediana. Daqui você pode bloquear golpes da direita ou da esquerda. Agora vamos modificar isso um pouco. - Ele manobrou o corpo dela de forma que ela ficou parada com os ombros para frente. Ele continuou a tocando, mas ela não podia definir uma instância onde não estava comprovado.

—Se você virar para o lado assim, reduz a área visível de seu corpo, fazendo de você um alvo menor.

—Você vai usar seu cabo de vassoura roubada, ou não?

Ele levantou as sobrancelhas.

—Você pensa que você está pronta para cruzar espadas? Muito bem.

Quando ele a libertou para pegar o cabo, ela quase balançou e estava alegre que ele não visse.

Encarando-a de novo, ele disse:

—Eu vou golpear e quero que você bloqueie. - Elevando o cabo, ele bateu contra a espada, e eles começaram a lutar.

Enquanto eles circulavam um ao outro, ele continuou a instrução dele. - Nunca hesite. Nunca pareça nervosa. Cotovelos ao seu lado. Continue compacta.

Os golpes dele estavam lentos o bastante para que ela pudesse os bloquear toda vez. - Evite múltiplos combatentes. Como no mano a mano, não fique envergonhada de correr se estiver excedida em número.

Enquanto eles aumentavam em velocidade, a adrenalina começou a bombear por ela.

—Ao longo da história a maioria das lutas de espadas, foram decididas pelo primeiro golpe. Não como na televisão. Cada movimento conta.

Ele estava golpeando mais e mais rapidamente, mas ela ainda podia bloquear.

—Não, não, não, você poderia ter evadido esse golpe. - ele disse, exatamente quando ela tinha pensado que ela tinha dado um particularmente bom bloqueio. - Nunca bloqueie quando você pode evadir. E se lembre, seus ambientes são fundamentais. Sempre os mantenha em mente. Qualquer coisa pode ser uma arma. - Ele lançou um travesseiro a ela, e ela o fatiou completamente em dois! Pedacos de enchimento flutuaram no ar.

Ele deu um golpezinho no traseiro dela com o cabo de vassoura. O que a enfureceu.

—Não gosta de ser espancada? Então mantenha seus olhos em seu oponente.

A agressão chamejou, e ela golpeou com um grito. Ele pulou fora do caminho, e a espada crivou pela mesa e telefone ao lado da cama.

Os olhos de Holly arregalaram.

—Cadeon! Eu poderia ter te matado! Eu sinto muito! - Quando ele encolheu os ombros, ela disse: - Você não acha que isto é notável?



—Não. Matar mobília é divertido. Eu me preocupo mais pelo fato que nós estamos lutando, e você está parando para se desculpar. Onde está o coração de assassino? Onde está seu lado impiedoso? Você está agindo como uma saia.

—Uma... saia? - ela disse em um tom incrédulo.

—Ei, aqui está uma idéia. Se você puder puxar sangue antes do meu show no pay-per-view que começa em dez minutos, então eu conseguirei suas pílulas.

Ela lhe deu um olhar que dizia está valendo, então lançou um ataque. Ele se inclinou para o próximo golpe dela, mas percebeu que ela tinha segurado assim ela poderia golpear até mais rapidamente uma segunda vez. Pequena rápida fêmea.

Ele mal saiu do caminho, enquanto deixava um abajur morrer por ele.

Ela vai ser uma das grandes, ele pensou, mas ele disse:

—É tudo que você tem?

Lábios apertados, ela cortou diagonalmente para cima com velocidade atordoante, ele teve que bloquear com a vara dele, ela arrancou a ponta fora.

—Oh, querido, eu cortei a ponta do seu gladius?

Cade estremeceu. Ela estava literalmente buscando por sangue e estava crescendo enfurecida. De novo e de novo, eles circularam, com ela golpeando e ele esquivando. Finalmente, ele pode dizer:

—Seus dez minutos acabaram mestiça. Você perde...

A espada dela assobiou para abaixo, errando o ombro dele por milímetros. - Holly, abaixe isso infernos. Nós terminamos.

Olhos ardendo prata, ela disse:

—Eu só estou começando.

Ele percebeu que se ele não podia machucá-la, ele teria que lutar sujo. Quando ela carregou mais uma vez, ele girou ao redor para ficar atrás dela. Ele chutou ligeiramente a parte de trás do joelho dela, deixando-a sem equilíbrio

—Ooh! - Até mesmo enquanto cambaleou ela balançou um golpe. Um quadro na parede caiu vitimado.

—Agora, você terminou...

Batidas na porta soaram. Uma funda voz do lado de fora disse:

—Abra, aqui é a polícia.

A face dela ficou branca, a mandíbula afrouxando. A espada imergiu na flácida mão dela. - Oh, meu Deus! - ela sussurrou. - O que nós vamos fazer?

O próprio Cade estava a ponto de ter uma bola com isto.

—Caraaaaa. - ele murmurou. - Você vai para a prisão.

Capítulo 24



O que você quer dizer?- ela choramingou.

—Prisão, a casa grande, o jardim zoológico de duas pernas.

—Eu sei isso! Mas por que eu vou para lá?

Cade respondeu:

—Seus olhos estão prateados. E aquela bebida de demônio fica no seu sangue por dias.

Assim que o policial arrombar a porta, e te ver entre esta destruição, você vai rodar, bebê.

—Oh, Deus, oh, Deus! Eu nunca tive nem mesmo uma multa de velocidade!

Mordendo as garras, ela disse: - Isso é tudo culpa sua! Você começou isto! - O olhar apavorado dela arremessou ao redor do quarto. - Rápido! Ajude-me a limpar.

Mais batidas.

—Sem tempo, Holly. Mas você sabe, eu poderia provavelmente ajeitar isso.

—Como?

—Você deixa que eu me preocupe sobre isso.

Ele tinha vivido novecentos anos, certamente que ele tinha aprendido o que fazer em situações assim. Sim, Cadeon cuidará disso. Ela lhe deu um olhar grato.

—Mas você tem que fazer algo por mim também.

A face dela caiu.

—Parece que você colocou uma condição nisso. O que você quer?

—Você tem que assistir televisão comigo, um filme de minha escolha.

Onde estava o dano nisso? Ela adorou... - Oh! Você quer dizer um desses filmes! - Ele tinha lhe falado que conseguiria que ela assistisse um antes que a viagem terminasse. - Nunca, Cadeon. Não em um milhão de anos.

—Até mesmo quando eu posso fazer tudo isso acabar?

De fora, o policial disse:

—Abra! Nós recebemos reclamações de barulho.

—Oh, Deus! - ela sussurrou. - Uma cena. Eu assistirei somente uma cena. Se você puder cuidar disto.

—Feito. - Ele virou para o quarto dele, pegando o chapéu e um envelope da mochila. Na entrada entre os quartos deles, ele disse:

—Tente não quebrar a lei novamente antes de eu voltar. - então fechou a porta.

Quando ela o ouviu saindo pela porta da frente dele, ela percebeu que ele ia agir como se ele fosse somente um vizinho. Demônio inteligente...

Mas e se algo desse errado? E se eles ainda exigissem ver o quarto? Ela inspecionou os escombros com um medo miserável.

Como eu posso ficar livre da evidência?

Acertando uma idéia, ela começou a dismantelar os restos da mesa, rompendo as pernas e enfiando os pedaços debaixo da cama. Abajures quebrados e travesseiros fatiados se uniram a coleção.

Trinta minutos enervantes passaram antes que Cadeon voltasse. - O que aconteceu? Me fale!



—Tudo foi acertado.

Ela fez uma cara feia.

—Você cheira a cerveja.

Ele rodou os olhos.

—Oh, sim, Holly, como se eu e o policial estivéssemos tomando cerveja juntos.

Claro, ele e o policial tinham estado completamente tomando cerveja juntos.

Eles tinham sentado em uma barraca na sala de estar do motel enquanto Cade girou contos que o homem não ouviu porque ele estava fitando muito ocupado à pilha de dinheiro que Cade lhe ofereceu. O policial da pequena cidade parecia um sujeito honesto o bastante, mas ele tinha cinco crianças e o Natal estava chegando. O que ele supostamente deveria fazer?

—Ninguém vai querer entrar aqui?— Holly perguntou.

Ele negou com a cabeça dele.

—Não a menos que você comece novamente. O quarto parece ótimo, a propósito. - Estava mais limpo do que quando eles chegaram – exceto que agora tinha menos mobília. - Assim, eu fiz minha parte, Holly. Parece que é hora do show.

—Eu não posso acreditar que você vai me fazer assistir algo que eu sou contra.

—Você é contra, mas você nunca viu? A incendiadora de sutiã é meio hipócrita, não?

—Embora eu ainda não tenha tentado beber ácido, eu ainda sou contra. E não me chame de incendiadora de sutiã! Não há necessidade de tirar sarro do meu feminismo.

—Em primeiro lugar, eu não estou tirando o sarro, eu estou cutucando a diversão. E segundo de tudo, eu estou fazendo isto na sua cara.

—O que isso significa?

—Se nós discordamos o assunto, pelo menos você sabe minha opinião e você tem uma chance para me persuadir a seu modo de pensar. Você pode dizer o mesmo sobre os outros homens em sua vida? Os homens dos 'sim'?

Ela estreitou os olhos dela.

—Quer dizer Tim.

—Ele não é tão perfeito quanto você gosta de pensar. - Naturalmente, Cade o menosprezava com um ódio fundo e virulento. Mas Cade também tinha adquirido o sentimento de que Tim não era o cãozinho adestrado que ele parecia ser.

—Não, talvez ele não seja perfeito. - ela disse. - Mas eu aposto que ele não considera que as mulheres são tortas que deveriam estar na cama de um homem vinte e quatro horas por dia.

—Eu estava zombando sobre isso. Principalmente. Quase totalmente.

Ela luziu.

—Para o registro, machos do Lore têm opiniões mais altas das fêmeas que os machos humanos. O campo de jogo é mais igual em nosso mundo.

—Ha! Eu acho difícil de acreditar que homens que viveram por séculos e poderiam ser até mesmo medievais, acreditam em igualdade mais que um macho humano nascido na era Madonna.



—O Lore é das valquírias, Furies, Bruxas, e Sereias. Você subestima as fêmeas, e encontra suas bolas pregadas na parede.

Enquanto ela digeriu aquela informação, ele disse:

—Você não vai me distrair disto. Nós temos um trato.

—Feito sobre compulsão. Você já pensou que eu poderia ser moralmente oposta a assistir pornografia?

Ele bufou. -Você não é a boa menina que costumava ser. Você se embebedou e se diverte com demônios, sentando no colo deles e lhes afagando o chifre em frente a uma audiência. Você virou rockstar neste pobre quarto do papai e mamãe motel. E somente à algumas noites, você conseguiu que eu lhe mostrasse meus bens, embora eu estivesse vulnerável e fraco de uma ferida de bala. - Ele balançou a cabeça dele tristemente. - Enfrente isto, Holly, você é uma menina má.

Os lábios dela se separaram. Embora a versão dele dos eventos fosse totalmente inclinada, permanecia o fato de que tudo aquilo tinha acontecido até certo ponto.

Ele bateu levemente na cama muito arrogantemente.

—Acredito que nós temos um encontro. Venha, este é só um pornô light. Se custa 6,99, é light. Ah, as coisas que eu poderia lhe ensinar, mestiça.

Ela friccionou os dentes dela e sentou na cama tão longe dele quanto possível. Com as mãos no colo, ela disse:

—Certo. Eu te devo uma cena...

Começou inocentemente o bastante. Um par atraente começou a despir um ao outro enquanto se beijavam. Eu posso lidar com isso.

Mas a face dela ardeu quando eles estavam nus e acariciando um ao outro entre as pernas. As sobrancelhas dela reuniram por quão duro eles se tocavam. Certamente isso deveria ser doloroso...

Na hora que o homem entrou na mulher, a boca de Holly estava seca, as garras dela estavam curvadas e ela parecia não poder conseguir ar o bastante.

Seu revolvido cérebro estava gritando: vire as costas! Se vire agora! Exatamente quando ela se forçou a fechar os olhos, o demônio disse:

—Ah-ah, Holly.

Ela o encarou rapidamente, e fez uma careta. Cadeon não tinha estado assistindo o filme.

O olhar dele estava extasiado nela.

—Você nem mesmo está olhando para isso!

—Eu sou um macho, eu vou assistir o que quer que me excite mais...- Enquanto eles se encararam, gemidos, grunhidos, e então finalmente gritos soaram quando o casal terminou.

Uma vez que a cena tinha terminado afinal, Holly estava imaginando como ela nunca mais seria a mesma, mas ela se recusou deixá-lo saber como isto a tinha afetado.

—Bem, isso certamente estava radiante. - Fingindo um bocejo, ela ficou de pé, rumo ao quarto dela.

—Tem certeza que você não quer ficar? Bebês peitudas: Volume Oito vem depois disso.



—Eu vou ter que passar. - Ela fechou e trancou a porta atrás dela, sabendo que isso não o manteria do lado de fora se ele quisesse entrar.

E agora mesmo, se o demônio quisesse entrar, ela queria mantê-lo do lado de fora verdadeiramente?

Ela se apoiou contra a parede, cavando suas curvadas garras no papel de parede.

Capítulo 25

Holly levantou na cama com um grito, apertando os lençóis rasgados no tórax dela. Ela contemplou o quarto ao redor em confusão, surpresa de descobrir que o que ela há pouco tinha experimentado era um sonho. O mais erótico que ela alguma vez tenha tido. E ainda não a tinha enviado ao limite.

Ela tinha sonhado que a briga de espada tinha terminado com Cadeon a lançando na cama e tirando fora as roupas dela, então as dele próprio. Como o homem no filme, ele tinha guiado a ereção dele entre as pernas dela, então se segurava ao redor dela com os braços esticados com seus músculos inchando.

Uma vez que ele tinha entrado nela, ele tinha trabalhado os quadris, reduzindo a velocidade no princípio, mas gradativamente aumentando velocidade e força, até que ele estava mergulhando dentro dela como um pistão. Ela tinha chegado mais e mais perto debaixo da arremetida dos empurrões dele...

Então ela tinha despertado.

Preciso ir nadar. Tenho que achar uma piscina. Mas ela estava no norte, no inverno!

Aqui estava ela naquele estado vulnerável, e um demônio pornográfico descansava em espera no quarto ao lado.

Trepou aos pés dela, arrebatando os lençóis arruinados para os colocar debaixo da cama com o resto dos artigos que ela tinha destruído.

Depois de fazer a cama, ela se apressou para o banheiro para tomar uma ducha fria. Ainda mesmo depois que ela estava vestida, ela ainda estava tremendo, a mão dela tremia enquanto tentava pentear o cabelo.

Ela repetidamente tentou fazer o perfeito coque. E falhou.

Ela não podia controlar o cabelo, o corpo ou os pensamentos.

E o raio incendiando lá fora parecia escarnecer os esforços dela.

Cade acordou, empurrando contra os lençóis, duro como uma pedra por ela.

A mestiça vai ser minha morte...

Com um gemido, ele levantou, cambaleando para o banheiro para um banho quente. Debaixo da água, ele recordou as reações dela ontem à noite enquanto ela tinha observado as pessoas fazendo sexo pela primeira vez.



Enquanto os olhos dela tinham ficado mais largos gradualmente, as respirações dela tinham ofegado, fazendo os seios subirem e descenderem até que as mãos dele coçaram por amassá-los.

Apoiando a cabeça para descansar no antebraço contra o azulejo, ele se agarrou e começou a se acariciar.

Os mamilos dela tinham sobressaído tão tentadoramente embaixo do suéter, lhe implorando que os chupassem.

Um barulho de trovão prosperou do lado de fora. Ele se ajeitou quando as luzes apagaram e acenderam. A pele dele picou, como se por energia elétrica. Holly...

Saindo subitamente do chuveiro, ele sacudiu o cabelo enquanto entrava nas calças jeans. Ele tropeçou para a porta entre os quartos deles, mal podendo segurar a ereção do seu membro. Depois de quebrar a fechadura e entrar, ele a achou vestida e sentada ao lado da cama feita.

Ela parecia estonteada, olhando para o nada. Teria ela tido um daqueles sonhos? Ela acordou gozando?

Pelas suas tremulas respirações, parecia que a fêmea dele não tinha ido todo o caminho até lá...

Ele abafou um gemido. Ela estava em desconforto, doendo pelo que ele mataria facilmente para dar a ela.

Ele se moveu para frente dela e a ajudou a ficar de pé.

—Você está tremendo. - Ele passou a parte de trás dos dedos em cima da bochecha dela. As respirações dela aceleraram somente com aquele toque. - Ah, gatinha, você está a ponto de chegar somente ficando aqui.

Ela balançou a cabeça fortemente, olhos largos e chamejando de violeta para prata. A língua dela esfregou em uma das minúsculas presas.

—Minta para mim, mas não minta para você mesma.

—É por isso que eu preciso das minhas pílulas, Cadeon!

—Isso não é o que você precisa. - O comando instintivo dele era usar o próprio corpo para dar prazer ao dela, mas ele não podia. Como se ela alguma vez o permitisse, de qualquer maneira. E se ela permitisse?

—Você está atraída por mim, e você sabe que eu, seguro como o inferno, estou atraído por você. Assim eu sugiro que nós ajudemos um ao outro.

—O que quer dizer você com ajuda?

Cadeon respondeu:

—Não fazendo sexo, somente dando uma mão um ao outro quando um ou outro precisa disso.

—V-você está assumindo muito. Eu não preciso me liberar múltiplas vezes por dia. - ela disse, erguendo o queixo. - Eu estarei bem.

—Besteira. Você precisa disso tanto quanto eu.

—Isso simplesmente não é verdade. Eu não sou como você.

—Você não tem que gostar de mim.



Verdade. Não é porque ele é tal um grosseirão que eu não posso desfrutar dele. Holly já sabia melhor que sentia mais por ele. Ela poderia somente o usar como ele tinha proposto na primeira noite.

Ele começou a manobrá-la contra a parede. E ela o deixou.

Não, isso é loucura. Eu nunca pensaria desse jeito... - Estaria errado. Eu trairia meu namorado.

Cadeon pôs a mão dele na parede ao lado da cabeça dela, se apoiando.

—Olhe por este lado. Ambos podemos liberar um pouco da pressão ou nós explodiremos. - À orelha dela, ele murmurou: - E quando isso acontecer, eu estarei te fodendo tão duramente para apagar o fogo. E você estará amando isto. Quando você gemer meu nome, então você o estará traindo. - Ele se retirou, a deixando ofegante e morrendo de curiosidade.

—Exatamente como nós iríamos... fazer isso?

—Você poderia me masturbar, e eu poderia te penetrar com o dedo.

Ela abafou um suspiro ao grosso linguajar dele, se lembrando que este era um demônio muito velho. Se eles fizessem o que ele tinha sugerido, então ele a veria nua e tocaria o sexo dela. O primeiro.

Eu estou pronta para isto? Não! Não importa quanto ela poderia querer estar pronta.

—Você age como se nós não tivéssemos controle de nós mesmos.

Ele roçou um dos palpitantes mamilos dela, e ela choramingou.

—Esse som se parece com uma fêmea em controle do corpo dela? Você precisa tanto disso que eu poderia te fazer chegar em três minutos.

Ela deu uma risada trêmula do absurdo disso. Então, claro, a mente dela se agarrou nisto. Ele estava dizendo que ele poderia fazê-la gozar em cento e oitenta segundos.

E se ele... Pudesse? Como seria ser trazido ao clímax por outro?

Mas se ele fizesse isto a ela, ela queria só isto dele novamente e novamente. Era natureza humana simples.

Eu não sou humana o bastante.

—Te deixei pensando nisso, não deixei? - *Tão arrogante.*

—Você sabe muito bem que você não pode fazer isto em três minutos. Você só está dizendo isso para iniciar o contato e me seduzir para fazer mais.

—Então aposte comigo. O que você quer ganhar? Arrisque o toque. Ganhe a recompensa. - Recompensa? Coincidentemente, ela precisava muito de algo. Ela hesitou, então disse: - você me deixa repor meu medicamento.

—Holly, você não continua querendo as pílulas...

—E você tem que ficar uma semana sem xingar. Essas são minhas condições. Pegar ou largar.

—Certo. E quando você perder, você tem que ficar uma semana sem calcinhas. E você tem que usar suas mãos em mim até que eu goze, também.

O pensamento de afagá-lo até que o grande corpo dele estremecesse e o sêmen liberasse a fez tremer.



Não, não era por isso que ela iria fazer isso, ela faria isto pelas pílulas. Engolindo, ela disse: - Eu teria que ficar nua?

Ele apoiou em cima dela, cercando-a com o calor dele.

—Não completamente. Somente o bastante para que eu pudesse chupar seus seios e ter minhas mãos entre suas pernas.

As meras palavras dele a excitaram. - Eu aceitarei a aposta. Espera... Como nós saberemos quanto tempo passou?

Ele removeu seu relógio de mergulho. - Ele tem alarme. - Ele brincou com ele. -Aqui. Está programado para contagem regressiva. Você pode iniciar. - ele disse, dando o relógio a ela. - Mas nós não começamos a contar até que eu te tenha em posição.

—Posição?

Sem advertir, ele a ergueu nos braços e a levou à cama, a seguindo para baixo.

—Deite de costas. - ele murmurou enquanto deitava ao lado dela. Somente a proximidade dele na cama já a estava despertando - assim ela bateu o cronômetro.

Tirando o relógio dela, ele lançou isto à mesa ao lado da cama. Então ele agarrou os pulsos dela.

—Cadeon?

—Eu vou segurar suas mãos atrás de suas costas. - Ele as fixou lá.

—Porque?

—Assim, você não se preocupa em me ferir. Tenta se libertar.

Sentindo uma sacudida de pânico, ela fez, usando toda sua força para quebrar o agarre dele.

E ela não ganhou uma polegada. Ela poderia muito bem estar sendo presa por aço.

—Você não pode sobrepor minha força. Você não pode me ferir.

Então isto não seria como nas outras vezes. Ele era um imortal guerreiro, não um calouro humano. Holly se achou relaxando no aperto dele.

Assim que ele a sentiu se suavizando, a mão livre dele arrastou a saia dela para cima, passando o topo da meia-calça até que a calcinha dela estava exposta. Ela começou a tremer quando ele as desceu até os joelhos dela.

—Separe essas bonitas coxas para mim.

Quando ela o fez hesitantemente, ele levantou o suéter e o sutiã dela, expondo os seios completamente.

—Espera... eu acho que eu mudei de oh! - ela choramingou quando ele firmou os lábios ao redor de um dos mamilos dela.

Ele chupou o cume dentro da boca, lambendo, fazendo-a gemer. - Oh, meu Deus.

Ela pensou que ele talvez a pudesse levar ao clímax somente com sua insistente chupada. Ela ainda estava bobinando do delicioso calor da boca dele quando ele correu a ponta do dedo ao longo do sexo dela. Ela ofegou uma respiração chocada.

—Tão quente e escorregadia. - A voz dele soou aflita. - Até mesmo mais do que eu imaginei. - Usando a própria umidade dela, ele começou a esfregar o dedo indicador dele em cima do sensível clitóris.



Holly nunca tinha sido tocada assim, nunca tinha imaginado...

Ela lutou para segurar, para pensar em outras coisas, mas ela ansiava por liberação, se pondo mais perto com cada carícia inteligente do dedo dele e cada puxão firme no mamilo dela.

Ela vagamente percebeu que os quadris dela estavam arqueando desejosos para o dedo dele, mas ela não os podia impedir.

—Esparrame mais suas pernas.

Cada segundo de cada dia no passado, ela tinha lutado para não pensar nas necessidades do corpo.

Agora parecia que não havia nenhuma briga, não poderia haver nenhuma briga.

Os joelhos dela caíram largamente abertos.

Ele gemeu ao redor do inchado mamilo dela. -Isso aí.

Perdendo controle... Aqueles impulsos surgindo.

Ainda ela estava indefesa para agir neles. Ele tinha cuidado disso.

—Cadeon...

Mais Rápido, e mais rápido, ele esfregou o dedo em cima do agora pulsante clitóris dela, mergulhando o dedo no sexo dela para deixá-lo lubrificado. - Eu vou pôr isto dentro de você, certo? - ele disse contra o seio dela, começando a cavar aquele dedo.

Com um gemido, ela aceitou a derrota. Isto estava muito delicioso, muito poderoso sobre ela para resistir.

—Não pare...

Polegada por polegada, ele a encheu até que estava todo dentro. Ao mesmo tempo ele mexeu aquele dedo fundo dentro dela, ele começou a circular o dedo polegar lentamente em cima do clitóris dela. Ele raspou: - Isso é bom, bebê?

Sem pensar, ela arrastou a cabeça dela no travesseiro. -Sim, sim! - Ele ia fazer isto, faria o clímax dela. O primeiro homem a fazer. - Somente não pare, por favor...

—Não até que você goze para mim.

—Oh, Deus. - ela chorou. -Oh, sim!

—Isso Holly. Eu queria ver isto há muito tempo...

O clímax tomou conta dela. Os olhos dela flamejaram abertos em choque a quase amedrontadora intensidade, mais forte que qualquer coisa que ela alguma vez tinha sentido. Molhado, apertando, indo sem parar, até que ela arqueou as costas e gritou de prazer...

Vê-la gozando era a coisa mais erótica que ele alguma vez tinha testemunhado, o deixando tão duro que ele temeu se unir a ela, mesmo antes de botar o membro para fora.

Enquanto ele torceu cada onda de prazer dela, a apertada envoltura dela apertou o dedo dele, o ordenhando famintamente, inúmeras vezes.

Um raio chamejou lá fora, o trovão tremeu o quarto.

Finalmente, ela choramingou: - Não mais. - e empurrou a mão dele fora, exatamente quando o alarme do relógio dele disparou.



Apoiando sobre ela, ele arrebatou isto da mesa do lado da cama, esmagando no punho dele para silenciá-lo.

Quando ele se voltou para ela, viu que ela não tinha se apressado para se cobrir como ele tinha esperado.

O cabelo dela tinha ficado solto. O suéter, saia, e calcinha permaneciam onde ele os tinha deixado.

Ela estava além de se preocupar. Isto era como ele sempre tinha querido vê-la, desamarrada, drogada com paixão até que a perfeita fachada dela quebrasse. Ela estava arquejando com as pálpebras pesadas, seus inchados mamilos suados pela boca dele.

Esses cachos loiros entre as pernas dela estavam úmidos do seu orgasmo e o membro dele pulsava por eles. Ele correu a palma ao longo do cabo dele, perguntando:

—Você vai me aliviar, Holly? - A voz dele estava rouca.

Quando ela mordeu o lábio e acenou com a cabeça, ele arrancou abrindo o botão das calças jeans, as empurrando para os joelhos. O pênis dele pulou livre, pulsando entre eles.

Os olhos dela se fixaram, ela sentou, murmurando:

—Mas eu não sei como. Eu não quero te machucar.

—Você não pode me machucar mais do que eu estou agora mesmo. Somente me toque.

Holly tentativamente elevou as mãos dela ao comprimento dele. Ao primeiro contato, ele assobiou em uma respiração, involuntariamente resistiu. Tudo que podia pensar uma e outra vez era: *Minha fêmea tem as mãos dela no meu pênis.*

Ela começou a correr as, super macias, mãos em cima da carne aquecida dele. Quando a cabeça do membro cresceu lisa como na noite anterior, ele gemeu em felicidade. Usando o dedo indicador, ela emplastrou de umidade, esparramando-a em círculos na cabeça.

—Isso é tão bom, bebê. - ele raspou. - Agora, somente esfregue isso para mim. - Ela não o fez, ao invés, continuou explorando com suaves toques quando ele precisava de rápida fricção.

Quando ela imergiu a outra mão para agarrar, medindo o peso das bolas, ele gritou em agonia nova, seus quadris balançando incontrolavelmente.

—Embrulhe seus dedos ao meu redor! Eu farei o resto. - Ele tentou acalmar o tom dele. - Se você entendesse a dor...

Levando a mão dela, ele a teve apertando a longitude dele. - Ah! Melhor... - ele gemeu uma vez que ele podia empurrar no punho dela para aliviar.

Ele alcançou para baixo até esfregar o pequeno clitóris apertado dela. Com a outra mão, ele misturou os seios dela, um depois o outro.

Ela correu a face contra o torso dele, gemendo, enquanto ela o beijou ali. Ela tinha os mais sensuais gemidos, curtos e afiados, cada um carregado com necessidade, o deixando louco para saciá-la.

Eu poderia tomá-la... Ele poderia estar fodendo ela em segundos. Ela me deixaria. Embora ele quisesse desesperadamente estar dentro dela, ele não podia fazer isto. Ele mudaria, ficando na forma completa demoníaca.

E então ele saberia com certeza que ela era dele.



Assim ele empurrou mais duro, alcançando mais longe para emoldurar os seios dela com as mãos, afagando-a com a mão inteira. Ela apertou o membro dele, começando a bombear até que os quadris dele acalmaram, e ela assumiu.

Acariciando a fêmea dele enquanto estava sendo acariciado. Nunca nada tinha sido tão bom assim...

Os olhos dela deslizaram fechando quando ela começou a gozar novamente, lhe dando mais desses gemidos enlouquecedores.

O instinto de demônio a reconheceu como a própria dele, rugindo dentro dele para reivindicá-la. Enquanto ela tremeu na palma dele, ele começou a transformar, mas lutou com isso.

—Holly, você vai me fazer gozar tão duro... continue. - As respirações dele levantaram, o corpo apertando como um rolo. - Continue, ah, foda!

Liberação... Ele rugiu ao teto em uma onda ofuscante de prazer. Embora ele não ejaculasse, o orgasmo continuou sem parar, inexorável, até que ele teve que estremecer longe do aperto dela.

Caindo na cama ao lado dela, ele encarou o teto em assombro. Durante novecentos anos, ele tinha estado esperando para dar prazer a fêmea dele.

E então ser o primeiro em lhe mostrar isto...? Ele sentia uma pura emoção masculina recordando como os olhos prateados dela tinham ficado largos de surpresa logo antes que ela estivesse no limite.

Afinal, ter compartilhado experiência entre eles, parecia destinado, certo.

Quando ele a encarou, ela disse: - Cadeon, você não... ?

—Demônios de raiva não ejaculam, não até que nós reivindicemos nossa fêmea predestinada.

—Então foi isso que você quis dizer quando disse que saberia. - Quando ele acenou com a cabeça, ela disse: - Eu não fiz nada errado?

—Não, amor. - Ele se inclinou para fuçar a orelha dela. Até mesmo depois da entorpecente liberação, o cheiro dela o teve endurecendo novamente, o membro dele se estendendo contra a pálida coxa dela. - Claro que não.

—Muito bom, então. - Ela puxou as roupas dela no lugar, então levantou com um aceno firme. -Isso foi agradável, Cadeon. - Ela poderia também ter limpado o pó das mãos delas. - Eu só vou me refrescar, e então nós podemos seguir a estrada.

Enquanto ela passeou ao banheiro, tudo que ele pode fazer foi piscar em descrença, deitado na cama com suas malditas calças nos joelhos. Ele se sentiu... usado, finalmente entendendo como ele tinha feito durante novecentos anos as fêmeas se sentirem.

Este sentimento é uma merda. Ele arrebatou as calças para cima. Inferno, ele tinha sido usado. E pior, ele não tinha ganhado nenhum terreno com ela, o que o enfureceu.

Quando ela voltou, ele a lançou de volta na cama.

—O que você está... pare com isso! - ela choramingou.



—Parece que eu ganhei a aposta, gatinha. - Levando tapas dela, ele empurrou para cima a saia dela, então arrancou fora a calcinha dela, guardando-a no bolso dele. - Eu estarei levando meu prêmio.

Capítulo 26

—Não consigo parar de pensar em mais cedo. - Cadeon murmurou, as juntas brancas no volante.

Não brinca, ela pensou. Durante as últimas duas horas, ela tinha continuado revivendo as coisas que ele a tinha feito sentir e a tinha feito fazer.

Duas vezes.

E ela continuava vendo o olhar aflito na bonita face dele antes dele gozar e o modo como a grossa carne dele tinha pulsado enquanto ela tinha o acariciado. O grito brutal dele tinha dado calafrios nela.

Ir sem a calcinha não estava ajudando. Saber que ela estava no bolso do demônio era surpreendentemente erótico para ela.

—Bem, você vai ter que tentar mais duro.

Da mesma maneira que ela. Se somente ela não estivesse tão atenta a ele. Ela definitivamente tinha hipersensibilidade. O cheiro dele dava água na boca, impulsionando-a a se pôr mais perto dele sempre que eles sentavam perto um do outro, que incidentemente eram todos os minutos, no carro.

Assim como a voz de um homem e o cheiro de um homem, nunca tinham sido particularmente notável a ela, a menos que, claro, fosse desagradável.

Mas o cheiro de Cadeon fazia suas garras se curvarem por ele, pelo seu corpo pesado e quente sobre o dela.

—Se eu tivesse meu jeito, - ele continuou - eu fugiria para algum lugar com você durante um par de semanas e faria nada mais que...

—Me dá algo bom para ver?

—Sim.

—Bem, isso não é uma possibilidade. Você precisa de sua espada, e eu temo cada dia que eu estou me pondo mais perto do ponto de nenhum retorno com minha transição.

—Eu sei, eu sei.

—Nós simplesmente vamos ignorar isto.

Até agora, ela nunca tinha compreendido verdadeiramente o termo despertar sexual. Agora ela o fez. Ele tinha feito coisas com ela, que nunca poderia esquecer. Holly nunca seria a mesma novamente, porque uma linha tinha sido cruzada.

Ela tinha sentido o gosto de algo e ela queria mais.

O que não era possível. Assim como ela botaria tudo de volta para dormir?



—Ignorar? Sim, me deixe saber como isso funciona para você. - ele disse enquanto virou na entrada de um exclusivo shopping Plaza, o que parecia ser um desses centros comerciais de luxo. - Nós estamos aqui.

—É aqui onde você vai adquirir apetrechos?

—Onde nós vamos adquirir apetrechos. Você precisa de algumas roupas quentes. Coisas que você possa se mexer dentro.

De fato, ela não se importaria com um pulôver novo ou dois. Talvez uma jaqueta mais pesada. Uma vez que ele tinha estacionado em frente a uma loja de departamentos requintada, ela saiu, ausentemente, fechando a porta atrás dela. Novamente, a mente dela era uma confusão de pensamentos...

Por muito tempo, qualquer estimulação que ela experimentasse, sempre tinha sido acompanhada pelo medo de ferir outro.

Mais cedo, o medo tinha desaparecido, porque ela era incapaz de feri-lo, desamparada para fazer qualquer coisa mais do que ter o corpo dela habilmente acariciado ao orgasmo. Ela sentia uma agitação na barriga com a memória, entretanto fez uma cara feia. Habilmente.

Ele era, afinal de contas, um mulherengo. Tinha ele dado a Imatra o mesmo prazer...?

—Ei, você esqueceu seu computador. - ele disse, negligentemente renunciando isto a ela. Os olhos dela arregalaram enquanto acelerou para ele. Ela quase tinha deixado para trás o laptop? Era uma coisa absolutamente indispensável na vida dela, tão crítico que tinha desejado freqüentemente poder ter um disco rígido implantado no quadril.

—Sua mente está ocupada, então? - ele perguntou naquele tom arrogante. -Estou vendo que está ignorando o que nós fizemos.

—Eu estava pensando sobre outra coisa. - Quando ela alcançou o computador, ele segurou em cima da cabeça. - Devolva! Você poderia derrubar isto!

—Eu devolverei, se você admitir, que estava pensando em mim.

—Certo. Eu estava. Tudo sobre você. Agora me dê!

Ele eventualmente fez, parecendo surpreso por quão facilmente ela tinha capitulado. Mas este era o computador dela, a fonte de tudo que era certo e bom no mundo.

Uma vez que ela tinha ligado a correia do estojo em cima do ombro, ele colocou a grande mão dele na parte de baixo das costas dela. Ela lançou um olhar, o qual ele ignorou, levando-a para dentro.

No departamento feminino, ele levantou calças jeans nos quadris dela, comparando os tamanhos. Macho arrogante!

Por dentes friccionados, ela perguntou:

—Exatamente como você espera que eu experimente calças jeans sem calcinha?

Ele bateu levemente o bolso.

—Você as quer de volta? Nós poderíamos estar trabalhando em alguma coisa. - Ele empurrou algumas calças jeans nos braços dela, impediu alguns pulôveres de caxemira, então a marchou para o vestiário.

Ela tinha pensado que ele esperaria na área de sentar do lado de fora. Não teve tal sorte.



—Cadeon! - ela estalou quando ele a seguiu para dentro, fechando a porta. - Você não pode entrar aqui!

Ele plantou uma mão na parede atrás dela e se apoiou.

—Eu preciso estar aqui. Porque você está a ponto de me beijar.

—A sim? - Ela tinha tentado um tom malicioso, contudo só soou intrigado.

—Uh-huh. Se você quer sua calcinha de volta para esta noite.

—Certo. Eu irei sem calça jeans.

—Vai ficar frio ao redor dessas saias com nada além da meia-calça.

Ela exalou impacientemente. Estava frio.

—Eu o beijarei, mas só se eu ficar completamente livre da aposta. Não só por esta noite.

—Então você tem que me dar um beijo francês. Não um estalinho na bochecha.

Lá se foi o plano.

—Muito bem. Mas eu não sei exatamente como começar. - Ele estaria rindo intimamente da inexperiência dela? Comparando-a com Imatra?

Holly desejou que ela beijasse melhor que aquela demoness.

—Você não estará precisando disso. - ele disse, arrastando a bolsa dela fora do ombro para colocar no banco atrás dele.

—Agora, você vai ter que ficar na ponta do pé para me alcançar.

—Você não vai me encontrar na metade do caminho?

—Você está me beijando, se lembra?

Ela colocou as mãos dela nos ombros dele por equilíbrio, então levantou na ponta dos dedos.

—Até mesmo na ponta do pé, você precisará baixar minha cabeça para sua. Segure a parte de trás da minha cabeça.

Quando ela acidentalmente tocou a ponta do chifre dele, ele gemeu. Ela rapidamente levantou a mão dela, mas ele disse: - É bom quando você os toca.

—Você realmente pode sentir com eles? - ela perguntou, recordando o que ele tinha dito sobre o comportamento dela no bar.

—Claro. Demônios machos amam ter seus chifres acariciados.

Ela arquivou isso para depois.

—Depois você vai pôr seus lábios abertos contra os meus, então, lamba minha língua. E uma vez que você chegue nesse ponto, você simplesmente faz qualquer coisa que for bom para você.

Ela engoliu em seco, incapaz de dizer se ela estava vertiginosa ou nervosa ou ambos. Então na ponta do pé, ela o puxou para baixo, pondo os lábios dela nos dele.

Como se para encorajá-la, ele deu um estalido na língua dela com a dele. Então a deixou assumir, nunca a apressando enquanto ela começou a explorar com lambidas tentativas. Finalmente, ele encontrou a língua dela novamente, mas a permitiu controlar o passo, enroscando a língua lentamente com a dele. O beijo era lânguido, mas inconfundivelmente carnal. Ela parecia não poder parar de se afundar nisto.

Risadinhas de meninas soaram no vestiário ao lado.



Holly separou com um suspiro, tentando aquietar as respirações arquejantes e juntar as inteligências dela. Entretanto as sobrancelhas dela se reuniram quando ela contemplou à face de Cadeon.

Os olhos dele tinham ficado pretos, e os chifres tinham endireitado e engrossado. Exatamente como cada vez que eles tinham sido íntimos.

Ainda ela não tinha visto nenhuma destas reações quando ele tinha beijado Imatra.

Era porque ele já tinha estado satisfeito? Ou não?

—Aí. - Ela abaixou fora por debaixo do braço dele. - Eu fiz.

Com a voz dele rouca, ele disse: - Você fez. Estou contente por trazer isto. - Ele vestiu o chapéu. Aquele afetado pelo tempo, de couro que fazia o coração dela estrondear. Uma vez que os olhos dele tinham clareado, ele disse: - Eu vou sair furtivamente agora. Ir e sentar como os outros machos perplexos que não sabem como eles chegaram aqui.

—Espera!- Ela apontou para o bolso dele.

Ele escolheu a interpretar mal. - Está ao seu serviço, meu amor.

Ela rolou os olhos e declamou:

—Minhas calcinhas.

Ele as entregou com um sorriso sem vergonha. Afinal, ela tinha o vestiário para ela. Ainda enquanto ela fechou o zíper de um par de jeans de trezentos dólares ela se acalmou. Eu posso escutar os sussurros das meninas do lado.

Holly poderia contar que elas estavam sussurrando direto uma no ouvido da outra, provavelmente com uma mão em concha, mas ela pode claramente distinguir as palavras delas: - Ele é super quente. Tipo o mais quente de todos. Vá lá agir como você estivesse me trazendo outro tamanho e vê por você mesma.

E Holly podia ouvir os corações delas clamando cada vez que elas voltavam passando por ele. O que significava que ele também as podia ouvir. Não estranha ele saber que é deslumbrante.

—Venha aqui fora assim eu posso ver. - ele chamou.

Ela se checou no espelho e quase não reconheceu o próprio reflexo. Ela não tinha usado calças jeans desde que estava no começo da adolescência. Porque o coque continuava caindo enquanto experimentava os pulôveres, ela tinha acabado trançando o cabelo em duas tranças que cobririam as orelhas. Não usava óculos, porque não precisava deles. As bochechas estavam rosadas, a pele parecia brilhar como a de Nix.

Ela enrugou os lábios, odiando admitir, que havia vantagens em ser uma Valquíria.

—Venha, então.

—Só um minuto!

E então ele estava exatamente atrás da porta dela. - Estou ficando ganancioso por te ver, gatinha.

A isso, uma das meninas no outro provador suspirou.

—As calças jeans não ajustam. - Embora a cintura estivesse folgada, a parte de trás estava muito apertada. Ela se virou no espelho, fez uma careta por cima do ombro. Ela nunca realmente



tinha notado quão grande era o seu traseiro. Nenhuma maravilha que Cadeon estivesse sempre rebitado por isto!

—Então eu pegarei outro tamanho. - ele disse.

—Não, eles são muito grandes e muito pequenos.

—Me deixe ser o juiz disso.

—Certo. - Ela abriu a porta.

Os lábios dele se separaram. - Dá uma volta. - Uma vez que ela fez um círculo inibido, ele disse, - Bem, então. Eu tinha pensado que seu traseiro em uma de suas saias era de tremer a terra, mas seu traseiro em jeans ganha até mesmo disso.

Quando as meninas do lado deram risada novamente, ela luziu. Destemido, ele alcançou além dela para o estojo do computador, então começou a arrastar para fora. - O que você está fazendo?

—Nós terminamos.

—Mas eles não ajustam. - ela insistiu.

—Nós pegamos um cinto para você.

—Espere, é só uma que não serve!

—Nada disso. Nós estamos te comprando cinco pares destas calças jeans abaladoras de terra e esse suéter em toda cor, e então nós terminamos, sim?

—Fora na loja, ele disse:

—Maldição, essa foi por pouco. Eu te tirei de lá bem a tempo.

—Sobre o que você está falando?

—Você estava a ponto de arrancar fora os olhos das meninas pelo interesse delas em seu demônio. Era iminente, vidas mantidas na balança.

—Você não é meu demônio.

—Não? Você, com certeza, me beijou como se fosse.

—Ooh! - ela murmurou debaixo da respiração.

Ele pegou um cinto de couro preto, trançado em uma mesa de exibição. - Prova esse. - Ele rodeou o cinto na cintura dela, levando o tempo dele com os braços ao redor dela, demorando. Dez contra um como ele estava cheirando o cabelo dela.

—Está bom. - ela disse, assim ele pegou para ela alguns mais, então se fixou em pegar todas as calças jeans e suéteres.

Quando era a vez deles para pagar, Cadeon falou para a senhora do caixa:

—Boa noite, querida-. A mulher o encarou sem fala, incapaz de fazer mais que ajeitar o cabelo dela.

—Ham-ham. - Holly incitou, mais nitidamente do que ela tinha pretendido.

Uma vez que ela estalou fora da vista e começou a esquadrihar as etiquetas, Cadeon murmurou na orelha de Holly:

—Outra chamada íntima. Essas garotas tolas flertam com a morte.

Holly chutou a canela dele. Em resposta ele deu um profundo sorriso.



Quando eles tinham finalmente pegado as bolsas e arrancado as etiquetas das que ela usava, ele falou para Holly:

—Vá experimentar algumas botas de caminhada escada abaixo. - Ele lhe deu um cartão Centurion American Express.

Aparentemente o demônio era rico.

—Você precisa de uma cara, que não tenha que abrir. Com tecido tipo, Gore-Tex, para neve.

—Aonde você vai?

—Adquirir um casaco e algumas coisas. Fique nesta loja até que eu volte...

No departamento de sapato, ela escolheu dois tipos de botas. Um par era robusto, com Gore-Tex cobrindo, porque ela precisava deles. Ela também escolheu um par feito de couro macio e lustroso, preto com salto alto, porque as garras dela estavam curvando por elas e ela não pode evitar.

Quando a vendedora voltou com o tamanho dela, Holly as experimentou, caminhando ao redor da área. Todo mundo andava diferentemente com botas? Talvez com um pouco mais de tcham?

Holly comprou os dois pares, usando o preto. A tarefa dela estava completa, ela sentou e esperou por Cadeon voltar. Sem atividade e ninguém para falar, a mente dela começou a ponderar recentes acontecimentos...

Ela tinha sido oficialmente infiel ao namorado. E esse simplesmente não era o jeito dela. Ela nunca tinha colado num teste, nunca tinha quebrado até mesmo uma promessa. Tim era muito agradável, um sujeito que merecia...

Quão bem você realmente conhece Tim?

O pensamento veio de lugar nenhum a fazendo franzir o cenho.

Ele era perfeito para ela, um sujeito fixo, até suave que estava dirigido inacreditavelmente na carreira dele.

Tão dirigido quanto ela. Ele era alto, esbelto e bonito dentro do afável, não de modo intimidante. E como ela tinha contado para Cadeon. Tim seria, um grande, marido e pai.

Que era mais do que ela poderia dizer de um macho como Cadeon que seria infiel a ela e provavelmente um pai ausente para qualquer criança que ele pudesse ter.

Ainda mais cedo com Cadeon, ela tinha tido uma realização. Havia coisas sobre um homem que poderiam ser aprendidas muito mais facilmente quando em uma situação sexual, dentro de quatro paredes.

Os olhos de Cadeon tinham sido luxuriosos, famintos, mas o toque dele tinha sido tenro, quase como se ele tivesse estado saboreando ou até mesmo... abobado.

Holly não tinha esperado aquela bondade do áspero mercenário e nunca teria visto isto se não na cama com ele.

O que descobriria ela sobre Tim em uma situação igual? Ela tentou imaginar fazer as mesmas coisas com ele. Ela não pôde, porque continuava vendo o demônio.



Não, não! Isso era um perfeito exemplo de sua nova e estrangeira linha de pensamentos, do processo tomando conta dela. Uma linha onde argumentar porque se acariciar mutuamente com um demônio fazia sentido: porque eu posso aprender - pisca, pisca- sobre ele. Como pessoa.

Ela só estava duvidando de Tim porque ela era ela mesma. Não por causa de qualquer suspeita lânguida de que ela se agarrava a ele como uma personificação da velha vida, uma que ela temia abandonar...

Os pensamentos dela deram um branco quando espiou Cadeon vindo para ela, o longo passo dele comendo a distância, os ombros para trás, meio-sorriso convencido no lugar.

Talvez Cadeon tivesse algo bom, ela pensou confusamente. Talvez ela devesse ter uma última aventura antes da normal, existência ordenada dela ser retomada. Uma pequena experiência sexual, um pouco de excitação...

Quando ele a alcançou, ele se abaixou e deu um beijo antes que ela pudesse reagir.

—Você sentiu falta de mim, não sentiu?

Ela estava estalando, tinha sido beijado pela primeira vez em público.

—Quase não.

—Huh. Então eu desejo saber por que seus olhos ficaram, todo, prateados quando você me viu.

—Eles não ficaram! - O olhar dela arremessou. - E se alguém viu? Oh, Deus...

—Relaxe, mestiça. Os humanos pensarão que é somente um truque da luz. Se você os mostrar. Agora me deixe ver o que você tem.

Ele elevou as sobancelhas para as novas botas dela. - Muito bom. Mas você só adquiriu dois pares? Eu estava esperando abuso de cartão de crédito e compra retaliativa de você.

—Desculpe desapontar. - Ele tinha várias bolsas. - O que você comprou?

—Eu te mostrarei no jantar.

—Jantar? Nós temos tempo?

—Eu tenho que nutrir minha mestiça ou ela fica irritável. Além disso, nos levará cinco horas dirigir, e são só seis horas.

—O que você espera que eu coma em um restaurante? Você sabe que eu tenho que ter coisas embaladas.

—Eu já coloquei em ordem. Somente confie em mim.

Capítulo 27

Durante quinze anos, Holly tinha exagerado na roupa para quase tudo. Agora, o demônio a colocou em calças jeans, então a levou para um restaurante elegante.

Enquanto eles se sentaram, esperando pela comida, ela desejou saber o que ele tinha pedido para ela. Uma lata de vagens? Talvez coquetel de frutas? Ou desde que este era um restaurante de frutos do mar, ela provavelmente adquiriria uma lata de atum.



—Então dá uma olhada nas minhas sacolas. - Cadeon disse enquanto mexia em uma das bolsas dele. Ele tinha removido o chapéu, sacudindo o cabelo para cobrir os chifres, e agora se via insuperavelmente deslumbrante.

—Aqui. - Ele lhe deu dois pacotes. - Eu te comprei um relógio. Você costumava ter um agradável. - Ele tinha reparado até mesmo aquele pequeno detalhe?

—Eu comprei um para mim também. - Ele disse.

Oh, sim, porque ela tinha pulverizado o dele no punho mais cedo. - Eles não estão... combinando ou qualquer coisa assim, estão?

—Holly, eu sou um demônio. Eu não sou uma ferramenta.

—Oh, claro que não. - Ela aceitou a caixa, elevando as sobrancelhas. Cartier.

Ela sempre tinha guiado longe daquela marca porque muitos dos estilos de relógio tinham muitos diamantes. Não tão bom para ela desde que ela estaria encantada toda vez que olhasse as horas.

Quando abriu o pacote, ela quase sorriu. Nenhum diamante a vista. Platina, simples, mas elegante. Por que ele estava sendo tão... Bondoso?

—Cadeon, é adorável, mas realmente, isto é muito. Eu não posso te deixar pagar.

—Eu vou gastar isto. Agora, feche esta sacola, e abra a outra.

Ela fez uma careta, mas fez o que ele disse. Dentro estava... Seus óculos. De gatinho. Ela piscou para ele. Você está me dando meus, próprios, óculos?

—Eu mudei as lentes para clarear. Você disse que não pode pensar sem eles postos e você estava tendo dores de cabeça.

Os lábios dela separaram enquanto ela os colocava. Quem era mais encorajador? Tim que verbalmente a encorajava, ou Cadeon que fez o trabalho dela possível?

Pare de comparar os dois! Tim também não ficou com a demones dona do bar com insaciável variedade sexual.

—Eles estão perfeitos. Mas, Cadeon, eu estou me transformando de volta. Minha vista ficará ruim novamente.

—Então os compre mudados novamente depois. Mas por agora, você tem trabalho para fazer. - ele disse, somando gravemente. - Holly, não é como se códigos se escrevessem sozinhos. - Ele lhe deu outra sacola. - Agora, cheque o casaco que eu comprei para você.

Alcançando a bolsa, ela arrancou uma pequena, jaqueta estilo de esquí.

—É vermelha.

—Deveria ser. Você não possui nada vermelho.

Novamente, ele tinha notado. Ela estava surpresa pelo bom gosto dele, mas assim disse: - Não parece muito pesada.

—Tecnologia nova, mestiça. Isto manterá você aquecida quando estiver vinte graus abaixo de zero. Somente confie em mim. Além disso, você não está sentindo o frio como você costumava, está?

—Não, eu acho que não...



O garçom veio, então, com as bebidas deles: uma cerveja para Cadeon e para ela uma garrafa esfriada de Perrier, sem abrir por pedido de Cadeon.

Quando o homem partiu para inspecionar os pedidos, ela disse: - Por que você está sempre interessado sobre eu comer?

Cade exalou, odiando esta parte. *Porque eu não sou um bom homem, e estou a ponto de te trair do modo mais cruel imaginável...*

Parecia a ele que cada momento de satisfação com sua fêmea, lhe custava outra mentira, cavando mais fundo, assegurando que não poderia haver nenhum perdão.

Bloqueie isso.

—Talvez sua transformação possa ser atrasada se você mantiver algumas características humanas?

Ela suspirou.

—Eu tenho cada vez menos fome. Eu poderia facilmente me ver, esquecendo, de comer completamente.

—A mudança já levou uma posição segura em você. Eu não acho nem sequer que você percebe quanto mais forte e mais rápida está ficando.

Ela ficou quieta por longos momentos, dobrando e redobrando o guardanapo dela com os dedos magros e ágeis. Os mesmos que tinham estado embrulhados ao redor do membro dele meras horas atrás. Ele se mexeu incomodamente no assento dele.

—Cadeon...

—O que está em sua mente?

—Eu estava só me perguntando... como é viver para sempre?

Cansativo. Sem um companheiro e família, isso foi tão malditamente cansativo. Mas ele respondeu:

—Viver para sempre tem suas vantagens. Como a parte de não morrer. Você está pensando em se inscrever na imortalidade?

—Eu não sei como responder. Eu definitivamente vejo vantagens em ser uma Valquíria. Mas eu não quero ser o Recipiente. Eu não quero estar morta ou procriando. E eu não sei como eu reconciliaria minha vida atual com a mudança. E se eu mostrasse uma orelha na aula?

—Você ficaria pasma de quantos do Lore vivem entre humanos, e eles nunca sabem disso.

Ela inclinou a cabeça.

—Honestamente, eu não tenho certeza de que quero viver para sempre...

Ela se endireitou quando o garçom voltou com os pratos deles.

Para Cade: twenty-ounce porterhouse⁷.

Para ela: bananas não descascadas e ovos cozidos ainda com as cascas intactas, acompanhado por mercadorias de plástico, ainda nas embalagens.

Ela olhou da refeição dela para a dele, a expressão dela cresceu abandonada.

—Você quer um pouco dos meus bifes, não quer?

Ela negou com a cabeça fortemente, claramente querendo alguns dos bifes dele.

—Eu continuo tendo... problemas.



—Eu sei, eu sei. Você gosta de coisas intocadas e ainda empacotadas.

Ela fez uma cara feia quando o garçom voltou com outro prato para ela, cheio com rabos de lagostas e pernas de caranguejo fechadas.

Quando eles estavam novamente a sós, Cade disse:

—Veja, a última novidades em comidas intocadas e empacotadas. Você pode quebrar as cascas você mesma sem qualquer contaminação, então coma a carne com o garfo de plástico.

Ela piscou para ele.

—Você sabe quanto tempo passou desde que eu tive frutos do mar frescos? - Então os lábios dela enrolaram em um sorriso.

Marque outro ponto para o demônio.

—Eu sou bom para um encontro, não sou?

—Se somente você não fosse tão modesto. - Holly respondeu fora do restaurante. Na verdade, ele tinha sido bom, criativamente trabalhando com as manias dela. E o jantar tinha sido fenomenal.

Ele atravessou para uma lata de lixo, jogando as caixas do relógio fora. Daquela distância, ele virou e lançou algo para ela.

—Pense rápido!- ele disse.

Estava brilhando?

Um anel de diamante.

O largo olhar dela se fechou nisto no ar, as mãos delas se atiraram para pegar.

Ela abriu a palma, tremendo com maravilha.

—Para que isso? - ela perguntou em uma ofuscação.

—Treinamento de aversão. Agora você tem que tirar os olhos disso. -, ele disse na orelha dela. Quando ele tinha se movido para tão perto dela?

⁷ prato composto por um bife de 21g

Ela apressadamente enganchou o dedo no anel para que assim ele não pudesse o arrebatá-la, mas não pôde parar de olhar.

—Quebre sua fixação.

Ela negou com a cabeça irritadamente. Ele tinha lançado isto para ela, mas esperava que ela tirasse os olhos disto?

—Afasto o olhar ou eu lançarei seu laptop naquela caixa de lixo pública bem ali. Imagine os germes que abundam lá. Você acha que até mesmo o disco rígido será resgatado?

Holly começou a tremer com o esforço para afastar o olhar.

—Não faça... por favor!

Ele cobriu a mão dela, então arrancou o anel dos apertados dedos.

O transe quebrou, ela olhou para ele.

—Isso não foi engraçado!

—Não era para ser. Você precisa praticar com isto, dez vezes por dia se for preciso. Você tem uma vulnerabilidade, pequena. Uma grande vulnerabilidade. Você tem que superar isto.



Embora ele fosse rude e abrasivo, ele parecia ter as melhores intenções no fundo. Ela lambiscou os lábios.

—O diamante era real ou eu não teria me agarrado a ele. - Quando ele acenou com a cabeça, ela disse: - Quanto mercenários como você, ganha nesses dias?

—Eu tenho uma fortuna em ouro. Ah, isso foi um brilho nos seus olhos? Você gosta mais de mim agora que sabe que eu sou rico? - Ele enrolou o dedo debaixo do queixo dela. - Porque tudo bem para mim.

Ele lhe deu um beijo breve nos lábios.

—Pare de fazer isso!

Ele continuou roubando beijos, tratando-a como se fosse a namorada dele. O que a agitou. Não a excitou.

—Agora, se prepare. - ele disse. - Está na hora de você dirigir um carro realmente rápido.

Capítulo 28

—É ideal para nossos propósitos. - Cadeon disse, contemplando abaixo o comprimento da rodovia. Estava deserta, se parecendo a uma pista de vôo abandonada na floresta e era visível todo o caminho para as montanhas na longa distância. Neve velha jazia em aglomerações no lado da estrada, mas o pavimento estava limpo e seco.

—Você realmente vai me deixar dirigir?

—De quem é este carro?

Ela respondeu:

—Não é nosso.

—Boa menina. - Quando ele encostou, ela inspecionou a área. A floresta estava iluminada pela lua minguando, o céu estava limpo.

—Eu não posso acreditar que eu estou na estrada a caminho de Michigan do norte, e há nenhuma exibição real de neve.

—Pode ser, mas agora você consegue ver as luzes do norte.

—De jeito nenhum! Onde? Eu não as vejo, em que direção estão?

Ele apontou para esquerda, somente acima da linha de árvores.

—Ali está a Aurora Boreal.

O olhar dela seguiu, e ela ofegou. Vislumbrantes luzes violetas dançavam contra o céu preto. Enquanto elas rodavam, alternadamente obscureciam, e então realçava a lua e as estrelas.

Ver isto fez o coração dela cantar, e ela murmurou:

—Tão adorável.

—Lendas dizem que as valquírias criaram as luzes.

—Qual foi a lenda?



—Os do norte antigamente acreditavam que quando uma Valquíria montava de Valhalla para escolher guerreiros valentes para recompensa eterna, a armadura dela lançava uma estranha luz chamejando em cima do céu.

—Sério? - Quando ele acenou com a cabeça, ela disse: - Você sabe muito.

—Você acha? - ele perguntou indiferente, mas ela poderia dizer que seu comentário o agradou.

Ela estava inclinada a ser agradável com ele, ainda encantada pelo jantar, e entusiasmada sobre finalmente dirigir este carro.

—Você está pronta? - Ele virou uma maçaneta à esquerda do assento do motorista.

Ela podia sentir o carro vibrando e ouvir um zumbindo atrás dela. O escapamento na parte de trás.

—Retrata no corpo do carro. Assim faça as pontas dianteiras. E aqui vai algo que você gostará de ouvir. Estas mudanças reduzem o coeficiente de arraste em 0.05 por cento.

Ela levantou uma sobrancelha. Ele estava falando o idioma dela. Uma vez que eles trocaram de lugar, ela afundou no assento do motorista, ajustando os espelhos.

—Você sabe dirigir com câmbio, certo?

—Eu arranquei meus dentes, moles, em uma Carrera, muito obrigada.

—Bom. Então coloque seu cinto de segurança.

Ela firmou a couraça.

—Você, também-. Ao olhar teimoso dele, ela disse: - Por favor?

—Tudo bem, tudo bem. - ele disse, a assustando por conceder tão facilmente. - Agora saia realmente devagar.

Embora ele ainda tivesse que dirigir lentamente, ela deslizou a engrenagem com submissão em primeira e deslizou para a estrada.

—Certo, agora a velocidade máxima.

Continuamente dando gás, Holly passou para a segunda, então terceira.

—É isso. Você está fazendo bem. Realmente bem. O que você acha?

Na quinta engrenagem, ela estava convencida de que a embreagem era a mais encurvada da terra, e o acelerador o mais sensível. A máquina respondia, como nada que ela tinha dirigido alguma vez.

—Incrível. Manobra tão facilmente. Manobra todas as rodas?

—Você sabe disso.

—Está abraçando a estrada. Como uma bala em uma grade magnetizada.

—Acredite ou não, este carro é tão pesado quanto um tanque. Umas duas toneladas.

—De jeito nenhum.

—Se é tão fácil dirigir, então vejamos o abrir.

Então Holly acelerou, sentindo uma emoção quando ela viu que tinha quebrado o limite de velocidade máxima de rodovia.

—Mais rápido, gatinha. Venha, chute o traseiro da máquina!



—Você pediu. - Ela prensou o acelerador e o carro se adiantou, prendendo-os atrás nos assentos deles. Cento e sessenta quilômetros por hora. A mais minúscula correção na roda causava o ajuste mais preciso na direção. Uns quarenta. O poder, o thrum da máquina, o controle, tudo tão precipitado.

A estrada realmente estava como uma passarela. E Holly se sentia como uma pessoa diferente, usando bota, comendo frutos do mar, usando cinta-liga dirigindo um carro de milhões de dólares.

Quando ela espiou novamente o velocímetro, eles estavam em duzentos e quarenta. O coração dela estava correndo, a adrenalina bombeando dela. Mas ela também sentia algo que nunca esperou.

Ela estava ficando realmente excitada.

Quando ela estava paquerando com os trezentos quilômetros por hora, não havia como ignorar isto. As respirações dela cresceram rasas e ela ziguezagueou no assento. Ficando pior.

Trezentos e vinte. Ela lambeu os lábios. Velocidade. Sedutora. Sensual.

Ele tinha ficado quieto. Ela lançou um olhar a ele.

Ele a estava encarando, os olhos escuros e inescrutáveis.

—Encoste. - ele disse.

—O que? Eu fiz algo errado?

—Somente pare o carro.

Assim que ela encostou e tinha posto a engrenagem em ponto morto, as mãos dele a puxaram, emoldurando sua face, a atraindo para um beijo quente. Com um grito ela respondeu, esmagando os lábios dela no dele, sacudindo sua língua.

A mão dela foi direto para sua ereção. Ela queria tocá-lo como antes, mas ela não podia alcançar. Ele pôs a palma entre as pernas dela, mas ela não as pôde esparramar o bastante por causa do volante e do cambio.

—Foda-se isso. - ele rosnou, tirando fora o cinto de segurança dele e saiu do carro.

Logo quando a decepção varreu sobre ela, ele abriu a porta e tirou seu cinto de segurança também. As grandes mãos dele agarraram os lados dela, erguendo-a do carro para colocá-la de pé no lado de fora.

—Cadeon? - Quando ele começou no zíper, ela chorou: - Alguém verá!

—Ninguém está passando. - Quando ele empurrou a calça e calcinha abaixo dos joelhos, ela choramingou: - E se... oh.

Ela não teve tempo para resistir antes de ele colocá-la no topo do carro, esparramando as pernas dela para abrir seu sexo descoberto.

—O que vai você fazer?

—Lhe mostrar algo novo. - Ele roçou a coxa dela com a bochecha, os pêlos da barba raspando a tenra pele dela. Ela poderia sentir as respirações mornas dele...

Com um estalo, ela percebeu o que ele pretendia. Mas ela não pôde protestar. Tudo que ele tinha lhe mostrado de longe tinha sido maravilhoso. Por que isto seria diferente.

—Oh meu Deus. - ela ofegou quando ele lambeu o clitóris dela com sua forte língua.



Ela se encostou, entregue, esparramando as pernas até mesmo mais abertas em acolhimento. Prazer inimaginável a assaltou, e ela não pôde morder de volta um afiado gemido.

Ele espalhou a carne dela entre dois dedos, a lambendo, voraz no sexo dela.

— Levante sua blusa acima de seus seios.

— Eu congelarei...

— Você não vai.

— Porque...

— Minhas mãos estão ocupadas. Faça, ou eu pararei.

Onde estava a outra mão dele? A compreensão chegou. - Oh... - A idéia dele se masturbando enquanto a beijava daquele jeito enviou calafrios por todo o corpo dela.

Engolindo, ela arrastou o suéter e sutiã para cima como ele tinha feito no hotel. Ela não tinha percebido uma brisa da floresta antes, mas agora roçou em cima dos mamilos sensíveis, os endurecendo até mesmo mais. Ela gemeu novamente.

Ele alcançou para cima e colocou as mãos dela nos seios dela.

— Brinque com eles. - ele disse, antes de voltar com a boca dele.

Enquanto ela começou a mexer nos próprios seios, ela contemplou o céu com pálpebras pesadas. Sobre ela as estrelas estavam febris, as luzes do norte brilhavam do violeta para o vermelho, acentuadas pelo raio crescente dela. Um sonho.

Agora, o prazer estava a ponto de tomar conta dela.

— Seus mamilos. - ele soou em dor - Os belisque.

Enquanto ele voltava, ela o fez, chocada pelo próprio toque, arqueando as costas nitidamente. Mais brisa, mais estrelas, mais lambidas insistentes.

— Você está pronta para gozar?

— Sim!

— Eu também. - ele raspou, então chupou o clitóris dela entre os lábios.

Ela gritou, se lançando para cima enquanto o orgasmo rasgava por ela. Ele estava lambendo, gemendo, usando lábios, língua, e dentes para torcer mais dela.

Quando ele deu um grave resmungo contra a carne dela, ela soube que ele estava a ponto de gozar bem depois dela.

Até mesmo quando ela tinha gozado, ele continuou o beijo dele, como se levantasse o próprio prazer.

Uma vez que ele tinha acabado, ele descansou a cabeça na coxa dela, pegando fôlego.

Eventualmente, ela se levantou nos cotovelos. Depois de encarar seus seios descobertos com as sobranceiras unidas, ele encontrou os olhos dela.

— A cada oitocentos quilômetros?

Ela balançou a cabeça.

— Seiscentos e quarenta.



*Ponte da Senhora Risonha,
Rio Bloodwater, Michigan*

—Este é o lugar. Encoste. - Cadeon apontou para ela para estacionar ao lado de um cume de pedra bem em frente à ponte.

Holly pôs o carro em ponto morto, puxando o freio de mão, então inspecionou a cena.

E ela tinha pensado que o Bar de areia estava no meio do nada.

Durante as últimas horas, o Veyron tinha rondado ao longo de estradas sinuosas por bosques drapejados de névoa, sempre descendente à bacia de Bloodwater. A área era montanhosa, as estradas pareciam cauterizadas por escarpas.

Ela e Cadeon tinham falado pouco. Ele tinha estado quieto, perdido em pensamento. Ela ainda tinha estado processando o que eles tinham feito. E o que eles poderiam fazer em cento e sessenta quilômetros mais...

Ele olhou seu relógio novo.

—Vinte para meia-noite. Nós estamos adiantados.

—Bem, é certamente atmosférico. - ela disse.

Névoa cobria o rio, apanhada entre os muito altos precipícios que limitavam a água. Era tão espesso, ela não podia nem mesmo ver através da ponte, o que parecia como se não conduzisse diretamente a nada...

Ainda, ela estava mais entusiasmada que intranquã. Esta poderia ser uma ponte assombrada de verdade.

—Eu não suponho que faria qualquer bem lhe pedir que fique aqui? - ele perguntou.

Saindo, ela disse:

—Nenhum!

—Você parece em um humor bom.

—Eu estou usando roupas novas, botas novas e uma jaqueta nova. - Ela se sentia mais animada, mais jovem.

—Você realmente acha que são as roupas que estão te afetando ou os três orgasmos que você desfrutou hoje?

Bem, havia isso. Ainda ela bateu no queixo como se ponderando a pergunta dele, então respondeu:

—Não, definitivamente as roupas. - o fazendo fazer carranca.

Eles partiram para a ponte. A Senhora Risonha costumava estar coberta completamente, mas agora partes do telhado de madeira e colunas tinham apodrecido em lugares, expondo o esqueleto de bragueiros¹¹ abaixo.

¹¹ paiol da amarra.



Aquele ferro enferrujado gemia com cada brisa ou névoa ativa. Quando ela espiou a água, o minúsculo cabelo na nuca dela arrepiou. No luar nebuloso, se via exatamente como sangue.

Depois de marginar o obstáculo na estrada, eles começaram a atravessar, com ela evitando as rachas entre as tábuas. Aproximadamente seis metros dentro, ela olhou para trás, hesitando quando não pode ver o carro.

—Fique perto, Holly.

Ela o alcançou.

—A ponte está... balançando?

—Sim. O dique faz isso, assim não quebrará. Aqui, segure minha mão.

Ela elevou as sobrancelhas.

—Eu estou sentido uma segunda intenção aqui. Levando a menina para o lugar fantasmagórico? Assim ela ficará amedrontada em um beijo com você? Eu estou ficando quente?

Ele lhe deu um sorriso presumido.

—Depois do que nós fizemos há pouco no capô do carro, beijar parece pitoresco, sim? Além disso, você quer segurar minha mão. - Ele pegou a dela na dele. - Admita.

Demônio arrogante.

—Não... eu não quero. - Ela retirou a mão. - Só porque nós estivemos íntimos não significa que eu quero ser afetuosa com você. - Ela precisava tentar manter um pouco de distância entre eles. Pelo que ela sabia, o próximo posto de checagem poderia ser outro bar, com outra demoness... E Holly poderia finalmente admitir para ela mesma que o pegar com a bonita Imatra tinha... machucado.

Ela freqüentemente tinha que lutar para não imaginá-los se beijando.

Embora Cadeon tivesse sido considerável algumas vezes, ela sabia que no fundo ele ainda era um grosseirão.

—O que nós fizemos não muda nada entre nós. - ela disse. - Eu ainda tenho um namorado, e você ainda tem suas garotas em seu placar, ou seja lá, como você vê suas conquistas.

Bem, isso pareceu irritá-lo.

—E você se conta entre esse número? - Ele pegou a mão dela novamente.

—Porque não deveria? - Ela apartou a mão, mas ele a segurou firmemente. Por dentes friccionados, ela disse:

—Solta.

Uma luz perigosa refletiu nos olhos dele.

—Eu vou segurar sua mão ou você vai voltar para o carro.

—Foda-se. Não fale comigo como eu fosse uma criança.

Com tom irrisório, ele disse:

—Holly Ashwin disse foda-se sem ninguém, além de mim para testemunhar a ocasião. Eu soltarei assim que você admitir que o que tem entre nós é mais que somente físico para você.

—Você foi quem sugeriu que te usasse para aliviar minha curiosidade, leva um par de semanas para liberar toda essa loucura do meu sistema. Então, quando eu faço, você não está contente até que eu admita algo que eu não sinto.



—Você pensa que você simplesmente vai me usar e não será afetada em troca?

—Por que não? Como se você nunca tivesse feito o mesmo!

—Eu sempre fiz o mesmo! - ele trovejou, as palavras ecoando no espaço enclausurado.

De repente, uma tímida risada soou, risada de mulher, de nenhuma fonte aparente. Cadeon puxou Holly para trás dele, enquanto eles investigavam ao redor na névoa grossa. - Nós estamos voltando. Agora.

—Isto são os fantasmas...

O corpo dele se lançou para ela no ar. Enquanto ela gritava, alguma força invisível o lançou em um dos brigueiros, tremendo a ponte inteira com o impacto. As costas dele dobraram a viga mestra de ferro onde ele bateu, um dos chifres se embutindo nisto. Com um grito de dor, ele puxou a cabeça atrás para soltar isto, caindo sobre os pés.

Mais risada soou.

—Cadeon! - Os fantasmas. Tem que ser eles. - Oh, Deus, eles são reais.

—Fique abaixada! - ele rugiu.

Ela abaixou, mas não tinha sido tocada. Por que ela não tinha sido?

Quando ele tentou alcançá-la, golpes invisíveis o golpearam de todas as direções até que ele foi arremessado abaixo ao longo do comprimento da ponte. Furioso, ele levantou sobre os pés.

Novamente e novamente, ele lutou para alcançá-la, cada vez impelido para trás. - Vá para o carro! Saia daqui!

Quando eles o ergueram mais uma vez, ele esbravejou para lutar de volta, mas não pôde. Os inimigos dele não eram substanciais.

A compreensão a encheu. Ela pulou sobre os pés, atravessando a névoa por ele.

Os olhos dele se arregalaram enquanto ela se aproximava. - Holly, não! Sai fora daqui...

—Espera! - ela clamou para a noite. - Ele não está me machucando.

Com o tempo, a força o derrubou ao chão.

Holly ajoelhou ao lado dele, lhe ajudando a sentar. Ela sentia que eles estavam rodeados, a ameaça fervendo ao redor deles.

—Ele está comigo! - Ela pegou a mão de Cadeon e colocou contra a face dela. Ele a segurou suavemente, como ela sabia que ele iria.

O ataque parou abruptamente.

—O que infernos está acontecendo? - ele rangeu, correndo a manga dele em cima do lábio sangrando. A bochecha estava profundamente cortada, a camisa quase caindo dele.

—Eu acho que eles acreditavam que você estava me ferindo, ou me forçando para a ponte. - ela disse. - Eles são provavelmente sensíveis sobre machos agressivos que arrastam fêmeas por aqui.

Ele inspecionou a área cautelosamente.

—Obrigado pelo salvamento, gatinha. - Quando ele tentou ficar de pé, friccionou os dentes em dor, a mão dele segurando as costelas. - Mas com esse seu cérebro grande, você não poderia ter entendido isto mais cedo? Preferivelmente, antes que eles quebrassem um osso de minhas costelas?



—Oooh! Eu deveria ter deixado os fantasmas, fantasmas femininos, espancaram você como uma criança um pouco mais!

Uma seta apareceu no ferro entre eles, vibrando com um alto som metálico. As cabeças deles chicotearam ao redor na direção do carro. Mas ela não pôde ver quem tinha disparado.

—Vá! Na névoa! - Dentro de um segundo, Cadeon a tinha levantado e corrido na outra direção, se pondo entre ela e o inimigo.

—Eu pensei que um pouco mais de facções quereriam procriar comigo! - ela chorou enquanto corria. - Onde eles estão, Cadeon? Huh? Porque parece que a maioria só deseja me matar!

—Se eles quisessem te matar, eles não teriam errado!

Uma torrente de setas voou para eles.

Duas acertaram as costas dele.

—Cadeon!

—Continue correndo!

Logo antes de eles chegaram ao outro fim da ponte, duas mais acertaram a ele. Ele a lançou atrás de um pedregulho no lado da estrada, então se abaixou com ela.

Se virando, ele lhe deu as costas.

—As arranque!

—Oh, Deus. - Elas estavam tão fundas. Ela agarrou um dos cabos o mais perto que ela pode. Engolindo, ela arrancou até que rasgou livre. Sangue gotejou abaixo da ferida, e por um momento, ela pensou que havia uma parte azulada nele. Ela piscou os olhos, e tinha sumido.

—Quem são eles?

—Arqueiros Fey.

—Eu pensei que eles fossem os bons sujeitos. - ela disse, puxando a próxima flecha.

—Eles são. - Ele olhou para fora por trás da pedra, então voltou com a cabeça atrás quando uma seta zumbiu pela face dele. - E eles acreditam que nós somos os sujeitos ruins. Se lembra? Você é possivelmente a fonte do último mal, e eu sou um demônio mercenário.

Ela embrulhou o punho dela ao redor da terceira flecha e puxou. Nada.

—Cadeon?

—Está preso no osso. Puxe mais forte.

Olhando fora de novo, ele murmurou:

—Como infernos eles nos acharam? - Ele içou a cabeça em cima do ombro, lhe dando um olhar com olhos estreitos. -Você tirou suas pérolas, não tirou?

—Eu não sou idiota. - Ela arrancou a ponta da flecha, e sangue verteu.

Com a mandíbula apertada em dor, ele rangeu:

—Não estou dizendo que você é idiota. Mas qual outro jeito eles poderiam nos achar? Ninguém nos seguiu.

Setas começaram a bater no pedregulho, algumas pulavam para fora, outras se implantavam na pedra sólida.



—Somente esqueceu mestiça. Você cometeu um erro. Acontece. Até mesmo com o melhores de nós. Mas eu preciso saber se...

—Eu não enlouquecidamente as tirei!

Se possível, a expressão dele escureceu ainda mais.

—Então você chamou sua fodida imitação de namorado e lhe contou aonde nós íamos!

Ela agarrou o cabo final.

—Se eu fosse revelar isso a Tim, eu teria lhe falado em nosso próprio código.

Soando asperamente doído, Cadeon disse:

—Vocês dois têm um código?

—Talvez sua fêmea, Imatra, nos lançou debaixo do ônibus. Huh?

—Imatra não é minha fêmea!

—Hmm. Você soa bem seguro de si. Ainda que você dissesse que não poderia ter cem por cento de certeza até que tentasse com a fêmea. Finalmente, ficou claro para você!

—Eu não tentei com ela! Finalmente, você está com ciúmes.

Ela puxou a flecha no cabo, nada. - Não ciumenta, somente doente de você mentindo para mim. Que mais você teria feito lá durante uma hora?

—Maldição, Holly, pelos deuses, você me frustra. Ela malditamente reduziu a velocidade do tempo! - ele berrou tão ruidosamente, que até mesmo os tiros pausaram antes de retomar. As presas dele estavam alongando, os olhos escurecendo.

—Muito conveniente! Somente admita. - Quando ela arrebatou a quarta flecha livre, uma camada de pele, saiu junto, o fazendo rosnar de dor. - Você está tão seguro porque você lhe deu uma prova.

—Eu sei que ela não é minha maldita fêmea, porque você é! - Ele virou para ela.

—Oh, como se eu fosse... - Ela fugiu do olhar do rosto dele.

A salva continuou. Cordas de arco cantaram ao longe. A névoa rodou, e ainda ela e o demônio encaravam um ao outro.

—Cadeon? - Ele estava ficando sério. - Quando... como... você soube disso?

Ele exalou e olhou distante.

—Desde o dia que eu a vi pela primeira vez. Tenho a observado desde então.

Como se um pedaço final do quebra-cabeça fizesse clique no lugar, a mente dela viu o quadro inteiro claramente. Ele era a presença confortante que ela tinha sentido por tanto tempo. Ele tinha sido ciumento com Tim desde o princípio.

A primeira noite quando Cadeon a tinha salvado, os grandes dedos dele tinham segurado levemente a face dela, a confortado, enquanto ele tinha levado balas por ela. - Shh, fêmea. - ele tinha dito.

—Eu não sei o que dizer. - Este guerreiro imortal me quis durante um ano? Holly mal podia acreditar nisso.

E ele não tinha estado com Imatra.

Uma seta velejou de cima, mergulhando até sobressair do chão entre as pernas deles.



—Foda-se isso. Está a ponto de chover arqueiros. - Os olhos dele e chifres ficaram mais escuros, as presas crescendo.

—Me escute. Você vai seguir diretamente atrás de mim. Eu empurrarei os arqueiros para trás, assim você pode alcançar o carro, então você dá o fora daqui!

—O que você vai fazer?

Ele levantou, parecendo brutal como um demônio apoiado em um canto.

—Vou proteger minha fêmea.

Capítulo 30

Enquanto Cadeon seguia para a névoa grossa, ela correu atrás dele, vacilando ao som das setas que continuavam chegando enquanto o acertavam. Novamente e novamente, ele as arrancou do corpo, as jogando longe para bater na madeira. Com cada segundo, ele estava ficando mais endiabrado, aqueles músculos crescendo maiores.

Embora ele estivesse ferido, ainda estava usando o próprio corpo para proteger o dela, da mesma maneira que ele tinha feito na primeira noite.

Não somente por dinheiro. Mas porque ele acreditava que ela era dele.

Ele apontou para ela fugir e correr para o carro. Ela iria dar a partida, mas não havia nenhum jeito de que ela o pudesse deixar para trás.

Com um rugido profano, Cadeon carregou os arqueiros. Exatamente quando ele estava a ponto de se lançar em cima da cobertura de pedregulho deles, Holly ouviu um grito feminino:

—Cade?

Ele deslizou para uma parada e uma mulher apareceu:

—O que exatamente você está fazendo com o recipiente?

Cadeon conhecia esta fêmea, também? Ela tinha longos cabelos marrons, orelhas pontudas e um ornamento, figura perfeita. Ela era etérea, a face luminosa.

E eles se conheciam. Novamente, uma fêmea sobrenaturalmente adorável estava ligada a Cadeon de algum modo. Nīx, Imatra, espera, não Imatra...

—O que há com ele e essas mulheres deslumbrantes?

—Porque inferno você estava atirando em mim? Depois do que nós passamos, eu esperaria diferente, fey!

—Eu não vi que era você!

Eles tinham passado por algo, juntos. Que especial.

Cade fez uma cara feia a Tera, que elevou o queixo descaradamente.

—Quem é ela? - Holly lhe perguntou por trás.

Nunca tirando os olhos de Tera, o arco dela ainda estava armado com uma seta preparada.

Cade disse:



—Tera do nobre Fey. No último Talismã Hie, eu salvei a vida dela pelo menos uma dúzia de vezes.

Tera elevou as sobrancelhas.

—Eu acredito que eu guardei suas costas também, demônio.

—Você competiu no Talismã Hie? - Holly disse soando admirada, o que significava que seus ombros se decidiram elevar, por vontade própria.

E Tera inteligente notou.

—Como você veio parar aqui? - ele rangeu, fazendo uma careta quando uma onda de vertigem o atingiu. Ele sacudiu essa sensação.

Tera respondeu:

—Eu me sentirei mais confortável falando sobre isso quando nós soubermos o que você pretende fazer com ela.

—Mude para Demonish. - ele interrompeu naquela língua.

Tera sabia todos os idiomas e lhe respondeu dentro do mesmo. - Você está levando o Recipiente a um feiticeiro mau, Cade. Facções vão tomar conhecimento.

Ele estreitou os olhos.

—Você me matará por levá-la?

—O que é ela para você?

—Ela é... minha.

Os olhos de Tera alargaram brevemente.

—Eu lhe disse que desistisse da bruxa! Eu não lhe disse?

—Sim, sim. - ele disse, desejando saber por que a língua dele se sentia grossa na boca.

Tera lançou um relance estudando a Holly. - Hmm. Eu sinto que ela é uma muito melhor ajustada a você de qualquer maneira. Bem, você deve ter um plano na manga, seria impossível para você renunciar a ela.

Então parecia. Porque todas estas garotas continuavam pensando que ele não poderia entregar Holly?

Nix, Imatra e agora Tera.

Porque elas não sabiam o quanto as costas dele estavam contra a parede.

Em vez de responder a pergunta dela, ele disse, simplesmente:

—Eu esperei novecentos anos por ela, Tera.

—Eu me lembro. - ela disse. - E estou contente que sua espera terminou. É possível que sua fêmea já pudesse estar carregando seu bebê?

Essas palavras fizeram o corpo dele paralisar, mesmo quando seu coração começou a trovejar. Sua fêmea carregando o bebê dele. - Ela poderia estar. - ele mentiu.

Tera visivelmente relaxou, gesticulando aos quatro arqueiros atrás dela para abaixarem o arco.

—Então o guerreiro será para o bem.

Ele não pode evitar e perguntou:

—Você realmente acredita nisso?



—Você fez algumas... coisas questionáveis, você pode ser ameaçador e violento. Mas você não é mau. Assim qual é seu plano para Groot?

—Eu não posso divulgar isto. Não quando pode pôr minha fêmea em apuros.

—Muito bem. - a fey disse. - Você precisa de nossa ajuda?

—Sim, propague para os sujeitos bons que Holly não está em jogo.

—Eu vou, alegremente.

—E você, pode me falar, como soube chegar aqui.

—Nós tivemos um informante no bar de Imatra. - ela disse.

—Outros poderiam ter adquirido as informações que você teve?

—Provavelmente. Nosso contato não era nenhum fey. A lealdade dele era com a moeda corrente.

Cade correu a mão dele em cima da testa, fazendo uma careta por achar esta gotejando com suor.

—Eu tenho que tirar Holly daqui. - Ele voltaria sozinho à meia-noite amanhã. Trocando para inglês, ele disse,

—Venha mestiça. Nós estamos partindo!

Cuidadosamente, ela passou entre eles.

Para Holly e Cade, Tera disse:

—Então nós separamos os caminhos aqui, espero que com paz ainda entre nós.

Cade encolheu os ombros.

—O que são algumas feridas de flechas entre amigos, sim?

Com um estremecimento, ela disse:

—Sobre essas flechas, Cade. Elas foram imersas em veneno.

—Veneno! - Cade berrou. - Ah, por favor, Tera!

Holly deu um grito atrás dele.

—Que veneno? Você está envenenado?

Cade virou para ela.

—Não, eu estarei bem. Somente doerá como...

De lugar nenhum, fogo estalou abaixo dele com a força de um foguete. Chamas o engolfaram enquanto o impacto lhe enviava voando.

Quando Holly gritou:

—Cadeon!- um dos arqueiros gritou - Demônios de Fogo nos precipícios!

A explosão que acertou Cadeon se parecia com um tiro de bala de canhão de um lança-chamas. O corpo ardente dele bateu em um cume, esmagando a pedra sólida antes de cair no chão ainda em chamas. Imediatamente, ela correu para ele, arrancando fora o casaco dela.

—Arcos para cima, atirem para matar! - Tera ordenou a voz delicada dela agora prosperando enquanto o próprio arco se unia ao salvamento.

Enquanto Holly corria, ela lançou um relance ao precipício sobre a ponte. Pela névoa delgada, ela viu quatro demônios. Fogo líquido dançava nas palmas deles.



Quando ela alcançou Cadeon, Holly espalhou o casaco em cima dele, empurrando o material contra as chamas. Uma vez que ela tinha apagado o fogo e tirado o casaco, ela encarou em choque o dano na parte superior do corpo dele.

As mãos dele tinham... ido, derretida a tocos onde ele tinha tentado repelir as chamas. Do lado direito da cabeça dele, a face e cabelos estavam completamente queimados. Um olho estava faltando e ela pensou que ela podia ver osso.

Tera gritou para ela, saia daqui! - Um fluxo de setas voou aos demônios, os fey lançando com velocidade sobrenatural. - Nós os protelaremos!

Holly acenou com a cabeça, mesmo ela não tendo idéia de como iria colocar Cadeon no carro. Ela se inclinou descendo para passar o braço machucado dele em cima dos ombros dela como ela tinha visto as pessoas fazerem na televisão, então levantou.

Que inf...? Ela o tinha erguido facilmente de pé.

Cadeon rangeu algo que pareceu:

—Não pode me tocar.

—O que?

—Veneno...

—Nós falaremos sobre isso depois! - Ela tinha ouvido o que Tera tinha dito e estava atenta que eles enfrentavam um subconjunto de problemas, mas ela realmente não podia pensar sobre isso nesse exato momento!

No carro, ela o atirou no assento de passageiro, então colocou as longas pernas dele dentro, enquanto tentando não se apavorar sobre todo o dano que ele tinha sustentado.

Enquanto ela puxou para abrir a própria porta, ela espiou o caminhão dos fey exatamente ao redor da curva, estacionado lateralmente, bloqueando a estrada entre faces de pedras.

Holly balançou a cabeça na outra direção. Um obstáculo franzino na estrada, uma ponte questionável, e um cume cheio de demônios esperando.

Argumentando possibilidades? Este carro pode voar. Estoure pelo obstáculo na estrada, ganhe mais velocidade na ponte, então caia bem debaixo de demônios...

Se a ponte segurasse. Cadeon não tinha dito que este carro era pesado como um tanque?

Não hesite... siga o instinto. Dentro do carro, ela empurrou o botão de start. Preciso de impulso para bater o obstáculo na estrada. Oh, Deus, oh, Deus... Ela botou ré, então pavimentou o acelerador.

—Eu vou te tirar daqui, Cadeon. Nós vamos despistá-los.

Outra explosão pousou exatamente atrás deles. Os demônios estavam na corrida das flechas dos feys, mas ainda incendiando da vantagem deles. Ela freou bruscamente, deslizando a uma parada da nova coluna de chamas.

Cadeon voou para frente, rachando a testa dele no metal colidido, mas isto na verdade pareceu o despertar.

—Foda! O que você está fazendo? - ele gritou.

—Tentando nos tirar daqui! - Holly passou a primeira, então pisou o acelerador novamente. Os pneus guincharam quando o carro foi para frente. Nunca olhando longe da estrada, ela disse:



—Se segure!

—Cuidado com o obstáculo na estrada...

O pára-choque dianteiro colidiu com isto, torpediando a madeira. Pedacos de madeira bateram no pára-brisa como tacos de beisebol. Um segundo depois, o carro desceu sobre o deque da ponte, a estrutura inteira que cambaleava perigosamente abaixo e ao redor deles.

Outra explosão de demônio golpeou o telhado da ponte. Fluxos de fogo peneiraram pelas aberturas, ou escoaram do telhado, caindo no caminho... Ela firmou a roda, corrigindo o carro.

Quase fora, quase para a manopla debaixo dos demônios. Eu posso fazer isto!

O carro protelou.

Enquanto ela hesitou em descrença, eles rastejaram para uma parada no meio da ponte, meros trinta metros de onde ela tinha começado inicialmente.

—Não, não, não! - Ela trocou apressadamente para ponto morto, empurrando o botão de start novamente. Nada.

—A bateria acabou... - Cadeon raspou. - Sem lubrificante.

—Por quê? - ela chorou.

—Não sei. Corra Holly! Chegue na floresta... siga o rio de volta.

—Eu não vou te deixar.

Ele piscou para ela com o olho restante.

—Por que não?

—Porque... porque eu simplesmente não vou! Assim me conte como fazer essa coisa pegar.

Outra explosão sobre eles. Fogo tinha comido pela maioria do telhado de madeira, deixando o esqueleto de bragueiros enferrujados. Um relance no rio agitando abaixo e ela soube o próximo movimento deles.

O estômago dela agitou junto com a água.

—Cadeon, nossa única chance é o rio...

Ela se arrastou para fora quando escritas começaram a aparecer no vidro enevoado na janela lateral dela. Um dos fantasmas estava comunicando com ela! Holly engoliu sussurrando:

—Cadeon, você está vendo isto.

—Ainda tenho... um olho.

—Números? Parece latitude e longitude. - Elas devem ser as direções para o próximo posto de checagem! Ela os memorizou depressa, então perguntou a Cadeon: - Você está pronto para nadar?

—Nós nunca descenderemos isso. - ele raspou com um puxão do queixo para o fim da ponte. Um demônio tinha aparecido. Ele elevou a mão flamejante, a ponto de atirar para a morte deles.

O olhar dela voou até o espelho retrovisor. Um segundo bloqueava do outro lado.

Agora não havia nenhum modo para escapar, nenhum lugar para correr...

De repente o pescoço do demônio estalou para o lado, a cabeça dele em um ângulo certo no corpo, ele caiu de joelhos, então bateu a cara no chão, a chama na mão dele inalada.

O demônio atrás deles sofreu o mesmo destino. Os fantasmas!



—Obrigada por isso! - Holly disse às entidades não vistas, então tentou o botão de start mais uma vez. Nada.

A madeira começou a lamentar em baixo do carro, incapaz de agüentar o peso. Uma tábua estalou, então outra. A estrutura ardente estremeceu e lançou ao redor deles.

Mais escrituras na janela, rápida e trêmula. EXORCISTA. Nos livre.

—Oh, Deus, é claro. - Holly disse, acenando freneticamente com a cabeça - Sim, eu trarei um de volta aqui o mais rápido que eu puder! - ela jurou.

Imediatamente a máquina ronronou a vida. Os olhos dela alargaram. Em engrenagem. - Se segure Cadeon! - Pisou no acelerador.

Eles não moveram uma polegada. Ela atirou um relance ao retrovisor lateral do lado dela. O pneu de trás estava girando na extremidade de um suporte férreo. No outro retrovisor lateral, ela viu a roda de estava girando furiosamente em nada.

—Mais aceleração. - ele rangeu.

—Você disse que isto era direção com todas as rodas!- Ela aplainou o acelerador. Fumaça ondulou dos pneus dianteiros linchando.

—É por isso que nós... não estamos na bebida ainda.

A tração pegou, eles foram empurrados contra os assentos enquanto o carro era jogado adiante guinchando pneus.

Uma parede de chamas apareceu na saída.

—Oh, Deus, oh, Deus. - ela murmurou, apertando o volante.

—Faça.

—Cadeon, se você é do tipo que reza. - ela murmurou - agora seria uma boa hora.

Capítulo 31

O fogo esbofeteou o carro, rugindo ao redor deles. Então, vieram segundos de noite clara, antes, das próximas duas explosões pousarem.

Holly desviou uma, passou pela outra, ao redor então acelerou, dirigindo a máquina na estrada encurvada.

Ela lançou um olhar a Cadeon, mas quase desejou que não tivesse feito. O pânico a pegou fortemente. Ele estava queimado em cima da maioria do corpo superior, algumas das feridas tão severas, não havia nenhuma semelhança física a qualquer característica que tinha estado lá antes.

A maioria da carne visível dele parecia que tinha sido derretida.

Um minuto se passou. - Eles não estavam sendo perseguidos. - Outro minuto. - Eles devem ter estacionado no outro lado e não podem atravessar a ponte. Ou talvez os arqueiros pegassem os últimos dois?

Um cheiro nocivo surgiu, como borracha queimando. A fumaça estava subindo do pneu traseiro? Ela não podia dizer na névoa. Quatro minutos se passaram.



—Nós fizemos Cadeon! - ela disse, determinada a continuar falando com ele. - Meu Deus, isso foi selvagem! Você sentiu a ponte tremendo? A coberta se desmoronou como uma linha de dominós atrás de nós!

Faróis lustraram de baixo na bacia.

—Eles estão vindo, novamente! Por que eles não morrem?

—Corra mais... então. Você pode fazer isto...

—Nisto! - Ela mudou direto para quinta marcha. - Vejamos o que esse bebê...

Um alto estrondo soou. O carro cambaleou.

—O que acabou de acontecer?

—O pneu estourou.

—Agora... você vai por favor... fodidamente me deixar?

Deixar Cadeon simplesmente não era uma opção. Ela manteve o pé dela no acelerador, lutando para guiar o carro, lutando por polegadas... todos esses criminosos de filmes policiais poderiam ir por milhas com um pneu estourado!

Pense Holly, pense!

Ela há pouco tinha dirigido em uma considerável em linha reta e em uma curva afiada descansava para cima à frente. A estrada estava flanqueada com cumes em ambos os lados. Uma idéia nebulosa surgiu.

—Cadeon de quem é este carro?

Ele raspou:

—Não... nosso.

—Somente checando.

Da posição dele, apoiado contra um vidoeiro sobre o cume, Cade assistiu Holly pegar o último dos apetrechos deles do carro, finalizando a armadilha dela.

Seguramente, isto não poderia funcionar. Mas tinha que fazer... a vida dela dependia disso.

Porque por alguma razão, ela se recusava a deixá-lo. E ele estava desamparado para protegê-la. O veneno dessas flechas o estava corroendo por dentro e quando o corpo dele tentou suar isto para fora, as substâncias químicas estavam como ácido nas queimaduras dele, o impedindo de curar.

A vertigem era constante. Manchas pretas enxameavam em frente a seus olhos enquanto ele lutava para ficar consciente. Todo movimento era doloroso.

Ela trotou para cima da elevação e esvaziando os materiais no chão com exceção da espada dele que ela desembainhou. Abaixando ao lado dele, ela pôs a arma em cima dos joelhos dela. Em prontidão.

Poderia ela conscientemente matar um demônio, ou possivelmente mais? Poderia ela em sua consciência tomar a decisão de tirar uma vida?

—Quais são nossas chances? - ela perguntou.

Ele rangeu:

—Uma entre quinze. Não sei se ...eu as pegaria.



—Você iria se não houvesse chance por outro lado.

O caminhão estava voando na estrada sinuosa, faróis que iam de visíveis para escondidos e para visíveis mais uma vez. Pneus guincharam ao redor das curvas fechadas antes de ficar em silêncio quando o motorista alcançou a reta e acelerou a máquina.

—Aqui vêm eles. - Holly murmurou. - Cinco...quatro...três...dois...um.

O motorista freou bruscamente ao primeiro olhar no obstáculo improvisado dela na estrada, o Veyron.

Muito tarde. Sem nenhum lugar para virar, o caminhão desossou o pesado carro, o demônio motorista catapultou pelo pára-brisa, estalando pelo ar.

Na aterrissagem dele, ossos racharam audivelmente, então o impulso lhe enviou raspando em cima do pavimento. Eventualmente, ele parou, estirado inconsciente.

—É por isso que até mesmo imortais precisam usar cintos de segurança. - Enquanto um raio começou a incendiar o vale por toda parte, Holly levantou, brandindo a espada de Cade. Ele a ouviu dizer ausentemente:

—Agüente firme. Eu voltarei em breve.

Holly avançou para onde o demônio de fogo estava deitado, se parecendo a um caroço sem osso e tecido na estrada. Ela estava a ponto de matar um ser indefeso, mas não havia nenhuma ajuda por isto. Ele já estava começando a curar, tinha acendido a chama mais minúscula na palma dilacerada dele.

Ela apertou o passo. Agora ela poderia ver por que Cadeon tinha lhe ensinado a terminar um adversário sem clemência. Dentro de momentos, esse ser mutilado poderia ser novamente uma ameaça.

Uma vez que ela parou em cima dele, elevou a espada sobre seu pescoço. Não hesite! Com um grito, ela balançou isto abaixo, enviando para cima uma chuva de faíscas contra o pavimento quando ela cortou a cabeça.

Terminado, então. Isso é passado.

Se forçando a não olhar para trás, ela correu para o caminhão do demônio, rezando para que ainda estivesse dirigível. Pela fumaça da colisão, ela viu que ainda estava correndo!

A máquina tinha sido protegida por uma manivela pesada presa à frente do pára-choque, manivela que quase tinha crivado o veryon em dois.

Mas agora estava prendendo os veículos junto em uma confusão de metal denteado. Ela abaixou a espada, então agarrou o aparelho para ver se ela poderia mover isto.

Ela concentrou nisto todo seu poder, confusa em ver que ela estava elevando o enlouquecido caminhão.

A manivela rasgou livre em uma pressa. Dor chicoteou pelo braço dela quando derrubou isto.

—Maldição! - O olhar dela foi para baixo. O metal denteado tinha fatiado o braço dela até o osso.

Ela rasgou fora a bainha do suéter, amarrando em cima da ferida. Ela definitivamente precisaria de pontos, mas não podia se preocupar sobre isso agora...



Quando ela voltou para Cadeon, ele estava inconsciente. O coração dela balançou, mesmo sabendo que ele não poderia morrer assim.

Poderia?

Tinha algum imortal lá fora de fato testado flechas de fey envenenadas para uma contra-indicação com queimaduras que derrete membros?

Depois que tinha colocado ele e as coisas deles no caminhão, ela entrou. Botando a ré, ela foi para trás, os desembarçando da armação do carro de milhões de dólares.

Sem o suporte do caminhão, o Veyron dobrou dentro de si mesmo como uma das latas de red bull de Cade....

Capítulo 32

Levar a bebida fermentada de demônio longe do demônio quando ele está queimado, envenenado e descansando nu em uma banheira é claramente mal-aconselhado.

—Me devolva meu maldito frasco! - ele berrou as palavras ecoando no minúsculo banheiro do quarto de motel.

Torcendo outro pano molhado em cima dele, ela disse:

—Você não tem nenhum dedo para segurar isto de qualquer maneira.

Como uma criança pequena, ele empurrou os dois dedos enrugados que ele tinha conseguido regenerar na frente da face dela.

—Certo. - ela suspirou. Quando ela entregou o frasco, ele arrebatou isto junto ao tórax. - Melhor você ter cuidado, - Holly começou em um tom sereno - eu ouvi que essas coisas demoram um tempo para bater.

—Dane-se.

Ela deixou aquilo passar, sabendo que deveria estar matando a um macho orgulhoso como Cadeon estar vulnerável daquele jeito.

—Você deveria ter me deixado... na porcaria do caminhão.

—Você é oficialmente o macho mais teimoso que eu alguma vez conheci.

—E você está me tratando como se eu estivesse realmente ferido. - ele disse, uma declaração inane, considerando que a metade da carne da cintura dele para cima ainda faltava.

No caminho buscando um motel indescritível onde ela pudesse esconder o caminhão roubado, Holly tinha notado que a pele dele parecia estar no caminho da regeneração, entretanto ele suaria fora mais veneno. A carne encerada dele iria subir novamente.

Uma vez que ela tinha afiançado um quarto, ela tinha ignorado os murmúrios dele enquanto tinha removido o que restava da roupa queimada dele, então o conduziu à banheira.

Depois de encher um balde com gelo e água, para imergir um pano, ela ajoelhou ao lado dele, suavemente torcendo a água fria em cima de sua pele. Ela manteve os olhos evitando as partes privadas dele, quase sem falhar.



O veneno tinha uma cor azulada que saía facilmente o bastante. Se só não continuasse voltando.

A dor tem que estar agonizante.

—Por que você está sendo... tão boa para mim? - ele perguntou em dor, elevando o frasco, bebendo profundamente.

—Porque você está ferido e você precisa de ajuda.

—Não por causa do que eu lhe contei? - ele disse.

Bem, havia isso. A admissão dele a tinha acertado. Trouxe uma nova camada inteira para o que quer que eles tivessem entre si, um aspecto de permanência de um flerte.

Todos seus flertes não tinham sido somente porque o trabalho a tinha posto no caminho dele. Ele a tinha procurado, então tinha se oferecido a protegê-la.

—Não só por causa do que você disse. - Ela imergiu o pano novamente, torcendo-o em cima do tórax dele.

Quando o frasco esteve vazio, a pele dele estava finalmente livre de qualquer matiz azul e tinha começado a regenerar bem na frente dos olhos dela. Pela manhã ele deveria estar completamente curado.

Lembrando do próprio machucado, ela desvendou a bandagem do braço. Então fitou surpresa. A pele já estava reparando.

Se eu escolhesse ficar uma Valquíria, eu poderia manter esta habilidade curativa...

Ela fez uma careta. Ou eu poderia ser queimada viva por demônios porque eu sou o Recipiente.

—Eu acho que você está todo limpo. - ela disse. - Vamos te levar para a cama. - Ela o ajudou a ficar de pé, então segurou sua forma bambeando firmemente enquanto embrulhou uma toalha ao redor da cintura dele, não que ele fosse modesto. A única coisa de que ele parecia se envergonhar era estar ferido.

—Você pode sentar na vertical? - ela perguntou quando eles alcançaram a cama.

—Uma das primeiras coisas... que eu aprendi quando era filhote.

—Certo, eu vou pegar uma compressa para sua testa. - Mesmo assim, logo que ela o soltou, ele desmoronou de costas nas queimaduras, assobiando uma respiração. - Cadeon! Aqui...-, ela disse, lhe ajudando a se esticar em cima do comprimento do colchão, então atraindo um lençol até a cintura dele.

Quando ela voltou com sua água, gelo e pano, ele estava resmungando em Demonish, parecendo fora de si.

Era o delírio dos danos dele o deixando deste jeito ou a bebida fazendo efeito? Ou ambos?

—Cadeon, você está bêbado?

—Chapado.

Ela desejou saber como ele se sentiria se ela tirasse proveito da embriaguez dele. Os olhos dela alargaram. Eu devo! Ela tinha tantas perguntas sobre este macho. Quanto mais ela pensava nisso, mais ela se dava conta que ele tinha divulgado muito pouco dele mesmo.

E ele tinha feito isto a ela primeiro. O jogo está a ponto de virar. Ela sentou ao lado dele.



—Cadeon, você pode me ouvir?

Ele não abriu os olhos.

—Nada errado... com minhas orelhas.

—Claro que, não. - Ela pôs o pano na testa dele. - Então... você e Tera pareciam íntimos.

—Passamos por muita coisa.

—Ela era sua namorada?

Ele deu uma risada que pareceu mais um grunhido.

—Absolutamente não.

—E você realmente não dormiu com Imatra?

—Inferno sangrento, nãooooo, eu não dormir... ela é uma puta.

—Então por que você a beijou? - Holly perguntou.

—Direções... e para ver.

—Ver o que?

—Que não seria tudo aquilo de ruim sem você.

Isto era interessante.

—Você chegou a uma conclusão?

Ele deu uma risada amarga.

—Será tudo aquilo de ruim.

Oh, Cadeon.

—Você soube que eu era sua fêmea por um ano? - Ele acenou com a cabeça. -Por que eu seria escolhida para você?

—Destino escolhe... com quem eu seria mais satisfeito.

Lambiscando o lábio, ela perguntou:

—Você dormiu com alguém mais desde que você descobriu que era eu?

—Dei uma, meia, tentativa com uma bruxa... ela quis um lobisomem ao invés.

Não havia escolha nisso, Holly teve ciúmes da bruxa.

Entretanto Cadeon disse: - E eu quis você.

Ela imergiu o pano, então suavemente devolveu à cabeça dele.

—Por que você nunca se aproximou de mim, ou falou comigo até dias atrás?

—Não posso ter uma humana para mim... proibido. Eles nunca sobrevivem a reivindicação.

—Reivindicação? Você quer dizer na primeira vez por sexo? - Ele acenou com a cabeça. - O que acontece que é tão perigoso?

—Eu ficaria em minha forma demoníaca completa. Eu te morderia... aturdindo você. A manteria firme enquanto eu entrasse em você.

—Oh. - Ela não sabia se estava horrorizada ou excitada por esta informação. Novamente, ela era lembrada de que ele era um demônio, uma espécie diferente dela. - Então você não quereria que eu ficasse Valquíria? Assim eu poderia sobreviver a isto? - Por que ele estaria a ajudando a inverter a mudança?

Ele ficou quieto.

—Não vou te reivindicar de qualquer maneira. Sei disso.



—Por que você sabe disto?

—Só sei em minha mente.

Vendo que ele não revelaria mais do assunto, ela perguntou:

—Você teve ciúmes de minha relação com Tim?

—Queria matar o inseto... não é bom o bastante para você.

—Mas você é?

—Não... eu queria ser. - ele disse. - Você pode ter algo melhor que um mercenário.

—Mas você também não é um príncipe?

Ele ficou imóvel.

—De uma coroa perdida... - Em um tom irrisório, ele disse - Eu posso pôr qualquer rei em um trono, exceto no que eu perdi.

—Que trono você perdeu?

Ele exalou uma respiração longa.

—Rydstrom.

Os olhos dela ficaram largos.

—Como?

A voz dele cresceu rouca e até mesmo o acento dele mudou quando ele murmurou:

—Minha culpa. Toda minha.

—Como isso poderia ser culpa sua?

—Engano. O que controla o castelo...

—O que isso significa?

—Todos eles morreram.

—Quem, Cadeon? - Nenhuma resposta. - Rydstrom o culpa por perder o trono dele?

—Ele culpa... sempre culpou. Ele deve.

Raiva chamejou dentro dela. Tinha o irmão mais velho dele, o rei, feito a vida de Cadeon miserável por novecentos anos?

—Por que você ainda fala com ele? Porque vive na propriedade dele? Porque ser metade dos Woede?

—Guardar o rei.

—Sim, sim, mas você não tem que fazer para sempre!

—... fica mais fácil se eu simplesmente puder odiá-lo.

A raiva prévia dela deu com o peso do pesar que ela sentia por este macho. - Você quer odiá-lo?

—Não posso fazê-lo.

—Por que?

—Ele é meu irmão. Se ele é atingido... eu sinto também. Estranho.

Ele tentou dar uma encolhida de ombros, então friccionou os dentes em dor enquanto a nova pele puxava apertada. -Holly?

—Eu estou bem aqui.



—Fiquei orgulhoso esta noite... minha fêmea é valente. - ele murmurou, sua respiração afundando.

Holly tinha sido valente, ela tinha provado seu valor, mantendo Cadeon e ela em segurança.

Isso não significava que ela sempre queria ter que se provar novamente assim. Tinha havido muitas chamadas por perto. A qualquer ponto naquela batalha, a vida dela poderia ter terminado...

Ele dormiu agora, o tórax largo subindo e descendo continuamente. Ela mordeu o lábio, o olhar caindo nos chifres dele.

A tentação provou ser muito grande para resistir, e ela tentativamente sentiu um. Era liso, e os dedos dela planaram em cima de seu comprimento.

Quando tinha a cautela dela sobre esta parte dele virado fascinação? Ela sentiu um aperto no estômago quando ela contemplou a ele. Desejo...

Não! Nenhum desejo. Ela não confiou nas emoções dela ou até mesmo nos pensamentos.

Ela finalmente se arrastou longe para tomar uma ducha, mas uma vez que ela esteve limpa e vestida para cama, ela ainda estava selvagemmente despertada. Assim ela ajeitou o quarto, então ligou o laptop para traçar o próximo posto de checagem.

Quando ela estava on-line, ela viu que Tim também estava conectado, embora, fosse meia-noite na Califórnia. Ela estava surpresa por quanto desejou falar com ele, ter um gosto do normal. Eu preciso de uma dose de normalidade.

Ela deveria chamar a ele tão tarde para conferência? Enquanto ela debatia, pensou para si mesma quão afortunada era por tê-lo. Nunca iria ter que se preocupar sobre ouvir outra mulher no fundo ou a voz de Tim inarticulada de embriaguez.

Isso com certeza era reconfortante.

Holly gostava de certeza. Ela gostava de viver a vida com horas regimentadas, apoiados pelos horários de aula no campus. Somente pensar na sua velha vida a acalmou.

Tão longe, no Lore, a única coisa certa era que nada agora era certo. Por que alguém como ela alguma vez quereria se unir a este mundo caótico, violento? Muito menos ter que se preocupar sobre como a criança dela poderia ser ou se ela era atacada por demônios...

Preciso consertar. Ela alcançou o celular e ligou para ele.

—Holly? - Tim respondeu depressa. - Algo está errado? Eu vi você entrar, e são duas da manhã em Memphis. Está tudo bem com sua família?

—Uh, bem - Mentirosa. Mentirosa. - Tudo está indo bem. Como está a conferência?

—Seria melhor se você estivesse aqui.

—Talvez eu vá da próxima vez. - Quão difícil uma conferência poderia ser comparada ao que ela tinha feito hoje à noite? Ela tinha evadido bombas de fogo. Ela tinha matado...

—Eu amaria você vir comigo. - ele disse. - Estará de volta a Nova Orleans quando eu voltar?

Isso dependia de onde o próximo posto de checagem era. Aquele baseado nas coordenadas que um fantasma tinha lhe dado. Holly tinha vontade de dar uma risada histérica. Ao invés disso, ela disse: - Eu não tenho certeza, mas eu saberei mais amanhã.

—Eu notei que você não tem subido qualquer coisa no drive de armazenamento. Você está bloqueada? - Ela suspirou.



—Sim. E é miserável.

—Eu sinto muito, Holly. - Tim disse. - Eu estou aqui se você precisar de um ouvido.

—Eu sei. Você sempre está aí para mim. – Confiável e seguro Tim.

—Você soa... diferente. Você tem certeza que está tudo bem? Parece que tem algo em sua mente.

De fato...

—Tim, o que você diria se eu quisesse trabalhar fora do campus? Talvez arrume um emprego numa corporação depois da graduação?

—Você sabe que eu te apoiaria em qualquer coisa que você quisesse fazer. - Ele hesitou. - É só que...

—O que?- ela perguntou.

—Às vezes, você não... se saia tão bem, humm, fora do campus.

Um modo agradável de dizer que ela tinha sido ocasionalmente incapacitada.

—E se eu pudesse fazer melhor?

—Eu estou seguro que você pode fazer qualquer coisa que coloque na sua mente. Mas eu também pensei que você quisesse ter filhos.

—Bem, muitas mulheres trabalham em empresas e têm filhos.

—Isso é verdade. - ele concordou, mas por alguma razão, a orelha dela se contraiu.

—Você não acha que elas devem?

—Claro que eu acho. - Ele suspirou. - Holly, quase parece que você esta buscando uma briga. Eu fiz algo errado?

Ela beliscou a testa. Ela era a parte culpada aqui, a que tinha sido infiel em cima de um carro esporte e ainda ela estava se sentindo agressiva e irritável com ele.

Embora reconhecesse isto dentro dela, ainda não pôde evitar perguntar:

—Por que você nunca forçou para nós termos sexo? - Quando ele começou a estalar, ela soube que sua incomum aspereza o estava acertando.

Finalmente, ele respondeu:

—Porque você estava muito firmemente contra isto.

—Mas você quer fazer amor comigo?

—Claro que quero querida. - Aí estava, aquele apelido novamente. Soou falso? Cadeon só chamava as mulheres assim se ele não as queria.

Tim continuou:

—Você é linda e desejável.

Então por que você não se fixou nisso?

De onde estes pensamentos estavam vindo? Ela tinha feito um compromisso com Tim e agora ela estava repensando isto só porque sua vida estava em tal motim.

Não decida nada até voltar ao normal. Mantenha as constantes...constantes.

Tim era um homem bom. Qualquer mulher teria sorte de tê-lo. Até mesmo os pais dela tinham gostado dele.

Ou eles somente tinham estado deleitados de que ela tivesse um namorado?



—Eu sinto muito, Tim. Eu não sei o que está errado comigo. Talvez eu possa te ligar amanhã?

—Está tudo bem. Todos nós temos dias assim.

Tim nunca tinha.

Uma vez que eles tinham desligado, ela contemplou ausentemente à tela do seu computador.

Mesmo se ela decidisse terminar com Tim, a alternativa não era Cadeon. O demônio poderia ser emocionante e sexy e... divertido, mas uma relação com ele nunca funcionaria. Ele era muito impulsivo, seus humores muito mercuriais. Ela não sabia se Cadeon era até mesmo capaz de um amor fundo e duradouro.

E Holly queria um amor como o que os pais dela desfrutaram. Ela sempre tinha esperado que algo chegasse e isso pudesse crescer entre ela e Tim.

Então por que não chegou em dois anos? *Você está mexendo porque tem medo. Se cale, lado escuro!*

Holly queria ficar firme e normal. Ela não sucumbiria.

O que significava que ela tinha que chegar a Groot. Com a mente de volta no prêmio, ela abriu o Google Earth.

Depois de determinar que a longitude era somente ao redor da ponta de Idaho, ela soltou o ponteiro do norte, fazendo uma careta por que, contudo, ela não estava próxima a latitude.

Longe, Longe... Quando o ponteiro descansou no destino deles, os lábios dela se separaram em uma respiração atordoada.

Capítulo 33

Cade se levantou na cama, encharcado de suor, o coração trovejando.

Ele tinha sonhado com a noite tempestuosa de meras semanas atrás quando ele tinha matado a mortal Néomi. A noite que ele tinha arruinado as chances deles com o vampiro.

Cade levava os sonhos dele muito a sério e tinha tido este aqui antes. Ele devia estar sentindo mais culpa sobre isto do que tinha pensado. Sim, a morte tinha sido um acidente, mas não tinha sido causada por Rydstrom ou até mesmo Rök ambos tinham estado lá.

Ele estremeceu, recordando o sentimento repugnante quando sua espada tinha afundado nela. A face pálida dela tinha olhado tão chocada, quanto ele se sentia. Sangue tinha borbulhado dos lábios dela enquanto tinha tentado gritar.

Quando ela tinha deslizado da espada dele ao chão, Cade tinha pegado o olhar do irmão dele.

Através da chuva, Cade tinha visto aquele mesmo olhar que Rydstrom tinha lhe dado novecentos anos atrás, piedade misturada com desprezo...



Cade piscou abaixo, surpreso de achar Holly na cama com ele, embora ela estivesse do lado de fora da colcha, vestida no roupão e enrolada debaixo de uma manta. Os lábios rosa dela estavam separados, suas grossas mechas contra a bochecha. Brilhando contra o travesseiro estava uma revolta de cachos loiro-avermelhados.

Ele se inclinou em cima e levantou uma mexa, esfregando-a entre o dedo polegar e o indicador. Enquanto ele a contemplava, recordações da noite começaram a surgir. Ele se lembrou quão valente ela tinha sido com os demônios do fogo e como ela tinha se recusado a deixá-lo, ao invés disso conseguindo colocá-los fora de perigo.

Ela tinha falado com ele o caminho inteiro para este motel, parecendo saber quanto ele precisava ouvir a voz dela. Toda a noite ela tinha cuidado dele.

Cade se lembrou de estar tão malditamente orgulhoso dela, do modo que ela tinha feito tudo sem dificuldade, se colocando na frente.

Ele também tinha se dado conta que o que ele sentia por ela era mais do que um empurrão do destino...

Soltando o cabelo dela, ele saiu da cama, então se arrastou para o banheiro. Ele conferiu a face no espelho. Curado.

Até mesmo depois que ele tinha terminado de se banhar e vestir, ela ainda dormia. Devia estar exausta da noite.

Ele viu que o laptop dela estava aberto e ligado. Ela já tinha pesquisado a próxima direção deles, traçando-a. Aonde eles iriam...?

—Foda-se tudo. - ele murmurou. Os Territórios Noroestes. Somente debaixo do Círculo Ártico.

Eles teriam que cruzar a borda, então viajar quase o comprimento inteiro do Canadá, enquanto seguiam em direção ao norte. Ela tinha determinado sessenta e sete horas de tempo dirigindo, se o tempo estivesse perfeito.

Como sempre, o celular dela estava posicionado paralelo ao laptop. Ele fez uma carranca, recordando vagamente a voz dela baixa, como se estivesse em uma conversação. Ela tinha feito uma ligação? Ele conferiu. Filho de uma...

—Holly! - ele berrou.

Ela se levantou, empurrando o cabelo da face. - Queeee? Estou de pé!

—Você ligou para o idiota ontem à noite?

—Você conferiu meu telefone? - ela falou, subindo aos pés dela. - Como ousa!

—Até mesmo depois do que eu lhe contei na ponte?

—Eu precisava de alguém para conversar. - Quando ela viu que ele estava a ponto de esmagar o telefone, ela o arrebatou dele.

Espera... Mais recordações emergiram. Ela o tinha questionado! Cade lançou a mente dele atrás, tentando recordar tudo que ele tinha lhe falado. - Parece que você falou bastante comigo! Interrogando-me!

—Agora você sabe como se sente quando tiram vantagem de você. O jogo virou.



—Difícilmente é a mesma coisa! Você estava bêbada, enquanto eu estava envenenado e queimado.

—E bêbado. - ela acrescentou.

—Você ligou para ele até mesmo quando eu estava ferido? Eu estava jazendo inconsciente, você falou com ele?

—Sim, Cadeon, depois que eu incansavelmente cuidei de sua melhora, e então determinei que você ia ficar bem, eu fiz uma ligação.

Os olhos de Cade alargaram.

—Para terminar com ele?

—Não! Só porque você me falou que eu sou sua fêmea não justifica. Nós ainda não temos uma relação.

—Em outras palavras, a raiz quadrada de foda-se tudo é foda-se tudo.

—Você não quer que eu esteja com Tim, mas você não está me oferecendo qualquer outra coisa.

—O que isso deveria significar?

—Você me falou que eu sou sua fêmea, mas não tem nenhum plano para me pedir em qualquer tipo de compromisso.

Ele moeu os dentes. Porque eu não posso!

—Você diria sim se eu fizesse? - ele perguntou, notando que tinha ficado esperando a resposta dela.

—Não, Cadeon. - ela disse finalmente. - Eu não diria.

Um medo escalou pela espinha dele, algo que ele tinha considerado, mas dispensado.

—Você está apaixonada por aquele humano?

Com um olhar sem oscilar, ela disse:

—Ele é o que eu quero.

Eles tinham feito o caminho no táxi do motel para a concessionária de carro mais próxima em perigoso silêncio. Agora, enquanto um aturdido vendedor os escoltou sobre o lote, eles brigavam sobre o que comprar para o resto da viagem. Ela queria um novo e pequeno SUV e Cade queria um behemo comedor de gás, usado, como ela tinha dito. Embora ele calmamente tivesse mostrado os vários méritos da escolha dele, ela recusava a ver a razão.

Ele se manteve frio até que ela disse:

—Mas esse fabricante não tem consciência política ecológica.

É o bastante.

—Oh, como se eu ligasse a mínima! Eu somente quero conseguir um caminhão e dar o fora daqui.

A isso, o vendedor arregalado se desculpou para sair.

Lutando claramente com o próprio temperamento, ela disse:

—Mas um novo será menos provável quebrar.

Ele negou com a cabeça.



—Não, caminhões hoje não são tão bem feitos.

—Eu não concordo. - ela disse. - E eu acho que nós estaremos mais confortáveis e mais seguros com as opções oferecidas em modelos mais novos.

—Mais opções significam mais coisas que podem quebrar. Agora, não há uma maldita coisa errada com aquele Bronco branco.

—Oh, por favor. - ela estalou. - O. J. chamou querendo esse carro de volta.

—Você pelo menos já estava nascida pare ver aquele carro perseguir? Ou você teve que ver isto no YouTube?

—Eu vi isto ao vivo. Eu já tinha doze anos, ladrão de berço! Agora o que está errado com o pequeno Ranger prata?

—O negociante poderia me desaprovar pagando por um carro de oitenta mil dólares com dinheiro. Além disso, depois que você ofereceu nosso carro passeio ontem à noite, você pensaria que sua mente estaria em economizar.

—Você sabe de quem é o carro que eu ofereci ontem à noite? Não meu. É essa a gratidão que eu ganhei por salvar a sua vida? Não conte comigo para te salvar novamente. Eu o deixarei virar fricassê da próxima vez que você estiver em chamas!

O telefone de Cade tocou então, como um sinal de anel. - Eu estarei atendendo esta chamada. Ei, eu tenho uma idéia. Enquanto eu vou, por que você não tenta ver a razão? Se você puder reconhecer isto.

Ele cruzou pelo piso do estacionamento.

—O que? - ele latiu em resposta.

—Você soa como o inferno. - Rök disse.

—Qualquer palavra de Rydstrom?

—Meus espiões em Tornin têm quase certeza de que ele está sendo mantido lá.

Cade disse:

—E ninguém escapa de Tornin. - O pensamento disso enviou seu humor a mergulhar no lado sujo.

Estava na hora de Cade, o mestre de impedir realidades não desejadas, analisar um pouco da foddidamente severa realidade.

O irmão dele: sendo usado por uma feiticeira má para reprodução.

A fêmea dele: obstinadamente se agarrando a relação dela com o fodido, e aproximadamente a duas semanas, de odiar Cade amargamente de qualquer maneira.

Ele mesmo: em total crise de identidade. O assassino para contrate sem consciência estava achando que mentir para Holly tinha gosto de fuligem na boca. O grande, mal mercenário, estava tendo pesadelos sobre uma morte acidental...

—Mas eu tenho algumas novidades. - Rök disse. -Você sabe aquela mortal que você espetou?

Falando do diabo. Cade fez uma carranca.

—Néomi. O que tem ela?

—Eu simplesmente a vi cantando karaokê no Miado do Gato.



A mandíbula de Cade afrouxou.

—Cantando?

—Sim. Havia alguns problemas de lance no princípio, mas no fim ela trabalhou realmente bem.

—Rök! Você está dizendo que ela sobreviveu?

—A menos que ela tenha uma gêmea... Mas meu intestino me disse que era a Noiva do vampiro que eu vi.

Os instintos de Rök tinham salvado as vidas deles mais vezes do que ele podia contar. Se isto fosse verdade...

O macho de Néomi conhecia outro modo para matar Omort, uma alternativa à espada. Se Cade pudesse colocar as mãos dele naquela informação, ele não teria que trair Holly.

—Por que você não seqüestrou a mortal? Você sabe quão valiosa ela é.

—Ela é rápida. Ela parecia simplesmente ter... desaparecido debaixo de nós. Mas eu a acharei novamente. Eu tenho uma boa dianteira.

Se eles tivessem Néomi, o vampiro faria qualquer coisa para ter a Noiva dele de volta, até mesmo divulgar como matar um feiticeiro...

—Rök, capture-a a todo custo.

—Nós já estamos nisto. Mas você ainda está continuando, em caso de nós não fazermos, certo?

Ele exalou.

—Eu estou. Eu tenho. Mas você a achará. Use qualquer meio necessário. - Uma vez que eles tinham desligado, Cade contemplou Holly, e o coração dele trovejou no tórax.

Esperança, uma saída. Um modo para ter tudo que ele alguma vez tinha querido.

Ele tinha se ocultado a ela porque tinha sabido que seria forçado a magoá-la mais do que ela já tinha sido. Mas este desenvolvimento lhe deu a possibilidade de um futuro com ela... Sim, possibilidade. Antes, qualquer coisa entre Cade e Holly tinha estado condenada porque havia tantos obstáculos épicos: traições, votos antigos, mentiras escuras e as vontades do feiticeiro.

Agora, se a única coisa entre eles fosse um fodido matemático ...?

E um que ela não tinha podido dizer que amava.

Isto era muito bom. Cade teria simplesmente que convencê-la de que ele era o melhor macho para ela.

Ele esperava por isso, ele pensou, enquanto andou a passos largos para ela. Ela pegou a visão dele e mordiscou o lábio, estudando sua expressão. Ela tinha usado o cabelo naquele coque, mas estava mais solto, bonito. Ela estava tão bonita que fez o peito dele doer. Na ausência de Cade, o vendedor tinha se aventurado a voltar, mas agora parecia nervoso com a aproximação dele.

Quando Cade alcançou Holly, ele a balançou nos braços e a beijou.

—Cadeon! - ela estalou quando ele libertou os lábios dela. Mas ele a manteve nos braços enquanto falou para o confuso vendedor:



—Nós levaremos o que quer que a senhora deseje. E depressa. - Cade encontrou os olhos dela. - Nós temos seiscentos e quarenta quilômetros, exatamente, para dirigir hoje à noite antes dela ficar satisfeita.

Capítulo 34

O veículo novo deles mal tocava na rodovia.

Mais cedo, ela tinha ficado tão desarmada pela mudança dramática de Cadeon de humor, o qual ele tinha se recusado a explicar, que ela tinha chegado a um acordo com ele. Eles tinham comprado uma caminhonete zerada que tinha um compartimento traseiro tipo o SUV.

E agora o demônio estava continuamente olhando ao hodômetro enquanto dirigia bem acima da velocidade máxima permitida.

Ela suspirou.

—Olha eu sei que eu disse que nós poderíamos ficar... íntimos a cada seiscentos e quarenta quilômetros, mas eu tive segundos pensamentos, depois do que aconteceu ontem à noite. Eu não quero te levar a esperar algo que nunca poderá ser.

—Nunca poderá ser por causa de seu namorado? O que você não me pôde dizer que amava?

—Não é só isso. Você tem que entender que tudo que eu alguma vez quis foi um apoio, um parceiro fiel e uma vida normal. Você não é... normal. - O olhar dela fitou para o chifre dele e ele se viu, o esfregando com uma carranca. - Não é só você. É este mundo inteiro. O Lore.

—O que está errado com o Lore?

—Hmm, é, oh, eu não sei, excessivamente violento? Como comprovado ontem à noite.

—Aquilo foi muito extremo mesmo para o Lore. - ele disse, então acrescentou, - E para o registro, eu não estou ingrato sobre você salvar minha bunda. Eu sei o quão fodido eu estava. Veneno acaba com um número grande de demônios. Nós somos realmente suscetíveis aos seus efeitos.

—Por quê?

—Espécies que podem emitir venenos são vulneráveis a outros. - ele respondeu. - Então você falava sério sobre o que disse aos espíritos ontem à noite? Sobre voltar com um exorcista?

—Claro. Eu vou pedir para minha tia para me ajudar a achar um. Por que os fantasmas foram usados como mensageiros para as coordenadas de qualquer forma?

—Eles eram perfeitos para isto. Eles não podem ser subornados ou torturados por informação. Depois daquele posto de checagem, qualquer um que pensava em nos achar será dispensado. - Ele acrescentou: - contanto que você mantenha essas pérolas postas.

—Como os espíritos saberiam as coordenadas?

—Um dos seguidores de Groot teria lhes dado as informações com antecedência.

—Por que eles concordariam em estar envolvidos?

—Talvez, Groot lhes prometeu o exorcismo que eles queriam.



Ela fez uma cara feia.

—Se ele prometeu, então por que eles pediriam isto a mim?

—Uh, provavelmente só para ter certeza. Assim, o que eu lhe contei ontem a noite?

—Você quer dizer além do fato de que eu sou sua fêmea escolhida por destino?

—Eu acho que o destino fez uma excelente escolha para mim. A melhor.

Ele poderia estar tão encantador quando ele queria ser.

—Eu também aprendi que tem problemas com seu irmão Rydstrom.

—Você não tem nenhuma idéia. - ele disse secamente.

—Por quê?

—Nós somos pólos opostos. Ele é racional, sempre olhando logicamente para coisas, considerando que eu sigo meu intestino mais vezes que não. Ele é educado, fala bem, e... real. Eu sou irresponsável, o notório 'nunca faz nada bem'. - ele respondeu encolhendo os ombros, como se este fosse somente um fato esculpido em pedra da vida. - Que mais eu disse?

—Você me falou que você me morderia, me aturdindo durante a reivindicação. Como? É algum tipo de veneno, como o dos seus chifres?

—Não, eu afundaria minhas presas em um músculo entre seu pescoço e o ombro.

—E ficaria completamente demoníaco? - Quando ele acenou com a cabeça, ela disse: - Como isso parece?

—Minha pele escureceria, avermelhando. É suposto que seja um atrativo para as fêmeas. Meu corpo se porá maior, meus chifres e garras crescerão ao comprimento completo deles. E minha face mudará. As coisas se porão mais afiadas.

Ela mordeu o lábio.

—Você também disse que o único lugar em que você me reivindicará é em sua mente. O que isso significa? Você fantasiou sobre mim?

As pálpebras dele desceram pesadas quando ele disse:

—Oh, sim.

—Tipo, você me imaginou... nua?

—Ah, mestiça, eu tirei a roupa do seu corpo mil vezes. Eu te tomei quando você estava usando somente suas pérolas, tão forte que elas saltaram em seu pescoço.

Ela abafou um calafrio.

—Você é bastante luxuriosa em minhas fantasias. E você tem uma predileção por ficar abaixo de minha cintura a cada chance.

As bochechas dela aqueceram. - Ficar abaixo de você... isso é exatamente como soa, não é? - A voz dela estava falhando? Ela não pôde evitar, somente tentou imaginar como aquilo seria.

—É, mas eu não quero que você se imagine fazendo isso comigo. Absolutamente. Somente tire isso da sua cabeça, antes que você comece a se agarrar a idéia, e isso será tudo sobre o que você poderá pensar...

*Central Saskatchewan,
Canadá*



—Você está pronta para revisar técnicas de autodefesa? - Cadeon perguntou, enquanto ele dirigia ao longo de uma extensão desolada de rodovia.

Ela acenou com a cabeça.

—Somente me deixe postar e desligar. - Ela estava tendo que usar internet do telefone celular com satélite nesta área isolada, e estava glacialmente devagar.

Não que ela tivesse muito progresso para postar. Embora ela tivesse se esforçando no código dela, ainda tinha que fazer uma pausa significativa.

Enquanto esperava, ela refletiu sobre os últimos três dias. Canadá tinha passado voando em um borrão.

Aquela primeira noite quando eles tinham estado a ponto de cruzar a borda de Michigan, ela tinha sido uma destruição, certa de que eles seriam descobertos como do Reino do Lore, mas Cadeon tinha estado tranqüilo, tão relaxado. O processo inteiro tinha levado meio minuto.

Porque a escuridão durava tanto tempo nesta latitude, eles estavam dirigindo a maioria das vinte e quatro horas. Cadeon só precisava de aproximadamente quatro horas de sono e ela descobriu que não precisava de muito mais.

Enquanto eles tinham atravessado o país, eles ficaram com uma confortante familiaridade. Depois de tanto tempo juntos na caminhonete, o resto do mundo parecia cortado fora deles. Eles tinham começado a terminar as frases um do outro. Ele regularmente apontava fora coisas que ele pensava que ela gostaria de ver, conseguindo que ela olhasse para, além do trabalho dela.

Cedo, eles tinham alcançado um XM rádio em acordo. Blues Rock tocava quando ela estava trabalhando, e qualquer outra hora, eles escutaram a musica de passo rápido ska que ele gostava. Ela não tinha admitido a ele, mas estava crescendo no conceito dela também.

Eles pegavam suprimentos quando precisavam deles, e quando os podiam achar. Ele tinha lhe comprado um casaco novo para substituir o perdido na noite da ponte e também um celular satélite para ela, no caso de eles de algum modo serem separados.

Embora eles não tivessem ficado íntimos novamente, ela tinha de alguma maneira resistido aos avanços, ele tinha estado botando toda a cortesia para pressioná-la.

E poderia estar... funcionando.

Ela pensava menos, freqüentemente, em Tim, e ela às vezes se achava se ressentindo com culpa do relacionamento que trazia. Entretanto, ela sentia culpa pelo ressentimento. Um ciclo vicioso.

Não era justo com ele. Durante os últimos dias, ela tinha alcançado uma decisão. Ela poderia não terminar com Cadeon, mas não necessariamente pensava que permaneceria com Tim.

Ela recordou do dano no braço dela. Tinha curado sem uma marca antes daquela manhã. Holly tinha começado a acreditar que estava muito tarde para a reversão de qualquer forma. E ela não estava quebrada sobre isso como tinha pensado que ficaria.

Na verdade, tinha começado a se ver cada vez mais com Cadeon. Estava acostumando ao seu abrasivo, inculto humor. Ele a fazia sorrir e fazer ter certeza de que não se levasse muito a sério. Ela poderia encarar aqueles olhos verdes dele por horas.



E ele provou consideração, sempre cuidando das necessidades dela, trabalhando com as suas manias. Ela nunca abriu uma garrafa quando ele estava perto.

Ele também a estava ensinando incansavelmente, fazendo-a lutar sempre que eles paravam em um hotel durante algumas horas.

Então de volta na estrada, ele a questionava sobre o que ela tinha aprendido...

Quando ela terminou o upload, tirou os óculos e fechou o computador.

—Certo, pronta para a broca.

—Certo. Qual é a primeira coisa que você faz com assaltantes múltiplos? E por quê?

—Os contar, porque se eu decidir correr, eles provavelmente se separarão. Me ajudará a determinar se eu estou sendo rodeada.

Um aceno.

—Você encontrou um inimigo, onde é o primeiro lugar que você olha?

—Os olhos. Eles mudarão de cor se estiver enfurecido. Depois disso eu olharia nas mãos para conferir as armas.

—Digamos que ele está enfurecido e armado. O que é sua posição de encarar?

—Eu estreito o alvo, com um pé em frente ao outro, um ombro virado. - Antes que ele pudesse perguntar, ela disse: - Meu ombro esquerdo. Porque eu sou destra.

—Utilizando seu ambiente, dois exemplos.

—Por obstáculos entre eu e meu atacante. - ela disse. - E usar a iluminação para minha vantagem, sombras distorcem a percepção.

—Quantos pontos de pressão são necessários para quebrar um joelho?- ele perguntou.

—Só doze.

—E o que você faz se um macho humano a ameaçar?

—Limpo o relógio dele e lhe ensino a hora do dia.

—Essa é minha garota. - Ele suavemente roçou no queixo dela e ela corou com prazer.

—Por que você continua me preparando?

—Porque nós não acabamos ainda. Você ainda tem pessoas tentando te matar, e nós ainda temos pelo menos mais um ponto de checagem. Poderia ser tão perigoso quanto o último.

Cadeon estava fora na caça por frutos do mar cozidos ainda na concha, deixando Holly atrás no hotel para trabalhar, porque códigos não se escrevem sozinhos.

Mas ela estava bloqueada, incapaz de conseguir qualquer coisa terminada. Ela decidiu chamar Mei para ter certeza de que tudo ia certo com as salas dela. Os meninos podiam ser... Maliciosos.

—Tudo está bem. - Mei disse, mas não elaborou. - Como estão as coisas com sua família?

—Melhorando. Muito melhor. Eu acho que tudo vai estar bem.

—Isso é bom.

A orelha de Holly se contraiu, e ela fez uma careta. - Mei, você quer me contar algo?



—Olhe, eu não ia te ligar porque eu sei que você tem muito no seu prato, mas poderia haver um elemento de tempo envolvido com seu trabalho, e eu estou doente de mulheres que são passadas para trás com esses trabalhos de qualquer maneira.

O estômago de Holly começou a agitar.

—Sobre o que você está falando?

—Você sabe que o Scott estava na conferência de Califórnia, certo?

—Sim, ele foi no último minuto. – Scott, era o namorado de Mei, matemático, bem respeitado e sujeito agradável para estar ao redor.

—Esta manhã ele me ligou com algumas perturbadoras notícias...

—Simplesmente me fale, Mei.

Ela tomou uma respiração funda, então disse:

—Tim tem roubado seu trabalho e passado adiante como dele próprio.

Capítulo 35

Enquanto Cade esperava por comida, ele checkou com Rök.

—Qualquer palavra sobre Néomi?

—Novamente, nós estávamos perto e ela simplesmente pareceu... desaparecer. - Rök disse, soando como se estivesse arranhando a cabeça dele.

—Uma mortal o está evadindo? Vamos, Rök, nós estamos correndo sem tempo! Eu preciso que você esteja nisto com tudo que você tem.

—Eu tenho uma dianteira realmente boa. Eu a pegarei dessa vez.

Rök soou confiante o bastante, mas uma vez que eles desligaram, Cade estava intranquilo sobre as perspectivas deles.

E Cade tinha começado a ponderar outra idéia, um modo para todo mundo ganhar. Seria extremamente perigoso. Mais arriscado que qualquer coisa que ele alguma vez tenha tentado.

Se o plano dele falhasse, todo mundo perderia.

Na vida, Cade tinha registro de que não ganhava tudo. E quando ele ferrava, tendia a ser grande.

Ele deveria aderir aos desejos de Rydstrom, levando esta operação a cabo do modo que o rei pretendia.

Cade tiraria a idéia da cabeça dele.

Mas e se...?

—O que? - Holly gritou.

—Tim está levando crédito exclusivo pelos documentos que ele está apresentado. - Mei explicou. - Assim Scott deduziu que ele simplesmente tinha espaçado e esquecido de mencionar você. Entretanto depois, Scott o ouviu falando com os recrutadores de Lockheed Martin. Tim



estava subestimando seu envolvimento em todos os seus co-projetos passados. E eu soube que com suas bases você tinha, que ter carregado muitos deles.

—Eu carreguei todos eles. - Holly disse ausentemente.

—Eu não deveria ter lhe falado até que você voltasse.

—Não, você fez a coisa certa. Eu aprecio que você tenha me contado.

—O que você vai fazer? - Mei perguntou.

—Eu não sei. - Seguramente Tim não a ferraria desse jeito.

Quão bem você realmente o conhece...?

—Holly, se você confrontar Tim, pode lhe falar de onde você ouviu isso. Scott está lívido.

Roubar pesquisa era ao redor da pior coisa que uma pessoa poderia fazer na pequena comunidade deles. Todo o mundo trabalhava muito pesado para não ser felinamente protetor sobre seus projetos. Sem mencionar o fato de que no campo deles, pesquisa podia valer milhões ou até mesmo bilhões.

Scott era bem respeitado entre todos os seus colegas. Se ele dissesse que Tim tinha feito isto, então Tim ia ser crucificado...

Uma vez que ela e Mei desligaram, Holly sentou na cama, pasmada. Ela sempre tinha se sentido confiante de que o namorado dela não a trairia sexualmente. Ele a tinha a traído academicamente? Isso teria sido o motivo porque ele tinha estado empurrando para o código novo dela?

Não, não, ela estava segura de que havia uma explicação razoável para isto. Este era somente boato, no melhor. Talvez Scott tivesse escutado incorretamente.

Tim era um sujeito bom. Ele era normal.

Ela ligou para o telefone dele. Ele respondeu antes do fim do primeiro toque.

—Tim, eu estou feliz que te encontrei. Você tem um minuto para falar?

—Absolutamente. Minha próxima apresentação não é antes de uma hora.

—Então, Mei acabou de me ligar...

—Oh? O que ela tinha pra dizer?

As orelhas de Holly se contraíram novamente. Havia algo diferente sobre ele, um tremor na voz que foi alterado. Ele está nervoso. Ela podia perceber isto tão claramente agora. Valquíria sente. O benefício da dúvida saiu pela janela. - Quando você apresentou nosso trabalho, você levou crédito exclusivo por isto?

—Sobre o que você está falando?

—Você subestimou meu papel em nossos projetos com os recrutadores de Lockheed?

—Eu não faria isso! Claro que não. Eu sei melhor que qualquer um quão duro você trabalhou em nosso projeto.

—Simplesmente corte a besteira. Eu sei que você está mentindo. Eu posso ouvir isto na sua voz.

Quieto. Finalmente, ele disse: - eu posso ter exagerado meu papel no trabalho, mas eu fiz isto por nós. Você sabe que normalmente as grandes empresas contratam os homens em nosso



campo. Eu tive a melhor chance para arrumar aquele emprego. E então, somente pense, eu poderia nos comprar uma casa. Você nem mesmo vai precisar de um trabalho.

Ela puxou uma respiração.

—Quem é você? Precisar de um trabalho? Eu já não preciso de um, eu amo o que eu faço. Era este seu jogo desde o princípio?

—Não havia nenhum jogo. Nós trabalhamos melhor como um time, comigo como o homem na frente.

—O que infernos isso significa?

—Nós precisamos ficar juntos, para manter o trabalho junto. Nós poderíamos ser imparáveis.

Aqui estava um homem que de fato a queria pelo cérebro dela. Ou, pelo menos, ele queria usar o que o cérebro dela podia fazer.

—Seja realista, Holly. Você mal consegue chegar as aulas sem mim. Quão bem você faria no mundo corporativo?

—Oh, meu Deus. - O vermelho cobriu a visão dela. Do que Cadeon tinha chamado Tim? Oh, sim... - Você quer saber, seu fodido idiota, você pode ter esse maldito trabalho. - Um raio golpeou fora, e pareceu certo. - Eu estou indo para algo muito maior. Algo que vai balançar nossa indústria.

—Holly, só espera...

—Nunca mais me contate de novo. Ou eu pregarei suas bolas na parede em cima disto. - click.

Respira fundo, respira fundo. Ela esperou pelas lágrimas para virem. E esperou.

Ainda tudo que ela sentisse era um senso de alívio. Que libertador... Ela tinha acabado com a culpa, livre de indecisão.

Holly não tinha nenhum obstáculo agora, se Cadeon tentasse mais, ela não o repeliria. A idéia lhe deu uma emoção vertiginosa de expectativa.

De fato, ela poderia buscar por mais. Até mesmo mais que Cadeon esperaria...

—O macho está de volta com a comida... - Ele se arrastou quando ela parou na frente dele, usando só aquele número de seda preta com que ela as vezes dormia, aquele que garantia que ele ficaria selvagemmente despertado e duro como pedra por horas.

—Eu não tenho fome. - As luzes estavam fracas e a colcha estava jogada no chão.

—Mas você precisa comer. - ele disse ausentemente enquanto ela passou até ele.

Os olhos dela tinham começado a crescer prateados.

—Talvez eu tenha fome de outra coisa. - Ela pegou a sacola de comida e lançou longe.

As sobrelhas dele se reuniram.

—Uh, o que aconteceu entre o tempo que eu fui comprar comida e agora?

—Eu terminei com Tim.

O coração de Cade começou a trovejar, e maldição se ela não notasse.

—Você realmente gosta dessa notícia, huh? - Ela sorriu.

—O que tem para não gostar? Mas por que agora?



—Ele roubou crédito pela minha pesquisa. E buscava o código no qual estou trabalhando agora.

Cade paralisou, a fúria correu por ele.

—Holly, eu vou lhe dar a garganta dele por isto.

—Ah, você diz as coisas mais doces, demônio. - Ela estava na ponta dos pés, apertou um beijo suave nos lábios dele.

Decidindo que mataria Tim de qualquer maneira para ela, ele relaxou e disse:

—Eu sei jogar essas cordas do coração, sim?

Ela desafiou o cinto de Cade.

—Eu o chamei de fodido idiota.

—Essa é minha garota. - Ele tirou fora o top dela, então a camisa dele.

—Você está vindo para cima de mim para virar as costas para ele?

—Provavelmente. - Abaixou o zíper dele.

—Eu estou bem com isso.

E se ele tivesse pensado que isto não poderia ficar nada melhor, ela mordeu o lábio inferior dela e disse:

—Você me falou que tinha fantasiado sobre mim, humm, ficando abaixo de sua cintura. E se eu quisesse tentar isto?

Tentando manter a calma, ele sorriu para ela.

—Então você seria minha melhor garota...

Uma vez que eles estavam nus na cama, e ela tinha começado a beijar abaixo o torso dele, ele engoliu duro.

Ela perderia a calma? Não perca sua calma, Holly...

Ela o pegou na mão. Uma primeira lambida foi seguida por outra. Logo ela estava circulando ao redor da cabeça com estalidos molhados da língua.

—É isso, Holly. - ele gemeu - exatamente assim.

—Você é tão gostoso. - ela murmurou em um tom encantado.

Ele lutou para não empurrar na quente língua dela, mas o instinto para mover os quadris era muito poderoso.

—Chupe dentro da sua boca. - ele grunhiu. Ela fez, o fazendo arquear as costas nitidamente.

-Ah! O que você está fazendo comigo?

Se retirando apressadamente, ela disse:

—Eu estou fazendo algo errado?

—Tudo muito certo. - Mãos espalmando a cabeça dela, ele a apertou de volta. - Eu temo que gozarei antes de estar pronto.

Com um sorriso satisfeito, ela esfregou a bochecha contra o pênis dele, então continuou. Ele puxou o cabelo dela para fora do caminho para que pudesse ver sua fêmea lhe dando prazer daquele jeito.

Uma fantasia feita realidade. Depois de tanto tempo.



Dobrando o joelho, ele elevou a perna assim ela se escarranchou com o sexo molhado dela contra ele.

Ela gemeu ao redor dele, um desses gritos afiados, ansiosos que o fizeram frenético por comprazê-la. Imediatamente, ele alcançou os quadris dela, puxando-a para ele.

—Cade? Eu gostei disso... - Ela arrastou quando ele a reposicionou, colocando os joelhos dela um em cada lado da face dele, a boca dela no pênis dele.

—Então você amará isto. - ele raspou antes de se perder lambendo os cachos, loiro-morango. O sexo dela estava tão quente, a carne perfeitamente tenra. Ele lambeu em felicidade.

Mas ela gelou.

—Cadeon? - Ela soou atordoada. Ele cavou os saltos dos sapatos dele na cama e empurrou para cima.

Depois de uma hesitação, ela o puxou novamente entre os lábios dela, a boca logo crescendo gananciosa. A virgem tímida tinha ido embora, substituída por uma Valquíria faminta, exigente que esperava dar e adquirir prazer.

Com as mãos dele alargadas em cima do traseiro dela, ele a agarrou, se segurando nela enquanto ela malvadamente balançava o sexo dela contra a boca dele.

Quando ele trabalhou o dedo na envoltura dela, ela abriu os joelhos mais largos com um grito. Ela estava perdendo o controle. Trovão prosperava ao redor do edifício, tremendo as paredes.

Ele queria que isso durasse para sempre, mas ele já estava na borda. Ela precisa gozar primeiro. Enquanto retirou e empurrou o dedo, ele chupou duro o pequeno clitóris entre os lábios, serpenteando a língua em cima disto.

Ela gritou, então o tomou fundo. Os gemidos dela ao redor do membro dele o enviaram ao final. Enquanto ela gozava, ele gemeu e lambeu, se unindo...

Ela rolou fora dele, espreguiçou-se ao seu lado enquanto eles tomavam fôlego.

—Quem diria que demônios são tão deliciosos? - ela perguntou enquanto ele a arrastou para o tórax.

—Demônio. Singular. Não fique tendo nenhuma idéia.

Capítulo 36

Territórios Noroestes

Montanhas de McKenzie

O sexagésimo paralelo era o último antes do Círculo Ártico.

Eles tinham passado o sinal que marcava isto várias horas atrás.

Durante os últimos quatro dias, eles tinham sempre ido em direção ao norte dos Rockies Canadenses. A terra crescia rigorosamente bonita, a temperatura segurando firme a uma



balsâmica temperatura de quinze graus abaixo de zero. O sol nunca ascendia muito mais alto que os topos limpos, e nascia e se ia duas horas antes.

Agora ela estava esperando por Cadeon no espaço do estacionamento, singular, no White Tail chalé que prometia ser o posto final antes da séria e isolada, selva. Em outras palavras, o destino final deles.

O próprio Chalé era um estranho híbrido de trailer e cabana. No desvio cinza, foram pregados chifres ao lado, soletrando Wh te T il Lo ge.

Holly pensou que isso deveria se soletrar: We gave our lives for this?? (nós demos nossas vidas por isso??)

Enquanto Cadeon comprava suprimentos, ela conectou o laptop no telefone satélite para postar todo o trabalho do dia em uma conta livre de Tim.

A única desavença prolongada da traição de Tim era a raiva dela e um desejo ardente para completar o código. E sem o obstáculo do ex-namorado, Holly tinha poucas defesas contra a atração de Cadeon.

Isso a lembrou da última olhada dela ao Veyron. Sem o suporte do caminhão, ele sem ajuda se amassou. Agora sem a culpa e senso de obrigação, Holly estava fazendo uma queda livre para o demônio...

Ela e Cadeon se favoreciam, freqüentemente. Ele felizmente lhe permitiu o explorar, aproximando um joelho, lhe dizendo que, tivesse a isto. Eles dormiam, na mesma cama. Cada vez, ele embrulhava o corpo dele ao redor do dela tão firmemente, a comprimindo, perto dele. Ela desejou saber se ele estava seguindo um pouco de instinto de demônio inato para protegê-la.

Eles se banhavam juntos, um dos destaques de cada dia para ela.

Mas ele nunca tentou fazer amor com ela, até mesmo quando ela tinha indicado que seria amena a perder a virgindade dela. Embora ela pudesse contar o quanto ele queria levar sua virgindade, ele continuava sem fazer nenhum movimento para isso.

Era isso somente porque ele não queria machucá-la? Cada dia ele notava quão forte ela estava se tornando.

Ele duvidava que ela pudesse agüentá-lo a reivindicando?

Ou havia outra razão para resistir...?

Quando ele tinha voltado e tinha terminado de carregar a parte de trás, ela lhe perguntou:

—O que é tudo isso que você comprou?

—Comida, bens principais, aparentemente ovos e manteiga são como ouro se acontecer de irmos a qualquer norte daqui. Assim como tantos tanques de gasolina que nós pudermos levar. Eu também descobri que nós vamos ter que cruzar uma estrada de inverno.

Estrada de inverno, um eufemismo para gelo em baixo de pneus e possivelmente não muito mais. - Nenhum caminho ao redor disso?

—Único jeito de chegar daqui até lá, amor.



—Esse é o posto de checagem? É adorável! - Holly pulou fora da caminhonete, contemplando a cabana coberta de neve. - Saiu diretamente de um calendário de inverno, do país das maravilhas!

O humor de sua fêmea tinha, certamente, melhorado desde a estrada de gelo. A normal, mas alta mudança de gelo a tinha terrorizado, e ela tinha se agarrado no painel o caminho inteiro.

Quando uma raposa saltou nos bancos de neve altos, ela bateu palmas com as mãos enluvadas deliciada.

—Sugestione a raposa. Que perfeito!

Cade achou isto perfeito demais com sua manta de neve no telhado e chaminé pitoresca no lado.

Ela perguntou:

—Você está seguro que este é o local exato?

—O GPS diz que nós estamos aqui.

—Você acha que alguém vai vir nos encontrar? - ela perguntou, caminhando para a porta.

Mas ele acariciou as costas dela.

—Por tudo que sabemos, isso é um elevador para o inferno. Eu vou conferir. Não entre até que eu lhe fale.

Ele achou a porta destrancada e cautelosamente entrou. O piso de madeira rangendo embaixo dele. A cabana estava tão imaculada, até Holly aprovaria.

—Você vê alguma direção? - ela chamou de fora. - Eu quero entrar!

—Ainda não. - ele falou de volta. - Ainda estou dando uma olhada.

O interior era simples, com escassa mobília de madeira ao longo. Havia um banheiro, um quarto de fundos, e uma cozinha com um fogão à lenha e uma bomba sobre a bacia.

Uma banheira estava situada fora no quarto principal em frente à grande lareira.

A idéia de ver Holly tomando banho lá, em frente ao fogo...

Com cada um dos encontros deles durante os últimos dias, ele achava crescentemente difícil de resistir à reivindicá-la. A mente dele estava constantemente cheia com pensamentos de estar dentro dela, o raciocínio dele nublado por desejo. Ela tinha estado andando pé ante pé regularmente ao redor do assunto de sexo, uma pergunta aqui ou lá e ele achava que sabia porque.

Holly queria que ele a tomasse. Completamente. Ele estava humilhado por isso, contudo ao mesmo tempo, ele sabia que não podia. Até mesmo se ele não a comerciasse com Groot pela espada, o fato que permanecia era que Cade a tinha enganado sem parar. Ele já tinha feito mais do que ela provavelmente perdoaria, feito mais do que o suficiente para ganhar o ódio dela. Levar a virgindade dela dado estas circunstâncias golpeava até mesmo a ele como errado.

E ele queria mais do que meramente sexo dela. Ele queria tudo. A reivindicação dela deveria ser o começo de algo mais, não um culpado, ato passageiro.

Cade estremeceu e começou a procurar na cabana de cima a baixo, conferindo os dois armários e alguns gabinetes. Ele cruzou para a lareira. Acima da chaminé era o único lugar que ele não tinha olhado. Ele abaixou ao lado da abertura, alcançando cegamente para cima.



E sentiu papel dobrado, encerado preso no cano da chaminé. Ele o puxou.

Um mapa para a fortaleza de Groot.

Eles poderiam começar a ir para o feiticeiro hoje. Holly seguramente iria querer isso, temendo a transição se aproximando. Mas Cade precisava comprar tempo para Rök.

E até mesmo se Rök falhasse, cada segundo que Cade pudesse protelar a permitiria mais completamente a transição para imortal, ganhando força e perdendo vulnerabilidade.

Decidindo esconder o mapa, ele o guardou no bolso do casaco.

—O que você conseguiu lá?

Ela estava bem atrás dele. Depois da hesitação mais leve, ele disse:

—Um mapa para Groot.

—Assim quando nós partimos?

—Nós ainda temos quase duas semanas para chegar lá. Talvez nós devêssemos ficar postos por um dia ou dois para descansarmos da estrada.

—Certo. - ela respondeu, o pegando de surpresa. -Eu amaria tomar um banho.

Ele correu uma mão em cima da boca dele.

Embora Cadeon tivesse sido tão apressado para chegar aqui, agora ele estava arrastando os pés para começar a viagem final. Mas Holly estava bem em ficar na cabana adorável.

Em um armário, ela achou colchas grossas, roupa de cama limpa e um tapete de pele armazenado em bolsas.

Uma vez que conseguisse tudo organizado à preferência dela, estaria perfeito.

Depois que tinha trazido a lanterna de querosene deles e suprimentos, ele partira para cortar lenha. Ele tinha coletado somente o bastante para começar a aquecer a água do banho dela e esquentar a cabana para ela, então voltado para cortar mais para a noite.

Enquanto Holly desempacotou os apetrechos e comida deles, ela o contemplou fora pela janela, perdendo a noção de tempo.

Enquanto ela assistia o magnífico macho trabalhar na neve, sentia um baque. Ela amava o modo que ele se movia, com tal segurança e presença. Agora que conhecia cada polegada do corpo dele, ela apreciou isto ainda mais.

Holly queria tudo dele, mas ele se recusava a ceder. Ele tinha se chamado o demônio dela. Mas ele não era, não ainda.

Desejo. Ela desejou ter alguém com quem falar sobre tudo isso, alguém para perguntar.

Olhou feio quando o telefone satélite começou a tocar. O único que sabia o número era Cadeon, e ela ainda podia vê-lo lá fora.

—Oi? - ela respondeu.

—Você queria falar comigo? - Nix perguntou.

—Como você... - pula isso. - Você sabe onde eu estou?

—Eu sei que está nevando e frio. Perfeito para se aconchegar com seu demônio. Você decidiu se você o manterá? Ou ele é muito grande para ser um demônio interior?

Holly suspirou.



—Eu gosto de ficar com ele, e eu acho que eu o quero manter. Mas isso significa que eu teria que manter minha imortalidade.

Infelizmente, se ela permanecesse uma Valquíria, ela permaneceria o Recipiente. E eventos como a Ponte da Senhora Risonha continuariam acontecendo.

—E qual modo você está inclinada?

Estar com Cadeon...

—Eu acho que eu estou permanecendo com o programa.

—Eu sabia que você sucumbiria a pressão! Uma coisa boa, também. Desde que você já completou a transição.

Holly tinha suspeitado há dias.

—Mas como isto afeta sua transação com Groot? Cadeon ainda pegará a espada dele, certo?

—Claro. Assim, quando Titia Nix deveria estar esperando, um pequeno *vamon* de vocês dois?

—*Vamon* - oh, entendi. Uma Valquíria e um demônio. Ha-ha. Não prenda seu fôlego. Ele não... bem, ele recusa ter sexo comigo.

—Por que em terra? Isso não soa como Cadeon, absolutamente.

Holly luziu a isso.

—Ele não quer me tentar, para trazer a força completa do demônio.

—Sim, mas o que você quer? Escute seu instinto. O que isso está lhe dizendo?

Novamente, ela contemplou fora da janela para ele. Desejo! - Não está me falando nada, está gritando para eu estar com ele. Mas não é como se eu tivesse uma pílula. E ele não pode correr exatamente até o posto de gasolina por preservativos.

Ela já estava atrasada com o seu período, indubitavelmente por causa da tensão, assim ela não estaria ovulando. Certo? Ela confirmaria on-line. Não achava possível ficar grávida, mas e se acontecesse...

—Seria tão ruim para você ter um bebê *vamon*?

No princípio, a idéia tinha golpeado Holly para fora de campo, mas quanto mais ela pensava nisto, mais confortável se tornava.

Porque Holly deveria possuir toda essa força e não ter ninguém para proteger? Por que controlar a fortuna da família e não ter ninguém para compartilhar?

A idéia de esperar até que certos eventos da vida tivessem acontecido antes ter uma criança já não se aplicava. Ela ia viver potencialmente para sempre. Se quisesse empreender algo exaustivo e exigente para ela, poderia fazer isto em dezoito ou dezenove anos tão facilmente quanto podia agora.

—Isso não importa de qualquer maneira. - Holly disse com um suspiro. - Ele não fará isto. Ele já provou que pode parar, em cada um dos encontros deles.

—Eu estou confusa. Ele é um demônio com uma necessidade instintiva para saciar a fêmea dele. Você é a fêmea dele. Ele fará qualquer coisa que você deseje.

—O que você quer dizer?

—Querida, está na hora de você pegar o demônio pelos chifres.



Capítulo 37

—Nós chegamos aqui bem a tempo. Tempestades estão soprando no sul... - Ele parou quando achou Holly reclinada na banheira, usando nada mais que as pérolas dela.

Ela entortou o dedo a ele.

—É grande o bastante para dois aqui. - o vapor estava subindo ao redor dela e a luz do fogo chamejava em cima de sua pele, exatamente como ele tinha imaginado mais cedo.

—Você não tem que me perguntar duas vezes. - Ele derrubou a lenha que estava levando e tirou fora as roupas.

—Tem bastante madeira para nos manter quentes esta noite?

Entrando na água atrás dela, ele a levantou entre as pernas, até que as suaves curvas do traseiro dela embalaram seu pênis endurecido. - Eu mantereí você aquecida. Não se preocupe sobre isso. - ele disse, esfregando os lábios contra o pescoço dela até que ela tremeu. Ele vagarosamente deslizou uma mão abaixo no corpo dela para seu sexo, acariciando lentamente por longos, longos momentos. Quando deslizou o dedo dentro dela, ele já a encontrou, bem escorregadia. Com um gemido, as pernas dela caíram abertas contra as dele.

Com a outra mão, ele beliscou os mamilos dela, um, depois o outro, os rodando entre o dedo polegar e o indicador. Os braços dela caíram para trás, os dedos se entrelaçando atrás do pescoço dele.

Quando ele apertou a palma contra o clitóris, ela começou a balançar no dedo dentro dela, assim ele lhe deu outro.

Ela arqueou as costas, seu traseiro atrevido dobrando contra o pênis dele. A respiração dele assoviando enquanto a cabeça inchada esfregava nas curvas dela. Ele poderia afastar os dedos e estar dentro dela tão facilmente, a empalando no seu comprimento. E ele sabia que ela o aceitaria felizmente...

Como se ela lesse o seu pensamento, ela murmurou:

—Cadeon, eu quero que você tome minha virgindade.

Isso saiu diretamente das fantasias dele, onde deveria permanecer. Mas quantas vezes mais ele poderia resistir antes de perder o controle?

—Eu não posso. Eu não quero te machucar. - Ele não só queria dizer fisicamente. Cade poderia não ter tido uma saída sobre mentir a ela, mas tinha uma escolha sobre isto. Empurrando fora suavemente a mão dele, ela rolou em cima do sexo dele, seus suaves seios esfregando em cima do tórax.

—Essa é a única razão?

—Você não está tomando pílula, e você é o Recipiente...

—Não é o momento certo do mês para eu conceber. Mas até mesmo se eu fizesse, não seria o fim do mundo.



—Isso poderia ser simplesmente, se eu for o pai. Se lembra do ultimo mal?

—Você não é mau.

Ela não acharia isso por muito tempo.

—Holly, você não tem nenhuma idéia. - Ele a fixou fora, então saiu da banheira, arrebatando uma toalha de uma cadeira perto.

—Você não me pode convencer disso então nem mesmo tente.

—Isso é por causa da coisa de gravidez, não é? Eu sei que é muito para se pensar. Mas eu não o tornaria responsável...

Os ombros dele atiraram para trás e ele estreitou os olhos.

—Você acha que eu não posso cuidar da minha fêmea e minha criança?

Assim que ele disse essas palavras se acalmou, exatamente como tinha feito na ponte com Tera. A completa obviedade nisso. Por que algo parecia como se estivesse fora de lugar?

—Claro que você pode. Eu estava só...

—Isso não tem nada a ver. Você nem mesmo tem me visto no meu pior. Holly, eu poderia te matar.

—Não, Cadeon. - ela debruçou na banheira, e arrancou uma grande lasca de madeira - você não pode. - Ela arrastou isto em cima do antebraço dela.

—Holly! O que você está... - Ele parou quando o corte começou a curar imediatamente.

—Você não pode me ferir. Eu sou uma imortal agora.

—Mas a mudança, eu pensei que você não quisesse isso.

Ela levantou e passou até ele, gotas de água escorregando em cima de seu macio e lustroso corpo. - Eu quero ficar assim. - Os olhos dela estavam prateados. Ele não pôde olhar para outro lugar, não pôde se retirar, nem mesmo quando ela alcançou debaixo da toalha e começou a acariciar seu pênis.

—O que mudou sua mente? - Diga que eu fiz. Diga que fui eu!

—Você. Eu quero estar com você, completamente. Eu quero fazer amor com você.

Tudo o que ele tinha sonhado em ouvir dela. E ainda se forçou a dizer:

—Não acontecerá, Holly.

Ela tinha tentado ser razoável com Cadeon, mas ele tinha se segurado firme. Estava na hora de jogar sujo.

—Você ganhou. - Ela correu o punho para cima e para baixo no comprimento dele, tirando sua toalha. - Então vamos simplesmente liberar um pouco de vapor. - Ela beijou abaixo do tórax dele e o torso, roçando com o nariz o rastro de pêlos debaixo do umbigo, antes de ajoelhar em frente a ele no tapete de pele. Mãos achatadas contra o tórax dele, ela levou seu pênis entre os lábios, lambendo a larga cabeça.

—Ah, Holly isso é ... - Enfiando os dedos no cabelo dela, ele guiou sua cabeça. - Deuses, é tão bom quando você faz isso...

Logo ele estava empurrando sutilmente como ele fazia quando estava na beirada. O corpo dele enrijeceu, sua ereção pulsando.



As mãos dela desceram até os tornozelos dele. Os agarrando apertado, ela puxou para cima com todo seu poder.

Pego fora de guarda, ele caiu de costas.

—Holly! - ele rugiu. - O que infernos...

Mas ela já o estava escarranchando.

Ele a lançou de costas no tapete de pele.

—É assim que nós vamos jogar isso? - rangeu. Ele não reconheceu a própria voz.

Quando segurou os braços dela em cima da cabeça, o membro dele deslizou contra o sexo úmido dela, o fazendo estremecer com desejo. Ela rodou os quadris ao mesmo tempo, quase sentenciando a ambos, porque por um momento perfeito, a cabeça tinha cutucado bem na entrada dela.

O olhar dele arrastou da face aos seios dela, subindo e descendo com as respirações apressadas dela. Com um gemido, ele baixou a cabeça para chupá-la.

Enquanto a língua dele rodou ao redor de um dos mamilos dela, ele não pôde parar de balançar o pênis novamente contra as dobras dela, caçando a umidade novamente por aquela conexão.

Ela estava procurando por isso também, ondulando os quadris. - Cadeon... por favor. - Ela não sabia como pedir o que ela precisava.

—Dói por dentro?

—Sim!

Ele lançou os quadris para trás para deslizar para cima e para baixo... novamente aquela tensão começou a envolvê-lo, lhe dando uma rápida visão enlouquecedora de como isso poderia ser. - Você precisa do meu membro em você? - Por que ele a estava provocando desse jeito? Quando ele não tinha nenhuma intenção de tomá-la completamente? - Mas você está molhada o bastante para tomar isso?

—Eu estou... - ela gemeu.

Na orelha dela, ele sussurrou:

—Você quer que eu monte sua pequena vagina? A monte até que você aperte por minha semente?

Com isso, a cabeça dela trilhou, o cabelo lançado na pele.

—Cadeon, porque?

Ele não sabia porque ele a estava espetando, empurrando. Ele precisava de algo dela. Enquanto chupou o seio dela, ele tentou ler o próprio instinto. Uma dor, uma necessidade por mais que somente mergulhar dentro dela.

Não! A única coisa que ele precisava era vontade para parar isso.

Mas porque? Ele não podia machucá-la permanentemente. Ela era uma imortal. Quis ser uma por causa dele.

—Por favor...



Holly, molhada para ele, lhe implorando para tomá-la... ele tentou se lembrar de todas as razões pelas quais esta era uma má idéia. Mas a tinha querido por tanto tempo.

—Solte minhas mãos. - ela murmurou. - Eu serei boa.

Ele a liberou, as próprias mãos arrastando embaixo dela para agarrar seu traseiro.

—Ah, deuses! - ele grunhiu, quando cutucou bem na macia carne dela novamente. O cheiro da necessidade da fêmea dele, esses gemidos pedindo... eles eram gatilhos que ele não podia lutar. Estava se transformando.

—Eu vou... perder o controle.

De repente ele queria morde-la, bombear a semente dele dentro do corpo dela, marcando-a como própria dele.

Não! Eu não posso ter o que eu quero... Ele começou a se afastar dela..., ela agarrou os chifres dele, os segurando apertados.

—Uhhh... - ele gemeu, os olhos rolando para trás na cabeça. Muito aturdido para falar, para mover.

Ela o guiou de volta para o próprio corpo. - Eu preciso de você dentro de mim. - Quando ele tentou se retirar, ela deu um puxão decisivo.

O que significou que tinha acabado.

Capítulo 38

—Me liberte... - a voz dele era como uma lima rouca.

Quando ela tinha apertado os chifres dele a primeira vez, ele tinha ficado selvagem, estremecendo o volumoso corpo em cima dela.

Agora os olhos dele pareciam quase ofuscados enquanto ela se agarrava nele.

—Cadeon, eu quero você.

Usando os joelhos para esparramar suas coxas, ele assomou em cima dela, as respirações dele na orelha dela.

—Eu não queria te machucar.

—Eu estou doendo agora mesmo!

Imediatamente, ele agarrou o pênis para guiar nela.

—Holly... - ele gemeu quando entalou aquela larga cabeça dentro. - Eu preciso tanto te foder.

—Então faça. - ela choramingou, arqueando as costas.

Polegada por polegada, ele empurrou nela, estirando, enchendo. - Você é tão pequena... tão apertada. - A testa dele estava brilhando com suor. As sobrancelhas estavam puxadas como se ele estivesse sofrendo dor, mas os olhos deslizaram fechados como se ele estivesse saboreando isto.

Holly precisava disso, estava desesperada por ele, mas isso doía. Se ela tivesse feito isto antes que se tornasse uma imortal, ela provavelmente teria desmaiado pela dor.



Agora ela friccionou os dentes, forçando o corpo para aceitar o dele. Para tirar isso do caminho para que ela pudesse ter prazer novamente.

Ele começou a mudar sobre ela, os chifres dele alongaram no aperto dela. A pele estava alterando também.

Ele tinha dito que agiria como um atrativo.

Ele não tinha lhe falado que a deixaria louca.

Enquanto a carne dele deslizava com suor, escureceu com uma cor vermelha polida que a fez se sentir frenética por lamber e provar.

Ela libertou os chifres dele para acariciar seu magnífico corpo, se apoiando para estalar a língua contra o tórax dele e beliscar. Ela cresceu mais molhada depressa e a dor começou a sumir.

—É isso. Eu sinto você me acolhendo. - Quando ele abriu os olhos, estavam pretos, fitando abaixo nos dela. - Você vai ser minha?

—Sim! - Isto era mais que sexo, mais que tomar a virgindade dela. Ele a estava reivindicando, e ela queria isto.

Posse. - ela leu isso iluminando claramente no ardente olhar dele.

—Eu nunca te deixarei partir agora. - A voz dele era baixa, quase assustadoramente rouca.

—Eu não quero que você o faça nunca. - ela sussurrou.

Quando o pênis dele tinha cavado até onde o corpo dela permitiria, a aparência dele tinha alterado totalmente.

Luz do fogo chamejou em cima dos ferventes músculos e da pele esticada, escura dele. Nesta forma, a face dele era mais severa, mais brutal, mas ainda rigorosamente bonita para ela. Os olhos estavam cheios com fome e prometiam coisas más. Aquela braçadeira sobre o bíceps dele refletiu na luz.

Um demônio com necessidade imortal estava situado fundo e firmemente dentro dela. Ela estava destemida, o querendo para ela própria com uma dor desesperada.

Afinal, ele retirou os quadris e mergulhou adiante, raspando:

—Minha...

Ela deu um grito de dor. Mesmo assim ela se ouviu dizendo: - Faça isso novamente!

Depois de outra longa retirada, ele empurrou até mais duro. O prazer começou a abafar qualquer desconforto enquanto ele se dirigia nela novamente e novamente.

Holly não entendeu metade do que estava acontecendo, somente que tudo estava acontecendo muito rápido.

Estava mudando, as garras curvaram enquanto ela se afundava no musculoso traseiro dele, o urgindo por mais. Ela começou a arquejar quando eletricidade carregou o ar.

Ele estava mudando, não só na aparência. A agressão dele estava pregando, a maneira dele com ela mais áspera, mais exigente.

—Preciso que você... tome mais de mim. Preciso ir fundo dentro de você. - Ele era térreo, animalesco, fazendo com que ela também quisesse.

—Mais! - Ele empurrou mais duro.

Ela clamou em felicidade.



—Arqueie suas costas.

Quando ela fez, ele ergueu os quadris dela e a arrastou ao longo do pênis.

—Ah, sim!

Ele enroscou as mãos no cabelo dela, segurando sua cabeça com uma mão. Ele laçou o outro braço ao redor das costas dela, apertando o traseiro firmemente, segurando o rubor dela contra ele, enquanto a montava. Na orelha dela, ele sussurrou:

—Você vai me tomar bom e fundo... então eu gozarei para você.

Ela gemeu às palavras dele, se contorcendo nos seus braços.

—Cadeon...

O prazer era tão intenso, que bordeava a dor.

Mas também era desconhecido, como se ele nunca tivesse tido sexo antes.

Ele nunca tinha sabido quão pesado e dolorido seu saco podia se sentir. Ele nunca tinha tido, que friccionar os dentes pela pressão de palpitação enquanto o sêmem subia no pênis dele.

O aperto úmido do sexo dela parecia exigir isto dele. O calor dela...

Enquanto ele atacou o corpo em cima do dela, o tórax esfregava contra os mamilos endurecidos. As costas dela arquearam para ele, os seios sobressaindo.

Instintos elementares o controlavam. O olhar dele foi atraído para a tenra carne entre o pescoço dela, bem debaixo da linha de suas pérolas brilhantes.

—Holly... não posso parar.

—Não pare!

—Minha. - Ele afundou as presas nela.

Os braços dela caíram flácidos em cima da cabeça, o corpo inativo enquanto ele trabalhava em cima dela. Ela gritou com prazer quando sem defesa gozou.

O sexo dela apertou ao redor do membro dele, ordenhando pela semente que ele finalmente poderia lhe dar.

Sem pensar rosnando contra a carne dela, ele empurrou nela novamente e novamente. A dor, a pressão, a palpitação dentro...

Ele estava louco com a necessidade para ejacular, empurrando, grunhindo, dirigindo. Ele libertou o pescoço dela, jogando a cabeça para trás enquanto sua semente começou a sair. Suas costas se curvaram com a força disto, saindo a jato, em onda atrás de onda.

Ele a tinha reivindicado. Holly é minha... afinal.

Ele desmoronou em cima dela, levantando as respirações contra o pescoço marcado dela.

Uma vez que tinha começado a voltar para a normalidade, ele se apoiou para ver quanto a tinha ferido, com uma desculpa nos lábios. - Holly, eu... - Ele se desconcertou com a expressão dela.

Ela parecia até mais faminta por ele.

—É tudo que você tem? - ela disse a voz ronronante.

Os olhos dele ficaram largos, então estreitaram.

—Oh, eu tenho mais, bebê-. Ele apertou a parte de trás do pescoço dela. - Muito mais.

—Então vejamos. - As garras dela afundaram mais profundamente no traseiro dele.



Ele assobiou em uma respiração, e o pênis pulsou dentro dela.

—Depois, eu vou fazer com você agradável e devagar, mas agora mesmo eu só preciso te dobrar em cima de coisas e ver o que este seu pequeno corpo sensual pode fazer...

—Tente se conter demônio.

Capítulo 39

Ele a tinha deixado exausta. Holly estava deitada dormindo, profundamente, ao lado dele, o braço esbelto estirado em cima do seu tórax enquanto ele peneirava os dedos pelo cabelo dela.

Cade tinha sido impiedoso com ela, fazendo-a gozar uma e outra vez. Mas ele queria que ela se lembrasse desta noite para o resto da vida.

Ele beijou o ombro dela onde a tinha mordido, contente de ver que estava curando rapidamente. A transição dela realmente estava completa. Ela era uma imortal. A pequena imortal dele.

Ele a tinha reivindicado. Não tinha volta, mesmo se ele quisesse. E ele não queria. Pela manhã, ele se lembraria por que isto não tinha sido inteligente, mas por agora, impediu toda a dúvida, se permitindo esta noite.

Inundado em satisfação, ele tinha estado sorrindo, ou na beira pela última meia hora. A afetada Senhorita Ashwin tinha se lançado sobre ele, fazendo o ancião demônio se sentir como um adolescente fraco.

Ela estava lasciva, não ocultando nada dele.

Mesmo quando ela usava as delicadas pérolas.

Ele nunca tinha imaginado um senso de perfeição assim. E se ele tivesse colocado um bebê nela? Novamente, ele sorriu. Minha fêmea e minha criança.

Se Holly achava que Cadeon podia perturbar a paciência dela, imagine como seria com esse projeto de demônio.

Talvez filhas valquírias e filhos demônios...

O telefone dele tocou, o lançando de volta para sua deserta realidade. Ele se arrastou da cama para responder, sabendo quem seria.

Rök tinha checado várias vezes no dia. E nunca com notícias boas...

Cade perguntou:

—O que você tem?

—Não muito. É como se eles tivessem sido avisados, toda vez que nós chegamos perto de Néomi.....

O prazo final estava ficando próximo. Com cada noite que a tripulação dele não pudesse achar a Noiva do vampiro, as esperanças de Cade encolhiam. Ele deveria manter o seu bando polindo a cidade?



Ou começar a planejar a idéia mais arriscada dele: uma agressão na fortaleza de um feiticeiro.

—Nós daremos a isto sete noites mais.

—Eu estou... feliz? - Holly disse em voz alta, com uma careta. Sim, durante a última semana na cabana isso foi o que ela tinha estado sentindo. Satisfação.

Enquanto ela se endireitava, esperando pelo computador carregar no carro, ela achou difícil se concentrar em limpar. Essa foi a primeira vez.

E ela poderia estar até mesmo mais que meramente feliz.

Os pais de Holly tinham tido aquele tipo de amor tão raro que somente se lê. Talvez acontecesse mais freqüentemente do que Holly pensava.

Talvez acontecesse... comigo.

Seu demônio tinha saído somente a uma hora, ele estava fora no gelo pescando e ela já sentia falta dele, sentia falta da voz e dos passos pesados. Ela almejava o viciante cheiro dele, frio, pinho e Cadeon.

Mais cedo, ele tinha dito:

—Se eu passar pela dificuldade de pegar, limpar e cozinhar peixe, então você passará pela dificuldade de comer.

Por ele, ela iria... tentar.

A última semana com ele tinha sido incrível. Ela regularmente experimentava como era um dia quebrado por turno de sexo. Na realidade, Cadeon simplesmente a achava, onde quer que ela estivesse, e a tomava.

Ele era insaciável. Até mesmo dormindo ele crescia excitado. A ereção dele endureceria contra o traseiro dela, e enquanto ele rosnava suavemente na orelha dela, se balançava contra ela.

Ela o acordava mais de uma vez procurando também, o que o deleitou claramente sem fim.

A coisa mais estranha sobre sexo era que ela não tinha nenhuma mania estranha com isto. Esta era a única área na vida dela onde era normal.

Bem, se você pudesse chamar a necessidade dela de ser dominada por um demônio de normal.

Cadeon também tinha continuado seu treinamento, trabalhando com a espada e com o diamante. Ela podia quebrar o olhar fixo, três entre dez vezes, mas só se ele ameaçasse o computador dela.

Eles jogavam jogos de caça e esconde-esconde. A visão noturna dela estava quase perfeita e poderia saltar seis metros no ar com a facilidade de uma reflexão tardia. Ele tinha lhe ensinado a esfregar agulhas pínneas em cima dela para mascarar o cheiro e ela ficou tão furtiva que podia espia-lo de fato das árvores.

E ela continuou o próprio trabalho, empurrando para terminar seu código de forma que quando esta indagação estivesse terminada, ela poderia fazer nada mais que desfrutar do seu demônio.



Só duas coisas arruinaram este tempo. A primeira eram as chamadas reservadas dele. Fora, ela o ouvia estalando em Demonish, passeando de um lado para outro entre as árvores limpas. Então quando ele voltava, sempre era distante com ela, levando tempo para relaxar novamente.

A segunda era a atitude dele sobre o futuro. Toda sua pressão e pressa para atravessar o país tinham... Esfriado.

Até mesmo depois que ela tinha sido reivindicada, ele não falou sobre o futuro, evadindo o assunto se ela o expusesse. No princípio, ela tinha tido inseguranças, desejando saber se tinha feito algo para desapontá-lo ou afastá-lo.

Mas isso era ridículo. Eles eram bons juntos, pessoas melhores do que eles eram separados.

Não, ela se sentia confiante de que ele a queria tanto quanto ela o queria.

Ela estava confusa...

—Você sentiu minha falta, mestiça? - ele perguntou da porta.

Ela correu e saltou nos braços dele.

—Terrivelmente.

—Eu tenho uma surpresa para você.

—Deixe-me adivinhar, é um peixe? - Ele beliscou a ponta da orelha dela o que sempre lhe dava calafrios. - Pegue seus apetrechos e me encontre lá fora. O tempo está agradável.

A surpresa era um saco de estopa cheio de neve, pendurando de um galho.

—Gee, Cadeon. Eu não peguei nada para você.

—É para prática de espada.

Ela pegou a espada dele com um longo suspiro de sofrimento, embora secretamente desfrutasse deste treinamento.

Quando ele limpou sua captura e a instruiu.

—Empurre, apare, contra ataque, torcendo o bloco, acerte. Legal. É isso, mestiça.

Até mesmo no ar seco, ártico, ela estava trabalhando com suor. A luta dela estava melhorando. Ele até tinha dito que ela estava melhor que algumas guerreiras que ele tinha enfrentado no campo de batalha.

Holly não sabia se isso era verdade, mas sabia que não era mais cômica.

—Técnicas de lutas clandestinas de espada. - Ele disse. - Me dê duas.

Enquanto continuou o treinamento em cortar ataques, ela disse:

—Obscurecer a visão do meu inimigo lançando algo como minha jaqueta em cima da face dele ou areia nos olhos. E segundo, eu poderia ferir a perna avançada do meu oponente.

—Por que?

—Levar sangue de qualquer modo que eu puder, porque sangue iguala a força.

—Muito bom. Aqui vai um novo. Às vezes você pode levar um golpe para ver o que seu oponente tem, ou os deixar pensarem que você é fraco - ele continuou. - Eles se porão superconfiantes, especialmente com uma garota minúscula como você.

Ela acenou com a cabeça.

—Ou você pode fingir um dano. Como arrastar sua perna para acalmar um predador. Assim você dá um pouquinho, para adquirir muito.



Ela gelou a mente zumbindo.

—Oh, meu Deus é isso!

—O que?

—Meu código, como identificar os inimigos de amigos. Dê um pouco! Em criptografia quantum nenhuma medida ou descoberta pode ser feita a um diálogo de dois sem perturbar o sistema, assim afastando o estranho...

—Uh, sim?

—Se você sabe que o hacker está lá, você o deixa entrar! Você o deixa levar informação! Ele se porá mais agressivo, então venha com BFC, e você acabará com eles. Você não tem que ter um código irrompível. Você somente tem que infectar seus próprios dados, projetando isto de forma que quando deixar o ambiente de seu sistema, não possa sobreviver. Se corromperá, junto com tudo ao redor.

—Vá! - ele ordenou. - Deixe de falar e consiga isso no seu computador então.

Com um riso ela correu para o laptop.

—Mas se lembre. - ele chamou - claramente, sexo ajuda matemática. Logo...

Tarde naquela noite, eles se deitaram empacotados na pequena cama juntos. Correndo os dedos para cima e para baixo no tórax dele, ela disse:

—Você está arrastando seus pés para chegar a Groot.

—Eu estava apressado por você antes. Nós temos dias antes do prazo final de lua cheia. E levará só um dia de direção pesada para chegar lá. Agora que você quer ser uma Valquíria, nós temos tempo.

—Então fale comigo. Me conte mais sobre você, como por que você pensaria que tinha perdido a coroa de seu irmão.

Ele gostou de como ela formulou isso, como se ela não acreditasse nisso.

—Era suposto que eu fosse para Tornin, a capital de Rothkalina, me levantar como cabeça de estado até que Rydstrom voltasse da guerra com a Horda de Vampiros. Eu não fiz. Eu estava contente com minha família adotiva e eles precisavam de mim.

—É por isso que você foi culpado? - ela perguntou em descrença.

—Omort viu isto como um sinal de fraqueza e atacou. - Cade tinha tentado derramar a culpa, se falando que tinha havido mil fatores em jogo. Ainda durante estes longos anos, ele viu exemplos de catástrofes causados pelas menores escolhas ou ações continuamente. -Espere, você disse sua família adotiva? Você teve irmãos adotivos e irmãs?

—Sim. - Ele engoliu. - Mas eles foram todos assassinados pelo exército de Omort.

—Oh, Deus, Cadeon, eu sinto muito.

—Revenants atacaram nossa fazenda.

—Eu li sobre eles. Um feiticeiro reanima um cadáver, elevando-o da morte, certo?

Ele acenou com a cabeça.

—Desde que a criatura já está morta, não pode ser morta novamente.

—Como você luta contra eles?



—Só quando você mata o feiticeiro eles podem ser destruídos. O que é um problema desde que Omort não pode ser morto sendo decapitado ou com calor sobrenatural.

Ela perguntou:

—Você se culpa pela morte de sua família adotiva também?

Ele lhe deu um aceno severo.

Os olhos dela estavam tristes quando disse:

—Você tem carregado essa culpa por novecentos anos? E sobre a declaração de que o tempo cura todas as feridas?

Ele encontrou o olhar dela.

—Essa é uma mentira.

—Eu quero lutar. - ele contou para Rök depois que ela tivesse dormido. Ele iria mobilizar as coisas.

—Você está seguro? Pense de quantos modos esse ataque pode ser arruinado. Você estaria arriscando a vida de seu irmão e a liberdade de seu reino por uma mulher.

—Não só uma mulher. Minha mulher. - Ele tinha percebido esta noite que se Holly se pusesse ferida sob vigilância dele, então ele teria feito a mesma coisa que tinha se culpado mil vezes, falhado com ele mesmo.

—Me dê mais uma noite. - Rök disse. - Nós podemos adquirir as suas coordenadas em quatorze horas se nós tivermos que o fazer.

Continuar procurando a mortal ou ir adiante?

—Não, nós estamos sem tempo. - Cade disse. -Eu não posso desperdiçar isso. Nós vamos para a guerra.

Depois que ele desligou, Cade se uniu a Holly mais uma vez na cama, contemplando-a, dormindo pacificamente.

O que se passava naquela incrível mente, enquanto ela se virava para ele tão confiante. Estava sonhando com códigos guerreiros e fórmulas?

Ela poderia estar sonhando com ele?

Holly dormia profundamente, segura de que ele a manteria segura. Acariciando as parte de trás das garras dele em cima do braço dela, ele murmurou:

—Eu vou lutar por você.

Capítulo 40

—Que infernos você quer dizer, que não pode chegar até aqui? - Cade berrou no telefone. A transação expira amanhã. - Vocês são porras de mercenários. Eu estou pronto para ir para a guerra.

—A estrada de gelo está completamente bloqueada. - Rök disse, tendo que gritar em cima do que pareceu barulho do vento. - Esse é o único caminho daqui para aí.



—E sobre encabeçar para oeste, vindo do norte então? - Cade passeou na neve, arejando ao redor das árvores.

—Nós poderíamos, mas nós nunca faríamos a tempo.

—Risque a distância...

—Nós só podemos riscar até onde nós podemos ver o que é agora mesmo, aproximadamente, sessenta centímetros a frente. - RoK disse. Cade ouviu uma porta bater, e então o barulho de fundo escureceu. -Os ventos de neve mataram a visibilidade. E eu já inspecionei um limpador. Levaria um dia só para trazer um aqui para cima.

Cade socou uma árvore.

—Eu sinto muito amigo, mas você está por conta própria. Você tem que levar sua fêmea a Groot para adquirir aquela espada. Você não tem escolha.

Eu tenho uma maldita escolha. Foda-se a nobreza. Foda-se abnegação. Esta não é minha vida. Ele poderia virar as costas exatamente como antes. Eu quero correr com ela.

Cade poderia achar outro modo para livrar Rydstrom de Sabine. Então o irmão dele teria finalmente que aprender a viver sem a coroa dele.

Rök disse:

—Eu não estou sugerindo que você devesse de fato entregar Holly.

—Se apenas a levo perto de Groot, eu arrisco a vida dela. Eu não posso aventurá-la assim. Eu não vou.

—Olha eu não queria te contar isto, mas há mais na linha do que você pensa. Notícias do desaparecimento de Rydstrom e sua indagação escaparam. Demônios no reino estão esperando seus resultados. Cade, eles estão prontos para a guerra novamente.

—O que você quer dizer? - O povo deles tinha sido tão brutalizado que não tinham coração para revoluções.

—Se você puder reivindicar aquela espada, eles verão isto como um sinal de que uma revolta poderia ser possível. A espada virou um símbolo agora, um ponto de encontro. Eles querem ver que se uma metade dos Woede tem compromisso, a outra ainda pode cuidar dos negócios, como seja.

Como se não houvesse pressão o bastante...

—E eu tenho que te contar, as apostas apontam que a ovelha negra passará por isso. Então aqui está a estratégia: Você terá que convencer Groot de que só está lá para entregar os bens, pegar seu pagamento em retorno, e sair fora, ou ele não dará a espada a você. Assim que o convença, então o golpeie com a própria arma dele.

—Você sabe quantas coisas podem dar errado com esse plano?

—Certo, digamos que ele fique suspeito e tenha a guarda dele te escoltando para fora. - Rök disse. - Você poderá ficar completamente endiabrado agora, mudando para proteger sua fêmea. Naquele estado você poderia assumir um exército. Você poderia tirá-la de lá.

Agir como se eu estivesse fazendo o comércio, pegar a espada, matar Groot, soou muito fácil.



—E se algo disso der errado, Holly é quem vai pagar por isso. - Cade disse, esfregando uma mão em cima da face.

—Você faria isto na minha posição?

—Você não deveria me perguntar. Eu realmente não posso compreender o que você está sentindo por ela que o faria pensar em escolhê-la sobre um reino, muito menos sobre a vida de seu irmão.

Cade tinha nascido para protegê-la e ele ainda estava considerando colocá-la diretamente no perigo. Ele estava debatendo a última traição.

Para persuadir Groot que isso era somente uma transação de negócios entre muitos, Cade teria que agir como um mercenário caloso. Um que enganaria uma jovem e ingênua mulher.

O que era verdade de muitas formas.

Rök acrescentou:

—Desde seu exílio, você não voltou a Rothkalina, mas eu voltei. Não está... bom. Há muitas pessoas que contam com você.

Cade engoliu. Agora, afinal, depois de todos esses anos, é minha chance para me reconciliar.

—Rydstrom está contando com você, também. Agora mesmo seu irmão secretamente reza para que você consiga fazer isso. Até mesmo enquanto ele tem certeza de que você não vai.

Sem ser convidada, uma memória surgiu na mente de Cade de uma noite muito tempo atrás, uma noite de angústia, culpa e de dor como ele nunca tinha conhecido.

Quando Cade esteve enterrando a família adotiva, Rydstrom o tinha achado. Sem uma palavra, ele tinha levado outra pá. Lado a lado, eles tinham trabalhado juntos.

Cade tinha acabado de custar o trono de Rydstrom, e ainda assim o irmão tinha lhe ajudado silenciosamente a passar pela coisa mais dura que Cade alguma vez tenha tido que fazer...

Quando Cadeon voltou, ele estirou atrás de Holly, embrulhando seu morno, nu corpo ao redor dela.

Ele a comprimiu firmemente contra si como sempre fazia. Do lado de fora, os ventos uivaram abaixo do Ártico, chicoteando em cima da cabana deles, mas se ela sentia tão segura, protegido pelo seu grande corpo. Ela não podia imaginar nem sequer dormir novamente sem ele. Antes que sáísse, ela pensou, eu estou apaixonada por Cadeon Woede.

Capítulo 41

Eles saíram cedo de manhã, falando pouco no primeiro par de horas que eles tinham ido em direção ao norte.

—O que está errado? - Cade lhe perguntou finalmente. - Você esteve quieta. - Ele desejou saber se ela suspeitava de qualquer coisa. Ela tinha sido cautelosa com ele no passado. Mas ele sentia que ela tinha saltado com ambos os pés para ele, decidindo confiar nele completamente.

O que faria isto tudo ainda mais devastador para ela.



—Eu só estou triste por partir. - ela disse. - Talvez nós possamos ficar por aqui durante outra semana no caminho de volta? Você pode me ensinar a pescar no gelo.

Evitando os olhos dela, ele disse:

—Sim, talvez. Nix já lhe deu um modo para contactar com ela?

—Não, por que?

—Não me surpreenderia que em alguma segunda de manhã ela aparecesse, exceto, que seria bom sabermos com antecedência. - O intestino dele foi amarrado em nós enquanto desejava saber se este era o movimento certo. Havia um movimento certo? A qualquer hora, Cade fracassaria com alguém. Sentia-se errado por enganar e ferir Holly, errado em arriscar a liberdade do irmão dele, errado por ignorar as necessidades de um reino inteiro.

Ele já podia ver o olhar traído na face de Holly. Ele poderia manter a charada de indiferença, quando ele a queria mais do que tinha querido qualquer coisa na vida inteira ...?

Qualquer estrada lá tinha sido deteriorada inicialmente em um rastro primitivo, enquanto o terreno crescia mais montanhoso. Toda pequeno quilômetro, Cade teve que tirar árvores fora do caminho deles.

Ele cortaria essa viagem tão pronto que ninguém poderia lhe enviar para trás. Parte dele desejou que eles perdessem o prazo final, esperando por algo, qualquer coisa, isso o impediria de ter que entregá-la, para tirar o assunto da mão dela, assim não seria de qualquer modo a decisão dele.

Então Cade pensava no irmão e a culpa o assaltava.

Holly se recuperou. Depois de horas esgotadoras de difícil direção nas profundas montanhas, a trilha tinha começado a melhorar finalmente. Até o momento que de verdade se assemelhava a uma estrada, a floresta densa de abeto vermelho abriu em um vale pequeno.

Era antes das duas, o que significava, contudo que o sol ainda não tinha se posto, assim eles eram capazes de ver mais do espetacular cenário. Um rio de águas claras cauterizou seu modo pelo vale. Névoa rodeava sobre eles, como uma tampa leve em cima de tudo.

Cadeon apoiou adiante no volante.

—Esta área deveria ser nua, com o rio congelado. - Ao invés disso vidoeiro e árvores de álamo ainda tinham suas folhas tremendo, e não havia um único remendo de neve.

—Talvez tenha seu próprio microclima? Eu li que fontes termais podem derreter a área ao redor delas.

—Sim é provavelmente isso. - ele disse, mas ele estava distraído. Eles seguiram a estrada que corria paralela ao rio. - Olhe, é uma pequena cidade. - Holly disse, então fez uma careta.

—Uma cidade fantasma. - E ela não mais usava aquele termo facilmente.

—É uma antiga vila mineradora. Eu vi a entrada atrás de um cabo um tempo atrás. Groot deve ter montado para que pudesse ter combustível para a forja dele.

Eles passaram por uma surpreendentemente e conservada placa que lia: Prosperidade, NWT, est. 1902, população: 333.



Ao longo da água estavam quarenta ou cinqüenta construções abandonadas, cada uma parecendo ser de princípios de mil e novecentos. Elas tinham herpes de madeira para o desvio e telhado e eram austeras, embutindo aquele arrepiante e simples estilo.

Embora não houvesse nenhuma neve, um brilho claro cristalino de gelo cobria tudo, como um verniz.

—Este lugar parece literalmente congelado pelo tempo. Por que os residentes partiram? A mina explodiu?

—Eles não partiram. - ele disse quietamente, virando sobre a rua principal.

Aí então, ela notou que portas estavam escancaradas, ou pendurando em ângulos estranhos, fixas em dobradiças esticadas. Ela espiou um par de bicicletas que pareciam antigas, viradas de lado no meio da rua, como se elas tivessem sido abandonados em pânico.

—Cadeon, o que é isto?

—Wendigo. Eles atacaram aqui. Eu ouvi que estas montanhas estão abundantes com eles. Eles agem como um limite natural para Groot.

—Eu li sobre eles. Eles eram humanos, mas foram transformados em canibais. Eles comem cadáveres. Eles até... comem pessoas vivas.

Ele acenou com a cabeça.

—Primos dos ghouls, vorazes por carne e altamente contagiosos até para outros imortais. Tudo que precisa é de uma mordida ou arranhão.

—Como?

—Uma toxina emitida das garras e presas.

—Quanto tempo a transição demora?

—Três a quatro dias. - ele respondeu. - Tempo o bastante para uma vítima perceber o que está acontecendo, ver as condições disso, e então decidir o que tem que ser feito.

—O que? O que tem que ser feito?

Em resposta, Cadeon apontou fora para o lado da rua para uma árvore muito alta de vidoeiro. Laços esfarrapados balançavam de seus galhos.

—Os wendigos ainda estão aqui depois de todo esse tempo?

—Provavelmente. Eles podem sobreviver com carne de animal se eles precisarem.

Eles se aproximaram da igreja da cidade. - É o que eu penso que está na capela? - O edifício ainda era primitivo, em seus lados. Pela frente, borrifadelas coradas estiravam em diferentes arcos de pelo menos quatro metros de altura.

Ele acenou com a cabeça.

—É sangue.

—Oh, Deus...

—Os aldeões que ainda vivem e não estavam infectados se barricaram provavelmente naquela igreja. As janelas são levantadas até a borda no lado de dentro.

As portas da frente penduraram. Passando por elas ela viu bancos empilhados. Ela poderia imaginar toda a cena muito claramente. Uma vez que o bloqueio dianteiro tivesse caído, as



peças de dentro tinham sido apanhadas pelas próprias defesas. O Wendigo provavelmente tirou gritando os aldeões, os lançando ao pacote de espera...

—Cadeon, mesmo eu não estando interessada em ser novamente humana, eu estou alegre por você ter me trazido.

—Como você poderia estar? - O tom dele era quase afiado.

—Só para o caso de você precisar de mim para proteger suas costas. - ela disse, fazendo uma cara feia quando viu as juntas dele ficarem brancas no volante.

Logo que ela separou os lábios para lhe perguntar o que estava errado, ele disse:

—Ali está a fortaleza de Groot.

Quando a névoa começou a clarear, ela olhou brevemente uma cachoeira magnífica, de pelo menos cento e vinte metros de altura. Diretamente sobre isto estava... o castelo, construído na beirada da queda d'água.

Cinco torres, todas convergindo para uma central mantida em cima da água. Sobre isto, uma torre de fumaça de pedra soltava fumaça cinza. Até mesmo desta distância, a forja poderosa era visível.

—É por isso que o rio não está congelado e porque há tanta névoa. - Ele disse. - Isso aquece a água.

—Cadeon! - Ela engoliu. - Abaixo em uma rua lateral. Eu acho que há pouco vi algo correndo!

Capítulo 42

—Cadeon tinha visto também. Wendigos caçavam em bando e eles os estavam espiando.

—Eles ainda estão nos seguindo?- ela perguntou, com os olhos arregalados.

—Sim.

A estrada continuou escarpada, os levando até mais alto e mais perto da fortaleza. Ele fechou os vidros, quando pingos da queda d'água vieram tão fortes como chuva, até que eles a escalaram.

O sol tinha se posto e a lua cheia tinha começado a subir até que eles descobriram uma cerca de perímetro. Espigas de metal apontadas para fora como bastões antiquados, contudo ele poderia ver que eles estavam conectados a engrenagens. Cadeon suspeitou que eles se moveriam, se fossem perturbados.

O portão dianteiro estava sobressaindo e complexo. Uma parte rolava em uma grade para o lado e outra poderia ser elevada. Quando o caminhão estava diretamente em frente a ele, os dois componentes abriram somente o bastante para ele passar, então ambas as partes fecharam a polegadas do pára-choque traseiro dele.

Eles estavam dentro. Minutos até a hora do show.

—Não há nenhum modo de que Wendigos possam passar daquele portão. Você pode relaxar agora. - ele disse, estremecendo intimamente.



Esta parte da estrada parecia infinita a Cade. As mãos estavam úmidas no volante e, a todo momento, ele esteve tentado a voltar.

Mas ele não voltou, estacionando, ao invés disso, em frente das duas portas colossais da entrada. Feitas de ferro, elas estavam de pé por pelo menos um par de garras altas e estavam flanqueadas por tochas flamejantes do tamanho de um homem.

Quando Cade agarrou a envoltura da espada dele para amarrar nas costas, ela elevou as sobrancelhas.

—Só por via das dúvidas se nós tivermos que partir rapidamente.

O barulho da cachoeira estava ensurdecendo quando eles saíram do caminho. Imediatamente, as portas gemeram abertas, parecendo do próprio acordo delas.

—Você está pronta? - ele perguntou, tendo que levantar a voz acima do som.

—Pronta para terminar com isso!

Quando ele e Holly entraram no corredor vazio, ninguém os cumprimentou. As portas fecharam atrás deles, da mesma maneira que outra abriu pela muralha. Eles não tinham escolha além de seguir o caminho disponível, os conduzindo mais fundo para o coração do castelo. Seus passos ecoando no chão de pedra.

Por mais que Cade desprezasse Groot, a parte militar de sua mente não podia evitar ficar impressionada com o design do castelo. O plano era um sonho defensivo.

Tinham sido construídas cinco muralhas em uma formação de X, todas conectadas à torre maior no centro através de passeios estreitos. Só uma muralha estava na terra. As outras quatro construídas em cais artificiais ou pendimentos naturais na água.

Se Groot fosse atacado, ele poderia destruir o passeio da muralha de terra, e os outros seriam inalcançáveis.

Até mesmo se um inimigo decidisse se aproximar através da água, pelo menos, duas das muralhas se provariam inexpugnáveis porque elas se mantinham bem na extremidade da cachoeira.

A força da correnteza os faria impossível de se aproximar.

Um ataque não funcionaria pelo ar. A forja soltava fumaça tão densa que encapotaria o castelo visto de cima.

Quando eles atravessaram a porta distante, ela os conduziu para uma passarela em cima da água, conectada à forja. Cade olhou em cima do corrimão de pedra. Em baixo deles, a água carregada de lodo caía a cem metros pelo menos abaixo, agitando em redemoinhos monstruosos e cuspidando espuma para cima. O estrondo era tão alto que ele teria que gritar para ser ouvido.

Na torre principal, a forja tinha portas de grandes baías, que se abriam como um armazém. A área estava cheia com ferramentas de ferreiro: pinças, alicates e uma bigorna tão grande quanto um carro. Um imenso forno brilhava. Diretamente em frente à abertura da forja estava uma parede de parapeito. Dentro da torre principal eles entraram em um corredor longo, vagamente iluminado. Desde o princípio das paredes, ele viu olhos brancos ardendo, como canetas de luzes cobertas com um filme transparente. Ele cheirou o fedor de putrefação.

—O que são eles? - Holly sussurrou.



—Revenants. - ele rangeu. Imatra tinha dito que eles estariam aqui. A mandíbula dele apertou. Ela tinha negligenciado mencionar que haveria centenas deles.

—Eu pensei que só feiticeiros do mal os elevavam da morte. - Holly disse.

—Assunto standarte de feiticeiro. - Cadeon respondeu. -Todos eles os usam.

A peles dos revenants era pútrida, os corpos deles em fases variadas de decomposição e cada um deles tinha uma asquerosa espiga de metal empurrada neles.

—O que são essas espigas?

—Eu não sei. - Cadeon murmurou. -Eu nunca vi isso antes.

A abertura e fechamento de portas, finalmente, os acompanharam para dentro de um estúdio com tapetes fofos, rica madeira decorando e um fogo convidativo. O quarto confortável parecia como se estivesse faltando um inglês com um cachimbo, lendo clássicos em voz alta.

Ainda assim, ela disse:

—Eu, definitivamente, não gosto desse lugar.

—Nem eu, gatinha.

Minutos depois, um alto e musculoso homem entrou seguido por seis revenants.

—Groot? - Cadeon perguntou em um tom incrédulo.

Ela entendeu a descrença dele. Holly tinha pintado Groot como um feiticeiro frágil, de cabelos brancos, saído diretamente de O senhor dos anéis.

Ao invés disso, ele era grosseiro, os músculos inchados debaixo das calças compridas e da antiquada túnica. O trabalho de ferreiro deve ter desenvolvido seu físico.

A pele era brilhante e empalidecida, como se a única luz que ele tinha visto durante anos fosse de um fogo.

—E você é o infame Cadeon fazedor de reinos. - o feiticeiro disse. Então os fundos e pálidos olhos dele arremessaram para ela. - Bem-vinda a minha casa, Holly. Eu sou Groot o Metalúrgico.

Ele tinha um comportamento falso, olhando-a, instantaneamente, até mesmo... com sinceridade? Ela deu um passo inconscientemente mais perto de Cadeon.

Este lugar inteiro estava errado, enervante. Ela sabia no fundo dos ossos dela que esse homem era mal.

—Você tem a espada? - Cadeon perguntou.

—Sim.

—E matará Omort?

—Eu juro pelo Lore e lhe desejo muito sucesso com isto. Eu quero que você tenha sucesso. - O modo picado dele de falar parecia fora de lugar para um macho tão forte. - Eu gostaria de deixar esta combinação para outra hora. - Groot sorriu na direção dela. - Para levar minha nova noiva.

Por que ele está olhando para mim?

—Cadeon...? - ela murmurou. Quando ele não respondeu, ela encontrou seu olhar.

E viu um homem que ela não conhecia.

Nem, meramente, conhecido, ele parecia cruel agora.

—O que é isso? - ela perguntou o medo apertando seu estômago.



—É um negócio. Desculpe gatinha. Eu preciso daquela espada e Groot precisa de um Recipiente.

Os lábios dela separaram.

—Um Recipiente. - ela disse chocada. Isto não está acontecendo. Isto não pode estar acontecendo.

—Você a fez comer? - Groot perguntou.

Cadeon respondeu:

—Três vezes ao dia. - Ela se lembrou de todas aquelas vezes em que Cadeon tinha lhe urgido que comesse. Agora ela sabia por que.

Par ter certeza de que estou bem e fértil para o feiticeiro mal.

Ela não pôde adquirir bastante ar.

—Não existe reversão para minha forma de Valquíria?

—Não. Eu só precisava de sua cooperação para chegar ao meu empregador aqui.

Oh, Deus... oh, Deus. Respire.

—Eu era parte... de uma transação de negócios?

—Sim, pode-se dizer que sim.

Groot replicou.

—Seu guardião a vendeu. Por uma arma. - Ele estalou seus dedos ásperos, e aqueles tolos, soldados apodrecendo agarraram o braço dela. - A coloquem em meu quarto.

—Cadeon? - enquanto eles começaram a arrastar, ela chorou por cima do ombro dela. -Você não tinha essa intenção!

Cade friccionou os dentes, batalhando para não ir para ela com toda força de vontade que ele possuía. Quando sentiu que Groot o estudava ele se forçou a encolher os ombros.

—Nunca confie em um demônio, amor...

Antes, ele tinha se perguntando se ela desconfiava dele. Ao olhar na face dela, ele soube. Ela realmente tinha acreditado em mim. Ela tinha confiado nele totalmente.

Ela começou a lutar contra o revenants, parecendo chocada quando não pode mover o aperto deles. Quando as lágrimas caíram pelos olhos dela, a dor o apunhalou como uma faca no coração.

Mantenha isso, mais cinco minutos. Contanto que o feiticeiro estivesse com Cade, ele não estaria ferindo Holly.

Groot vai me dar a espada, eu o matarei, então irei por você. Nós tomaremos nossas chances juntos...

A porta se fechou atrás dela. Cade se forçou a respirar.

—Ela é primorosa. - Groot disse com um suspiro. - Fará este processo mais agradável.

Cade nunca tinha querido matar tanto alguém na vida dele. Este doente fodido achava que ele teria a fêmea de Cade, já estava pressentindo isto.

E Groot era o irmão da feiticeira que tinha Rydstrom. Naquele momento, Cade decidiu que ele mataria cada membro daquela família com a espada que Groot estava a ponto de lhe dar.



—O revenants, parecem ser, mais fortes do que antes. - Cade disse, com seu tom ilusoriamente casual.

—A espiga de metal. Eu posso os infundir com cem vezes mais poder, e controlar mais precisamente suas ações. Eles são uma mão na roda para se ter por perto. Eles são mais fortes até mesmo que, digamos um demônio da ira.

Holly poderia não ter suspeitado de Cade sobre nada, mas Groot tinha.

—Eu não estou aqui para criar problemas. Eu somente quero a espada. Entrar e sair.

—Muito bem. Eu a tenho aqui. - Groot disse, cruzando para um gabinete de armas. Uma vez que ele pegou a espada, ele a desembainhou.

A arma era uma coisa de beleza para se ver, brilhando na luz.

Groot começou atravessar o quarto para Cade, então hesitou.

—De fato, eu mantereí minha distância, se você não se importa. - Ele fez um movimento como se ele estivesse a ponto de lançar a espada. Uma vez que Cade elevou uma mão em prontidão, Groot lançou para ele.

Quando Cade pegou a empunhadura, sentiu uma pequena picada na mão. Trocando de mãos, ele arremessou o olhar abaixo e achou o que se parecia com um espinho prateado embutido na pele. Ele o arrancou e uma gota de sangue vazou. - Que porra é essa, Groot?- Mas ele sabia...

—Relaxe, demônio. É somente uma toxina para fazer você dormir. Seu tipo é tão suscetível a isso. Você despertará incólume a alguns cento e cinquenta quilômetros daqui sem memória de como localizar este lugar.

Pânico cego... raiva... Cade enfrentou o feiticeiro, berrando:

—Seu maldito bastardo! Eu vou dar seu coração de alimento para...

O mundo ficou preto.

Capítulo 43

Enquanto os guardas a conduziam para longe, ainda por outra muralha, Holly se sentia entorpecida com o choque. Ela se forçou a não sucumbir às lágrimas que ameaçavam.

Holly pensou que uma vez que começasse a chorar, ela nunca poderia parar.

Cadeon a tinha enganado. Ele a tinha atraído nesta armadilha, falando que ela poderia ter sua transição invertida. E então ele tinha tido certeza de que ela fosse fértil para outro homem. Holly o tinha amado, e ele tinha fingido o mesmo só para chegar aqui. Ele alguma vez tinha se preocupado com ela absolutamente?

Quando os guardas a forçaram em um quarto, lutou contra eles, mas até mesmo com a nova força dela ela não pôde ganhar nenhum terreno. As portas de entrada se fecharam audivelmente atrás deles.



A câmara estava dominada por uma grande cama com lençóis de seda pretos, uma lembrança vil do que este louco pretendia fazer com ela.

—Como Cadeon a pode trair assim...?

Não, junte isso Holly! Ela passou a manga em cima dos olhos. Ela precisava tomar nota dos ambientes. Sim, tinha estado errada por confiar em Cadeon, mas isso não significava que o treinamento dele não fazia sentido para ela ou que ela não estava a ponto de precisar disto.

Holly inspecionou a área procurando por uma fuga. Além das portas de entrada principais, havia duas outras saídas. Ela correu ao primeiro, uma porta de correr, encontrando-a fechada. Ela tentou a próxima. Também fechada. Mas se sentia fria ao toque. Tinha que conduzir para fora. Ela pensou.

A planta do castelo a confundiu, e ela tinha estado tão atordoada, enquanto eles a tinham trazido aqui que não tinha prestado bastante atenção.

Nenhuma fuga? Então ela lutaria. Esquadrinhou por armas. O olhar pousou em dois machados de batalha cruzados alto sobre uma lareira. Quando tinha enrijecido para saltar para um, Groot entrou.

A porta fechou automaticamente atrás dele. Nenhuma chave para roubar.

—Você parece chateada.

Tentando fazer a voz firme, ela disse:

—Eu somente não o vi chegando. - Grande subestimação.

Ele lhe deu um olhar descrente.

—Nem mesmo um pouquinho?

Ela friccionou os dentes. Ela recordou como nunca confiou completamente no demônio no princípio, sempre tendo aquela dúvida mesquinha. Mas tinha se forçado a ignorar a apreensão.

—Bem, eu estou seguro que ele te fez promessas muito sérias para ganhar sua confiança. Ele a fez acreditar na história da fêmea predestinada? - Quando Holly evitou seus olhos, ele exclamou: - Oh, ele fez! - Com um suspiro, disse ele: - Eu temo que você tenha caído no truque mais velho do Lore.

Espera... Ela esteve em frente dele novamente com o queixo erguido. - Há modos de dizer se fosse verdadeiramente a fêmea dele. Eu tive prova.

—E quem te informou do que aquela prova poderia ser?

Oh, meu Deus. O coração dela caiu. Cadeon tinha mentido, obviamente, também sobre certos aspectos da fisiologia dos demônios de raiva. Eu sou uma idiota! Como ele deve ter rido pelas costas dela.

—Cada uma das coisas que ele te contou era mentira. Elas vêm mais facilmente à língua dele do que a verdade.

—Mas Nïx também me falou...

—Nïx? Você confiou naquela criatura maluca? Ela joga com destinos. Se diverte. Quando você vive aquele tanto, eu suponho que leva entretenimento onde você pode adquirir.

Traída por Nïx também.



—Agora, nós dois sabemos por que você está aqui. - Groot disse. - Você vai fazer isto mais desagradável do que precisa ser?

Pense! Coopere. Ganhe tempo.

—Não. Eu estou cansada de correr. Eu estou cansada de atirarem em mim. Qualquer um que pode me manter viva e escondida parece muito bom nesse momento.

—Precisamente. Eu mantereí você protegida aqui. Você está muito melhor sem Cadeon.

—E eu estou doente de ser traída. Pelo menos eu sei de início que não posso confiar em você.

—Valquíria inteligente. Agora, eu só preciso ter certeza da partida do demônio. - Ele cruzou a porta fina e abriu automaticamente. Ele entrou em uma sala de espera pequena que continha o que se parecia uma barraca de controle de mestre, com duas filas de telas de TV e monitores, teclados múltiplos e pelo menos quatro CPUs zumbindo.

O mantenha fora de guarda.

—Sistema agradável. Você sabe o caminho para o coração de uma nerd. - Ela viu que todas as telas estavam alimentadas com imagens de câmeras de vigilância. - Mas muito paranóico?

O tom dele era divertido quando disse:

—Não é uma coisa fácil quando o feiticeiro mais poderoso do mundo te deseja morto.

—Por que a tecnologia? Por que não usa magia?

—Eu uso ambos. - Ele apontou a um dos segundos monitores da fila. - Aquele portão exterior é misticamente protegido. Você poderia colidir um tanque com ele e o portão não moveria uma polegada. Só pode ser aberto por este controle.

Ela elevou as sobrancelhas dela para a tela. - Esses são Wendigos. - Os que tinham seguido a caminhonete deles.

As faces deles eram longas e desfiguradas, como se o humano normal neles tivessem sido esticado. Cabelos pegajosos cresciam por toda parte em remendos na pele ficando cinzenta. Eles tinham costas curvadas e corpos magros. Alguns ainda usando restos de roupa.

Os olhos vermelhos deles ardiam com uma fome sobrenatural.

—Sim, meus bárbaros no portão. Eles são guardas excelentes, viciosamente protegendo o vale. - ele disse, soando admirado. - Alguns raramente seguem o veículo, almejando carne fresca. A maioria fica na cidade.

Carne fresca. Holly abafou um clarão, a raiva dela subindo. Ela não podia deixar de pensar naqueles aldeões apanhados naquela igreja. A última visão deles tinha sido estas bestas horrorosas...

Os pensamentos dela foram suspensos por uma exibição em uma das muitas telas. - É essa... é essa a cabana em que eu estava?

—Oh, sim.

Não vomite, não vomite.

—Você nos espiou? - Ela nunca tinha odiado alguém tão instantaneamente e tão violentamente quanto fez com esse bastardo.



—Você pensou que não havia nenhuma razão para tal posto de checagem tão inócuo? Se parece tão rústico, que você nunca suspeita das câmeras. Inicialmente, eu as tinha instalado para ter certeza de que vocês dois não estavam conspirando contra mim. Entretanto, tiveram outros... benefícios. - Ele direcionou a mão áspera para ela, e ela se forçou a não recuar enquanto ele roçava a bochecha dela. - Quanto mais eu assistia, mais eu a queria.

A humilhação e repugnância que ela sentia estavam dominando.

—Eu mal podia esperar que você fosse entregue a mim, mas o demônio quis te desfrutar primeiro.

Uma vez que os olhos dela deixaram de molhar, eles focalizaram na face dele. - Então você sabe que há uma chance de que eu poderia estar grávida com um bebê do demônio.

—Eu suspeito muito. Ele é tão provável quanto eu de gerar o mal.

—Ele é?

—Ele é conhecido no Lore como um assassino brutal. Mas eu quero que o bebê seja meu. Se você estiver grávida, eu cuidarei disso.

—Cuidar diss...? - estalou nela o que isso queria dizer. - Por que você iria querer uma criança absolutamente?

—Para possuir o guerreiro do último mal. Eu quero moldá-lo, dar forma a ele.

Olhando longe, ela estudou as telas, tentando determinar a planta do castelo, achar uma rota de fuga. Ela sentia como se estivesse em um vídeo game. Nível um, derrotar o perverso. Nível dois, se meter com exército de revenants. Nível três, roubar um veículo e evadir Wendigos. Outra tela chamou a atenção dela. Ela piscou. - Isso é uma... fêmea revenant? Eu pensei que somente homens levantavam da morte.

Groot deu a ela aquele perturbado sorriso.

—Fica solitário por aqui.

É isso. Ela sentiu o gosto de bÍlis na boca. - Você quer saber? Eu não posso fazer isto. Sem subterfúgio. Você é simplesmente muito revoltante para eu fingir.

O demônio que ela tinha pensado que amava a tinha entregue a um monstro que dormia com corpos de cadáveres reanimados.

A traição matemática de Tim era agora cômica.

—Nesse caso, eu terei que insistir que você aceite meu presente de boas-vindas imediatamente. - Ele abriu uma gaveta e retirou um estojo forrado de feltro. Dentro descansava uma espiga brilhante, parecendo com uma nova gravata polida de ferro.

—Para que é isso? - ela exigiu.

Ele levantou a tampa, indo em sua direção.

—Substitui suas vontades pelas minhas.

As espigas na cabeça dos revenants.

—Você pensa que vai pôr isso na minha tÊmpora. - As garras dela afiaram como punhais. Ela as usaria para rachar a garganta carnosa dele. Nunca hesite.

—Só doerá durante alguns meses, até que sua cabeça cresça ao redor disso permanentemente.



—Só por cima do meu cadáver, Groot. Eu lutarei com você até a morte sobre isso. Eu vou...
De repente o maior diamante que ela alguma vez tinha visto apareceu.

Por detrás das costas, ele tinha tirado uma pedra brilhante do tamanho da palma de sua mão.

—Olha como brilha Valquíria.

Luz sem defeito, cilindros de brilho. Ela o fitou forçada. Tenho que afastar o olhar. Ou eu cumprimentarei um destino pior que a morte.

O pânico fez seu coração trovejar. Quebre o olhar! Eu posso fazer isto...

—Seus olhos cresceram prateados. - ele disse, a voz se pondo grossa. Quando ele estava diretamente em frente a ela, elevou a espiga. - Somente relaxe para mim, Valquíria...

A mão dela levantou para arrebatá-la entre as pernas.

Ela quebrou o olhar exatamente quando os olhos dele se arregalaram. Ele derrubou o diamante e a espiga para verificar o dano. Ela puxou abaixo com toda sua força, assobiando:

—Isto somente doerá por pouco tempo. Somente relaxe para mim.

Quando ele se dobrou, ela usou a mão livre para empurrar a face dele para baixo, enquanto encaminhava o joelho para ela.

Ruído. Uma vez que ele desmoronou com um gemido amortecido, ela girou ao redor, a ponto de saltar para um machado de batalha, mas revenants invadiram. Ele deve ter soado algum tipo de alarme silencioso.

—Segurem-na! - ele ordenou do chão, esfregando a palma em cima da face sangrando. Com um grunhido, ele abateu a espiga, então ficou de pé novamente.

Os guardas correram para ela. Ela contou vinte com espadas e armadura. Múltiplos combatentes vindo para ela. Precisava correr, mas a saída principal estava bloqueada. A segunda porta conduzia para a central de controle. A cabeça dela balançou na outra direção. Só uma opção.

Sair por estas portas, ela embarrilhou o ombro nelas com um grito. Elas estouraram abertas.

Ela surgiu adiante sobre uma sacada, diretamente em cima da beirada da queda. As portas realmente tinham conduzido para fora.

Apanhada. Em frente a ela, revenants bloqueavam o caminho de volta. Atrás dela uma queda de cento e vinte metros de altura.

Quando Groot acotovelou pelos guardas, se aproximando com aquela espiga na mão, ela saltou sobre o corrimão de pedra escorregadio.

—Desça Valquíria. - ele gritou em cima das quedas barulhentas. - Você não sabe o que está fazendo.

Tenho que correr. E só havia um lugar para ir. Para baixo.

Argumentando planos: Pule na cachoeira, possivelmente perder a cabeça o que matará até mesmo um imortal. Se eu sobreviver, flutuar diretamente para antros de Wendigos para ser comida viva.

Ou aceite a espiga.

Ela poderia se forçar a fazer este pulo de fato?



—Você não sobreviverá a isso. - Groot mordeu fora. - E se por algum milagre, você fizer, desejará aos deuses que não tivesse feito.

Capítulo 44

O grito dela tinha rasgado a escuridão da mente dele, começando a retirá-lo do abismo. Lutar...

A eletricidade dela picou em sua pele, como se recusando a deixá-lo ficar caído. O trovão prosperou insistentemente ao redor dele.

Ela está em perigo. Precisa que eu lute...

O instinto de demônio começou a mexer dentro dele, despertando sua consciência, lutando contra os efeitos do veneno.

Dois guardas estavam arrastando Cade para longe dela. Mais longe dela com cada passo ao que ele não resistia.

De alguma maneira ele abriu os olhos. O sangue dele começou a bombear mais rapidamente, abastecendo os músculos, alimentando a ira dele.

Com um berro, ele se lançou de pé, empurrando os dois guardas para longe. Quando eles brandiram as espadas, ele desembainhou a espada nas costas dele, fazendo uma careta por um breve momento.

Era a de Groot. O bastardo de fato tinha mantido as condições da barganha deles, pondo a espada dele na bainha de Cade.

Elevando a arma do feiticeiro contra os próprios guardas dele, Cade cortou aos dois. Antes que eles pudessem levantar novamente, ele só passou por eles em direção ao caminho da forja.

Dúzias deles convergiram, sufocando o caminho estreito. E não havia nenhum modo de que Cade pudesse chegar a Holly sem atravessar a forja.

Embora o veneno estivesse dissipando, ainda estava cegando a transformação dele, o impedindo de mudar completamente.

E os inimigos dele não podiam ser destruídos. Ele os matou novamente e novamente com a espada, mas eles levantavam cada vez. A arma era inútil contra eles.

Cade embainhou a arma de novo nas costas. Inspecionando a cena, ele percebeu o que tinha que fazer. Ele os carregou, levando os revenants para o lado da estrada na água. Ele pensou que a corrente os pegaria, varrendo. Cadáveres... encontrando os comedores de cadáver.

Ao invés disso, eles afundaram como pedras com a armadura pesada.

Os lançando, ele fez o caminho dele à forja. Dentro tinham três passarelas a torres diferentes. Qual escolher? Mais revenants apareceram. Onde o bastardo tinha levado Holly?

A pergunta dele foi respondida quando pegou a visão dela.

Ela estava sobre uma grade da sacada, na borda direta das quedas.



Enquanto ele freneticamente batalhava para chegar até ela, ela deslizou, acenando os braços por equilíbrio, roubando a respiração dele.

—Holly! - Mas ela não pode ouvi-lo em cima dos barulhos das quedas.

Com o cabelo chicoteando no vento, ela varreu um relance em cima dos adversários dela. Apanhada. Ela sabia que não podia lutar com eles.

—Holly, não!- Cade rugiu, cobrando por ela. - Não faça isto!-

Ela tragou... então pisou para fora da borda.

Ah, deuses, não! Com o coração na garganta, ele correu para mergulhar logo atrás dela. Ele ouviu Groot gritar para ele vagamente. Quase na grade, enrijecendo para o cercar.

Como um tiro, o corpo dele voou pelo espaço, colidindo com a parede da forja, fixado lá por uma dúzia de espadas.

Ela bateu na água com uma força arrebatadora, um grito rasgou do peito dela.

Redemoinhos a agitaram, a mantendo submersa. Não podia adquirir ar.

Chutando desesperadamente, ela estirou os braços até a superfície que ela pôde ver, mas não pôde alcançar.

A corrente subaquática a agarrou, puxando-a rio abaixo como uma bala em um barril de rifle. A força a fez chocar contra um pedregulho, ela se agarrou nisso com as garras, rabiscando para cima do fundo. Finalmente, ela quebrou à superfície, chupando ar, mas as ondas logo a inquiriram de seu santuário, a lançando como lixo.

Uma árvore caída à frente. Ela nadou freneticamente para ela.

Não posso perder isso. Somente ali... Quase lá... Isso!

Ela o usou para se puxar, então rastejou com mãos e joelhos para cima da costa rochosa.

Eu fiz isto. Com cada respiração quebrada, ela tossiu, uma agonia nas costelas. Eu sobrevivi. Eu...

A orelha dela se contraiu. Ela arrastou o olhar para cima. E encontrou olhos vermelhos que ardiam com uma fome sobrenatural. Por ela.

—Se você não me libertar, ela vai morrer! - ele berrou enquanto Groot chegava a ele. Cade nunca tinha querido tanto qualquer coisa como ele queria ir para cima daquela borda. Com toda sua força, ele se contorceu, fatiando a pele dele nas espadas, mordendo à própria carne para se pôr livre. - Ela provavelmente não terá sobrevivido a queda. - Groot disse, beliscando o nariz e estalando de volta no lugar. - Mas se ela o fizesse, você realmente esperaria que eu o deixasse ir com a fêmea, a espada e minha localização secreta?

—Foda-se a espada! - Afinal, Cade estava transformado completamente. - Fique com ela! E eu jurarei pelo Lore... não contar deste lugar.

—Mesmo se a Valquíria sobrevivesse, ela será infectada ou será comida antes que qualquer um chegue a ela. Além disso, haverá outro Recipiente em alguns séculos. E tudo que eu tenho é tempo.

Cade rugiu com fúria, seus chifres estirando, afiando, as presas e garras alongando.



—Eu realmente tinha esperado que você matasse meu irmão, mas agora eu vejo que você não pode ser controlado.

Você não tem idéia.

Groot enviou outra espada voando direto para o pescoço dele. Em uma pressa de sangue, Cade rasgou livre, abaixando debaixo da espada se poupando por uma polegada. Mais uma vez, ele serrou para a grade, quase na beirada... Pensamentos cresceram nebulosos no estado de raiva dele. Chegar a minha fêmea... protegê-la... o próprio Groot se lançou para Cade com a força de um trem de carga. Ele lançou um braço grosso ao redor do pescoço de Cade. - Eu posso apertar a vida para fora de você, demônio...

Ele queria chegar naquela maldita borda! Cadê lançou a cabeça para trás, seus afiados chifres afundaram na face de Groot como as presas de uma víbora.

O feiticeiro desmoronou, imediatamente, paralisado, revenants desceram em Cade.

Ele sem pensar os cortou com garras, chifres e presas. Mas eles não podiam ser mortos contanto que o mestre deles vivesse. Cade balançou o olhar em Groot, então lutou para passar por mais guardas até ele.

O feiticeiro jazia com seus grotescos músculos, apertados, olhos arregalados, registrando tudo, mas incapaz de se movimentar.

Arrebatando o grande corpo dele, Cade batalhou para chegar à forja, levando empurrões de espadas, rosnando em fúria com cada golpe. Na extremidade, ele ergueu Groot para cima.

O bastardo tinha se recuperado o bastante para implorar:

—Por favor...

Com um rugido, Cade o jogou no fogo. Chamas consumiram o corpo de Groot, então chamejou muito para ser contida na pilha de fumaça. O castelo inteiro estremeceu.

O castelo rachou, pedras começaram a cair. Cade encarou os revenants parados entre ele e a água. O próximo que ele matou permaneceu morto. Mas a fortaleza não aguentou, continuando tremendo em seus apoios. Ele sentia calor crescendo ao redor dele...

Cade lutou mais próximo da borda, para Holly, para protegê-la.

Tão perto...

O forno estourou, explodindo a forja, vomitando metal fervente. A explosão o engolfou, arremessando o corpo seco dele em uma parede. Ele caiu no chão. O chão começou a desaparecer em baixo dele, o castelo indo embora.

Capítulo 45

A explosão ao longe distraiu o Wendigo tempo o bastante para Holly fugir e correr além deles. O céu choveu brasas, enquanto explosão atrás de explosão balançava o castelo, torres desmoronando.



Segurando as costelas, ela correu abaixo pela beira do rio, deslizando nas pedras. O Wendigo a perseguiu, correndo com um serrar, andadura desigual, as longas garras como facas descobertas.

Mais emergiram das sombras na frente dela, forçando-a a correr de volta para a cidade. Ela se deu conta de que eles a estavam manobrando, mas não havia nada que ela poderia fazer sobre isto. Uma vez na rua principal, ela escaneou a área. Os olhos deles ardiam fora ao redor dos cantos de edifícios, de telhados, de dentro de casas. Dúzias deles.

Preciso de uma arma... qualquer coisa.

Lá! Atrás de uma casa. O olhar dela caiu em um machado de madeira comum, entalado em um toco. Ela mancou para ele, enquanto libertava o machado. Adquirindo um aperto bom, ela o balançou, ficando acostumada enquanto media o tamanho dos inimigos.

O Wendigo espiou mais perto.

Monstruoso. De perto, ela viu que eles tinham presas que gotejavam e cheiravam a carne podre.

Não haveria cortes com o machado, ela não poderia dispor de ter sua arma presa em um dos corpos. Não, ela usaria balanços de força completa, tirando suas cabeças, completamente, dos pescoços.

Justamente quando o maior enrijeceu para saltar sobre ela, a noite virou dia. A última torre poderosa estourou em uma plumagem de fogo, banhando o vale em luz.

Os noturnos, moradores do norte Wendigos protegeram os olhos deles. Enquanto eles protestaram com molhados assobios, ela correu além da linha deles.

Ela lançou um olhar atrás. Eu estou correndo mais que eles! Eles não a puderiam pegar. Quando chegou na extremidade da cidade, ela os tinha deixado no pó. Livre! Ainda correndo, ela passou a placa.

E reduziu a velocidade...

Prosperidade.

Trezentos e trinta e três aldeões tinham buscado fazer uma vida aqui. Não tinha havido nenhuma prosperidade esperando por eles - só terror, então mortes horríveis, agonizantes.

Eles tinham estado aqui por uma promessa que era de longe, diferente da realidade. Exatamente como ela.

Atraída pela esperança de uma vida melhor, ou pelo amor de um demônio, o que importava? Ela parou a respiração congelando no frio crescente. O Wendigo pensou que outra refeição estava aqui para eles. Uma fúria penetrante floresceu dentro dela. Quanto eles gostariam de ser a presa por uma vez?

Fúrias são predadoras. Valquírias são guerreiras. Eu sou ambos.

Algo dentro dela... clicou. Coisas ficaram claras.

Ela virou de volta, inspecionando a cidade. Sem o calor da forja, aguaceiros começaram a rodar.

A velha Holly estaria gritando que isto não era racional. Mas ela não era a velha Holly. Fixando brevemente abaixo o machado, ela torceu as roupas e os cabelos, então bateu o gelo fora



de um galho de uma sempre-verde. Ela esfregou as agulhas por toda parte dela, disfarçando o cheiro.

Ela voltou, rastejando ao redor de edifícios, enquanto fez o caminho até a capela. Na entrada, ela se jogou para dentro, o olhar calculado chamejando em cima das janelas subidas até a borda. Machado na mão, ela saltou para cima sobre uma das vigas expostas. Abaixando lá, ela reduziu a velocidade de sua respiração, acalmando o coração. Esperando. Um por um, eles entraram, caçando, sentindo. Ela inclinou a cabeça, olhando com olhos desapaixonados os adversários como sua mãe antes dela.

Quando a capela estava cheia, um raio flamejou em cima do vale. O maior finalmente içou sua cabeça para cima.

Com um grito agudo, ela pulou para baixo entre eles e a única saída.

Ela vive.

Cade se forçou a abrir os olhos uma vez mais. Ela tinha gritado não de medo, mas de fúria.

A explosão o tinha catapultado todo caminho até o vale. O impacto mutilou o corpo dele, lascando ossos para fora das coxas e antebraços.

Mas ela vive. E ela estava mais uma vez em perigo. Friccionando os dentes, ele começou a empurrar ossos de volta debaixo da pele, enquanto contemplava ao redor, cauteloso para os inimigos.

Por que ele não tinha sido atacado por wendigos? Por que eles não foram atraídos pelo cheiro do sangue dele?

Embora ele ainda não pudesse estar de pé, ele a localizaria de alguma maneira. Ela tinha acreditado em mim.

Ele fodidamente rastejaria para ela se ele tivesse que fazer.

Exatamente quando estava a ponto de empurrar o fêmur de volta no lugar, ele acalmou. Aquela maldita espada...

Ainda estava amarrada nas costas dele.

—Aonde eu vou agora? - ela sussurrou, enquanto fechou as portas da igreja atrás dela. Não havia nenhuma resposta, nada mais que silêncio ecoando.

Ela tinha varrido a morte daquele lugar. Ainda que ela sentisse um pouco da satisfação que tinha esperado, só arrancado o intestino com tristeza da traição de Cadeon.

Tão sozinha...

Quando ela alcançou a borda da cidade uma vez mais, as roupas dela e cabelos tinham gelado. Gelo formou nos cílios dela.

Enquanto se recolheu em círculos atordoados, estremeendo de frio e choque, ela sentiu um calor de cima.

Ela elevou a face em confusão.

As luzes do norte.



Eles ondulavam e flutuavam tão pacificamente, chamando-a, acenando como braços abertos. Sem pensar, Holly correu apressadamente para elas, no escuro da floresta, sem outro pensamento que seguir as luzes...

Capítulo 46

Holly o tinha iludido durante quatro dias, mas Cade era rápido no rastro dela, puxando o traseiro abaixo de uma estrada congelada para outra cidade mineira. Ele teve mais gente dele procurando a zona rural por ela.

Cade a tinha perdido em Prosperidade aquela noite. Depois de achar uma cena de carnificina, Cade tinha se dado conta de que a razão, porque ele não tinha sido atacado por Wendigos, era porque ela tinha matado todos até o último, salvando a vida dele sem saber.

Depois disso, ela não tinha encabeçado para o sul como qualquer outro na posição dela teria feito. Se ela tivesse ido naquela direção, então ela teria sido apanhada no mesmo gargalo de garrafa que tinha bloqueado os homens dele.

Nem tinha ido para o leste, seguindo o rio ou a estrada por terreno mais fácil.

Ela tinha ido para o noroeste, diretamente no coração das montanhas.

Por casualidade, ele tropeçou no rastro dela, depois de ter espiado um mineiro com um olho preto e um braço quebrado. O homem tinha ficado cuidadoso quando deram a descrição de Holly.

Aparentemente, ela tinha limpado o relógio dele. Boa menina...

Cade tinha quebrado o outro braço do homem por ter dado problemas a ela.

Uma vez no rastro dela, Cade tinha podido localizar seus movimentos prontamente porque os homens nos Territórios se lembravam dela. Na morte do inverno, não muitas fêmeas ficavam ao redor, muito menos, uma bonita.

No local onde o mineiro, previamente, tinha ficado Cade tinha sido dirigido à próxima cidade ao norte. Lá, Holly tinha vendido o relógio por uma única refeição e um par de raquetes de neve, então fez o caminho a pé para outro acampamento. Uma vez que ela tinha fugido pelo pior de uma tempestade, ela tinha começado a escorregar agora para a cidade mineira para qual Cade acelerou.

Ele acreditava que estava só algumas horas atrás dela, ele a acharia lá. O pensamento o fez aumentar a velocidade.

Ela estava sem dinheiro e não tinha ninguém para ligar. Ela não contataria os amigos humanos e não tinha o número de Nix. Não que ela chamasse a tia de qualquer maneira. Holly tinha que saber que Nix tinha estado desde o princípio dentro do esquema.

O esquema... o olhar de Cade chamejou em cima da espada embainhada apoiada no assento do passageiro.

Cade odiou a mera visão dela, uma lembrança constante que ele tinha sido forçado a escolher novamente.



Antes, ele realmente não tinha entendido o termo - buraco victory -, uma vitória é uma vitória, então o que tem para não gostar? - mas agora ele entendeu.

O nunca-faz-bem tinha finalmente feito bem.

E ele nunca tinha se sentido mais como um fracasso.

Por causa dele, Holly estava em perigo constante, sem dúvida amedrontada e confusa. Sim, ela era mais forte, mas ela ainda era tão jovem e quase nunca tinha deixado Nova Orleans, muito menos escorregado pelos Territórios pelo inverno.

A preocupação por ela o estava castigando. Na vida dele, Cade tinha sido torturado muitas vezes. Ele tinha estado um tendão de distância de ser decapitado. Nenhuma dessas provações chegou perto da dor constante no peito dele...

Cade estava apaixonado por ela. Maldição, ele queria sua mestiça de volta.

Holly amontoou abaixo em uma ruela lateral, sentando em um montículo de neve suja. Mais dos materiais vis estavam descendo molhados. Se ela nunca visse neve novamente...

Ela não tinha idéia de onde estava. Ainda outra cidade mineira estéril. Elas estavam começando a obscurecer juntas.

Incapaz de dormir durante os últimos quatro dias, ela estava se aproximando do esgotamento mental e físico.

A fome que ela não tinha sentido em semanas agora redobrava, a deixando atordoada.

Ela estava sem dinheiro, o relógio há muito, vendido e não havia nenhum banco para transferir fundos por aqui. Não havia nem mesmo um correio regular. Não que ela tivesse qualquer um para contatar por ajuda.

Eu estou totalmente só.

O telefone público ao canto começou a tocar. Como uma menina que adorava tecnologia, Holly não queria ficar em um lugar onde, ainda, havia telefones públicos. Telefones públicos igualavam a algum lugar que ela nunca deveria estar.

Eventualmente deixou de tocar.

Assim o que fazer agora? Eu posso continuar me movendo, ou eu posso sentar na neve suja até que congele.

Ela na verdade poderia sentar na sujeira. Isto já não era incapacitante para ela. Ultimamente, o destino tinha enrolado Holly em uma terapia de imersão compreensiva. Ela não tinha se banhado há dias, não tinha tido jeito de escovar os dentes. Ela tinha dormido em lençóis não lavados, ficando em ambientes que cheiravam a pés de homens e cebolas cozidas.

Qual é meu próximo movimento? Ela só poderia esperar para entrar em outra estrada.

Os toques começaram novamente, e dessa vez o som rangeu nos nervos desfiados dela. Ela levantou afiadamente, então cruzou ao telefone, pretendendo arrancar do gancho. Mas uma vez que ela o apanhou, a curiosidade a compeliu a responder.

—Oi? - A voz dela estava rouca.

—Nos procure! - Nix gritou por cima de música vociferante. - Nós estamos vibrando com o baixo. - clique.



—Que inferno? - Holly desligou o telefone, encarando-o por longos momentos, como se segurasse as respostas de como e por que Nix tinha acabado de ligar para ela.

Minutos depois, um SUV vermelho golpeante deslizou com uma parada em frente a ela. Uma Valquíria com uma face brilhando e uma expressão torta estava atrás do volante. Nix estava no assento do passageiro, ondulando para Holly entrar.

Holly se sacudiu, voltando para limpar a neve suja dela.

As duas mulheres a seguiram.

—Wow, você está parecendo, um balde de merda. - a brilhante falou para Holly.

Em um tom alegre, Nix disse:

—Esta é sua tia, Regin, A radiante. Nós não acreditamos que ela possua os governos verbais de qualquer tipo. Agora venha querida. Nós estamos atrasadas para o aeroporto.

Holly elevou a sobancelha.

—Eu não vou a qualquer lugar com você.

Nix piscou em confusão.

—Porque não?

Holly hesitou antes que pudesse finalmente achar as palavras.

—Talvez porque você mentiu para mim, me enganando para ir com um demônio mau? Um que me entregou para um feiticeiro que planejou me saturar com o último mal!

Nix bateu o dedo enluvado dela no queixo.

—Eu acho que você não pôde lançar Cade muito longe.

Eu vou socá-la. Eu vou empurrar a face dela na neve amarela ali.

Nix repreendeu:

—Agora, querida, isso não é agradável...

—Eu quero falar com Holly sozinha. - Regin disse.

Com um encolher de ombros, Nix virou para o carro. Uma vez que ela e Holly estavam sós, Regin disse:

—Há quatro razões por que você deveria vir comigo agora. Primeiramente, há comida no carro, e aparentemente, você ainda é uma mastigadora. Segundo, um banho morno e uma cama limpa podem ser alcançados em menos de duas horas. Terceiro Nix, é louca, como cocô de morcego, e você não é a primeira de nós que ela envia em um louco teste de uma visão. E a última razão pela qual você deveria vir comigo? Eu não te ferrei.

Holly meio que gostou desta Regin. Afinal de contas com a duplicidade com a que ela tinha lidado, um atirador direto poderia ser agradável ao redor.

Ainda então, Regin recorreu ao artifício.

—Muito bem. Eu não queria ter que fazer isto, Holly. -. Ela suspirou. - Mas você não está me deixando nenhuma escolha. - Do bolso dela, ela tirou uma caixa de lenços antibactericidas, os balançando. - Olha o que titia Reege tem. Quem é sua amiga? Quem é sua Valquíria favorita?

Quando Holly resistiu de alguma maneira, Regin suspirou:



—Foda-se essa porcaria. - então levantou Holly pelo braço, segurando-a ao lado dela. Embora Holly lutasse, ela a levou ao carro. Uma vez que Nix alcançou de volta para abrir a porta, Regin lançou Holly no assento de trás.

Holly ainda estava estalando, arrastando o cabelo emaranhado dos olhos dela quando o carro se foi, encabeçando fora da cidade.

Nix virou para estar de frente para ela.

—Bem, você se divertiu em sua aventura?

Eu estou delirado. Isto é como se sente quando se está em delírio.

—Corta essa.

—Bom. - Nix lhe deu barras de granola. Holly as engoliu sem nem mesmo tirar as imundas luvas dela.

—Logo nós estaremos em Nova Orleans onde você pode conhecer seu coven. Nós temos seu quarto todo arrumado, você vai viver conosco em Val Hall agora.

—Nova Orleans? - Holly estalou, engasgando com a granola. - Você me enviou pelo continente inteiro quando eu tinha estado na mesma cidade dos meus próprios tipos?

Com o aceno dela, Holly deu uma estranha e alta risada. Ela começou a rir completamente e parecia não poder parar, mesmo depois que ela também começasse a chorar.

—Tudo bem, tudo bem. - Nix disse. - Se eu não tivesse te enviado nesta viagem, então você não teria sua própria página no O Livro de Guerreiras!

—Nós estamos aqui. - Regin disse, virando no que parecia um campo de vôo.

—Sério, querida, você precisa relaxar.

—Por que, titia Nix? Por que eu preciso fazer qualquer coisa?

—Porque em minutos, você vai ver o demônio no chopper pad.

Duas coisas registraram no confuso cérebro de Holly. Ela estava a ponto de viajar em um helicóptero.

E ela seria condenada antes que Cadeon a visse chorando. Ela correu a manga suja dela em cima da face.

—Por que ele está vindo aqui? - ela perguntou quando estacionaram próximos a um lustroso helicóptero prateado, com janelas enegrecidas.

—Porque ele está atrás de você. - Nix disse, pulando fora do carro.

Quando as tias dela correram para o chopper, Holly seguiu.

—Por que ele está atrás de mim?- ela perguntou para Nix, tendo que gritar em cima dos rotores.

Regin chegou lá primeiro abriu a porta deslizando.

—Eu amo o cheiro de napal pela manhã! - Ela acompanhou Nix, empurrando Holly para cima, então escalou para dentro, atrás dela. Uma piloto, fêmea, começou a apertar botões e sacudir interruptores. Os rotores aceleraram, ficando mais alto. Holly choramingou. - Nix!

—Oh, sim, claro. O que eu estava pensando? Holly, esta é sua tia Cara, a Justa.- A piloto lhe deu uma saudação de dois dedos contra um capacete onde se lia 'voe comigo amigavelmente'.

Nix continuou:



—Ela é parte Fúria, também. Ela está nos voando rápido até o caminho de casa, e então ela vai para...

—Colômbia. - Cara terminou para ela.

—Nïx, maldição! Me fale!

As sobrancelhas dela se reuniram.

—Te falar o que, querida?

—Deixe para lá por hora. - Regin disse. -Ela é aérea.

Eles acabavam de decolar quando um caminhão deslizou e parou, Cadeon saltou da cabine. Ela franziu o cenho quando ele correu para eles, com os olhos pretos, bombeando os braços por velocidade, parecendo mais determinado de que ela alguma vez tinha o visto. Mas por quê? Remorso de vendedor? Ou pior?

O que ele achava que o recipiente ia ganhar para ele agora? Um arco e flecha mágica? Um escudo encantado?

Regin esbofeteou os próprios joelhos.

—Oh, meus deuses, olhe para ele correndo como se a vida dele dependesse de nos alcançar.

- Ela deslizou a porta, a abrindo. - Isso saiu direto de Platoon, ou o que? Willem! - ela gritou, oferecendo uma mão. - Corra Willem! - Então ela se sufocou em sua própria risada.

—Por que ele estaria fazendo isto?- Holly sussurrou para ela mesma, mas até mesmo em cima dos rotores clamando, Regin a ouviu.

—Por que você se importa? Historicamente, sempre que alguém me serve para um nojento feiticeiro me usar como uma égua reprodutora, eu deixo de analisar os motivos dele. Historicamente. Agora dê para ele um bom estado de pássaro de New York, e o tire de sua cabeça.

Capítulo 47

Val Hall - casa do coven de Nova Orleans das Valquírias - era um pesadelo.

Fantasmas vestidos em capas vermelhas rasgadas circulavam a velha mansão, a jarda estava cheia com varas de raios e árvores carbonizadas, e névoa densa flutuava sem nenhuma deferência à brisa, como se estivesse viva.

Com a primeira visão de Holly do lugar, ela estava tentada a virar no salto e voltar no carro, rumo ao país de neve. Exceto que ela não podia, porque Nïx tinha jogado ela e Regin, gorjeando que estaria de volta em uma semana, mas havia lanches na geladeira.

No vôo para Nova Orleans, Holly tinha aprendido pouco sobre as ações de Cadeon da tia dela. Tudo que ela tinha podido arrancar de Nïx era que Cadeon tinha tido razões fortes para o que ele tinha feito. Não quais eram essas razões, ou como ele pode tão insensivelmente abandonar Holly.

Ela tinha pensado que teria todo o tempo do mundo para questionar Nïx. Agora Holly foi deixada tão confusa quando antes e sem alívio em vista.



Enquanto Regin a conduziu para dentro, Holly viu que algumas Valquírias estavam sentadas no telhado, enquanto outras balançavam em cadeiras de vime na galeria da segunda história com uma TV em frente a elas e o que se parecia com controles de Wii¹² nas mãos.

Dentro do solar, Regin empurrou ainda mais valquírias fora do caminho.

—Façam um buraco, limpem caminho. Ela é nova.

A maioria delas olhou Holly com curiosidade, algumas com suspeita. E então a massa de perguntas para Regin começou:

—Você está segura de que ela é completamente uma de nós?

—É essa que nós tiramos da neblina? Olhem as roupas dela!

—Ela pode brincar na piscina?

—Ela é boa em vídeos-game?

—Boa em vídeo-game? - Holly perguntou para a multidão. Elas a estavam avaliando, da mesma maneira que os alunos dela fizeram uma vez, e da mesma maneira que os habitantes do bar de areia fizeram. Assim ela disse:

—Eu posso fazer vídeo-games. - Aparentemente, essas eram grandes palavras para esta multidão.

—Você a ouviu. - Regin disse. - Ela já é uma criatura com a qual um não gostaria de ferrar.

—Como?

—Ela está adquirindo uma página em O Livro de Guerreiras. Ela etiquetou um pacote de Wendigos e selecionou a lista da sociedade da Ordem de Demonaeus para um quarto. E isso somente este mês.

Isto é o que você é, Holly. Uma assassina. Uma criatura que até mesmo violentas valquírias admiram.

Holly estava subjugada, a transpiração começando a brotar sobre o lábio dela.

—Assim tenhamos um pouco de respeito por Holly a... - Regin se arrastou com uma carranca. Qual deveria ser seu nome de Valquíria?

Elas estavam todas muito juntas, deixando-a atordoada, instável sobre os pés. Ela colocou a mão na testa e murmurou:

—Eu me sinto nauseada. Talvez eu devesse deitar.

—Cara, falei que ela não era uma Valquíria. Nós não vomitamos.

Agora Regin a estudou com as sobancelhas puxadas.

—Que está fazendo?

Que está fazendo? O primeiro dia que Holly alguma vez tinha visto Cadeon, ele tinha dito isso para ela. Lembrando do bastardo, Holly vomitou, jogando fora os conteúdos do estômago dela.

A multidão retrocedeu com um suspiro coletivo.

—Bem, a boa notícia é que eu tenho seu nome de guerra. - Regin disse. - Bem-vinda Holly, a grávida.

¹² Vídeo-game



Cinco dias tinham passado desde que Holly tinha sido escondida em Val Hall. Cade esteve, segundos, atrasado no campo de vôo, e agora ela estava nas mãos das valquírias.

—Eu não posso acreditar que os homens que você enviou não a impediram de entrar. - ele disse a Rök enquanto os dois esperavam entre as árvores queimadas na propriedade.

—Este coven tem uma vidente de três mil anos e bruxas batendo no time delas. - Rök disse. Eles se arrastaram furtivamente.

—Elas provavelmente têm um portal que nós não podemos ver.

—Agora Holly está com a família dela. - Cade disse, tomando um gole de bebida fermentada de demônio. - Elas não estarão exatamente discutindo meu caso.

—Não, para por um ponto muito bom nisso, mas suas chances estão bastante ferradas com ou sem a interferência das valquírias. Na minha experiência, nada diz, que nós a levaremos tão facilmente, quanto colocar um dedo em um helicóptero.

Quando Cade fez uma carranca, Rök continuou:

—Eu coloquei um ponto muito bom, não coloquei? - Ele estalou os dedos para o frasco. - Assim me conte como é.

—Como é o que?

—Você sabe, isso. - Ele ondulou para a face de Cade então na direção de Holly.

—Um assédio de dois demônios no Val Hall? - Ele sabia do que Rök estava falando, mas não iria facilitar nem um pouco.

—Você vai me fazer soletrar isto, não vai?

—Se eu tenho que chegar a isso, então sim.

Depois de outro gole, Rök disse:

—Como é se preocupar com alguém mais do que com si próprio? Eu só pergunto, porque esta é a primeira coisa que você fez, que eu não fiz.

—Do jeito que eu estou me sentindo agora, eu recomendaria ficar malditamente longe disto.

Para as sobrancelhas elevadas de Rök, ele disse:

—Imagine você tendo um buraco, diretamente, no centro de seu tórax.

Rök acenou com a cabeça gravemente.

—Aconteceu mais de uma vez.

—Então imagine como você se sentiria se esse buraco enorme nunca reparasse.

—Nada bom.

—Nada bom absolutamente. Se eu pudesse, pelo menos, somente falar com ela antes de nós partimos para Rothkalina. - A realidade severa da situação dele era que, até mesmo se pudesse ganhar Holly de alguma maneira, ele teria que deixá-la imediatamente.

—Você tem que falar com ela antes que possa partir. Enfrente isso, você não seria nada bom para nós agora mesmo. Você não come ou dorme. Você está obcecado com algo e não é nenhuma vitória contra Omort. Assim é como os líderes conseguem seus homens mortos.

—Holly poderia ficar dentro por meses trabalhando no Código dela. - Cade correu uma mão por sua face. - Ainda nenhuma sorte com Nix?



—Eu tenho o bando inteiro batendo as ruas por ela.

—Quem nós estamos procurando? - uma voz sussurrou por trás.

Cade e Rök viraram para trás. Nîx tinha saído abaixado bem atrás deles, investigando ao solar junto com eles.

Nem a tinham escutado se aproximar.

Cade se recuperou primeiro e disse:

—Eu tenho procurado por você.

—Eu nunca escutei isso antes. - Nîx parecia tão louca como sempre, mas também parecia... cansada.

—Como está Holly?

—Esplêndida. Ela está se instalando bem. Ela até mesmo tem um encontro semana que vem com alguém chamado Desh. Ele é um demônio. Talvez você o conheça?

As novidades foram como um chute nos dentes.

—Assim o que você quer comigo?

—Eu quero vê-la, antes que eu tenha que partir para Rothkalina. Eu não me importo se for somente durante cinco minutos. Você pode organizar um encontro?

—Onde?

—Onde quer que seja!

—Você terá que fazer melhor que isso. - Nîx disse. - Holly me falou somente outro dia que ela desejava ter uma ótima casa grande.

—Ela verdadeiramente disse? - ele exclamou. Ele compraria a maior, melhor...

—Não, de verdade ela não disse. - Nîx acrescentou com um suspiro. - Talvez? Seguramente! Eu não posso me lembrar. De qualquer maneira, o fato que fica é que Holly poderia na verdade de algum jeito te perdoar, e então o que acontecerá? Você espera que minha sobrinha more em sua casa da piscina, de homem das cavernas, com você e o demônio de fumaça?

Ela acenou uma mão negligente para Rök, e ele a saudou com o frasco.

—Os dias de sua não planejada, existência 'rolling-stone' terminaram, Cade. Ter uma fêmea só para você é uma grande responsabilidade.

—Eu estou dentro. Somente me consiga um encontro.

—Eu ajudarei com mais uma condição: Você e seu bando deixam de procurar por Néomi e o vampiro.

Néomi realmente estava viva.

—Como ela sobreviveu?

—Depois que você tão, rudemente, a destripar? Ela é uma phantom agora. Longa história. Mas bruxaria foi envolvida.

Rök exclamou:

—Uma phantom! Não admira que, malditamente, não a encontrei. Eu nunca tive uma chance, tive?

Nîx negou com a cabeça tristemente.

—Especialmente não quando eu estava lhe dando dicas de cada movimento seu...



Ambos os machos estavam atordoados em silêncio por isso. Finalmente Cade disse:

—Você sabia que ela vivia? E ainda nos falou que ela tinha morrido. Você mentiu...

—Sim, e pessoas que mentem são más. Oh, mas eu não quis dizer você. - Os olhos ficando vazios, ela disse: - Eu contei uma lorota, mas só assim os destinos se alinhariam para te trazer aqui, se escondendo ao redor de Val Hall à meia-noite de hoje, com Groot morto, com você em posse de uma espada mística, e com Holly...

—Com Holly o que?

—Nada. - Ela graciosamente estacou. - Eu estarei começando nosso plano. - ela disse, saindo, deixando o coração dele trovejando com a idéia de que ele poderia ganhar Holly de volta. - A propósito. - ela chamou por cima do ombro. - Seu irmão está de volta na cidade.

Capítulo 48

—Você está gostando daqui de Val Hall? - Nix perguntou.

—Eu acho que está bem. - Holly respondeu, desejando saber se a tia dela estava lúcida.

Nix era uma fonte de informação. Mas para adquirir isto, a pessoa, primeiro, tinha que pegá-la. Então a pessoa tinha que pegá-la quando ela estava lúcida. Durante as últimas duas semanas, Holly não tinha tido muita sorte com nenhuma das duas coisas.

—Você está se acomodando?

Isto pôs Holly em alerta. Onde Nix queria chegar?

—Eu estou. - ela respondeu lentamente. Na realidade, ela estava seguindo bastante bem com a vida nova, considerando todas as coisas.

Desde que ela não poderia voltar ao apartamento, tinha aceitado o quarto que as Valquírias lhe ofereceram em Val Hall. Regin tinha lhe ensinado como sobreviver no solar, como roubar outras roupas e defender as suas próprias, como saber quem, simplesmente, quem adquiriu os objetos de quem, como se antecipar e evitar brincadeiras.

Era esperado que Holly treinasse com armas várias vezes por semana, especialmente, com a Acessão se aproximando. Regin tinha ajudado-a a experimentar espadas para escolher uma que ela gostasse mais. - Qualquer coisa menos espada longa, era tudo que Holly tinha pedido.

Era também esperado que ela praticasse Wii porque as bruxas estavam ganhando até mesmo quando bêbadas e estavam se pondo muito convencidas sobre as habilidades delas.

No tempo livre, Holly podia trabalhar no código dela, o qual todo mundo acreditava, erradamente, que era um vídeo-game, assim, eles a deixavam sozinha.

—E sobre sua escola? - Nix perguntou.

—Eu descobri semana passada que eu posso terminar meu PhD daqui. - Quando Holly tinha chamado sua orientadora e tinha descrito o projeto dela, a mulher tinha falado para Holly que o código seria mais que suficiente para completar seu grau. Nenhuma classe mais, para ser ensinada



ou levada. Mei tinha assumido o dever com a turma e ela alegremente tinha relatado que Tim estava enfrentando a comissão de ética e tinha perdido concessões...

Holly sabia que o código dela seria bastante para terminar seu doutorado. Universidades possuíam as pesquisas de seus estudantes. O código dela poderia ganhar para a universidade lucros incontáveis.

Mas ela não ligava que perderia. A universidade tinha sido boa para ela.

Nix perguntou:

—Mas você sabe que pode sair de vez em quando?

Ela acenou com a cabeça.

—Com uma amiga. - Holly estava em muito menos perigo agora que o exército de Cade tinha de fato abatido duas facções e Tera, a Fey, tinha difundido a palavra de que Holly não seria tocada.

E mais, a reputação de Holly como uma feliz matadora Valquíria faria aos inimigos, como Regin disse: - uma nota de alerta- sobre atacá-la.

Assim, ela não iria a qualquer outro lugar sem outra Valquíria.

—Eu estou alegre de ver que Regin a colocou embaixo da asa dela. - Nix disse. - Embora eu me pergunte sobre isso, desde que, ela não é exatamente a mais receptiva das Valquírias.

Holly disse:

—Ela admitiu que está me usando para distração e me aconselhou que não olhasse muito profundamente para isso. - Atiradora e direta Regin, falando exatamente como era.

Regin, até mesmo, ia ajudá-la a achar um exorcista, para as senhoras risonhas, embora ela não fosse acompanhá-la até a ponte. A Feroz Regin morria de medo de fantasmas. Assim Holly ainda estava procurando por uma amiga para ir com ela para Michigan no inverno.

Sim, Holly estava se acomodando. A vida era quase certinha. Com exceção do fato que ela estava grávida com um filhote de demônio mal.

Em um raro turno de lucidez, Nix tinha explicado que Cadeon poderia ter encestado duplamente e que Holly poderia usar pílula, uma esponja e um DIU e ele ainda teria 'deslizado para o gol'.

O Recipiente era hiper fértil, em todas as vezes, para a primeira gravidez. Um macho viril poderia ter soprado um beijo a ela e Holly estaria ligando para ele em nove meses.

Bom saber. Agora. Marque outro ponto para Nix, que poderia ter dividido essa pequena gota de sabedoria, mas não o fez.

Holly não acreditava de fato que Cade fosse mau. Mas a atitude geral dela sobre ter um bebê demônio era: Meh. Ela não podia trabalhar sobre isso de uma forma ou de outra e esperava cada dia para que penetrasse a idéia, esperando sentir algum tipo de excitação.

Ela tinha perdoado a tia pela maior parte. Sem a interferência de Nix, Holly ainda estaria obstinadamente se agarrando a sua antiga vida, quando esta caía muito melhor nela.

Holly tinha percebido que estar com Cadeon não era a razão exclusiva pela qual ela tinha estado feliz. E embora isso não parecesse possível agora, até mesmo depois de tudo, ela ainda sentia falta dele, terrivelmente. Holly acreditava que ela poderia ser feliz novamente.



Tudo que ela sempre quis era se sentir normal. No Lore, ela sentia. Até mesmo com suas manias prolongadas e compulsões, Holly se ajustou.

Nix tinha lhe falado que ela finalmente adquiriria um senso dela mesma na viagem e na realidade, Holly tinha descoberto quem ela era: Holly, a brilhante.

Era o novo nome de Valquíria dela. Ela meio que gostou. Especialmente quando comparado com as poucas primeiras idéias do coven dela: Holly, a luminosa, Holly, a corajosa mão solteira, e Holly, a corredora.

Nix disse que elas tinham escolhido seu nome por causa da inteligência dela, mas também devido ao fato de que ela tinha seguido as luzes do norte para ficar longe do perigo.

—Qualquer pensamento em Cade? - Nix perguntou. - Você não pode excluí-lo para sempre. - Ele na verdade não tinha mentido sobre Holly ser dele por destino. E Nix tinha lhe falado que o demônio estaria querendo a fêmea dele de volta.

Durante a primeira semana, ele tinha continuado vindo para Val Hall todas as noites. Inicialmente ele tinha agido como se possuísse o lugar, caminhando direto para a porta da frente ou pretendendo pelo menos. Os fantasmas o tinham pegado e lançado sua enorme armação em um carvalho tão forte que o tronco tinha se dividido com o impacto.

As valquírias jogando Wii na varanda tinham cacarejado com alegria. Se ele gritasse para ela, as tias colocavam fones nas suas orelhas, então despachavam os fantasmas nele até mais forte.

Entretanto, cinco noites atrás, ele tinha parado de vir...

Agora que Holly tinha tempo para refletir sobre as coisas, ela tinha recordado tudo do treinamento incansável de Cadeon.

Ela tinha começado a suspeitar, que ele realmente tinha sentimentos por ela e tinha contando que Holly pudesse se livrar quando a entregou.

As 'necessidades pressionadas' dele o tinham consumido. Ele teve que fazer uma escolha, ela perdeu.

Holly quase podia entender isso. Mas o que ela não podia entender era como ele a tinha entregue simplesmente para Groot. Holly tinha estado apavorada, entorpecida com o choque e ele tinha sido cruel, insensivelmente indiferente.

Ele seguramente a tinha enganado. Ela nunca esqueceria o olhar na face dele quando disse:

—Nunca confie em um demônio... - A facilidade com que ele a enganou ainda a aturdiu. Ela não podia nem mesmo contar quantas vezes ele tinha mentido para ela no curso da viagem deles.

Holly não podia olhar para trás, para a relação deles e saber se qualquer coisa tinha sido real. Como ele pôde me deixar para trás...

Quando Nix limpou a garganta, Holly percebeu que tinha estado tão aérea quanto sua tia normalmente fazia.

—Algo em sua mente, querida?

—Umm... não, tudo está ótimo. Obrigado por checar.

—Eu estou realmente feliz que você gostou daqui. - Nix sorriu inexpressivamente. - Mas agora você tem que se mudar.

**Capítulo 49**

Ele estava nervoso quando entrou na propriedade de Rydstrom. Por que o irmão dele não tinha ligado para ninguém para avisar que tinha escapado? A mente de Cade correu revolta com teorias.

Rydstrom tinha sido torturado? Eles tinham feito algo a ele tão horroroso que ele não podia enfrentar os outros?

Cade estacionou o velho caminhão dele, o qual continuava funcionando apesar de danos de água e buracos de bala.

Com uma carranca, ele pegou a espada. Ele menosprezava isto e estava contente com a chance de afastá-la dele.

Enquanto se aproximou da casa principal, ele notou que todas as luzes foram tiradas. Mas assim que Cade ia destrancar a porta lateral, Rydstrom a abriu. Ele não usava nenhuma camisa ou sapatos e estava abotoando a calça jeans, como se tivesse acabado de colocá-las.

As sobrancelhas de Cade subiram com a visão dele.

—Rydstrom?

O irmão dele estava... mudado.

Havia uma maldade na mandíbula apertada dele, que antes, nunca tinha estado lá. Os músculos rígidos no pescoço e ombros estavam inchados com tensão. Os olhos estavam estreitados e eles pareciam loucos.

Quatro linhas magras de sangue corriam abaixo no tórax dele e pela sua bochecha cicatrizada, como se alguém tivesse passado suas unhas em cima de sua pele.

O que inferno estava acontecendo? E o que foi feito a ele para deixá-lo assim?

—Você vai me deixar parado aqui a tarde toda? Abra a porta.

O irmão dele não fez nenhum movimento para isso, só olhou de volta por cima do ombro para a casa.

—Rydstrom, você está me preocupando, cara. Me deixa entrar e me conte o que aconteceu. O último que eu ouvi foi que você tinha sido capturado por Sabine.

Nenhuma resposta.

—Você foi levado a Tornin? Você lutou com Omort para escapar?

Rydstrom finalmente negou com a cabeça.

—Então como infernos você se pôs livre? Ninguém escapa de Tornin.

—Eu tive um ás em meu bolso. - ele disse a voz dele áspera.

—Você não soa bem. Você está bem?

—Eu estarei. - Rydstrom examinou atrás por cima do ombro dele novamente. - Logo.

—Eu peguei a espada. - Cade disse, oferecendo a ele. - Matei Groot, também.

Rydstrom acenou com a cabeça, aceitando a arma sem interesse, apenas lançando um relance.



Cade estava perplexo, dizendo lentamente:

—Essa é a espada que derrotará Omort.

—Nós vamos para a guerra na primavera. - Rydstrom rangeu. - Esteja pronto.

—Isso é tudo que você tem para dizer? Não muito a miserável gratidão ou até mesmo um tapinha nas costas. - O temperamento de Cade subiu. - Se você soubesse o que eu passei para adquirir essa maldita coisa... Oh, e se você não notou, seu Veyron está perdido, e nunca fodidamente voltará para casa.

—Tem alguém aí fora?- uma mulher gritou de repente de dentro. -Oh, Deus, me ajude!

Cade distintamente ouviu um colchão rangendo.

E o arrastar de correntes.

—Eu estou sendo mantida contra minha vontade!

A mandíbula dele caiu.

—Essa é... Sabine? - Rydstrom tinha usado o capturador dele para escapar? - Ela era seu ás?

—Por favor, me ajude! - ela gritou com toda força dos pulmões dela.

Rydstrom o investigou duro com esses olhos loucos, como se ele desafiasse Cade a fazer algo. Se esforçando para um tom casual, Cade disse:

—Assim, você tem uma feiticeira má encadeada em sua cama, então?

E ele não tinha estado usando nenhuma roupa mais cedo.

—Ela é minha. - Rydstrom ferveu. - Eu farei qualquer droga que eu queira com ela. E não é nada que não foi feito comigo. - Os punhos volumosos dele apertaram.

—Ei, ei, nenhuma necessidade para me balar, irmão. Cada um com o seu, sim? - Sabine tinha feito tal número na nobre mente do real Rydstrom, que ele considerava esta uma boa idéia? Nesse caso, então uma pequena troca de volta estava em ordem.

—Uma vez que eu termine com ela, eu o contatarei. - Quando Rydstrom fechou a porta, Cade a encarou por longos momentos.

Com o tempo, ele voltou para os degraus.

—Fodam-se todos. - ele disse em uma respiração atordoada. - Isto significa que eu não sou mais o irmão malvado.

—Você realmente está me expulsando? - Holly perguntou para Nix.

Elas estavam a caminho de ver casas a venda, uma que pudesse ser 'perfeita para Holly e o vamom'.

—Você não pode criar uma criança em Val Hall. - Nix disse. - Só o perigo dos raios já faria isto mortalmente proibido.

Holly tinha ido junto com ela, muito cansada para brigar. Ela até tinha concordado em ir, no Bentley de Nix que ainda estava uma bagunça. Embora a desordem ainda a afetasse, não aborrecia Holly totalmente quanto antes. - Você se livrou do C4?

—Oh, deuses, sim. Aquela mesma noite, também. - Ela suspirou. - Bons tempos.

—Quão longe está isso? - Holly perguntou. Era fim de tarde e o sol de inverno se poria em uma hora. - Nós já estamos vinte minutos fora de casa.



—E nós já estamos aqui. - Nix disse, virando em uma entrada de garagem que se abriu à aproximação dela. Enfileirada com carvalhos e magnólias, a estrada era sinuosa e longa.

—Quantos acres têm?

—Eu não sei. Eu estou pensando em, mais ou menos, lotes e lotes. - Quando a estrada se abriu, os lábios de Holly se separaram. A propriedade era de tirar o fôlego.

Ricos jardins rodeando uma mansão de três andares cor creme. Construído no estilo Colonial francês com telhados abruptamente lançados de ardósia e trapeiras curvadas. Tinha galerias que corriam ao longo da frente e lados, com ornadas grades forjadas de ferro preto lustroso. Três colunas altas, dóricas, flanqueavam a entrada dianteira.

—É chamado Nove Carvalhos. - Em cada lateral da mansão estavam três carvalhos antigos, com presumivelmente três na parte de trás. - E tem doze quartos. Vários berçários potenciais.

Era estranho falar sobre coisas como berçários. Mais estranho ainda: o fato de que Holly de verdade precisava de um. Meh.

—O que você acha? - Nix perguntou, enquanto ela estacionava em frente ao caminho de entrada.

—É incrível. - Holly disse honestamente. Uma brisa fresca estava soprando, abanando as árvores de banana úmidas e palmeiras. - Mas você não acha que é um pouco grande para mim e uma criança? O apartamento seria melhor.

—Esse se sente como um ótimo lugar para criar um vamon, não? Bem, nós estamos aqui, nós podemos muito bem olhar ao redor.

Com uma encolhida de ombros, Holly a seguiu na passarela ladrilhada. Ela se dividia, curvando ao redor de uma fonte, que tinha nove sprays de água.

Elas subiram as seis escadas para varanda e acharam a porta destrancada.

—Nós podemos simplesmente entrar? - Holly perguntou.

—Nos esperam.

O interior era tão atraente para Holly quanto o exterior. Parecia que todo lugar que ela olhava, coisas estavam em três ou múltiplos de três.

Seis tamboretes no bar, três rastros de luz por abajur. Doze quartos e três colunas... Todos os números estavam funcionando para Holly.

Mas o escritório no andar de cima, vendeu a transação. O quarto era espaçoso e arejado e tinha uma enorme janela com vista para uma piscina.

Como sempre, a atenção dela era chamada ao computador e ela desejou saber o que o dono deste lugar tinha. Foi disparada, com os óculos pulando na tela. As sobrancelhas de Holly se reuniram.

—Esta plataforma não está sendo vendida até o próximo ano. Nenhum civil tem um sistema assim. De quem é?

Por trás, ela ouviu uma voz sussurrando:

—É seu, mestiça. Porque códigos não se escrevem sozinhos.



Capítulo 50

—Oh, por favor, Nix! - Holly luziu. - Você armou pra mim novamente? Eu não acredito que você contou para ele!

—Eu não contei nada para ele sobre aquilo.

—Sobre o que?- Cadeon perguntou cuidadosamente.

—Não é da sua conta! - Holly grunhiu. - O que você quer?

—Você.

—Brinquem direitinho, crianças. - Nix disse. - Eu estarei no carro. Que pode ou não permanecer aqui. - Então ela abandonou Holly.

Holly lhe deu um sorriso amargo.

—Você trabalhando com Nix para me enganar, essa é original!

—Você não teria me visto caso contrário e eu tenho que falar com você.

Ela notou então que ele tinha perdido peso. A face dele estava mais magra, e ele parecia cansado. Como se eu me preocupasse!

—Eu acho que tudo que precisava ser dito já foi. Eu acredito que foi ao longo destas linhas: 'Você fez parte de uma transação.'

—Eu tive que fazer isso. Eu tive que agir como eu não desse a mínima ou Groot não teria dado a espada.

Ela ficou imóvel.

—Você tem muita coragem mencionando essa espada para mim.

—Eu voltei para você para te levar para longe dele...

—Sério? Você vê, eu não saberia disso porque eu só fiquei ao redor para a primeira tentativa de Groot para martelar uma espiga de ferro na minha cabeça!

—O que ele fez a você? - Cadeon se lançou adiante, direcionando para o braço dela.

Mas ela se empurrou para trás com um assobio.

—Não ouse me tocar! Eu escapei antes que Groot me fizesse sua escrava sexual sem mente e égua reprodutora, não graças a você.

—Eu sei. Eu vi você saltar.

Ele verdadeiramente tinha voltado por ela.

—Eu estava mergulhando logo atrás de você quando Groot me prendeu, me espetando com espadas voadoras. Eu teria estado lá até mesmo mais cedo, mas ele envenenou o cabo da espada, me drogando quando eu a agarrei.

—Por que o castelo explodiu?

—Eu lancei Groot na própria forja. Infelizmente, eu fui pego na explosão também, ou eu teria estado ao seu lado na aldeia contra os Wendigos. Não que você precisasse de minha ajuda.

—Então você sempre tinha planejado voltar para mim? Ou você teve uma mudança no coração sobre me permutar?



—O plano era pegar a espada, matar Groot com ela, então te tirar de lá tão depressa quanto possível.

—Então por que você não me falou sobre isso?

—Eu não pude. Groot é um leitor de mentes. Demônios têm bloqueios, mas ele teria lido você como um livro. E eu tentei lhe ensinar a lutar para te preparar no caso de que algo desse errado.

—E sobre não me levar lá absolutamente? Sobre não me trair? Você mentiu para mim o tempo inteiro, falando que eu poderia reverter a transição.

—Eu fiz Holly. Eu menti por entre meus dentes. Mas eu não sentia como se eu tivesse uma escolha. Olhe, você sabia por que eu precisava daquela espada, mas você não sabe o quanto.

—Oh, mas eu sei. Você tinha procurado por nove séculos por um modo para matar Omort, você acha que foi sua culpa que o reino inteiro de Rothkalina caiu, e você se culpa pela morte de sua família adotiva. - Enquanto ela listou estas coisas em voz alta, golpeou-a novamente quão monumental cada uma verdadeiramente era.

—E há até mesmo mais que isso. Aquela primeira noite que meu irmão não apareceu, foi porque ele tinha sido levado pela irmã de Omort. Enganado pela feitiçaria dela e apanhado no calabouço dela para ela o... usar.

—O que você quer dizer?

—Sabine queria ter a criança de Rydstrom para assumir nosso reino para sempre. A idéia dele naquela situação... - Cadeon correu uma mão em cima da face. - Para Rydstrom isso teria sido um destino pior que a morte. E eu pensei que o único modo para livrá-lo seria a espada.

—Pensou? Tempo no passado?

—Ele escapou de alguma maneira e voltou aqui. Mas ele está... diferente. Eu estou preocupado com ele.

Quando Holly inclinou a cabeça dela, Cade disse:

—Você caminhará comigo? - Ele estava surpreso que ele pudesse falar tão uniformemente.

A fêmea dele estava mais adorável do que ele alguma vez a tinha visto. Seu longo cabelo loiro estava solto, curvando sobre os ombros dela. A pele estava radiante, os olhos luminosos.

Parecendo como se a curiosidade pegasse o melhor dela, ela caminhou ao lado dele.

—Eu entendo porque você se sentiria como se tivesse que fazer qualquer coisa pela espada. - ela disse. - Eu entendi isso, Cadeon, eu realmente entendi. Mas entender seus motivos não me faz sentir melhor sobre o efeito colateral. Como eu posso acreditar em qualquer coisa que aconteceu entre nós quando você estava curvado a me trair o tempo inteiro?

—Não o tempo inteiro! Eu tinha outro plano. E então quando isso caiu, eu ordenei que meus homens me encontrassem nos Territórios. Eu tinha planejado atacar violentamente a fortaleza de Groot.

—O que aconteceu?

—No dia antes da transação expirar, eu descobri que eles não podiam nos alcançar. A estrada de gelo estava estourada, e eles não puderam cortar por causa do tempo.

—As tempestades para o sul...



Ele acenou com a cabeça.

—É por isso que eu sempre estava no telefone com ele. Eu estava buscando fazer qualquer coisa, além do que eu acabei fazendo. Mas eu não vi outra saída. Na minha situação, o que você teria feito?

Quando ela mordiscou o lábio e olhou longe, ele soube que estava pensando que faria o mesmo.

—Você não sabe quão duro foi agir como se eu não ligasse nada para você. Ou o que isso tem feito a mim desde então.

—O que tem feito a você? - ela perguntou.

—Tem feito minhas entranhas doentes por querer você. - Cadeon chegou mais perto. - Por sentir a falta da minha Holly.

Ela podia sentir o calor dele e seu viciante cheiro tilintou no nariz dela. Desejo. Deus, ela sentia falta dele.

—Do que Nix estava falando mais cedo? O que você não quer que eu saiba?

Por que não lhe contar? Ele descobriria logo o bastante de qualquer forma.

—Você vai ser... pai.

Ele pareceu sufocar em uma inalação afiada.

—Pai? Eu? Nós... - Então depois de um momento, ele riu, levantando-a nos braços.

Ela estava atordoada pela reação dele.

—Eu não pensei que você ficaria feliz desse jeito. - Ela nunca tinha percebido como tinha esperado isto, até que viu a delícia absoluta de Cadeon? A excitação dele começou a reluzir na dela. Não tão meh.

—Você está brincando comigo? Eu tenho um aliado do lado de dentro agora, que estará abaixando suas defesas contra mim. Isso aumenta minhas chances de ter você de volta. - Então ele acalmou. - Você não está contente?

—Eu... posso estar. Tem sido difícil conviver com os apertos. - Ela elevou uma sobrancelha. - Você não está preocupado sobre seu aliado ser o último mal?

Ele botou um cacho ternamente atrás da orelha dela.

—Se eu fosse mau, eu não poderia te amar tanto assim.

Respire Holly.

—Se você me der outra chance, eu nunca mentirei para você novamente.

—Mas como eu posso confiar em você? Me fale. Porque você somente pousou em volta da minha vida com mais palavras, mais promessas.... - Ela se afastou com uma carranca.

—Cadeon onde estão seus chifres?

Ele encolheu os ombros.

—Os Arranquei. Você precisa do normal. E eu preciso lhe dar tudo, sempre que você quiser. Como esta casa. Tem uma piscina na parte de trás. E é assustadoramente limpa e tudo em três. Eu procurei em toda parte por isso.

Então é onde ele tinha estado.



—Mas seus chifres. - ela choramingou. Ele tinha lhe falado uma vez quão excruciante era perder um. E eles eram parte da identidade dele, parte do que lhe fazia um demônio.

Ainda assim, Cadeon os tinha cortado por ela.

—Se você não se importar com eles, eu posso ‘re-cresce-los’ em um par de semanas.

—Você simplesmente vai continuar os cortando? - ela perguntou, pensando na dor.

—Se for isso o que você precisa para te fazer feliz, então claro que eu vou.

Com isso a defesa dela esmigalhou. Desejo! Ela tinha sentido muita falta dele, precisava dele imensamente.

—Você está dobrando, não está? - Ele lhe deu um dos sorrisos de parar o coração dela. - Você não pode ficar brava comigo porque você sabe que eu vou fazer isso certo dessa vez. E mais, precisa de alguém para ir com você ver alguns fantasmas.

Por alguma razão, ela acreditou que ele faria isso direito, acreditou nisso com todo seu coração.

—Eu poderia estar dobrando um pouquinho. Mas só porque eu preciso de uma carona para Michigan.

—Deuses, eu senti sua falta, mestiça-. Ele emoldurou a face dela com as mãos. - Mas Holly, eu tenho que te contar, eu estou partindo para Rothkalina na primavera. Nós vamos para a guerra.

Ela se retirou.

—Se você quiser que nós fiquemos juntos, então nós ficaremos juntos. Nada dessas porcarias de o macho vai para a batalha.

—Você acha que eu levarei minha fêmea grávida em uma planície rasgada em guerra?

—Você vai, se quiser mantê-la. Minha mãe foi para a batalha enquanto estava me carregando.

Ele exalou.

—Eu não quero ter mais mentiras entre nós, assim eu estou dizendo de início que eu farei tudo em meu poder para te dissuadir disto.

—E eu lutarei duramente para estar ao seu lado. Parece que está valendo.

Os lábios dele curvaram.

—Oh, está valendo. - Entretanto, ele ficou sério mais uma vez. - Você me ouviu quando eu disse que eu estava apaixonado por você? - A voz dele estava rouca, carregada com sentimento.

—Eu te ouvi.

Ele abaixou a boca até a dela para um beijo quente que deixou os joelhos dela fracos. Quando eles separaram, pegando fôlego, ele disse:

—Você está apaixonada por mim, também?

—Eu posso estar. - ela murmurou. -Você vai usar sexo para tentar fechar esse negócio comigo?

—Oh, sim. - Com um gemido, ele arrastou os lábios abaixo pelo pescoço dela.

Ela sorriu para o teto, com os olhos deslizando fechados de prazer.

—Porque eu estou bem com isso...



Tiamat World

The Immortals After Dark 06
Desejos Sombrios depois do Anoitecer
Kresley Cole

Fim

